

COLEÇÃO DE ARTES LIBERAIS: VOLUME I

# TRIVIUM E QUADRIVIUM

A doutrina das 7 Artes Liberais



Com opúsculos de Hugo de São Vítor, Rabano Mauro,  
Santo Alcuíno de Iorque, São Boaventura e Flávio Magno Aurélio Cassiodoro



COLEÇÃO DE ARTES LIBERAIS: VOLUME I

# TRIVIUM E QUADRIVIUM

A doutrina das 7 Artes Liberais

Com opúsculos de Hugo de São Vítor, Rabano Mauro,  
Santo Alcuíno de Iorque, São Boaventura e Flávio Magno Aurélio Cassiodoro



*Traduções*

Clístenes Hafner Fernandes

*Texto*

Clístenes Hafner Fernandes

Eduardo Rocha Costa

Mário Lucas Carbonera

*Coordenação e Edição*

Joel Paulo Arosi

*Diagramação*

João S. Vítor Oliveira

*Arte da Capa e Ilustrações*

Marina Viana Almeida

*Revisão*

José Lima

**Ficha Catalográfica**

---

Instituto Cultural Hugo de São Vítor

Trivium e Quadrivium: A doutrina das 7 Artes Liberais -  
Porto Alegre: Instituto Hugo de São Vítor, 2020.

328p.: il.; 16x23cm

ISBN: 978-65-87043-00-5

1. Artes Liberais 2. Pedagogia 3. Educação

CDD: 370

---

Direitos da tradução e edição:

Instituto Cultural Hugo de São Vítor

Rua São Manoel, 456/204 - Bairro Rio Branco - Porto Alegre - RS.

CNPJ: 22.590.339/0001-28

administrativo@hugodesaovitor.org.br

# *Sumário*

Introdução	7
12 Lições de Educação	13
Trivium	99
Gramática	123
Retórica	137
Dialética	151
Quadrivium	169
Aritmética	187
Geometria	193
Música	199
Astronomia	209
Flávio Magno Aurélio Cassiodoro	226
Santo Alcuíno de Iorque	236
Rabano Mauro	252
Hugo de São Vítor	282
São Boaventura	296



---

Creátor Ineffábilis, qui de thesáuris  
Sapiéntiae tuae tres  
Angelórum hierarchías  
designásti, et eas super  
Caelum empýreum miro  
órdine collocásti, atque  
univérsi partes elegantíssime  
distribuísti, tu, inquam, qui  
verus fons lúminis et  
sapiéntiae díceris atque  
superéminens princípium  
infúndere dignéris super  
intelléctus mei ténebras tuae  
rádium claritátis, dúplices, in  
quibus natus sum a me  
remóvens ténebras, peccátum  
scílicet et ignorántiam.  
Tu qui línguas  
infántium facis disértas,  
línguam meam erúdias atque  
in lábiis meis grátiam tuae  
benedictiónis infúndas. Da  
mihi intelligéndi acúmen,  
retinéndi capacítatem,  
addiscéndi modum et  
facilitátem, interpretánda  
subtilitátem, loquénda grátiam  
copiósam. Ingressum ínstruas,  
progréssum dírigas, egréssum  
cómpleas. Tu qui es verus  
Deus et homo, qui vivis et  
regnas in saécula saeculórum.  
Ámen.

---

Criador inefável, que dos tesouros da  
vossa sabedoria elegestes três hierarquias  
de Anjos e as estabeleceste numa  
ordem admirável acima dos céus, e  
dispuseste com tanta beleza as partes  
do universo; Vós que sois chamado  
a fonte verdadeira e o Princípio  
sobreeminente da Luz e da Sabedoria,  
dignai-vos enviar sobre as trevas da  
minha inteligência um raio da vossa  
claridade, afastando de mim a dupla  
obscuridade na qual nasci, a do pecado e  
a da ignorância.

Vós que tornais eloquente a língua  
das crianças, formai a minha palavra  
e deitai sobre os meus lábios a graça  
da vossa bênção. Dai-me a penetração  
para compreender, a capacidade de reter,  
a maneira e a facilidade de estudar,  
a subtileza para interpretar e uma  
graça abundante para falar. Disponde  
o começo, dirigi o avanço, cumpri o  
acabamento; Vós que sois verdadeiro  
Deus e verdadeiro homem, e que viveis  
e reinais pelos séculos dos séculos.  
Amém.

---

\*Oração composta por Santo Tomás de Aquino para ser recitada antes dos estudos

# De brevitare vitae

1



*f*  
1. Gau- de - a mus i gi - tur, iu - ve - nes dum



su - mus; post iu - cun - dam iu - ven - tu tem,



post mo - le - stam se - nec - tu tem nos ha - be - bit



hu mus, nos ha - be - bit hu mus!

2.

Ubi sunt, qui ante nos in mundo fuere? Vadite ad superos,  
Transite ad inferos, : Ubi iam fuere. :

3.

Vita nostra brevis est, brevi finietur, venit mors velociter  
rapit nos atrociter, nemini parcetur.

4.

Vivat academia, vivant professores, vivat membrum quodlibet,  
vivant membram quaelibet, semper sint in flore!

5.

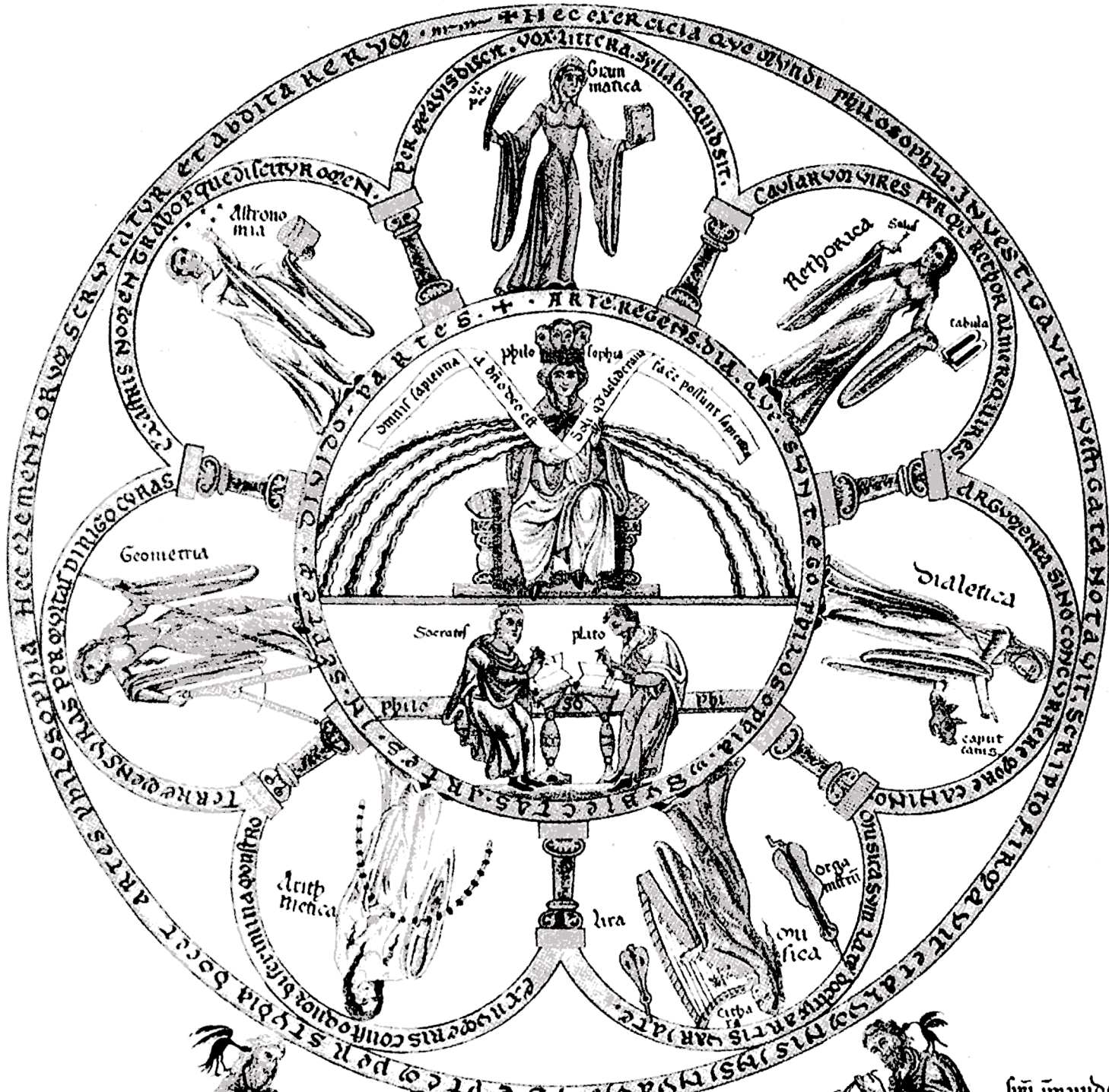
Vivant omnes virgines faciles, formosae, vivant et mulieres,  
tenerae, amabiles, bonae, laboriosae!

6.

Vivat et respublica et qui illam regit, vivat nostra civitas,  
maecenatum caritas, quae nos hic protegit!

7.

Pereat tristitia, pereant osores, pereat diabolus, quivis antiburchius, atque irrisores!



Roe



te



vel

Magi



hū mundo  
Infinet

# *Introdução:*

## *A tradição educacional do ocidente*



Para você que deposita alguma confiança em nosso trabalho e inicia o estudo desta coleção de livros, cabe-nos dizer que agradecemos muito por essa disposição: isso mostra o seu reconhecimento de que temos um pouco mais de conhecimento do que você, pelo menos nesta seara.

Como dizia Hugo de São Vítor, a humildade é o princípio da educação, e não devemos ter vergonha de aprender de qualquer um que saiba algo que não sabemos. Isso é uma tremenda virtude, isso pode construir um sábio.

Agora que temos um pouco da sua confiança, queremos aumentá-la e, para isso, deixaremos muito claro de onde saiu o conteúdo presente nesta grande coleção de livros, o qual tentaremos transmitir para você. Permita-nos, em poucos parágrafos, falarmos um pouquinho da origem da coisa. Além de lhe informar, faremos justiça a muitas pessoas sem as quais esta obra, estes 12 volumes, não seriam possíveis. Voltemos às origens, então.

Para começar, você rezou ou leu a oração de Santo Tomás logo na página 4? Cantou ou leu o *Gaudemus Igitur* na página 5?

Bem, estes materiais fizeram parte da primeira apostila que foi montada na Confraria de Artes Liberais, que funcionava no Centro Cultural Mirador, em Porto Alegre, por volta de 2010. Muitas pessoas fizeram parte deste grupo de estudos, dentre elas: Clístenes Hafner Fernandes, Mário Lucas Carbonera, Renan Martins dos Santos, Marcelo



Bihre, Rodrigo Naimayer, Miguel Lopez, Adriano Migliavacca, Artur Telló, Veríssimo Anagnostopoulos, Henrique Garcia, Carlos Guilherme Silveira, Felipe Farinon, André Kugland, César Assis Brasil, Rodrigo Lacroix, Marcus Boeira, Augusto Fleck, Wilson Chagas jr., Marciano Lang Fraga, Alexandre Guerreiro. Estes anos do grupo de estudos foram fundamentais e decisivos para tudo que veio depois.

A partir do início de 2014, a empreitada começou a tomar uma forma mais concreta e transformou-se no Instituto Hugo de São Vitor. Naquele momento, uma recém-fundada instituição de educação e cultura. Novas pessoas passaram a fazer parte dessa história, tais como Eduardo Rocha Costa, Ivanor Bochi, Matheus Knispel da Costa, Joel Paulo Arosi e outros.

Os primeiros anos do IHSV foram de muitas palestras, colóquios, congressos, e também das primeiras atividades pedagógicas, que foram moldando nossa forma de pensar educação e cultura, nossa forma de levar uma vida de estudos, e também nosso modo de influenciar na educação de quem queira se educar conosco — época também de firmar bases substanciais na organização da empresa.

Neste período, muitos professores foram importantíssimos. Rafael Falcón, Rodrigo Gurgel, Raphael de Paola, Marcos Monteiro, Gustavo e Camila Abadie, Sidney Silveira, Victor Sales, Henrique Elfes, entre outros, todos esses nos ajudaram com palestras e conselhos importantíssimos, além de seus exemplos de autoeducação e de vida.

Belas iniciativas educacionais já surgiram no seio de nosso instituto. Eis um destaque que todos os interessados em educação precisam saber — calma! Calma! Precisamos lhe contar essa. Prometemos que essa introdução continuará curta. Realizamos em 2017 o CIAL, curso intensivo de artes liberais, no qual, durante seis meses, tivemos conosco 10 alunos internos que cursaram um programa de educação liberal em tempo integral. Em seis meses não é possível concluir um programa completo; mas foi um tira-gosto incrível. Estiveram conosco: Caio Henrique Santos Silva, Eduardo Felipe de Oliveira, Enrique Machuca, Felipe Asmuz, Jean Guerreiro, Josimar de Souza Rodrigues

Junior, Juan Carlos Diaz, Marllon Ramos, Pedro Henrique Borges de Oliveira e Ivanor Bochi. Muitos deles continuaram os estudos. Um deles participou da fundação de uma escola no Distrito Federal e outro já figura como um grande aluno do Thomas Aquinas College, uma das principais escolas de Artes Liberais do EUA.

Essa disposição para a educação, essa maneira de levar a vida intelectual e de alguma forma, se não todos, a grande maioria das pessoas que fizeram parte de nossa história. Essa disposição – esse espírito – podem ser muito bem explicados por um excerto daquela primeira apostila de 2010, retirado de uma palestra sobre Educação Liberal proferida por Olavo de Carvalho.

Esta passagem pode dar um pouco da ideia, do entendimento pedagógico que foi se conformando por aqui, e, além disso – como você verá melhor nas lições do prof. Clístenes no próximo capítulo, que está quase começando – está muito bem alinhada ao ideal pedagógico tradicional do Ocidente desde Sócrates, que passa pelo helenismo, pelos romanos, até chegar nos cristãos que trazem as boas novas da revelação de Cristo, os quais, fazendo pleno uso desse arsenal cultural acumulado para os fins mais altos possíveis, como que colocaram a cereja no bolo da tradição educacional do ocidente; isto é, até os modernos fazerem a lambança que fizeram. Bem, agora é preciso refazer o bolo. Pelo menos temos a receita. Olavo diz assim:

“Sei quanto é complexa a Educação, o quanto ela requer de contato direto e comprometimento total do professor com seus alunos, porque não se trata de transmitir certos conhecimentos, mas de elevar o indivíduo para a possibilidade de certas experiências interiores, que darão poder à sua inteligência e poder à sua capacidade cognitiva. Educar é transmitir um poder.

E esse poder eu não posso injetar em você; posso dizer mais ou menos onde ele está e você pode procurar, posso dizer como você pode abrir a caixa e pegar o que é seu. É a partir desse enriquecimento da experiência interior e a partir da ideia de concentração, de continuidade da consciência, que o indivíduo se abre à possibilidade de compreensão

desses documentos deixados ao longo das eras.

Informar simplesmente a existência disso já é fazer alguma coisa. Mas, além de informar, podemos de vez em quando dar alguma dica de como o indivíduo se torna capacitado para pegar esse legado. Durante muito tempo, a educação ocidental esteve consciente disso. Se lermos os escritos dos grandes educadores da idade média como Hugo de São Vítor, Santo Alberto Magno, vemos que o começo das universidades preservou ainda a consciência disso aqui”.

Olavo de Carvalho nunca publicou um tratado propriamente dito sobre pedagogia, mas o seu exemplo de autoeducação e sua atividade como professor dão-lhe um lugar de destaque, tornando-lhe um fenômeno impossível de ignorar no ambiente da educação brasileira atual. Sua ação é muito eficiente, movendo os afetos de muitos para que larguem a vida dos vícios, dos prazeres e do utilitarismo, quase que os obrigando a que passem a cultivar as virtudes e a vida do espírito, conformando suas almas à realidade.

As atividades pedagógicas de Olavo de Carvalho podem servir de exemplo para nós que buscamos este sentido tradicional de educação. Como sabemos, se uma videira é boa, dá uvas. Considerando que muitas das pessoas que já citamos nesta introdução foram alunos deste professor, ou por ele foram influenciados, parece que as uvas estão aí.

De uma certa forma esta Coleção é um fruto, mas fruto também é semente. Há um processo ainda incipiente, mas que busca tornar realidade um novo renascimento cultural. Há muitos professores fazendo um trabalho incrível de retomada do ideal da tradição pedagógica do Ocidente, alguns já citados aqui, como Henrique Elfes, Victor Sales, Marcos Boeira, Sidney Silveira, Rafael Falcón, Clistenes Hafner Fernandes, entre outros tantos que têm atividades pedagógicas de destaque, uns dentro da academia, outros fora. Uma coisa, porém, une todas estas pessoas: é o profundo desejo de saber, de aprender algo sobre a realidade, e de fazer com que isso gere frutos em suas próprias almas e nas almas dos seus alunos.

Isto só demonstra, mais uma vez, que a educação ocorre quando

temos alguém que sabe algo e alguém que quer aprender algo. Você quer realmente aprender? Quer fazer o esforço verdadeiro? Ótimo! Vamos em frente.

O material da coleção é muito grande — é uma educação média inteira. Este livro sobre a doutrina do Trivium e do Quadrivium serve para que você possa estar ciente da pedagogia e dos conteúdos com os quais você terá contato; quem são os principais mestres, quais as abordagens que mais deram resultados. Você saberá o que de melhor o Ocidente fez em matéria de educação, ou seja, conhecerá qual conteúdo deve ser estudado e o modo de fazê-lo.

Primeiramente, você estudará com o professor Clístenes as lições sobre pedagogia, que lhe vão mostrar claramente o caminho a seguir. No segundo capítulo, terá a exposição da doutrina do Trivium, e, no terceiro, do Quadrivium. Por fim, no apêndice, você lerá textos dos principais autores que falaram das Artes Liberais na Idade Média.

Por enquanto, neste livro, falaremos sobre pedagogia e sobre as artes de maneira ampla e geral; mas, do livro dois até o último livro, o de astronomia, será o estudo propriamente dito das artes. Você estudará literatura (lerá 34 livros conosco), gramática, retórica, discursos, dialética, diálogos, disputas, aritmética, números, geometria, proporções, música, harmonia, astronomia e astrologia.

Lembre-se, se você quer realmente servir à sabedoria, deve ser humilde, deve realmente querer aprender; estando neste estado, deve tornar-se constante, dedicado e sincero. Você deve realmente estudar e meditar. Atente-se, especialmente, no opúsculo de Hugo de São Vítor, no apêndice deste livro, para entender do que estamos falando.

Bem, a introdução fica por aqui.

Ué, só isso sobre a tradição educacional do ocidente?

Não, não. O professor Clístenes escreveu 100 páginas sobre o tema, por hora o suficiente para você navegar com segurança neste longo período de estudos que está por vir.

Bom proveito!

SEDES SAPIENTIÆ.



Sapientia ædificavit sibi domum  
excidit columnas septem: Prov. 9.

# *Lições de Educação Clássica, Liberal e Católica*

Prof. Clístenes Hafner Fernandes  
do Instituto Hugo de São Vítor

*Otium, Catulle, tibi molestum est,  
Otio exsultas nimiumque gestis,  
Otium et reges prius et beatas  
Perdidit urbes.*  
**(Catulli carmen LI)**



## Lição I

*Meu aluno,*

Sim, chamo-te assim porque não sei teu nome e porque acredito que, se tens este livro em mãos, queres estudar comigo. Qual a diferença entre tu te matriculares num curso e leres um livro? Formalmente, nenhuma. Eu preferiria que estivéssemos frente a frente, pois nada substitui o contato direto do aluno com o professor. Mas já que não é possível, resolvi te escrever estas aulas para que possas, mesmo à distância temporal ou espacial, aprender o que tenho a ensinar. Tenho, pois, algo a ensinar-te.

Caso contrário, não teria decidido tornar-me professor há alguns anos. Nunca entendi aquela conversa mole de quem diz que professor não está ali para ensinar.

Há inúmeros problemas que surgem pelo fato de eu não te conhecer: não sei a tua idade, não conheço a tua fé, não sei ao que aspiras. Sendo assim, peço desculpas se eu for muito genérico ao abordar temas dos quais uma boa exposição depende do conhecimento que temos do interlocutor. O professor precisa de um dom pentecostal ao ensinar, um dom de línguas. Peço ao Espírito Santo que ilumine e abra-se o meu e o teu entendimento; o meu para que bem diga, e o teu para que bem escutes. Fora isso, no que depender de mim enquanto criatura, porei grande esforço ao usar os meios que me são oferecidos pelos longos séculos de tradição educacional que me precedem, pois espero que, ao fim destas lições, tu tenhas te convencido de que o caminho da docência precisa sempre de homens novos, que gastem suas vidas conduzindo homens ainda mais novos para fora da caverna de modo a enxergarem o mundo sob o Sol que tudo ilumina.

Estas páginas contêm lições sobre educação; é um livro de pedagogia. O nível do discurso que adoto aqui é retórico. Não se trata de uma pesquisa, pois carece das inúmeras referências citadas a exaustão que tornam um texto enfadonho e quase ilegível. Não é um tratado filosófico, pois carece do rigor da argumentação lógica. Por outro lado, também não é um texto poético, pois não lido com o que poderia ser ou ter sido, mas antes com o que deveria ser a partir daquilo que é ou foi; este texto é, como eu disse, retórico. Se é um texto retórico, precisa cumprir com os fins da Arte Retórica. Estas lições precisam *ensinar* (ou *persuadir*), *mover* (hoje em dia, é uma pena, dizemos “motivar”) e *deleitar*. Este último é o mais difícil dos fins, entretanto, porei todo o esforço em cumpri-lo.

A Retórica é uma arte importante para o ofício de um pedagogo. Outro motivo pelo qual adoto um discurso retórico está no título: *lições*. A Retórica é uma arte quase morta que só tem interessado alguns poucos críticos literários e um número menor ainda de pesquisadores da publicidade e da propaganda. Ela está morta como estão mortos o

Latim e o Grego Antigo. Assim como estas duas línguas, a Retórica está pronta, é imutável e, por isso, imortal. Outra coisa é que o nível retórico de discurso é o que mais serve ao estilo epistolar destas páginas. Quando Alexandre, o Grande, toma o poder sobre toda a população de cultura grega, e as decisões políticas passam a ser centralizadas, a Arte Retórica, que por séculos vinha sendo ensinada e aprimorada, perde muito de sua aplicabilidade pública passando a servir não mais a políticos e juristas, mas a qualquer pessoa desejosa de *persuadir, mover e deleitar* outrem.

Quero sim, declaradamente, persuadir-te de algo. Quero sim, sem medo de errar, fazer com que, a partir desta leitura, tomes certas decisões. Quero, por último, que aproveites estas lições com leveza e bom humor. Não acredito que arrancarei de ti alguma risada, nem mesmo algum sorriso, mas espero que este jugo que são os teus estudos seja um jogo, uma brincadeira; espero que a leitura enriqueça o teu ócio. Falaremos bastante de ócio; prepara-te.

A Retórica nos serve muito bem por serem estas lições lidas (pleonasma!) e não ouvidas e assistidas. Quando Alexandre, como já disse, e seus sucessores passam a dominar todas as regiões de cultura grega e muitas outras, a arte que servira à política e à tomada de decisões da coisa pública teria desaparecido se seus professores não tivessem continuado a ensiná-la como exercício de escrita e domínio da linguagem, ao lado da poesia e da lógica, que já naquela época, como até hoje, constituía uma introdução ao pensamento filosófico e científico. Já vêes que estas aulas se parecem com cartas. Na verdade, são cartas. Ainda não paramos com as cartas. Os pagãos ensinaram muito com cartas, a correspondência de Cícero e a de Sêneca estão aí para prová-lo. No final do Antigo Testamento, vemos que os judeus aprenderam com os gregos a Arte Retórica epistolar; vemos os belos exemplos de cartas nos livros dos Macabeus. Talvez mais da metade da literatura espiritual cristã é composta de cartas. Quem sou eu para tentar algo diferente? Prefiro me ater a este meio original de ensino. Mas o que mais me move a ensinar-te através da retórica está na definição de orador dada por Quintiliano: *vir bonus, dicendi peritus*. O Imperador da Língua Portuguesa, como Fernando Pessoa alcunhou o Pe. Antônio Vieira, num de seus mais



famosos sermões elabora um verdadeiro tratado de Retórica ao elevar a própria vida do orador como o principal dos argumentos, o mais eficaz, o que mais converte e mais santifica. No nosso caso, transpondo para nossa atividade pedagógica, a vida do professor é o que mais ensina. Uma vida comum, como é a vida de um professor, transparece muito mais no discurso retórico, pois no discurso poético, uma vida feia pode ser encoberta pela beleza da forma do texto, e no discurso lógico é preferível que o professor desapareça por trás do tema tratado.

Portanto, se escrevo neste nível de discurso, é porque sei que preciso fazer minha vida transparecer para poder ensinar, já que o que mais ensina é o exemplo. O verdadeiro orador — e, por sua vez, o verdadeiro professor — facilmente é pego debatendo-se em hipocrisias, quando o que ensina não é o que vive. Se o professor não viver para o que ensina e para aqueles a quem ensina, nada mais faz do que buscar a própria glória, nada mais o motiva do que a própria vaidade.

Entretanto, se alguém puder conhecer e saber, seja lá o que for, com maior profundidade, ensinar os outros é um dever ao qual a natureza humana obriga. Parafraseando o Apóstolo, ai de mim se não ensinar. Οὐαὶ γάρ μοί ἐστιν ἐὰν μὴ εὐαγγελίσωμαι. *Vae enim mihi est, si non evangelizavero!* Ai mais ainda de mim se o que eu ensinar não for aquilo que vivo e no que acredito. Prefiro, assim sendo, ensinar valendo-me da Retórica para que eu tenha vergonha de cair nas tentações de agir contra aquilo que ensino, já que todos meus alunos sabem quem sou.

Algo que pode te deixar enfadado e desmotivado, fazendo transparecer, de minha parte, uma falta de domínio da Arte Retórica (e esta falta existe), é o fato de o livro estar cheio de Latim e Grego. Paciência! Espero, na verdade, que te motives a aprender estas duas línguas já que darei motivos suficientes para que o faças. Faz o seguinte: anota tudo que estiver em latim e grego num caderno que usarás depois para os estudos de Gramática. Garanto que só há conteúdo de alto valor citado nestas línguas e que precisa voltar ao uso cotidiano de quem fala de educação. Não, não vou traduzir quase nada que for citado nestas línguas! Estudar Pedagogia é muito mais difícil e trabalhoso do que aprender uma

língua, e quem dirá outras disciplinas superiores ainda mais difíceis, como a Filosofia e a Teologia! Nunca entendi quem reclama da falta de traduções de obras medievais. O sujeito quer entender alta Metafísica e os dogmas cristãos, mas tem preguiça de dedicar alguns meses ao estudo da língua na qual este conteúdo está escrito. Não entendo! Ou melhor, entendo, pois a preguiça é um pecado como qualquer outro e ao qual tu e eu estamos sujeitos. Enfim, estuda o Latim. Mas não só isso, quero que após esta lição tomes duas atitudes importantíssimas: começar já a aprender latim e a cantar num coral. Explico-te o porquê.

A Educação no Ocidente, como quase todos os outros ramos da cultura, tem uma tradição que remonta à Antiga Grécia. O que foi feito em Educação no mediterrâneo de fala grega nunca deixou de servir como ponto de partida para a reflexão sobre o que fazer pelas futuras gerações. A grande diferença da Educação Grega para as outras é o fim e não os meios. Estes são sempre os mesmos: ensinar a ler, escrever, calcular, desenvolver a força e a saúde físicas, etc. Os fins, porém, são bem distintos: os gregos tinham um apego à liberdade que nunca mais pudemos esquecer. Formar um homem livre e independente, um ἐλεύθερος, um αὐτοργός, era o fim da educação, e não formar um profissional competente, pois isto até escravos eram. Os gregos ensinavam aos jovens a mesma coisa que outros povos civilizados, não para que fossem, como estes, escribas, arquitetos ou médicos, mas sim para que tomassem parte nas decisões públicas como um reflexo aqui embaixo daquilo que os deuses faziam lá em cima. É claro que esta educação também preparava os jovens para o trabalho, por mais que este não fosse o fim; trabalho também é um meio de liberdade.

Ao elaborarmos nossos currículos e planos de estudos, quanto mais nos afastamos deste ideal pedagógico grego, mais nos perdemos. Quando hoje temos faculdades universitárias dedicadas à formação de cozinheiros, vendedores e até mesmo músicos de rock e criadores de jogos digitais, vemos o quanto nos afastamos da rota que nos levaria à liberdade e aprisionamo-nos na estreiteza que é dominar um único ofício dependente apenas de uma demanda comercial momentânea, que uma vez extinta faz com que “classes profissionais” inteiras precisem

começar sua educação *ab ovo*. A quem duvidar disso, veja a vida daqueles que se formaram nos anos 90 para exercerem o ofício de professores de informática e ganhar a vida ensinando Windows, Word e Internet.

Se estes e muitos outros houvessem sido educados para a liberdade, livres estariam para por si só desenvolverem outras profissões e ofícios que lhes permitissem *ganhar a vida* e até mesmo *a Vida*, aquela eterna. Mas como se educa para a liberdade? Paulo Freire só falava nisso. Ele usava os termos *autonomia* e *liberdade* a torto e a direito, mas ninguém sabe direito (nem torto!) o que exatamente ele entendia por estes termos. Ora, os gregos — e aqueles que seguiram sua senda, como os romanos e os cristãos de todos os tempos — sabiam. Era importante dar aos indivíduos os meios necessários para desenvolver a inteligência e a concentração, a língua e a erudição nas coisas divinas e humanas, bem como saúde física a fim de haver tempo para o desfrute da liberdade. Como? Canto Coral! Língua, concentração, atividade física, erudição, tudo isto numa única atividade. Até mesmo a língua materna aprendemos por canções, com canções decoramos qualquer coisa, desenvolvemos a memória. Com canções líricas nos concentramos num ponto específico da realidade visível ou invisível. Com canções épicas desenvolvemos todas as virtudes por saber que nossa história pessoal e coletiva não é estática. Cantando, melhoramos nossa respiração, a atividade primeira e última, e entendemos, por analogia, que o Espírito Santo nos sustenta a alma como o ar sustenta o corpo. Sem mais. Mas o que deves fazer para já?

Aprende latim e canta num coral! Assim tenho respondido algumas vezes àqueles que me questionam sobre como começar os estudos clássicos, ou os estudos liberais, ou sobre como seguir um plano de estudos baseado nos grandes educadores católicos. Amanhã mesmo, vê quais os melhores corais da tua cidade e informa-te sobre a possibilidade de neles participares. Talvez não sejas aceito por conta das tuas qualidades vocais ou musicais, contudo, será isso um bom sinal! Significa que na tua cidade há gente que leva as coisas a sério. Se for este o caso, procura outro e mais outro, até que te tenha sido negada por todos a entrada. Vai então e começa a cantar sozinho em casa imitando cantores populares

com voz saudável. Se tiveres dinheiro, procura um professor de canto que saiba cantar. Não caias em conversas de fonoaudiólogos que podem melhorar tua audição e pronúncia com aparelhos e fisioterapia, pois só quem pode te ensinar a cantar é um cantor. Esquece qualquer aplicativo que te prometa melhorar tua afinação ou tua técnica vocal; eles não funcionam nem nunca funcionarão.

Esta foi a parte mais difícil, vamos agora para o latim. É, sim, possível, diferentemente do canto, aprenderes latim sozinho bem como qualquer outra língua. Pega todo material didático que puderes encontrar na internet e compara uns livros com os outros. Logo verás que o dinamarquês Hans Henning Ørberg ainda não foi superado com o seu *Lingua Latina per se Illustrata*. Pega nesta série de livros e atraca-te firme! Lê as lições, faz os exercícios, relê, vai em frente. Traduz certas passagens sem consultar o dicionário ou o próprio livro e verás que aos poucos o teu português melhorará por teres refletido e internalizado padrões frasais e um estilo mais limpo e agradável. Exercita muito a gramática e busca conhecer o caminhão de cultura que o latim te trará. Em latim, não só se expressaram os maiores espíritos do ocidente como também esta língua serviu de veículo para que a nós chegassem tradições mais antigas do que a romana. O Português é tua língua mãe, e o Latim é o pai dela. Estarás sempre em boa companhia com tua mãe e teu avô presentes na tua cultura da alma, como o sangue dos teus pais e avós está agora a escorrer pelo teu corpo. Junta estes dois conselhos, canta num coral que cultive um vasto repertório em latim, aprende as canções de memória, e as duas atividades se tornaram uma só fazendo com que, por analogia, tu entendas a unidade de vida que precisas para desenvolveres tua personalidade.

Quero dizer que cantar em latim num coral te fará livre? Ainda não, mas terás em ti as ferramentas para aprenderes outras disciplinas que te farão aquele ἐλεύθερος e aquele αὐτοργός que os gregos almejavam ser, um *self-made-man* como dizem nos EUA, um cavaleiro andante medieval que serve a sua Senhora. A tua senhora é a Sabedoria e será melhor ainda se servires a própria *Sedes Sapientiae* e a Seu Filho, o Logos Divino.

## Lição II

*Meu aluno,*

Estas são lições de pedagogia liberal, clássica e católica. Poderia haver mais adjetivos, mas vou parar por aqui. Ora, por que queres tratar disso? O que há para ser dito que ainda não foi? Qual é o teu problema com a educação que existe por aí? Por que queres — em vez de simplesmente te matriculares numa instituição creditada pelas autoridades civis — buscar uma formação fora das instituições? Violência nas escolas, baixíssimos níveis de alfabetização, falta de preparo para o mercado de trabalho, alienação e doutrinação política, destruição de valores tradicionais, baixos salários dos professores, formação dos professores com um nível até mais baixo que seus salários: tudo isto somado à centralização das tomadas de decisões na mão de burocratas bem empregados e sem o conhecimento necessário para bem empregar o dinheiro que lhes cai nas mãos. As conseqüências estão na boca de todos, as causas, porém, parecem ter desaparecido da reflexão individual e do debate público. Isto se os atores do debate tiverem refletido alguma vez.

Satisfeito com o estado das coisas, parece que ninguém está; não estás sozinho. Ou melhor, que a educação é importante, ninguém duvida. Que a educação é importante para o desenvolvimento do bem-estar social, todos dizem. Que sem educação não há desenvolvimento econômico; que a mão de obra precisa ser bem qualificada; que as relações humanas precisam de regras que as determinem minimamente, ouves sempre. Sem querer negar tudo, ao contrário, não deixando de afirmá-lo, quero lembrar-te de um aspecto da educação de todo esquecido; quero lembrar-te de que a educação é a educação do homem, de um indivíduo, de uma pessoa que, sim, é um cidadão, mas é um cidadão enquanto for livre, enquanto tiver consciência primeiramente de si para depois ter consciência do todo.

O debate sobre a educação sempre tem focado nos aspectos utilitários do conhecimento. E digo *sempre* porque é assim desde que o mundo é mundo. Sempre houve quem advogasse uma instrução com vistas à

aplicação imediata do conhecimento. Ao olharmos para a educação nos últimos três milênios, ao olharmos para egípcios, mesopotâmios, hebreus, gregos e romanos, ao olharmos para as escolas monásticas, para o ensino junto às catedrais, para as universidades; ao vermos o quanto a educação foi o instrumento principal na estruturação das nações modernas; vemos que o debate sobre a urgência de uma educação mais carnal e outra mais espiritual nunca acaba. Nós é que acabamos por ver a história passar sem termos chegado a conclusão nenhuma. Acredito que estas lições não porão um ponto final no debate, espero, porém, que tu, ao lê-las, tenhas condições de refletir sobre o que fazer para educar a ti e aos outros com mais consciência e eficácia.

\*\*\*

A palavra *renascença* é comumente aplicada apenas à movimentação cultural nos séculos XV e XVI. Porém, vemos que renascimentos são uma constante na história. Tivemos isso no império ateniense por volta do tempo de Péricles, tivemos isso no início do império romano no tempo de Augusto até o séc. III, tivemos isso no império carolíngio, tivemos uma renascença com a escolástica e as universidades, e tivemos aquilo que comumente chamamos de Renascença. Durante todos estes renascimentos, a educação era o objeto de maior atenção, a consciência de que era necessário olhar para trás e seguir a partir do ponto onde a coisa estava melhor brota nos corações dos homens a cada momento de declínio moral, cultural e espiritual. Alguém negaria que as ideologias do princípio do séc. XX foram um destes momentos de declínio? E alguém ousaria dizer que a resposta às duas grandes guerras e à guerra fria com slogans de paz e amor, música pop e libertinagem fracassaram tanto quanto os ideólogos que estes fanfarrões pretendiam combater?

No início do séc. XIX, em resposta ao declínio causado pela revolução francesa, retomamos o interesse pelos textos e ideias que haviam formado a nossa civilização, mas os interessados foram interrompidos pelas revoluções na Alemanha e na Itália. É claro que, como nos ensina

a disciplina história, as coisas nunca são tão simples como aparentam à primeira vista, mas a aplicação de ideologias modernas, como o marxismo, o liberalismo e o positivismo, e as ações de associações secretas com objetivos escusos, acabaram mais uma vez por desviar os rumos da educação para abraçar idéias de sociedades perfeitas que seriam construídas a partir do nada, sem respeitar as opiniões dos que já haviam pensado nos melhores caminhos para o homem livre. O declínio civilizacional sempre é um golpe de estado naquilo que Chesterton chamava de democracia dos mortos, um ferimento letal na tradição.

*Gaudeamus igitur!* Alegremo-nos, porém, todos nós que acreditamos ser possível a renascença da tradição, pois sempre foi assim. Precisamos trabalhar para formar-te e tornar-te um dos parteiros destes renascimentos, como um aprendiz do parteiro Sócrates. Talvez esta renascença não seja exatamente o que vivemos agora, mas nossos maiores esforços são para que assim seja. Quase como que cumprindo uma profecia maluca de Ivan Illich, há muita gente boa que viu no desenvolvimento tecnológico um meio poderoso de fazer renascer o interesse e o desejo por uma educação verdadeira e que nos permitisse olhar para nós mesmos e para os outros como seres únicos, feitos e queridos por Deus, que não cessa de ensinar-nos, pois Ele é — como nos ensina Clemente de Alexandria — O Pedagogo.

\*\*\*

A Igreja ensina seus filhos a ler o Antigo Testamento com uma interpretação alegórica infalível ao propor que todas as vezes que o nome Israel aparecer, devemos ler *anima mea. Bendize, Israel, o Senhor!* se torna *Bendize, ó minh'alma, o Senhor!* Podemos aplicar esta leitura analógica ao lermos história e observar os macro-movimentos da cultura como micro-movimentos em nossa própria atividade cultural, em nossas próprias ações ao cultivarmos nosso espírito. Toma, por exemplo, a palavra renascença que usei há pouco. Não te preocupes em promover um movimento cultural da civilização inteira enquanto não

moveres a tua própria cultura para que renasça. Se nunca tiveste cultura, como ela pode ter morrido? Tiveste sim! Talvez o que te sobrou sejam manuscritos quase ilegíveis e comidos pelas traças que encontras agora num mosteiro abandonado depois da invasão de bárbaros há séculos. Talvez a tua cultura tenha sido deformada por doutrinas tortas como a dos nominalistas na Universidade de Paris. Não sei, mas tens cultura sim. Estás lendo estas lições, o que prova o teu conhecimento de uma língua que, quando Vênus a escuta, parece ser Latim com pouca corrupção. Sabes falar! Já é um bom começo, agradece a quem te ensinou a falar! Faz agora com que renasça em ti a fala mais elevada possível ao olhares para o passado e imitares os melhores falantes que a humanidade já ouviu.

Os antropólogos e historiadores não conseguem precisar a data em que o homem aprendeu a falar. Para os romanos, um bebê, *infans*, é justamente um ser humano que não sabe falar; um *puer* ou uma *puella* só o são depois que começarem a falar. Ao falar, o homem descreve a realidade exterior e interior. Para isso, cria palavras dentre as quais algumas servem à expressão de quantidades, são os números. Ensinar palavras e números a uma criança é algo que vem de um tempo tão imemorial quanto a própria humanidade, mas a escrita é o que divide, por convenção, a pré-história da história. Antes da escrita, contudo, já havia literatura, já havia música, já se observava o céu, já se desenhava, já se discutia... a escrita vem por último, e ao que tudo indica, vem para cumprir uma função menos nobre do que registrar um poema ou a genealogia dos antepassados. Ocuparei um pouco desta lição para falar da arte que precede a escrita. Não será fácil, precisarei de criatividade, tem paciência!

Quase todos os pais são extremamente bem-intencionados quando se trata da educação dos filhos. Pode ser que haja muita gente preguiçosa e desleixada, mas de boas intenções estamos com saldo positivo. Há, porém, um drama familiar pelo qual a maioria das famílias passa: contar a verdade sobre o Papai Noel. Para alguns é traumático, para outros, desimportante. E é assim porque não há em nós a chave interpretativa que abra as portas da razão de modo a entendermos e amarmos os



personagens da literatura. Já não sabemos ler, já nos acostumamos com o frio das explicações puramente lógicas mesmo não havendo neve que nos esfrie o tempo de Natal no Brasil. Se tratamos o Papai Noel, o Coelho da Páscoa ou a Fada do Dente como alguém que existe ou não existe, já começamos muito mal! Afinal, faz algum sentido dizer que eles são *de mentira*?

Os mitos não são mentiras! Os mitos só existem se forem verdade. Os mitos são símbolos assim como as palavras ou como os sinais de trânsito. Precisamos de símbolos não só para que nos comuniquemos uns com os outros, mas também conosco mesmos, conforme diz S. Agostinho; sem símbolos — sejam palavras, diagramas ou imagens — não conseguimos pensar. Há realidades fáceis de serem simbolizadas como os entes individuais, principalmente aqueles que aprendemos na escola primária a classificar sob os gêneros mineral, vegetal e animal. Há, contudo, certas coisas sobre as quais não podemos pensar só nos apropriando de símbolos simples como uma só palavra, uma só figura, uma só comparação ou outra figura de linguagem. Precisamos de histórias inteiras para isso, ou talvez de um afresco inteiro em uma parede. Talvez precisemos até mesmo que alguém ponha uma barba branca, uma roupa vermelha e uma barriga postiça.

Todos os temas poéticos estão entrelaçados; não há como isolá-los, pois, a alma humana (que também é um dos temas) é uma só. Uma só também é a realidade onde tudo acontece, por mais que só a compreendamos quando a repartimos na cabeça e isolamos cada uma das repartições com os nomes de *temas*, *assuntos*, áreas ou sei lá mais o quê. Até aqui já disse duas frases com palavras que não cabem numa história bem escrita, por serem muito abstratas: *tema*, *realidade*, *alma*. Os poetas resolveram tudo isso por nós; encheram o mundo com seres fantásticos e mirabolantes para que pudéssemos tratar de coisas abstratas.

Quando começamos a falar, há palavras fáceis e há palavras difíceis a serem aprendidas. As fáceis são aqueles monstros. Um monstro é uma coisa que eu mostro. Vejam a cena: estamos andando por aí e aparece uma criatura extraordinária, nunca outrora vista, horrenda... A primeira

coisa que o primeiro que a vir fará é apontar-lhe o dedo e dizer em latim: *Monstro!* que em português significa simplesmente *eu mostro*. E para mostrar usamos uma ferramenta admirável: o dedo.

O dedo sempre ajudou o homem a criar palavras, mas somente palavras para os monstros, para aquilo passível de ser apontado. O dedo, este cetno embutido com o qual já nascemos e que impera os olhares de todos numa só direção; o mesmo dedo que coça o nariz e que toca uma sonata ao piano; com o dedo apontamos as coisas e vamos combinando uns com os outros: isto é uma pedra, aquilo é uma árvore, e ali há um morro. Pedra, árvore, morro são todos monstros mesmo que nós não os consideremos mais assim; já nos foram tantas vezes mostrados que paramos de prestar atenção e afundamos estas impressões no Hades da banalidade. Nós fazemos isso, mas os poetas parecem não serem como nós, pois continuam se impressionando com tudo que há de apontável e resgatam, ou quase o fazem, algo tão banal quanto Eurídice; vão às profundezas do reino de Plutão e voltam com algo que todos nós já vimos, já sentimos ou já vivemos e nos mostram tudo de novo e de novo; falam de passarinhos, de juncos, de pedrinhas, de riachinhos, de frutinhas, de tudo o que sempre esteve ali a ser por nós pisado como o sal que é jogado fora porque não salga mais.

Se é assim com as palavras fáceis, imagina o que os poetas podem fazer com as palavras difíceis. Podemos apontar para o amor, para o ódio, para a harmonia, para a discórdia? Eu, pelo menos, não vejo a ira, a caridade, a soberba ou fé num canto qualquer sempre passível de ser mostrada por alguém que sugira um nome para cada uma destas coisas. Por isso que cada uma dessas coisas é uma *persona*, um personagem a mais numa poesia que será lida por alguns, que por sua vez poderão, a partir de então, usar essas palavras que lhes foram mostradas não com o dedo, mas com a garganta de algum aedo, bardo, trovador ou rapsodo.

E o Papai Noel? *Noël* é natal em francês; em Portugal, Pai Natal. Ele é uma *persona*, um personagem bem grande para que possamos apontar, mostrar algo invisível, tocar algo intocável, um sentimento pagão dos magos do oriente que foram possuídos por uma vontade de conhecer a

Verdade, de recebê-la, de adorá-la. O Papai Noel é o espírito do natal personificado, vermelho bem chamativo, gordo, fácil de ver, de ouvir, de abraçar. A origem deste personagem em São Nicolau ou no folclore russo não importa aqui. Este gordo é a prova mais recente de que ainda somos homens que precisamos de poesia e mitos, como os que há milênios precisaram contar histórias para assim conhecerem como homens, e não como bestas.

O Natal é o nascimento de Nosso Senhor, uma boa história mítica se não fosse pelo fato de que miraculosamente aconteceu no tempo e no espaço. Diante do fato do Natal, não temos palavras para exprimir o que acontece no nosso interior ao comemorarmos esta data histórica e criamos o mito do Papai Noel. Um mito pode ser contado e entendido por todos; falar de espírito de natal é só para os grandes especuladores metafísicos dos quais eu não faço parte. Deus cria a história com as próprias coisas e com nossas próprias vidas; o poeta imita a Deus ao criar um mito, pois obedece a Deus que mandou Adão dar nomes às coisas.

### Lição III

*Meu aluno,*

Lê literatura de imaginação, lê os mitos dos antigos e aprende como debes imaginar. A imaginação é um cavalo xucro que precisa ser domado, a literatura te ensina esta doma clássica no melhor estilo ibérico. Ela nos permite, por exemplo, pensar num caçador que, pode ser que tenha sido aquele primeiro homem de quem eu sempre falo. Um caçador que viveu há dez ou vinte mil anos, não importa. Ele está tentando descrever o que se passa em si com relação a uma certa mulher. Este homem nunca conhecera um poeta e por isso não tem a palavra *amor* em seu vocabulário; nem ele, nem seus ouvintes. Ele tenta mostrar as coisas com o dedo, mas não há a que apontar. Só o que há é seu arco, suas flechas e as feridas que ganhou nas caçadas. Ele mostra as feridas aos amigos e

diz que também as tem dentro de seu peito e que por isso não podem ser vistas; ele conta que há por aí um arqueiro que dispara flechas que ferem internamente e que não deixam cicatrizes na pele. Narra que, certo dia, estando na presença de certa moça, acabou sendo atingido por uma dessas flechas e a moça também. Por fim, como não houvesse ali mais ninguém, os dois viram-se obrigados a juntarem-se para que pudessem, um no outro, aliviar este sofrimento causado pelas flechadas.

Os ouvintes começam então a fazer perguntas:

— Acho que também já fui vítima deste arqueiro, como ele é?

O narrador, com toda a lógica possível, responde:

— Ele não só caminha por aí, como já disse, mas também deve ser capaz de voar, voar muito rápido como um beija-flor, pois quando tentei ver quem me ferira, já havia desaparecido.

— Se ele voa, deve ter asas, não?

— Se tem asas, seu vôo deve ser como o do beija flor, deve voar em pé, caso contrário, não conseguiria disparar as flechas, não é?

— É! Voa como um beija-flor e dispara flechas feito um homem.

E assim, provavelmente ao redor de uma fogueira, à noite, no tempo de ócio, começa a poesia. Até que um dos presentes faz a pergunta mais importante de todo aquele serão:

— E qual é o nome dele?

O caçador cala-se, seus pensamentos e lembranças dão algumas voltas e ele responde:

— Amor.

A partir de então, todos estes que ali estavam serão capazes de falar sobre algo invisível, subjetivo, impossível de ser mostrado. A poesia criou um monstro não com os dedos, mas com a garganta, com o cérebro, com a razão que também precisará de uma história para que possa ser nomeada assim. Noutro dia, o mesmo caçador, ou um outro qualquer, tentará explicar seu ódio, e por não ter a palavra ódio, falará de outro ente despercebido. Assim, o panteão dos monstros inapontáveis vai crescendo.

Pode parecer incrível, mas, certa vez, um aluno adolescente não sabia o que significava discórdia. Eu poderia ter perguntado se ele sabia o significado do verbo concordar. Poderia ter dado a explicação etimológica desde o latino *cor*, passar pelo simbolismo do coração em diferentes culturas, etc. Preferi contar-lhe a história do casamento dos pais de Aquiles, a origem remota da guerra de Tróia. Conteí não só a ele, mas a todos que ali estavam e foi a primeira vez que vi a totalidade daquela turma de adolescentes em silêncio e realmente interessados em algo que eu dizia, já que palavras neutras da segunda declinação não pareciam excitar seus ânimos. Tenho absoluta certeza de que este aluno nunca mais se esquecerá da discórdia, e de que todos concordaram, durante aqueles seis ou sete minutos de narração em prosa de um *locus Ovidii*, que a poesia é um dos fundamentos mais importantes da nossa língua, da nossa inteligência e da nossa cultura. Se não for o mais importante, com certeza é o mais belo e o mais inesquecível. Falemos então um pouco sobre o esquecimento.

A poesia, a música e muitas outras artes hoje parecem estar só nos âmbitos do entretenimento, no máximo na forma do diletantismo, mas é por existir uma tradição educacional — depois chamada de clássica, liberal ou católica — que o homem foi capaz de libertar-se da opressão de sua própria ignorância, ganhando assim autonomia não só do espírito, mas também do corpo através do domínio cada vez maior sobre a matéria. Sem a linguagem, que por questões práticas deve revestir-se de música e verso para melhor proveito da memória, não seria possível que o homem fizesse coisa alguma e seria sim necessário, a cada nova geração, descobrirmos uma vez mais como fazer fogo, como prever as estações e os melhores tempos para as colheitas, pescas e caças, como distinguir os frutos doces e saudáveis dos amargos e venenosos.

Se ainda duvidas da praticidade e da eficácia da poesia para questões bastante práticas, sugiro que busques em um livro de culinária qualquer receita de arroz de carreteiro. Tenta memorizar todo o texto e, além disso, especifica exatamente o *quod non est*, vê qual o gênero próximo e a diferença específica do carreteiro para os outros tipos de pratos com arroz. Depois de alguns longos anos, tenta preparar um carreteiro com

o texto que tiver na memória. Provavelmente, não estará mais lá, pois o texto em prosa, sem o auxílio da melodia que possui o texto em verso, é infinitamente mais difícil de ser decorado, e tu não saberás mais como fazer o prato. Ora, pega o poema de Jayme Caetano Braun intitulado *Arroz de Carreteiro* e o memoriza. Não será fácil. Talvez precises de muitos dias para isso, mas, como que por mágica, esse texto virá à tua cabeça durante toda a vida, e daqui a muitos anos, poderás fazer o arroz como se estivesses com o livro de receitas na mão; estarás livre e autônomo para fazer algo de útil e saboroso. Se é assim com uma simples e rústica receita culinária, quanto mais com questões espirituais como a ética, a política e a religião. Precisamos nos libertar, precisamos de autonomia, precisamos da educação clássica, liberal e católica, cujas raízes são amargas, mas os frutos, doces.

Há um exercício bastante natural que te ajuda sempre a desenvolver tua personalidade, a seres quem és, isto é, a conhecer, a agir e a fazer. Este exercício começou na infância quando tu comparavas-te com teus pais e perguntavas a ti mesmo: o que meu pai faria nesta circunstância? Com o tempo, vamos tomando os mais variados exemplos como sujeito desta oração. Para isso é preciso que conheçamos estes sujeitos, suas vidas, seus conhecimentos, suas ações e suas fábricas. Para agir e fazer, é óbvio que não há melhor sujeito que te sirva de modelo do que Jesus Cristo e seus santos. Porém, para conhecer, o melhor sujeito é um que não conhecia nada porque não tinha em quem se inspirar a não ser em Deus, Adão, o primeiro homem. Quer conhecer, entender, aprender algo? Começa perguntando a si mesmo como Adão agiria e o que faria para conhecer esta mesma coisa. É um exercício de imaginação, não é fácil, mas imaginar é o fundamento da investigação da verdade. Em pouco tempo, verás que, sem escrita, sem um veículo que dure mais que a memória, tudo seria mais difícil ainda, verás que deves agradecer por não viveres em uma sociedade ágrafa.

Escrever tornou-se necessário para o aprimoramento da atividade econômica mais ou menos como quem escreve uma lista para ir ao supermercado. Os mais antigos fragmentos egípcios, mesopotâmicos ou as escritas lineares micênica e cretense comprovam isso. Somente

quando esta técnica de simbolizar as palavras está bem desenvolvida é que algum destes burocratas antigos decide registrar as vidas dos faraós, ou o poema sobre o rei Gilgamesh, ou as epopeias que havia séculos muitos rapsodos cantavam em uma língua morta e que eram atribuídas a um poeta cego e vagabundo. Estes textos já existiam, mas só na memória dos cantores ou poetas, que eram, até pouco tempo atrás, a mesma pessoa.

A coisa não para por aí, uma língua tão nova como o alemão moderno, por exemplo, foi primeiramente usada por burocratas e funcionários públicos antes de ser imortalizada na pena de Lutero e se tornar uma das maiores línguas literárias do ocidente. Vemos aí, com a história da escrita, que há um abismo entre, de um lado, catalogar a última safra de olivas e, de outro, escrever sobre feitos heróicos. De um lado do abismo há um negócio e do outro um ócio. Hoje, diríamos que de um lado há o trabalho, algo útil e imprescindível, de outro, há só lazer, um hobby, puro entretenimento. A questão é, por incrível que pareça aos olhos do homem moderno, que não foram as listas de compras que ergueram e derrubaram impérios, nem foram os textos dos burocratas que moveram as construções das pirâmides ou das catedrais. Impérios ergueram-se e caíram bem como pirâmides e catedrais quase tocam os céus por causa daquilo que achamos ser só entretenimento, uma forma de descanso e relaxamento, diversão, coisa de criança. É isso mesmo, coisa de criança, é um jogo, *ludus*; é ócio, não negócio, é o menino a pegar num galho e dizer ser o seu rifle e que com ele defenderá sua mãe e seus irmãos na ausência do pai.

Mas não foi só a escrita que deixou de servir somente a coisas úteis, como listas de compras, e passou a prestar-se a inutilidades como a *Iliada*, a *Odisseia* ou a *Bíblia* em alemão. Fazer contas também passou a ser praticado por gente que nada ou muito pouco precisava contar para administrar seus bens. Discutir caiu no gosto de gente que não precisava tomar decisões políticas ou militares. Olhar para o céu fascinou até mesmo gente a quem pouco importava as mudanças climáticas ou que direção seguir para chegar à Etiópia. Conhecer os fundamentos da harmonia dos sons interessou gente desafinada e tímida que nunca

emitiu, com a voz ou com os dedos, nem sequer duas notas. Medir a área de um círculo obcecou muita gente que nunca dera uma martelada sequer numa pedra para erguer uma casa. E, no fim das contas, foram as ideias de gente assim que chegaram até nós e que determinam o que somos e ensinamos aos jovens, determinando o que eles serão, por mais que hoje nossa expectativa seja de que se tornem capazes de compor bem as listas de compras; raramente esperamos que transcrevam a Odisseia.

Poder fazer listas de compras porque sabes escrever é algo maravilhoso, uma habilidade como tantas que te torna um homem porque te diferencia de todos os outros seres da criação. É uma atividade que te faz transcender as bestas. Saber contar as batatas que compraste, também. Se pararmos por aqui, já está ótimo, podemos dizer que somos humanos, usamos a razão, e usamos as potências de nossa alma para transcender as bestas ao fazermos algo bom. Porém, depois de ter ido às compras e comido as batatas que eu comprei, posso transcender mais ainda e cantar a incrível história da ida às compras. Sim, cantar! Em verso metrificado e melodia diatônica. Transfiguro algo bom, como comer batatas, em algo belo. Agora, quantas pessoas realmente abririam os ouvidos para escutar canções sobre batatas? Os descendentes de imigrantes italianos cantam uma canção sobre a polenta que é bem didática, mas não tem valor fora do espaço que lhe cabe nos festins familiares divertidíssimos que só esta gente sabe fazer. Se o tema das batatas for tratado de forma universal, algo que escape a um tempo e um espaço específico, estaremos transcendendo à verdade. Podemos contemplar este feito — comprar batatas, comê-las ao mesmo tempo que canto uma canção que narra isso —, entender princípios da economia e da nutrição e relacionar a harmonia na melodia e nos versos da canção com a harmonia necessária entre o plantador de batatas, o comerciante de batatas e o comprador e comedor de batatas; e podemos até mesmo relacionar o movimento do tempo e do espaço ao digerirmos a batata, com as causas e os fins do universo inteiro.

Qual a diferença? Por que há gentes que se contentam em comprar e comer batatas enquanto outras precisam cantar a batata, e outras ainda relacionam isso às causas últimas do universo? Camões, por exemplo,



sabia a resposta: engenho e arte. Vê bem, todas estas três atitudes diante das batatas são igualmente dignas e próprias do homem; não se pode dizer que alguém que se contenta com apenas uma delas seja mais humano ou mais perfeito que o outro. O poeta luso e caolho, por sua vez, sabia que só conseguiria cantar algo universal com a ajuda não só da teoria e da prática, que por si só produziriam um poema bom e belo, mas precisaria também de engenho, precisaria daquilo que hoje em dia chamamos de talento. E o que é o talento além de um chamado? E o que é o talento sem a arte? E o que vem primeiro, o engenho ou a arte? A esta última, respondo que normalmente, mas não sempre, é o engenho. O engenho está na imaginação, enquanto a arte está na inteligência e na vontade. Um menino pode imaginar-se um soldado ou um sacerdote e comprazer-se com esta imagem, mas só o será se ao longo dos anos aplicar sua vontade e sua inteligência para exteriorizar com a própria vida o que está em seu interior. Sua imaginação chama, sua inteligência diz sim ou não, e se a resposta for sim, sua vontade faz com que ele aja para este fim.

Já aqui terias motivos suficientes para ver que a educação começa com a imaginação para que haja estes chamados; os chamados ao *bom*, ao *belo* e ao *verdadeiro*. Como educar esta imaginação? Como qualquer outra coisa é educada: pela imitação. Ouvindo aqueles que nos servem de exemplo de imaginação bem-educada, isto é, os poetas. Ao lermos literatura de imaginação, que chamamos também de ficção (de *fingere*, o que faz o escultor com o barro), e ao imitarmos seus processos criativos, acabamos por coser uma boa camisa de força sob medida para a louca da casa (como Santa Teresa apelidou a imaginação). Tudo bem, isso muita gente tem dito e parece mesmo ser autoevidente, mas a camisa de força precisa de mangas bem longas para podermos dar um nó às costas. Este nó precisa ser dado na medida exata da nossa necessidade. Às vezes, apertamo-lo, às vezes, afrouxamo-lo e às vezes, até mesmo desatamo-lo. Quem nos ensina a dar este nó são outras disciplinas que moldarão a nossa vontade e nossa inteligência. Se o nó estiver desajustado, se nossa imaginação estiver querendo rompê-lo, precisamos trabalhar a nossa vontade e desta vez os mestres não são mais os poetas, mas os oradores.

Estes mestres da vontade convencer-nos-ão do ajuste ideal no nó. Porém, precisamos ainda, além de poetas e oradores, de lógicos. Estes mestres da inteligência nos dão uma ferramenta que nos serve como prova de que o nó foi bem feito e não soltará. Há ainda outros mestres de amarras: os aritméticos e os geômetras nos ensinam que há limites naturais para a imaginação que uma vez aprendidos, nós podemos inclusive tirar a camisa de força da louca por um tempo; os músicos e os astrólogos nos confirmam isto ao demonstrarem no tempo e no espaço que estes limites são reais, materiais, são a própria composição do cosmo, do universo, bem como cada homem é um microcosmo, uma miniatura do todo e que só entende o todo pela sua imagem e semelhança com seu criador.

#### Lição IV

*Meu aluno,*

A língua portuguesa te pede para que evites ao máximo o uso de genitivos. Não digas *árvore de maçãs*, diz *macieira*, não digas *abridor de portas*, diz *porteiro*. Isto porque o modelo de elegância portuguesa sempre foi o latim, que tem este princípio lexicogênico e prefere dizer *Lucifer a portator lucis*. Aquele que traz a luz: pai da mentira, por mais que perca a luz ao ser precipitado no abismo, é chamado assim, mas não só ele. *Lucifer* é também como chamamos o Salvador que nos dá a luz para que nós mesmos sejamos a luz do mundo. *Lucifer* é também Apolo que puxa o sol para iluminar a terra. *Lucifer* é uma palavra, uma palavra é um símbolo, um símbolo não pode ser bom ou mal em si mesmo.

Para além dos diversos papéis que exercemos durante a vida, o papel de aluno é bastante constante: *alumnus* como aquele que não possui a luz, segundo uma etimologia poética da palavra; ou o papel de aluno como aquele que *alitur*, que é alimentado, segundo a etimologia mais científica; também o papel de *discipulus* como aquele que *discit*, aquele que aprende.

Ao nascermos, nem a *luz* para nos movermos ilumina nossas mentes; não controlamos nem mesmo o movimento dos membros; precisamos aprender a movimentar os braços e as pernas em longos ensaios. Depois, precisamos nos comunicar, pois todos ao nosso redor o fazem; precisamos aprender a controlar o aparelho digestivo para não mais dependermos de fraldas; precisamos aprender a diferenciar angústias e aos poucos aprendemos que se chamam fome, sono, medo, tristeza, alegria, raiva, etc. Temos para tanto mais ou menos cinco anos; é muito! Os outros mamíferos já estão bastante maduros nesta idade; nós estamos apenas no começo. Nós, se largados soltos até a puberdade, não temos nenhuma chance de sobreviver, nos falta a luz, precisamos ser alimentados, somos alunos, estamos ainda aprendendo, somos discípulos.

Quem possui esta luz? Quem nos ensina? Do que se trata esta luz? Para que devemos aprender? A resposta é uma só: a tradição. É preciso que eu desenvolva brevemente o que é a tradição. Do latim, *traditio, traditionis*, substantivo que vem do verbo *trado, tradere*, em português, *trazer*. Tradicional é tudo aquilo que sabemos e não precisamos descobrir sozinhos; tudo o que já estava aqui antes de chegarmos; todas as coisas das quais usufruímos sem sermos seus criadores; tudo aquilo que nos é trazido e continuamos levando adiante. Muitas vezes, a tradição é aquilo que menos enxergamos por se constituir de coisas óbvias, mas essenciais. Acho que conheces Chesterton, o famoso escritor inglês do princípio do século XX. Ele disse que a tradição é a democracia dos mortos: uma coleção de conhecimentos e opiniões de pessoas como nós, mas que viveram 50, 100, 500, 1000 ou 3000 anos atrás e que ainda têm algo a nos dizer. Já citei isto por alto e voltarei a tratar disso mais adiante, por ora, é bom que esta ideia seja pelo menos citada. Vê um exemplo antigo que tudo tem a ver com a nossa lição e que pode te ajudar a entender este poder que alguns mortos mantêm de além-túmulo.

O saque de Roma pelos visigodos, no ano de 410 d.C., marca aquilo que conheces como a queda do Império Romano do Ocidente. Os bárbaros, aqueles que não falavam *utramque linguam*, nem latim nem grego, deixaram cidades inteiras devastadas, os grandes prédios públicos transformados em estábulos, com as pedras dos teatros ergueram

malocas, bibliotecas foram queimadas; termas e aquedutos para quê? Não se banhavam! Porém, *verba volant, scripta manent*. Os escritos permanecem. E não são só as palavras que voam; também a civilização inteira naquilo que tinha de material, vemos que voou. O que permanece, são os escritos, ou em papel ou nos próprios corações e na memória. Diante de toda esta barbaridade, havia gente disposta a começar tudo de novo, e desta vez melhor ainda, desta vez, fazendo novas todas as coisas.

Não havia 100 anos que a Igreja parara de ser perseguida pelo império, e então, o império que a protegia, já não existia mais como antes. Seria preciso restabelecê-lo. Como? Com os mesmos meios dos bárbaros? Guerra e invasão? Não. Isto não funciona a longo prazo. Seria preciso convencê-los a viver como Romanos e Cristãos. Seria preciso salvar as almas de toda esta gente nova vinda do norte e dar-lhes depois o encargo de salvar outras. Seria preciso educá-los. Ora, a educação no ocidente já possuía uma tradição de séculos quando do advento de Nosso Senhor. Os primeiros cristãos, assim como em quase tudo, aplicaram a máxima paulina: *provai de tudo e ficai com o que é bom*. A qual completamos por vermos que assim foi feito: “o que os antigos provaram e viram ser ruim, não precisas mais provar”. A Igreja precisava ensinar a todo um continente. Nem as escolas pagãs de retórica e filosofia existiam mais, nem mesmo havia onde se pudesse aprender um ofício. A Igreja era a única capaz de recuperar os conhecimentos, também os dos pagãos, e transmiti-los. Assim, os clérigos se transformaram em professores e suas comunidades e institutos em escolas para ensinar não só catequese, mas tudo! Tudo o que os pagãos civilizados também antes ensinavam. Guardaram, assim, a tradição, e esta chegou até nós que temos o dever de também guardá-la.

Também a literatura inteira está repleta de esforços por descer à tradição a fim de buscar luzes sobre o que deve ser feito. Muitos personagens, enquanto tudo ao seu redor parece estar perdido, recorrem à opinião dos mortos para saber *o que fazer*. Vês, em Homero, Ulisses descer ao Hades para aconselhar-se com os heróis mortos. Vês Eneias ir ter com o pai para pedir-lhe conselhos. Estes heróis não tinham outra alternativa para responder ao *o que fazer?* do dia a dia. Estes heróis

constituem a tua tradição, não tens muitas desculpas, já que a ti não é pedido, como a Dante, descer aos infernos. Até porque tu tens Moisés e os profetas! O rico epulão da parábola, que nem nome tem, apela à tradição dizendo-se filho de Abraão para ver se aliviava seu sofrimento. E tu? Esta é a pergunta perene durante qualquer leitura destes autores apelidados por nós de clássicos. *Sim, e eu?* deves perguntar. Tu deves ler os autores clássicos com o mesmo medo, apreensão e heroísmo com que Ulisses, Eneias e Dante desceram ao Hades; com a mesma contingência com que Siegfried desce a caverna do dragão; com a mesma vocação do nosso Gama ao descer ao meridiano para passar além da dor, afinal, subir à Índia exigia uma descida. A tradição está embaixo a serviço do que está em cima. Abrir o livro e lê-lo é descer; não esqueças de subir de volta com a resposta ao *o que fazer?*. E se na tua cidade não há uma boa biblioteca, não há cultura, não há gente interessada para formar um grupo de estudos, não há isso nem aquilo? Duas opções: estuda e começa tu a promover estas coisas, ou pega tua família e sai daí correndo como fizeram Abraão, Ló, Moisés, Eneias e São José. Reclamar da *Umwelt*, do mundo em torno, nunca adiantou para nada!

Entretanto, nem só em grandes teorias filosóficas, morais, religiosas ou científicas consiste a tradição. Também os hábitos mais simples de higiene, boas maneiras ou protocolos da linguagem pertencem à tradição. A propósito, a língua que falas, como todas as línguas do mundo, é o exemplo mais patente de tradição; é o veículo pelo qual ouviste as cantigas no berço e pelo qual tens acesso à tal democracia dos mortos de Chesterton.

Os pais são, para um bebê, para uma criança e até para um adolescente a própria tradição encarnada. Trazem consigo um patrimônio (e matrimônio também) que remonta ao primeiro homem. Não importa o quão avesso à palavra tradição seja um pai ou uma mãe: os filhos aprendem a ir aos pés num sítio apropriado e a limpam-se à medida que lhes é trazido, pelo exemplo e pelas palavras, algo que por si só eles nunca aprenderiam. Pais são sim a tradição encarnada, aqueles que ensinam, aqueles que dão os filhos à luz e a luz aos filhos, aqueles que trazem aos filhos o que de mais valioso e vital eles herdaram de

antepassados imemoriais que remontam ao primeiro homem (seja ele Adão ou um filho de uma macaca; a discussão não vem ao caso aqui).

Não sei se já tens filhos da tua carne ou se tens a graça de filhos espirituais te terem sido entregues por Deus. Entretanto, é evidente que a educação é natural e obviamente uma missão dos pais. Quando falas de coisas simples do dia a dia, não podes ver ninguém além dos pais como os responsáveis por esta educação. Também vês que com teus pais começaste a desenvolver o gosto estético: começaste a gostar de certo tipo de música e a desgostar de outros, começaste a alegrar-te com certas festas e eventos e a desgostar ou ignorar outros. Com os pais aprendeste a falar com um sotaque específico, começaste a te interessar por atividades recreativas como esportes, filmes ou jogos. Começaste. Mas quando se trata de cultura universal, quando se trata de uma formação que hoje é institucionalizada, sempre foi natural que os pais delegassem a educação dos filhos a outros adultos mais experientes naquilo que será chamado de escola. O problema não é delegar a atividade, o problema é esquecer-se de que continuam sendo os pais os responsáveis pela educação dos filhos.

Ao procurares uma instituição onde matricular teus filhos ou mesmo um professor particular, muitas vezes és levado a limpar a consciência: “Meu filho está frequentando as aulas, está fazendo as tarefas de casa, está tirando boas notas. Neste ritmo, em alguns anos terá passado com sucesso por esta etapa da vida”. Que belo detergente de consciência é este raciocínio! Não te importas com o que teus filhos estão aprendendo? Isto se realmente estiverem aprendendo e não só cumprindo maquinalmente um programa de provas e entrega de trabalhos. Não te importas com a metodologia usada? Se ela é eficaz ou não? Não te importas com a personalidade e o caráter dos adultos que diariamente estão em contato com teus filhos? Enfim, não te importas que quem decidiu o quê e como os teus filhos são ensinados tenha sido um burocrata com um carimbo e uma caneta na mão e que, se tiveres sorte, pouco entrou em uma sala de aula e entende minimamente a psicologia de uma criança?

Não te assustes! Em princípio, a grande maioria dos professores não

é nenhum psicopata, mas isso não quer dizer que esteja tudo bem. Ainda és tu, um pai, o responsável pela educação dos teus filhos assim como és tu, um motorista, o responsável pelo bom funcionamento do teu veículo por mais que, para isto, o leve a mecânicos profissionais. Quando buscas o carro no mecânico, saís satisfeito se o carro continuar com o mesmo ruído estranho que estava quando foi deixado para o conserto? O ruído de um carro é bastante evidente e perceptível, a má educação de uma criança, muitas vezes, não. Como saber? Será que o fato de teu filho só trazer para casa boletins com notas altas é um critério seguro? Será que o fato de teu filho nunca ter ficado em recuperação é sinal de que ele esteja no caminho certo? Cada caso é um caso, mas precisamos, com máxima atenção, refletir e avaliar se está tudo bem. Para isso, vou fazer duas perguntas que responderei na sequência: [1] o que é importante ser aprendido por uma criança, um adolescente e um adulto? [2] como aprendemos isso que viste na resposta da primeira pergunta de forma mais eficaz? Duas perguntas bem simples, mas cuja resposta te exige largo tempo de estudos, reflexões e debates.

Vamos lá! Primeira pergunta: o que é importante ser aprendido por uma criança, um adolescente e um adulto? A primeira coisa a saber é que tanto quem aprende quanto quem ensina são pessoas, são seres humanos, são animais racionais segundo a definição que Aristóteles deu há 2300 anos. Por isso, é preciso definir e entender melhor quem é este homem e o que o difere de tudo aquilo que existe ao seu redor. Também é preciso que conheçamos o processo pelo qual este homem aprende.

Então eu pergunto: Quem é o homem? Como ele aprende? Bem, o homem é um animal racional. O homem, porque é racional, aprende através de símbolos, e porque é animal, aprende também, como os animais, pelo adestramento. Esta última parte pode te chocar, mas vou explicar. Tem paciência! É uma coisa bem própria dos animais racionais ter paciência.

Já que estas lições são sobre educação, arregança as mangas: pega teus filhos, sobrinhos ou alunos que tiverem entre seis e oito anos e vai dar uma volta na rua. Vais brincar de “mineral, vegetal, animal”. Anda por

aí com as crianças, aponta para qualquer coisa e pergunta se esta coisa é mineral, vegetal ou animal: uma pedra, uma poça d'água, um poste de ferro; uma flor, uma árvore, um gramado; uma abelha, um pardal, um cão. Tudo certo! Logo-logo as respostas serão bem certeiras! A dificuldade aparece quando apontamos a nós mesmos. A maioria das crianças não aceita classificar-se como animal. Não o aceita justamente por não se ver como vê os outros animais. Ela vê que é racional, por mais que não conheça a palavra *razão*.

## Lição V

*Meu aluno,*

Razão: *ratio*, ordem, organização, ordenamento lógico e interno dos pensamentos, da memória, da criatividade, ordenamento dos sentidos, das experiências. Neste jogo, a criança logo vê que possui uma vida interior, psíquica, espiritual; e vê que os animais não aparentam ser assim.

Já aí verás ser normal faltar palavras e conceitos na erudição de uma criança. Logo aí vemos que é preciso que para além de apontarmos objetos, conhecer os seus nomes e classificá-los dentro de um gênero como mineral, vegetal e animal não é o bastante para que a criança entenda a diferença específica que há entre o homem e os outros animais. É uma questão de linguagem, uma questão de abstração, uma questão interna, e não conseguimos apontar para o interior da criança e mostrar-lhe o seu intelecto como apontamos para uma árvore. É preciso que uses símbolos para isso! Ou seja, há na educação, tanto de crianças quanto de adultos, um processo de adestramento como o dos animais, um processo externo, um processo que se fixa nos cinco sentidos e na memória, que é um sentido interno, que os animais também têm.

Para ir além do adestramento, precisas criar símbolos. Precisas daquele *Vorstellung* de que falam os alemães. Precisas daquela *analogia* de que falam os escolásticos. Precisas representar uma coisa com outra



coisa que não seja ela mesma. Para humanamente aprenderes o que é uma árvore, precisas desenhar uma árvore, precisas imitar uma árvore com o próprio corpo, precisas estabelecer com os outros que, cada vez que disseres a palavra árvore, estás falando de macieiras, ipês ou jequitibás e não de canários, granitos e nem mesmo arbustos. Imagens, gestos e palavras são símbolos; são representações, são analogias, não são as coisas em si, e são humanas.

Usas símbolos o tempo todo: o dinheiro é um símbolo, as placas de trânsito são símbolos, as expressões faciais são símbolos, os fonemas, as palavras e as frases são símbolos, a linguagem humana é um conjunto de símbolos, o mais poderoso e eficaz sistema de símbolos que chega a parecer-te mais milagroso do que a existência do universo, afinal, existe um abismo entre apontares para uma árvore e seres capaz de dizer a palavra *árvore*.

Disso tudo, a totalidade das pessoas parece estar convencida. Se não fosse assim, não teríamos a maior carga horária em todos os currículos escolares no mundo inteiro dedicados à linguagem: no Ocidente, na China, na Índia, no Oriente Médio, sempre é assim: é preciso aprender a falar, a ler e a escrever mais do que qualquer outra coisa. Todos estão convencidos de que quanto maior for o domínio da linguagem de um indivíduo, maior será sua autonomia intelectual para dedicar-se a outros estudos, maior será sua capacidade de entender os outros e se fazer entender.

E basta o mundo inteiro estar convencido? Obviamente não, pois agora é que começa a dificuldade: como ensinar e aprender uma língua, seja materna ou alheia ao uso diário como o são as estrangeiras e as antigas? Qual é o nível esperado em cada um daqueles *four skills*, daquelas quatro habilidades de que falam os professores de línguas estrangeiras: ouvir, falar, ler e escrever? Basta saberes identificar os sons representados pelas letras ou precisas também ser capaz de identificar nas entrelinhas o que foi dito por Camões sobre a ilha dos amores? Basta seres capaz de descrever com períodos curtos aquilo que vês e sentes ou precisas ser capaz de discursar sobre metafísica, aquecimento global e política

internacional? Com questões deste tipo é que te encaminho para a segunda pergunta proposta. A primeira pergunta foi *quid?*. A resposta foi *a linguagem humana*. A segunda pergunta foi *quomodo?*

Agora sairás com as crianças de novo para um outro jogo e desta vez até mais simples que o primeiro. Sairás para olhar o céu e descobrir com o que as nuvens se parecem. Deixa solta a criatividade das crianças: um carro, um elefante, uma árvore, uma espaçonave, um dinossauro, uma flor. Lembra-te rapidamente do primeiro jogo e verás que a nuvem, que é mineral, só raramente será associada a outros minerais; raramente as crianças dirão montanha, pedra ou lago. Assim é porque naturalmente elas veem que esta brincadeira consiste em dizer que as nuvens são *como* algo, e dizer que é *como* é dizer que não é. Naturalmente também, as crianças dizem que a nuvem se parece com um elefante, ou simplesmente: “Olha ali, um elefante”. Elas obviamente sabem que não se trata de um elefante, mas também sentem que não há problema algum se chamarem uma nuvem de elefante se ela se parecer com um elefante.

Bem-vindo à mais original atividade humana, bem-vindo à literatura! Original é, *stricto sensu*, aquilo que remete à origem, ao surgimento. Na escola, talvez tenhas tido uma disciplina chamada literatura. Tinhas de ler os livros indicados pelo professor, que depois testava, através de um questionário, se os tinha realmente lido, se muito, o professor tecia algum comentário sobre como era machista, opressora ou patriarcal a sociedade pintada nos romances de Machado de Assis ou José de Alencar. Mas a literatura tem mais a ver com identificar formas nas nuvens do que com crítica social; é uma atividade criativa, é preciso fazer algo, fazer, ποιεῖν, é preciso poesia. A Poesia é uma atividade humana que começa com o primeiro homem. Este homem já teve vontade de contar uma história, mas, como lhe faltassem as palavras, decidiu inventá-las e as ensinou para o segundo, o terceiro e o quarto homem, estes melhoraram-nas, modificaram-nas, e trouxeram-nas até nós.

A esta altura, já tens dois jogos que servem de introdução às disciplinas milenares que fazem parte do currículo que proponho ao repetir grandes mestres em tudo superiores a mim. O primeiro é um

jogo dialético: o segundo, poético ou gramatical. Se unirmos os dois jogos, o de classificar as coisas segundo seus gêneros e o de comparar as nuvens com outros objetos, eles darão origem a uma terceira disciplina que surgiu por ser necessário ao homem conviver não só com os pais e irmãos, mas também com uma multidão de outros homens, a quem chamou de concidadãos e a quem se uniu para defender-se daqueles que não haviam jogado juntos e acabaram por não chamar uma árvore de *arbor*, mas de δένδρον, ou de *Baum*, ou de *tree*; uma disciplina que surge para aproximar os homens que haviam crescido e brincado uns longe dos outros e que precisavam de uma solução para entenderem-se e não se aniquilarem uns aos outros: precisavam de retórica.

Gramática (poesia, literatura), Retórica e Dialética. Se já ouviste falar em Artes Liberais, não vês nada de estranho, são *artes sermocinales*, são as disciplinas do Trivium. Se nunca ouviste nada sobre elas, não precisas te assustar, estou aqui para isso mesmo, vou explicar mais e melhor durante as próximas lições. Se já conheces um pouco ou muito do assunto, também deves estar te perguntando se não falarei sobre o Quadrivium, *as artes reales*, as disciplinas relacionadas com a matéria, com o cosmo, já que as disciplinas do Trivium tratam do microcosmo, este pequeno universo de que se constitui cada indivíduo humano. Falarei sim, não te preocupes.

\*\*\*

Este livro contém lições de educação, mas qual educação? A pergunta seria um tanto sem sentido para um homem antigo e para nós é importantíssima. Preferiria chamar de *Educação de Sempre*, mas já estaria, aí sim, abusando da retórica e da boa vontade dos leitores. Vamos chamar de Educação Liberal assim como os romanos antigos se referiam a este tipo de formação humana. Na verdade, um romano pagão chamado Cícero chamou de humanidade, *humanitas*, o tipo de educação sobre o qual me refiro. É liberal porque é a educação da pessoa livre, porque é a educação que forma uma pessoa para ser livre e porque educa

a partir dos livros se seguirmos uma etimologia mais poética junto com outro romano, este já batizado, Cassiodoro. A educação liberal não tem nada que a relacione com o liberalismo econômico inglês ou austríaco e nem com libertinagem ou relativismo moral de qualquer tipo. Ela é a educação para uma liberdade em sentido estrito e clássico do termo.<sup>1</sup> O espaço aqui não permite que eu aborde — já que a educação é liberal — o que seja exatamente liberdade de forma lógica; isso é trabalho para a antropologia e a ética. Sendo assim, lançarei mão de uma ilustração mais poética do que filosófica. Que é, pois, Liberdade?

Liberdade é estar em casa. O que em retórica chamamos de *amplificatio* pode ser visto como um vício de linguagem pelos instrutores de escrita, aqueles professores que ensinam a redigir tendo em vista a aprovação do aluno em concursos públicos. Um vício que beira a redundância, dizem. Se é assim, eu gosto muito de redundâncias; não gosto, é claro, dos “subir para cima” e “descer para baixo” tão odiosos em português mas que em outras línguas funcionam bem: *enter into...*, *adveniat ad...*, *hierher...* Gosto das redundâncias profundas que caracterizam os textos das Sagradas Escrituras e a fala de Deus em hebraico que “homem, *ish*, e mulher, *ishah*, os criou”. Não é falso dizer que Cristo foi redundante neste sentido: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará”. Conhecer algo é justamente conhecer a verdade, que é a adequação da inteligência à realidade mesma; a mentira é a adequação da inteligência à irrealidade. Não só isso, mas ser livre já é conhecer. Não um conhecimento gnóstico, abundante por aí, que pensa ser a ciência (*scientia*, de *scire*, saber) a condição única para a liberdade, mas o conhecimento idêntico àquele que me faz dizer: “o João da Silva? Eu o conheço; ele até já esteve em minha casa”. Este é conhecimento que uma mãe tem do seu filho. Uma mãe não estuda antropologia, psicologia ou ética para poder afirmar, como sempre faz, “eu conheço meu filho”. Não, uma mãe normal conhece o filho pois este está ou já esteve por muito tempo em sua casa. Com os amigos, dá-se o mesmo. Uma coisa é a pessoa que trabalha comigo, a

---

1 Fica aqui já uma breve lição de Arte Gramática: não entendas as palavras em seu sentido dicionarizado e deslocadas do uso que delas fazem os que melhor manejam a língua. O adjetivo liberal e o substantivo liberdade são vítimas constantes de quem não ouviu esta breve lição.

quem eu até vejo por mais horas durante o dia do que vejo minha esposa e meus filhos, mas se este sujeito não esteve em minha casa, é difícil que eu o conheça. E que isso tem a ver com libertar-se?

O conhecimento liberta porque desenvolve as virtudes. Suponhamos que preciso ladrilhar minha calçada e — por conhecer-me a mim mesmo — sei que não posso fazer isso sozinho e decido convidar um amigo para que me ajude. Se conheço este amigo, se ele “até já esteve em minha casa”, preciso ser prudente com relação a dele depender; preciso contar com seu talento e seu temperamento, se eu não o conhecesse, estaria preso ao acaso; não saberia se ele seria capaz ou não de me ajudar. Eu preciso ser justo e me oferecer para ajudá-lo não a ladrilhar calçadas — pois eu o conheço e sei que mora em um apartamento onde a calçada já está ladrilhada — mas para subir com o piano que ele acabou de comprar para a filha. Isto somente se eu souber que ele tem uma filha que ganhou um piano. Posso ser forte por saber que talvez este amigo não cumpra com o prometido e eu esteja me arriscando a ficar sem ajuda, mesmo assim — com força — eu o convido, pois conheço o que ele precisa. Posso ser temperado e convidar não só a ele, mas também outros amigos a quem também conheço, vencendo assim o orgulho que brotaria se eu houvesse ladrilhado tudo sozinho. Enfim, quanto mais eu conhecer estes amigos, mais saberei tratar com eles. E isso é para tudo, não só com os amigos. Todos temos o *software* Excel no computador, mas só poucos são livres para construir tabelas eficazes, a maioria das pessoas está aprisionada, não está livre para fazer tabelas. O tão astuto Ulisses conheceu o mediterrâneo todo, passou dez anos zanzando até sentir-se realmente livre dentro de casa com a mulher, o filho, o cachorro e o porqueiro, gente que ele bem conhecia.

Ítaca é a verdade; é só ali que Ulisses, segundo a definição escolástica, conforma o seu intelecto com o seu entorno; só ali ele realiza sua vocação mesmo que para isso tenha de livrar-se a sangue frio dos que pretendiam tomar-lhe o lugar. A imortalidade e uma vida cheia de prazer que Calíпсо lhe oferece não se compara a envelhecer ao lado de Penélope que também envelhece, ser o rei dos gentis e pacíficos feáceos por casar-se com Nausica é mais fácil, mas não é a verdade, não é a sua

circunstância, não é o seu *Umwelt*, não é o que ele precisa fazer para conformar o seu intelecto com a realidade, não é a verdade.

A liberdade, ou melhor, libertação, é também um dos temas principais da Bíblia. (Vês o perigo desta palavra? Vês o que fizeram dela certos teólogos na América Latina?) O Povo de Deus sempre se estrepava porque se esquecia — não conhecia mais — o seu Deus. Quantas vezes precisaram de profetas para serem libertados? E o que é um profeta senão um sumo professor que lembra o povo de que o cativo não é sua casa, que lembra o povo de seus pais, que lembra o povo de suas tradições? O que é um profeta senão aquele que olha para o seu povo e brada: Liberta-te! Conformar teu espírito com a realidade!

Pagãos e Hebreus, esta é a tua tradição que costumamos chamar de civilização ocidental em oposição a outra chamada oriental. *Sed vide quod non esse*: a questão aqui não vem ao caso, mas como comparar a unidade do ocidente com a Índia, a China, a Mongólia (e até o leste da Rússia), a Pérsia e a Arábia com a Europa, a América e a Oceania? Nós aqui gostamos de colunas gregas para construir nossos prédios públicos e escalas diatônicas ao cantarmos ao pé dos bercinhos, e lá? Esta divisão entre oriente e ocidente serve mais para fins didáticos do que científicos; ela serve para dividir-nos a nós, o ocidente, que gostamos de música diatônica e colunas gregas e os outros, o resto do mundo. Não vem ao caso, mas precisava dizer isso antes de começar a falar brevemente sobre a educação “dos outros”, que, por óbvio que pareça, já que os outros também são humanos, exibe uma semelhança com a tradição educacional do ocidente. Se falarmos dos antigos Hindus e mesmo dos Brâmanes de hoje, poderíamos especular se esta semelhança não é fruto da mesma origem caucasiana. Mesmo assim, podemos nos admirar de uma educação voltada ao conhecimento das coisas divinas nos Vedas, escritos religiosos cuja compreensão depende do domínio de dez ciências auxiliares, quatro da linguagem: fonologia, gramática, exegese e lógica; e duas da matéria qualitativa e quantitativa: astronomia e métrica. As outras são já ligadas ao direito e à liturgia ou à teologia. Mas vemos isto acontecer na China antiga: ler, escrever e contar, além, é claro, da atividade física que os povos do leste asiático tão

bem desenvolveram para fins militares, e que nós adjetivamos dizendo serem artes do deus da guerra, Ares ou, para os mais íntimos, Marte. A educação em tecnologia que é hoje desenvolvida por estes povos para criar exércitos de informáticos e engenheiros não tem ligação nenhuma com o seu passado, mas sim com a influência ocidental em tempos de industrialização e informatização. Os ingleses, que lá não chegariam sem mapas portugueses e espanhóis, tiveram coisas mais atraentes a oferecer do que os missionários ibéricos que ofereciam “só” a salvação de suas almas. Porém, não podemos virar as costas para os métodos de ensino, aos quais os asiáticos deram grandes contribuições, como o de música do professor Suzuki e outros desenvolvidos em escolas coreanas, os métodos de ensino de matemáticas Kumon e Singapura bem como a didática da educação física dos mestres de artes marciais. E no Islã? Não conheço a educação deles nem para simplesmente poder mencioná-la como fiz com os asiáticos; ficarei a dever-te! Mas voltemos e olhemos para o nosso próprio umbigo. Já é difícil aprenderes latim e grego antigo, se queres te aventurar no sânscrito e chinês antigo, boa sorte! Sim, pois as pessoas cultas da Índia e da China estudam estas línguas como tu deverias estudar *utramque linguam*.

Entre os Hebreus, há uma longa tradição dos escribas e mestres da lei que renderia mais parágrafos. Limitarei o assunto em lembrar que estes escribas e mestres da lei eram em sua maioria burocratas sendo poucos os dedicados às letras e a interpretação dos textos sagrados até o tempo da helenização de muitos judeus que passam a aplicar técnicas de interpretação das escrituras vindas de escolas gregas, principalmente das estóicas. Isso porque os gregos sabiam muito bem lidar com textos intrincados e repletos de lições para a formação moral e cultural, como os seus séculos de interpretações das epopeias homéricas demonstra. Quem não gostaria de ser forte como Aquiles, corajoso como Pátroclo, belo como Páris, inteligente como Odisseu, sábio como Nestor... É raso pensarmos que parasse por aí a educação que tinha a leitura e a discussão do Príncipe dos Poetas por base, já que estes textos desenvolveram a linguagem e a inteligência de um povo ao ponto de criarem a filosofia, que — verdade seja dita — não aboliu Homero e seus mitos, mas os elevou e enriqueceu.

Deus e a Natureza, a doutrina do cosmo e das coisas Divinas, é a própria filosofia. Pitágoras era um destes interessados nos deuses e no universo. Ele desenvolveu um plano de estudos em uma confraria secreta para o ensino do *ιερός λόγος*, a palavra sagrada, que era uma preparação do *μαθητής*, do aprendiz das coisas a serem aprendidas, *μαθήματα*. Estes alunos passavam anos ouvindo as lições de matemática em silêncio. Após este período, passavam às aulas de música que consistia na leitura e interpretação de poemas que eram memorizados e cantados. Mas estudar matemática e cantar histórias da carochinha não parece nos conduzir ao conhecimento das coisas divinas, não achas? Bem, eu não acho. Não acho, porque uma vez um professor de matemática ateu me perguntou se antes do Big Bang, a soma do quadrado dos catetos não era igual ao quadrado da hipotenusa; se antes de Pitágoras o seu teorema já era verdadeiro. Desconsertado, disse que sim, e para mim passou a fazer sentido o que as velhas liam na Missa sobre o Verbo que se fez carne e habitou entre nós. O Teorema de Pitágoras, como tantas outras coisas, é o movimento que tu ou Pitágoras fazem para adequar o intelecto às coisas como elas realmente são.

## Lição VI

*Meu aluno,*

Queres outra coisa além de adequar o teu intelecto às coisas como elas são? Não, não queres. Se vieste buscar estas lições é porque pretendes estudar, e estudar é buscar adequar o intelecto às coisas, e isto por sua vez é a verdade. Queres saber como começarás? Como Aristóteles começa:

*πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει.*

*Φύσει, natura;* pela tua própria natureza já és impelido a buscar a verdade, um transcendental; pela tua própria natureza já és, portanto, impelido a transcender. Quando vês duas pessoas cochichando à tua frente, não experimentas a curiosidade típica de qualquer ser humano?



Não queres saber do que falamos? Assim é porque és impelido a isso por tua própria natureza de animal racional. A razão impele o homem a buscar a verdade sobre si, sobre as coisas e sobre os demais homens. Buscando a verdade, transcendes a parte material de tua natureza e desenvolves desta a parte espiritual, anímica, psíquica ou como a quiseres chamar. Os outros animais não experimentam a curiosidade nem muito menos a vontade de saber, mas tu, sim, como todos os outros homens: πάντες ἄνθρωποι.

Todos os homens educados na Grécia antiga recebiam com diligência instruções em duas disciplinas durante a infância: música e ginástica. Educavam assim suas almas e seus corpos. Com a música, aprendia-se não só a cantar ou tocar um instrumento, mas também a falar, ler, escrever, calcular, e tantas outras coisas que pertencem à formação de um herói, de um homem exemplar. Um homem: músico e ginasta, alma e corpo amalgamados. O homem muda o seu entorno: da caça e da coleta para a agricultura e a vida nas cidades é uma mudança que exige novos conhecimentos, novas ações, novas fábricas. A reunião dos homens não é mais em torno duma fogueira, mas em templos, praças e teatros; não é mais necessário andar quilômetros, nadar ou subir em árvores para encontrar comida e o corpo começa a atrofiar (um perigo em tempos de guerra), criam-se os exercícios físicos, à imitação da atividade dos caçadores e coletores, cujo fim está no próprio corpo. Nas Olimpíadas, porém, lado a lado estão o lançamento de disco e o canto de rapsodos. Não há como, em vida, separar a alma do corpo; qualquer tentativa de fazê-lo — como tentaram gnósticos de todos os tempos — sempre fracassou. Fracassa ainda hoje: vemos entristecidos o fim que celebridades do show business e do esporte profissionalizado encontram; uma vida inteira pelo corpo em detrimento da alma, exercícios físicos inumanos e cirurgias plásticas para mascarar a velhice acompanhados de ruínas familiares e a necessidade de antidepressivos e outras drogas. Falta exercitar a alma, falta operar a imaginação, a inteligência e a vontade em longas e dolorosas cirurgias, falta embriagar-se e extasiar-se, mas com a água viva que mata a sede para sempre.

A educação é este exercício, esta cirurgia e, por fim, este êxtase, mas

muito por fim. *Exercitus* vem justamente do verbo *exercitare*, um verbo frequentativo que vem de *exercere*. Verbos frequentativos expressam uma repetição: exercitar é exercer várias e várias vezes, assim como dormir é dormir, acordar e dormir de novo várias vezes. Afinal, o tempo que os soldados estão em combate é muito breve se comparado com o tempo que eles ficam a treinar, a exercitar o combate como que de brincadeira, como um jogo, um teatro. Vejamos hoje mesmo: a existência dos exércitos nacionais constantemente a treinar é um elemento importante para que se mantenha a soberania territorial de uma nação. Se os exércitos não demonstrarem — de forma jocosa, teatral e, por que não dizer, ociosa — o seu preparo e o seu poder, qualquer maluco chefe de estado se sentiria encorajado a sobrepor-se a uma nação sem homens que exercitem, que prevejam, que sejam prudentes em saber como seria em caso de invasão. Com a educação é a mesmíssima coisa. Educamo-nos na poesia ao lermos sobre vidas humanas imaginadas ou reais, e isso é exercitar-se em viver a própria vida. É esta educação literária, a educação dos gregos que liam Homero e Hesíodo, iam ao teatro, cantavam nas Olimpíadas, como Píndaro. Desenvolver a prudência, saber prever o que pode acontecer na tua própria vida na próxima hora, na próxima semana, no próximo ano e depois da morte.

Um militar, pedagogo, desportista e escritor da primeira metade do séc. XX, Robert Baden Powell, deu como lema aos milhares de jovens que o seguiram por todo o globo: *be prepared!* No Brasil, traduzimos como *sempre alerta*; também não está mal. No caso dos escoteiros, esta preparação focava em um aspecto específico da vida, em uma preparação para enfrentar as adversidades materiais mais básicas como comer e dormir. Numa sociedade já industrializada, faz-se necessário que experimentemos a falta de confortos para que estejamos preparados para sermos homens. E como ser homem? Sendo, mas também conhecendo, agindo e fazendo.

Toda existência humana se encaixa em uma destas três esferas concêntricas: ser, conhecer, agir. O que somos? Animais racionais. Por quê? Porque conhecemos as coisas e por isso agimos e fazemos, transformamos a natureza a partir deste conhecimento, o que por sua

vez amplia nosso conhecimento e aprimora o nosso ser. O homem é assim, ele existe, conhece e age, e só o é pelo uso de certas potências da sua própria alma: a inteligência, a imaginação e a vontade. O homem também tem potências físicas, mas só se atualizam quando submetidas às potências espirituais. Estas potências são a imaginação, a inteligência e a vontade. Santo Inácio de Loyola, um militar acostumado a exercícios, bem percebeu isto quando desenvolveu seus exercícios espirituais, a ideia ali é que o exercitante atualize estas potências na leitura, meditação e contemplação da pessoa de Jesus Cristo. Há aquele paradoxo do qual Chesterton tão bem fala: os santos, por muito buscarem imitar a Cristo em tudo, acabam por ser únicos, uns diferentes dos outros, cada um com sua própria personalidade, enquanto todos aqueles que buscam ser fiéis a si mesmos acabam por tornar-se iguais a todos os outros.

Santo Inácio é um exemplo bem visível disto. Um soldado ferido em batalha e sem perspectiva de poder voltar aos seus deveres quis ler histórias de cavalaria. Quem esperaria outra coisa de um homem de ação! Frustrou-se, pois na casa em que convalescia só havia livros piedosos sobre as vidas dos santos. O que um soldado quer lendo vida de gente que nada faz além de ficar em silêncio? Mas Iñigo leu os livros, viu que a ação é própria de qualquer homem, mesmo São Francisco e São Domingos, mas é uma ação que começa dentro, é o conhecimento, a ação de uma vida interior e a vida prática, a vida exterior só é boa, bela e verdadeira se for um transbordamento deste interior que se encheu. Iñigo tornou-se *Ignatius* porque os seus negócios no mundo, as batalhas que passou a travar desde então, refletiam as batalhas travadas no ócio, na sua vida interior, na sua imaginação, vontade e inteligência.

Pitágoras é de grande importância para entendermos aquele abismo que eu disse existir entre a educação *negotiosa* e outra *otiosa*, pois ele é, ao que tudo indica, o primeiro a perceber nos estudos um valor em si. Seus alunos estudavam geometria e aritmética não para serem agrimensores ou comerciantes, mas porque eram livres e dispunham de tempo e espaço livres para isso. Pitágoras desenvolveu um meio termo entre a especulação teológica e mística das coisas divinas e os estudos voltados à vida prática; ele preserva os do primeiro mas propõe os meios

de segundo para chegar nestes fins.

É importante que estudes História. Se te sentes chamado aos deveres do ensino, é importantíssimo que estudes a História da Educação. Hoje, a História é uma ciência acadêmica; na faculdade de história ensinam-se as metodologias de pesquisa e escrita dos acontecimentos nas sociedades humanas. Esta faculdade, entretanto, pressuporia uma educação como a que estamos propondo; uma educação clássica, desvinculada do tempo e do espaço. Explico-me.

Reza a tese do melhor historiador da educação que já tivemos, Henri-Iréné Marrou: o que chamamos de Educação Clássica começa com Isócrates, ateniense, professor de Retórica, contemporâneo de Platão e Aristóteles. Temos hoje a tendência de ver a gênese do pensamento ocidental nestes dois últimos e esquecemos que a pedagogia de Isócrates foi a que mais influenciou, consciente ou inconscientemente, professores romanos que serviram de modelo às escolas cristãs de cultura latina. Militares como César, políticos como Cícero, poetas como Ovídio e arquitetos como Vitruvius tiveram uma educação isocrática e não platônica ou aristotélica. Isócrates advogou uma educação mais prática e aplicável a curto prazo. Ele fez questão de ser chamado de filósofo porque cultivava e ensinava o amor pela sabedoria, mas subjugava esta disciplina à Retórica que é tão necessária à organização da sociedade. Ora, não são todos os chamados a organizar a sociedade, mas só os homens livres, não os escravos, nem estrangeiros, nem ninguém que não tenha condições de participar dos debates públicos. Para isso, é necessário cultivar os mesmos símbolos, a mesma língua, as mesmas leis e as mesmas instituições já estabelecidas; é necessário ter a mesma cultura. A língua, porém, é o principal, quem não fala grego, mas um blá-blá-blá qualquer, é um bárbaro, não é um grego, não pode participar da coisa pública.

É aporinhante referirmo-nos sempre à etimologia; não há, contudo, outra maneira de iniciarmos os estudos em qualquer província do conhecimento sem conhecermos os vocábulos que simbolizam as realidades estudadas; isto faz parte do início dos estudos, faz parte

da Arte Gramática e faço aqui no início dos teus estudos de Artes Liberais. Além de liberal, podemos chamar esta educação de clássica. Aulo Gélio já diz vir *clássico* das *classes* em que os cidadãos romanos estavam distribuídos de acordo com seu patrimônio, mas na verdade, *clássico* designava só os mais ricos, os de *primeira classe*. O adjetivo *clássico* sofre depois um salto abstrativo e é usado, por analogia, para obras literárias de alto valor e não de um tempo específico chamado *período clássico* como foi posteriormente feito e ainda o é até hoje. Noutra lugar, Gélio fala dos autores clássicos, assíduos e não proletários! Assíduo é aquele que conquista e mantém sua cidadania pelo pagamento numerário, em dinheiro, em *asses*; proletário aquele que com sua prole contribui para o sustento da coisa pública. Portanto, um autor clássico é assíduo porque contribuiu e contribui até hoje, enquanto um autor não clássico é um proletário das letras, dão aquilo que de mais imediato há, são os jornalistas e escrevedores de internet, os palpiteiros. Com a Educação, passa-se o mesmo. Um pedagogo, uma metodologia ou uma fundamentação filosófica da educação só é clássica quando é imortal, quando está desligada do espaço e do tempo e pode formar qualquer homem de qualquer época em qualquer canto do globo. Tudo que for demasiadamente local e temporal, pode até ter sua utilidade, assim como a literatura não clássica, mas não é a ela que dedico estas lições.

Uma educação que não é local e temporal, chamamos também de universal: *καθολική*. A Educação católica não consiste em aspergir água benta em qualquer currículo. Tampouco em enfiar uma hora de doutrina religiosa no meio das outras matérias. Muito menos é achar que professores só por serem católicos já resolveriam o problema. Os métodos e conteúdos até podem variar, mas é importante que o fim de tudo seja o conhecimento de Deus através das realidades do mundo. Não sabemos nada de Deus senão por analogia. Portanto, se estudas línguas, matemáticas, filosofia, etc, é para que tenhas cada vez mais instrumentos para a compreensão do Logos Divino; para que possas amá-IO cada vez mais. Afinal, ninguém ama o que não conhece. É claro que esse conhecimento varia bastante de pessoa para pessoa. Não é exigido que tenhas a cultura do Papa Bento XVI ou do Hans Urs

von Balthasar. Saber o quanto precisas estudar e que matérias é uma questão de discernimento vocacional como qualquer outra. Mas saibas que qualquer província do conhecimento cujo fim for a Verdade é um caminho de conhecimento do próprio Deus; por isso digo Educação Católica.

## Lição VII

*Meu aluno,*

A ideia de pertença a uma cultura amalgamada com o sangue ou com a terra — uma ideia que Isócrates combateu — é achada, por exemplo, no Povo de Deus. Quem é hebreu senão aquele que nasceu de um ventre hebreu e foi circuncidado como sinal da aliança? Falar hebraico não faz de ninguém um hebreu, mesmo porque esta língua tornara-se, ainda na antiguidade, aquilo que chamamos de língua morta. Porém, as coisas estavam para serem feitas novas; encarnou-se o Verbo que faz novas todas as coisas. E um apóstolo do Verbo, um cidadão romano e hebreu, disse, em grego, ser devedor tanto de bárbaros quanto de helênicos e que estava disposto a ensinar quem estivesse em Roma, primeiro o judeu e depois o grego. E assim as coisas foram sendo feitas novas, o apostolado foi crescendo. Reuniram-se para estudar as mais diversas gentes das mais diversas procedências e culturas. Primeiro, gregos pagãos e hebreus bárbaros, depois bárbaros e pagãos do mundo todo. Pela primeira vez na história humana, foi preciso aprender a falar uma língua totalmente deslocada da própria cultura, como era o latim para um germânico ou o grego para um eslavo. Mas um dom pentecostal parece ter sido dado até a celtas e anglo-saxões insulares, que por sua vez precisaram fazer a viagem de volta e ensinar latim a quem vivia na terra onde esta língua nascera e se desenvolvera, algo parecido com o que aconteceu com a formação do Estado moderno de Israel, que chamou filólogos do norte da Europa para ensinarem a língua oficial do novo país.

Se é vital para a Igreja usar uma língua morta para os seus ensinamentos,

por que não o é para a educação? Há um provincianismo que aparece quando as nações já têm uma vasta cultura na qual os sujeitos conseguem tratar de todos os temas importantes sem precisar recorrer a autores de fora. Já vivi isso na pele: a única coisa que pode dar um rumo à conversa com um alemão, um americano, um francês ou um italiano culto é a cultura clássica antiga, e mesmo assim, eles são apegados aos intérpretes nacionais. Este é o mal de tratar temas universais em línguas modernas. Na Alemanha, França, Inglaterra ou EUA, por exemplo, brota uma aversão ao que foi produzido em outra língua a menos que tenha sido traduzido — o que é o mesmo que ser interpretado — por um patricio. Rezo e trabalho pela cultura do Brasil; oxalá tenhamos tudo produzido em solo nacional! Mas espero que nunca nos fixemos em olhar tudo com as próprias lentes. Deus nos livre deste mal ao dar-nos forças para recuperarmos a universalidade que fundou nossa cultura com os jesuítas que se usavam do latim como instrumento para dizer o que interessava a todos e não só aos brasileiros. Os temas clássicos unem a todos. A todos mesmo: se conversares com um chinês minimamente erudito, começa perguntando por lendas antigas e apresenta uns paralelos que possas encontrar com a mitologia clássica e verás o quanto a conversa flui!

É certo que, mesmo no ocidente, há estranheza quando te deparas com a antiguidade por mais que seja a tua antiguidade. Nos dias de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a terra, como em toda a antiguidade, ninguém ficou admirado ao vê-lo como um professor andando por aí a ensinar seus alunos, pois assim aconteciam as aulas *illo tempore*. Também havia aquelas confrarias secretas como a de Pitágoras, mas não foram estas que mais êxito tiveram. Nas regiões de cultura grega, havia séculos que professores ensinavam ao ar livre a quem quisesse aprender qualquer coisa. Sócrates foi um dentre tantos educadores a fazer isso, e marcou para sempre a história já que teve a graça de contar com um gênio entre seus alunos, o jovem Platão, que, por sua vez, contou com outro gênio entre seus alunos, um estrangeiro em Atenas, Aristóteles de Estagira. O interesse destes homens era a filosofia cuja história se confunde com a da educação; parece estar gravado na alma do homem o dever de ensinar aquilo que se sabe e a certeza de que ensinar é a melhor forma de

aprender; parodiando Descartes, podemos dizer que aprendemos porque ensinamos: *doceo ergo disco*, eu ensino, logo aprendo, ou mesmo *dico ergo disco*, eu aprendo porque falo, aprendo enquanto digo. Temos notícias de sábios que não ensinaram? Seria um contrassenso se tivéssemos, já que ninguém ficaria sabendo que eram sábios se não ensinaram.

Ao leres qualquer diálogo de Platão, percebes que, independente do assunto tratado, trata-se ali de educação para um de seus mais nobres fins que é a formação moral. Platão lutou contra a degeneração pedagógica advinda de uma vontade de adquirir pura erudição, uma vontade de encher-se de informações sobre qualquer coisa que brota nos corações. Na República, propõe algo parecido com o currículo pitagórico porém mais aperfeiçoado. Tudo começa com música e ginástica. Com estas práticas, o aluno constrói uma personalidade bela e boa. Após isso, o aluno é iniciado nos estudos matemáticos, isto é, aritmética, geometria, astronomia e música, que desenvolvem no aluno a capacidade de reflexão, e que possibilitam ao estudante progredir a partir dos sentidos até a abstração intelectual. Platão demonstra isso com sua teoria dos números, das formas, dos movimentos dos corpos e dos sons musicais. Mas tudo não passa de uma preparação para o mais alto objetivo: o estudo da filosofia que aqui também é chamada simplesmente de Dialética. Não é a Dialética em seu sentido usual, mas a ciência das coisas eternas, a ciência das coisas do alto, das coisas do céu, pois as coisas do chão são só um reflexo imperfeito das coisas do céu. Há também, no livro VII da República, um aspecto que nos interessa bastante nestes estudos: a contraposição dos adjetivos λογικός e βαναυσικός, com os quais Platão contrapõe as artes da linguagem e do raciocínio, próprias dos homens livres, e as artes manuais e mesmo belas, próprias dos escravos. Só aquelas levam o homem a contemplar o bem, a beleza e a verdade, só aquelas fazem o homem transcender. Este desprezo pelo material só muda quando o próprio λόγος se materializa, só muda com o cristianismo.

E Aristóteles? Como deixá-lo praticamente de fora desta nossa lição? Tudo o que temos de Aristóteles é pura pedagogia. Não sobreviveram os textos de divulgação, sobreviveram anotações de aulas. Ele tratou



de estabelecer critérios seguros para os estudos da linguagem nos seus cursos de introdução *De Interpretatione* e *De Praedicamentis*. Dá os fundamentos da literatura de imaginação em seu *De Poetica*, consegue tratar filosoficamente e elevar a arte dos sofistas em seu *De Rhetorica*, estabelece os princípios da dialética e da lógica nos *Tópicos* e nos dois *Analíticos*. Na minha visão, Aristóteles já resolvera a questão da educação ao tratar a linguagem com o mais alto nível que a especulação filosófica pode almejar. Infelizmente, parece que só na idade média isto foi entendido, se é que o foi até hoje... não vem ao caso! Vês como as discussões pedagógicas fazem parte das discussões sobre a cultura inteira? É difícil ater-se ao tema!

Pode parecer estranho, mas Atenas recebeu este nome em honra à deusa da sabedoria antes de ali haver sábios; foi como que uma profecia, ou, pelo menos, serviu de monumento para que seus cidadãos fizessem jus ao nome de sua pátria. Esta cidade minúscula de Platão e Aristóteles, é também a cidade de Isócrates. Conheces a batalha que Platão travou com os sofistas, aqueles fanfarrões que prometiam ensinar a convencer os outros de qualquer assunto. Por meio de diálogos, em que Sócrates enfrenta aqueles professores de oratória pública, Platão repreende a Arte Retórica por principalmente dois motivos: primeiro, por sua superficialidade intelectual: os oradores falavam de justiça, mas não podiam definir o que significava. Em segundo lugar, por seu desvio moral: os oradores perverteram suas habilidades na arte da persuasão ao estarem dispostos a ensinar seus alunos a argumentar em ambos os lados de uma questão moral; vencer o debate era o mais importante. Platão fazia os sofistas parecerem charlatões e picaretas. Ele pode ter vencido os sofistas na argumentação filosófica, mas foram os sofistas que, através de seu mais eminente pensador e seus seguidores, venceram a batalha para educar a Grécia a partir do sec. IV e, posteriormente, os mundos helenístico e romano.

Voltarei um pouco no tempo para falar mais de Retórica, pois ela foi quase um sinônimo de educação para muitos. Após as guerras médicas, a educação havia se desenvolvido em torno da língua de uma forma nunca antes vista. A partir do ensino da leitura e da escrita, originou-se

uma Retórica, que chamaríamos hoje (sem errarmos muito) de teoria da linguagem. Esta arte foi combinada com a Dialética, um jogo de fazer perguntas “sim ou não”, a técnica do discurso alternado ou dos prós e contras. Esta mudança foi trazida pelos sofistas, particularmente por Górgias, mas já havia uma tradição que o precedera.

Apesar de não chegarem a nós os seus escritos, os primeiros oradores mais famosos foram Orfeu, Museu, Lino e Anfião. Mas Homero também menciona Fênix que teria ensinado Aquiles não só a falar bem, como também a comportar-se moralmente. Estes não teriam escrito nada, só falado! O escritor mais antigo de que temos notícia é Córax, mestre de Tísias que por sua vez foi mestre de Górgias. Houve também Empédocles, médico, filósofo, orador e poeta, foi grande estudioso e muito imitador de Homero; aquele transferia muito das imagens deste à prosa. Mas vamos a Górgias, pois é um personagem central aqui. Enviado a pedir socorro aos Atenienses por conta de uma guerra em sua nação, Górgias impressionou-os tanto que foi ali retido para que ensinasse sua arte. E muitos que haviam até então se dedicado à Filosofia, passaram à sua escola. Por isso escreveu-se um célebre diálogo com o nome daquele orador, o que separou a Retórica da Filosofia de Platão até séculos mais tarde, quando um professor de Retórica se tornaria o filósofo que talvez mais tenha entendido Platão. Segundo Plutarco, o mais célebre discípulo de Górgias foi Isócrates, que ensinava diversas matérias e que escreveu um livro que existia até os tempos de Quintiliano. Ele viveu muito e, na velhice, só se preocupava em encher os discursos de floreios, o que fez Aristóteles passar a estudar a matéria para refutá-lo e parafrasear Sófocles em Filoctetes: *Se Isócrates fala, calar-me é feio!* Estavam então reunidas novamente a retórica e a filosofia, mas Platão já estava morto e seus discípulos não davam muitos ouvidos ao colega. O maior discípulo de Aristóteles nesta matéria foi Tirtamo, que pela eloquência foi chamado de Orador Divino, Θεόφραστος. Entre os discípulos de Isócrates, destacou-se Iseo, que foi professor do maior dos oradores gregos, Demóstenes.

Os oradores cultivaram com empenho a gramática, a retórica e a arte das discussões. Mas, enquanto Platão formulou o ideal pedagógico

da filosofia como a meta dos estudos, seu contemporâneo Isócrates atraía para Atenas multidões de alunos, aos quais ensinava os segredos das palavras e da retórica voltada à política. Desse modo, surgiram os dois modelos da formação escolar: de um lado, o ideal platônico que reduz todas as disciplinas literárias e científicas a simples estudos proemiais à filosofia e, do outro lado, o ideal isocrático, de acordo com o qual o importante era dar aos jovens boa formação literária, ensinando-lhes a bem falar, exprimir-se com clareza e a comunicar-se com os ouvintes por meio de palavras adequadas e de belas expressões. Isócrates era contemporâneo mais jovem de Sócrates e ficou impressionado com as críticas que Platão fez contra seus pares. Então reforma consideravelmente a tradição dos sofistas para tentar torná-la intelectual e moralmente respeitável. Reconheceu claramente o abismo que separava sua sabedoria da de Platão, para não falar do abismo ainda maior que a separaria de Aristóteles, que não se distanciava tanto assim de seus propósitos. Isócrates e seus discípulos consideraram impraticável e quase ridícula a educação que Platão imaginava, pois exigia a maior parte dos anos da vida de um homem e também isolava o estudante das preocupações úteis e urgentes. Platão queria intelectuais encastelados e não os homens de ação que a sociedade exigia. O tipo de aprendizado que Aristóteles mais tarde buscou com sua filosofia do discurso humano e sua cosmologia, isto é, o que chamaríamos de ciências da física, astronomia, zoologia e assim por diante, foi ainda mais distante da vida na pólis por não lidar com questões humanas. Se Platão e Aristóteles subordinaram o discurso à verdade, Isócrates subordinou a verdade à fala, o que distingue os seres humanos dos animais. Mas para que serve a fala? Para transmitir ideais nobres e edificantes. O objetivo da educação era produzir homens eloquentes e moralmente eficazes.

Podemos tomar como exemplo semelhante o que, no séc. XIX, os educadores nos Estados Unidos e na Inglaterra construíram. Aqueles buscando a formação de cidadãos preparados para exercer o comando de uma democracia moderna, e estes para tornarem-se perfeitos cavalheiros. Ambos seriam, como em Isócrates, pessoas que diziam o que queriam dizer. *To be able to say what one want to say* — isto é, as palavras devem

transmitir com precisão os pensamentos e a educação é a formação de homens de integridade moral que mantinham suas palavras. A tal objetivo chega-se pelo estudo diligente da literatura clássica, pois, através desse estudo, os alunos adquirem um estilo eloquente de falar e, igualmente importante, são inspirados nos exemplos de comportamento virtuoso e até heróico que encontrariam nos melhores autores. Através desse estudo, eles adquirem especialmente uma prudência prática nos assuntos humanos, uma sabedoria que os capacitaria a influenciar outros — para o bem — nos tribunais, nos senados e nas antecâmaras do poder; seriam aquilo que nós chamamos de “líderes”. O currículo em si, centrado nos clássicos literários gregos e romanos, poderia ser dominado em um tempo relativamente curto para que o jovem pudesse ser enviado à sociedade para desempenhar seu papel quando estava no final da adolescência. A retórica, a arte de falar de forma persuasiva, a arte necessária para um homem comprometido com a vida pública, tornou-se a disciplina central do currículo. Assim, foi criado dentro de uma ou duas gerações o desenho básico da tradição educacional clássica e liberal nas nações anglo-saxãs modernas. Nada mais do que seguir a tradição começada mais de dois mil anos antes.

Um discípulo de Aristóteles dominou o mundo pelas armas, e esta tal vida pública já quase não existia mais, isto é, as decisões mais importantes vinham das mais altas instâncias do poder em forma de decretos. Para que estar preparado para a vida pública? Começa uma nova fase que denominamos de helenismo, grecismo para os incautos, ou período Alexandrino pelo nome deste discípulo de Aristóteles que batizou também uma das cidades mais incríveis que o mundo já viu: Alexandria. Estamos nos anos finais do quarto século antes de Cristo, os ideais pedagógicos de Isócrates parecem não fazer mais sentido na prática. Mas quem disse que precisam ter um sentido prático? Tanto estes ideais quanto as práticas continuam a ser cultivados como se cultivava um campo mesmo no inverno, *cultus otiosus*, uma educação mais escolástica.

Podemos dizer que aqui todas as disciplinas chegam a um patamar que jamais será visto de novo. A filosofia não. Depois de Platão

e Aristóteles nada viu-se de muito novo sob o sol. Agora era a hora de preparar os homens primeiro a entenderem o que os dois mestres ensinaram em Atenas. Para isso, tudo precisa ser recolhido, bibliotecas precisam ser erguidas, todas as disciplinas devem ser constantemente revisadas e materiais didáticos precisam ser escritos. A Gramática ganha novos mestres, não só da correção linguística, mas também da Arte Poética com a exegese dos autores clássicos, e se assume como o início de todos os estudos. A língua grega torna-se κοινή, comum a todos; não foi superada nem mesmo pela língua de seus conquistadores romanos. Desde então, ninguém mais começaria a aprender nada sem ter lido os clássicos e ser capaz de imitá-los. É com esta tradição gramatical, muito devedora de uma linha mais isocrática de ensino, que Filão, o Judeu, explicará o antigo testamento em grego na versão *septuaginta* sob forte influência das interpretações dos mitos que os estóicos cultivavam. Abre-se assim o caminho para que também os primeiros professores cristãos em Alexandria, Orígenes e Clemente, iniciem uma teologia eruditíssima. A Retórica desenvolve-se dentro do estilo epistolar e aguarda os incansáveis correspondentes cristãos de todos os tempos. A Dialética e a Lógica fazem de Aristóteles o pai da inteligência que esperará pacientemente seus filhos mais talentosos chegarem atrasados a partir dos séculos XII e XIII. Os estudos matemáticos preservaram sua ordem platônica, mas sempre a tentar resolver questões das mais diversas ordens que surgiram com os pré-socráticos, os pitagóricos, passando por Eudoxo. Realmente, se os estudos da matemática eram o pré-requisito para a dialética platônica, para a ciência das coisas divinas, no período helenístico, o dever de casa foi feito. Alguém duvidaria da seriedade do trabalho de Euclides, Arquimedes, Nicomaco de Gerasa, Ptolomeu e tantos outros?

## Lição VIII

*Meu aluno,*

Foi também neste tempo que um povo visto até então como bárbaro — por mais que em Alexandria se cultivasse a hipótese de o latim ser só mais um entre tantos dialetos helênicos — se sobrepõe aos sucessores de Alexandre neste mundo grego. São vencidos, porém, pela cultura dos dominados. Ou não, já que a maleabilidade das tradições que traziam consigo da Itália era sua própria cultura; não há vitória quando se vence sem luta. A influência ou, se preferires dizer, a absorção do helenismo pelos romanos é impressionante e aconteceu por diversos meios. A notícia de um dos primeiros contatos que os romanos tiveram, por exemplo, com a Arte Retórica ilustra isso um pouco.

Os atenienses haviam enviado Carnéades aos romanos como embaixador, ele impressionou a todos com seus dons para falar. Catão, o Censor, como homem de gênio e prudência, fez com que logo o orador fosse mandado de volta, pois tanta eloquência poderia esfriar os desejos de glória militar. Catão sabia, por ser ele mesmo um estudioso das palavras, do perigo que o estudo destas “artes gregas” nas mãos erradas poderia representar. Em vão! Seu bisneto, Catão, o Jovem, sogro de Bruto, contemporâneo de Cícero e Júlio César e sacerdote de Apolo, já era um romano estoico e helenizado.

É inegável a influência grega na literatura romana de um Plauto, um Ênio ou mesmo um Catulo. Na educação, a mesma coisa: multiplicaram-se as obras dedicadas ao ensino que formavam o currículo escolar preparatório para os estudos superiores; em Roma, principalmente o Direito. Começando por Marco Terêncio Varrão, que à imitação de obras gregas, compôs seus *Libri IX Disciplinarum*: Gramática, Retórica, Dialética, Geometria, Aritmética, Astronomia, Música, Medicina e Arquitetura. Precisaria me alongar para explicar o porquê de a Medicina e a Arquitetura estarem inseridas aí. Por hora, deixo-te com um arquiteto para que te responda: “Os tolos podem ficar admirados pelo fato de que tão diversas coisas podem ser memorizadas, mas assim que entenderem

que todos os ramos da aprendizagem possuem uma real conexão e uma relação entre si, a substância será mais fácil de ser entendida; a verdadeira ciência é composta de ciências especiais tal como um corpo é composto de diversos membros, e aqueles que desde sua mais tenra idade têm sido instruídos em variadas províncias do conhecimento reconhecem nelas os mesmos fundamentos em suas relações e compreendem tudo muito facilmente”. Isto disse Vitruvius uma geração após Cícero, o maior expoente do ideal pedagógico de Isócrates e responsável por transmiti-lo aos cristãos latinos.

Assim como Júlio César e tantos outros jovens de famílias abastadas de Roma, Cícero estudou na Grécia, escrevia e falava grego fluentemente e era versado em diferentes escolas de filosofia. Ele é responsável por dar ao latim a força expressiva necessária para tratar de grandes temas filosóficos e teológicos. Em Roma, a Gramática e a Retórica sempre tiveram mais importância que as demais artes. Cícero as comparava com a agricultura: as letras cultivam a alma como o agricultor cultiva o solo. E falar de cultura era quase como falar de eloquência que, por sua vez, não consta somente do domínio da palavra falada, mas também num conhecimento múltiplo das coisas. Se a matéria da eloquência é tudo o que existe, tudo deve ser estudado. Em seu “*Institutiones Oratoriae*”, Quintiliano, o principal modelo de professor a partir de então, começa seu curso ensinando latim e grego, *Grammaticam utriusque linguae*; passa à Matemática e à Música, e por fim à Retórica.

Neste tempo, a Retórica é sinônimo de educação! Ela abrange a elocução e a literatura, mas também pedagogia, pois, na concepção de Quintiliano, o retórico deve ser versado em Dialética e Lógica para poder ensinar. Vês como é o ideal pedagógico de Isócrates, e não o de Platão, que aos poucos assumiu formas institucionais no mundo antigo e produziu Cícero e Quintiliano, assim como os santos Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e Gregório Magno? Cícero resumiu o amplo ideal moral desta tradição em uma linha em *De officiis*, que os professores adoram citar: *Non nobis solum nati sumus*, não nascemos só para nós, não nascemos sozinhos. Isto resumia o que os gregos chamavam de παιδεία e que Cícero traduziu por *humanitas*. Quem é o porta voz desta

humanidade, quem pode ensiná-la? Quando vemos uma pessoa boa, dizemos que ela é bastante humana. Bastante porque humanos somos todos, mas ser bom é ser muito humano. Mas ser bom não significa poder ensinar; para isto é preciso saber falar. *Vir bonus dicendi peritus*. Este é o fim da educação, isto é cultivar a alma. A alma é o que nos faz humanos, e ser bom é ser bem humano. Essa combinação de probidade, eloquência e compromisso com a humanidade seria o ideal inabalável da educação clássica ao longo dos séculos, e que nós cristãos abraçamos porque encontramos nele a melhor ferramenta para obedecer São Paulo, que nos mandou sermos capazes de dar as razões de nossa Fé.

Em Sêneca vemos uma concepção do que seriam os *studia liberalia*. São aquelas artes que não devemos estudar, mas tê-las estudado. Sêneca possui um genuíno desprezo pelas Artes Liberais. É genuíno porque ele está falando da vocação aos mais altos estudos, a mais rebuscada formação de um homem. É um desprezo da mesma forma que deves desprezar a infância. Sim, ninguém vem ao mundo para ser criança. A infância é necessária e bela, deve ser bem vivida sem atropelos, porém, é constante a ânsia em crescer e deixar de ser criança. Não fosse assim, as brincadeiras não consistiriam em imitar mães, babás, policiais, médicos, sacerdotes, soldados, bombeiros e até mesmo lixeiros. Ao olhar para cada um destes profissionais, a criança vê algo a ser imitado, buscado, algo já pronto e que ela ainda não consegue exercer com plenitude. A criança é feliz enquanto realizar este jogo mimético, esta imitação. Ora, parece que as escolas já são um fim em si mesmas, é difícil para os alunos perceberem que eles estão ali para imitarem os adultos. A única salvação vem àqueles que se sentem chamados à docência, pois estes têm nos professores um modelo. Todavia, no que as atividades escolares se parecem com um jogo de imitar? É raro na escola o espaço onde os alunos possam brincar de advogado ou de juiz, de sacerdote ou de monge, de engenheiro ou de arquiteto, de músico ou de pintor. É raro, quando não inexistente, mesmo em escolas cujo único fim estabelecido é a preparação para a vida profissional. É de Sêneca o adágio: *non scholae, sed vitae discimus*. Não queremos ir às aulas para irmos às aulas! Ninguém pode dizer ter vocação para ser aluno e nem mesmo estudante.



A vocação pode ser ao ensino, à saúde, à justiça, à realização de grandes obras materiais ou espirituais, mas nunca aos estudos. Por mais que passemos a vida inteira estudando, o estudo é sempre um meio, nunca um fim. Ler um diálogo de Platão ou resolver problemas de aritmética são meios, extrair triângulos com compasso e régua é um meio, decorar uma poesia é um meio, os fins são sempre bem variados, mas os meios são quase sempre os mesmos, porém, somente quando há *ludus*: jogo, quando há *σχολή*: ócio.

Lúdico vem do latim *ludus, ludi*, que pode significar basicamente duas coisas: jogo, brincadeira, diversão, e isto é bastante evidente mesmo para quem não sabe latim, e também, pasmem, escola. Sim, os romanos não tinham duas palavras para dizer brincadeira e escola. Os gregos, por sua vez, não tinham duas palavras para dizer ócio e aula ou lição: *σχολή*. Assistir uma aula não é um negócio, *negotium*, de *nec otium*, mas sim ócio. Não é vagabundagem, é um momento em que o aluno trabalha suas dimensões interiores, enquanto os negócios são sempre coisas exteriores.

Sem querer apagar as acepções correntes das palavras jogo, lúdico, escola e ócio, apropria-te destas informações que dão as origens destas palavras. Faz um esforço imaginativo e junta numa só as ideias ócio, lúdico, escola, jogo, vida interior, etc. É disso que estou falando, é isso que a tradição nos ensina. Portanto, quando um pai ou um professor propõe um jogo pedagógico, nada mais está fazendo do que seguir uma tradição milenar. Agora, quando um professor, por querer aplicar-se a uma didática lúdica, acaba somente por bancar o palhaço, ele acaba por perder a gravidade que lhe é devida, acaba por desvirtuar os seus propósitos.

Esta tradição ociosa, que vemos surgir na Grécia e ser absorvida por romanos, forma gregos como São Basílio e romanos como Santo Ambrósio. O mundo começou a se dividir nesta época, o grego deixou aos poucos de ser estudado no ocidente: Santo Agostinho já reclama da dificuldade que teve para aprender grego por não ter um ambiente com bons falantes nem mesmo do grego comum. São Jerônimo traduz e explica as escrituras em latim; nem mesmo para ler a Bíblia o estudo

do grego é importante desde então. A própria liturgia passa a ser latina nesta época. Em Bizâncio, há o crescimento de uma instituição que hoje é conhecida como universidade, mas que para nós é irrelevante já que a universidade no ocidente é muito posterior e fundada sobre outros princípios.

Um notável professor de retórica, o mais resplandecente fruto da tradição isocrática de educação e ao mesmo tempo profundamente influenciado pelo ideal filosófico platônico foi batizado por Santo Ambrósio, tornou-se amigo de São Jerônimo, trabalhou e rezou muito em meio a iminente queda do mundo em que vivia. Seu mundo cairia, mas não faz mal: esta cidade dos homens, a cidade dos negócios, a cidade aqui debaixo é assim mesmo; o que importa é a Cidade de Deus, que é uma cidade do ócio, a cidade lá de cima. Santo Agostinho é uma aliança cultural: a sua própria vida de estudos e oração, bem como as suas ações docentes e apostólicas podem ser vistas — para o que nos interessa em pedagogia — como o mais alto esforço ocioso de todos os tempos, um esforço para assimilar os ideais platônicos por cima da sua formação isocrática e de batizar tudo isso em nome da Santíssima Trindade. Santo Agostinho foi um homem, ele conheceu, agiu e fez: estudou e meditou o quanto podia, rezou para viver na Graça e aprimorou-se em todas as virtudes, ensinou a todos e continua a ensinar porque escreveu. Curiosamente (ou talvez nem tanto) escreveu livros para o ensino: *De Doctrina Christiana*, *De Magistro*, *De Musica*. Também lições de Trivium (talvez não tenha sido ele, mas isso só importa a filólogos acadêmicos): *De Grammatica*, *De Rhetorica*, *De Dialectica* e também um belo comentário às *Categoriae*. É possível que em meio a guerras e invasões, tantos e tão sérios negócios, alguém estivesse preocupado em ensinar o que é um símbolo, o que é a linguagem, no que consiste a harmonia, como usar bem o acusativo com infinitivo, onde se encaixa a *peroratio* no discurso epidítico, ou a diferença entre substância e acidente? Pelo visto, não só é possível mas também necessário. A cidade dos homens cairia, e com ela também escolas e bibliotecas. Sobrariam alguns manuscritos e o desejo de habitar na Cidade de Deus continuaria no coração de alguns homens. Há, entre estes que tanto desejaram, uma geração que merece

tua atenção, a geração do místico São Bento, do Papa São Gregório Magno, do filósofo Boécio e do político Cassiodoro. Antes deles, porém, contemporâneo de Santo Agostinho, está o último dos pagãos: Martianus Minneus Felix Capella.

Marciano Capella estabelece de uma vez por todas o currículo preparatório de Artes Liberais em seus IX livros monumentais *De nuptiis Philologiae cum Mercurio*. Por que as Artes são sete, nem mais nem menos? A pergunta é tão difícil de ser respondida quanto é impossível ouvirmos de um reitor uma justificativa aceitável para que os candidatos aos estudos jurídicos estudem modelos atômicos e citologia. Eu concordo que os futuros bacharéis estudem química e biologia, mas só saberia justificar minha posição com uma história do arco da velha, só poderia responder com um mito. Foi isto que este pagão fez, aquilo que os pagãos nos deram e que quase não somos mais capazes de fazer, já que uma história fantástica como o Nascimento, a Vida, a Morte e a Ressureição de Cristo é verdade histórica apesar de parecer um mito. Capella contou a história de um casamento como aquele de Peleu e Tétis ou como aquele de Caná, mas desta vez quem casou foi nada mais nada menos que Hermes — ou Mercúrio para os íntimos —, o porta-voz dos deuses. A noiva, nada mais nada menos também que a personificação de um tipo específico de amor. Não, não foi com Cupido nem com Vênus, nem com a personificação de Ágape ou da Caridade. O deus que carrega palavras (poderias dizer *Verbifer*) casou-se com o *amor ao verbo*, casou-se com *Philologia*.

Plotino, um daqueles frutos admiráveis do helenismo e veículo pelo qual Santo Agostinho muito entendeu o platonismo, dá-nos uma breve interpretação deste deus audível, Mercúrio, a quem humanos podem ouvir. Só ouvir? Não podem os humanos também vê-lo, tocá-lo, cheirá-lo e até saboreá-lo? Acho que Plotino diria que sim, pois Hermes é o próprio entendimento das coisas sensíveis, a razão inteligível, νοητός λόγος. É de se estranhar que alguém que ame o λόγος acabe se casando com ele? Não, num mito normalmente nada é de se estranhar. Mercúrio e Filologia foram feitos um para o outro: ele é um falador, um mensageiro, *nuntius*; ela é quem estabelece os modelos da inteligência, muito afeita

a leituras e madrugadas sobre os livros segundo o que dela diz Hera, a deusa casamenteira. Num casamento arranjado como este, não podemos deixar de pensar: por que a noiva do deus da razão não é a Filosofia, o amor pela sabedoria? Ao pensarmos, deixamos de pensar, já que sabedoria e razão são coisas distintas. A razão precede a sabedoria no tempo e é superada por esta com o decorrer do tempo. Primeiro razão, depois sabedoria. Primeiro a disciplina para domar a alma humana, depois a contemplação na arte. A Filosofia aparece no casamento, mas está quieta e apagada no seu cantinho como estivera desde a morte de Aristóteles. Sêneca entendeu bem isso: *quae philosophia fuit, facta philologia est*. Ela tentou dominar a cena com Santo Agostinho, mas voltou à coxia. Ela sempre esteve nos sonhos dos amantes da sabedoria, mas só consegue dar o seu texto com a renascença do séc. XII e a escolástica; só quando humildemente assume o papel de serva nesta grande comédia que é a história das ideias. Quem se humilhar, será exaltado, e a filosofia é sempre exaltada quando se põe em condição servil; quando é *Ancilla Theologiae*.

## Lição IX

*Meu aluno,*

A Filologia não é uma escrava no poema de Capella, ao contrário, é uma senhora de sete escravas, as Sete Artes ou Disciplinas Liberais. Ela domina sobre estas escravas que acompanham os homens no caminho que leva à razão. Como? Filologia não estava muito bela para o casamento, estava gorda, barriguda, até que vomita uma biblioteca e retorna à sua forma ideal, as escravas limpam o vômito da senhora, vão recolhendo os livros; agora elas têm com o que alimentar os homens pelo caminho. Lembra-te de quando eu disse que as artes são *liberales* por terem *libros* como instrumentos? No princípio eram as núpcias, o noivo estava junto a noiva, e a noiva era o noivo, por isso o homem deixará a sua casa e se juntará à mulher para que sejam um só. O casamento da razão com

a senhora de todas as disciplinas é o princípio, não é o fim. O noivo e a noiva se unem, tornam-se um só. O grande historiador da educação brasileiro e continuador da empresa começada por Marrou, Ruy Afonso da Costa Nunes, diz que na separação das Sete Artes Liberais em dois grupos estava o fundamento da divisão do ensino em letras e ciências. Há sim esta separação, mas não é um divórcio, é a separação das funções e deveres naturais do corpo e do espírito que cada um dos cônjuges assume no princípio da família para que se realize o fim do casamento. Na família de Mercúrio e Filologia, há servas que vieram como dote e que auxiliam o casal na educação dos filhos. Voltarei com esta metáfora do casamento mais tarde quando eu precisar falar dos tempos modernos.

Ora, não é somente esta bela história que Capella nos deixou: os seus nove livros contém sete manuais escolares, uma para cada disciplina, que serviram como material didático durante toda a Idade Média e inspiraram a escrita de outros a partir da próxima geração, a partir do tempo do magno reformador, o Papa Gregório I. Quanto a Filosofia, o nome de Boécio nunca pode ser esquecido em nossas ações de graças, já que o seu trabalho como tradutor só é superado em importância pelo de São Jerônimo. Durante a Idade Média, muito da filosofia grega, principalmente Aristóteles, poderia ter sido mais esquecida se Boécio não tivesse latinizado muito do vocabulário e traduzido e comentado alguns textos. Também seu tratado *De Musica* foi lido por séculos como referência máxima.

Entre Santo Agostinho, que vivera o início da queda do Império Romano, e o pontificado de São Gregório Magno, acontece o grande encontro da România, povos do sul latinizados, com a Germânia, a terra dos *diudisc*, daí *deutsche*, que guarda na etimologia um significado poético: povão que não fala latim. Dentre estes falantes de línguas germânicas ininteligíveis, estavam os chamados Godos, que dominaram as penínsulas itálica e ibérica transformando-as para sempre.

Na Itália, em meio a Ostrogodos, nasce São Bento, cuja vida interior, cujo ócio, transforma a Europa inteira. São os filhos espirituais de São Bento que irão evangelizar os povos do norte. É um filho seu, Gregório,

que uma vez Papa promoveu esta evangelização. É Santo Agostinho de Canterbury que evangelizou os anglos. É São Bonifácio o primeiro gramático das ilhas britânicas que se dedicou a ensinar latim e a cortar carvalhos sagrados entre os germânicos do continente. Este é o tempo em que começa o que chamamos de Idade Média, um tempo de trabalho duro e ócio, um tempo muito bem representado pelos filhos espirituais do autor do adágio máximo do dia-a-dia do cristão e que nós podemos entender como *Otium et Negotium*. São Bento usou dois verbos no imperativo: *Ora et Labora!*

O chamado Reino Ostrogodo, onde nascera o romano São Bento, foi governado por outro romano, que por algum tempo estivera em Constantinopla onde bebeu uma cultura antiga a partir de intelectuais de fala grega e muitos romanos que para lá fugiram. Ora, aprender com os gregos é o que temos para fazer nesta vida? É o que parece! Horácio nos lembra: *Grais ingenium, Grais dedit ore rotundo*. Há também especulações bíblicas sobre a vocação dos gregos para a inteligência, já que seriam descendentes de Javã, filho de Jafé e neto de Noé, responsável pela luz da inteligência. Mas isto é o de menos! Não precisas adentrar nessas questões por ora. Pensa apenas que a Grécia está para a história no ocidente como os teus pais e professores estão para tua história. Paraphraseando Goethe, exorto-te: estuda não apenas os contemporâneos e aqueles que têm tuas mesmas tendências, mas também os grandes homens do passado, cujas obras adquiriram há séculos um valor sempre igual e igual renome, obras que já saíram do tempo e do espaço, obras imortais. Estuda Dante, Camões, Shakespeare, Cervantes e Goethe, mas, antes de mais nada, estuda os antigos gregos, e sempre os gregos!

Goethe foi um funcionário público por muito tempo. Ao lado de Teodorico, está um funcionário, um conselheiro para diversos assuntos políticos, um dos maiores educadores da história: Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus. Ele é um fundador como São Bento, mas o seu Vivarium, mais que um mosteiro, é um modelo de escola que ainda pode te inspirar muito se quiseres tu fundar escolas. É um cristão devoto, político, historiador e professor, as suas *Institutiones divinarum et saecularium litterarum* e os sete livros *De artibus ac disciplinis liberalium*

*litterarum* percorreram os séculos nas escolas da Europa. Cassiodoro é um mestre de Artes Liberais com uma importância comparável apenas à de Capella.

O pagão Capella deu-nos as *nuptias*; deu-nos um mito que explica os fundamentos e a importância das Artes Liberais. Cassiodoro é cristão e busca o fundamento das disciplinas nas sagradas escrituras:

Ἡ σοφία ᾠκοδόμησεν ἑαυτῇ οἶκον καὶ ὑπήρεισεν στύλους ἑπτὰ  
*Sapientia aedificavit sibi domum, excidit columnas septem*  
(Prov. IX. 1).

As artes são o abrigo da sabedoria. Um abrigo é um meio, não um fim. E são sete porque precisam ser sete. Deus perfez o mundo, uma casa para o homem, em sete dias:

καὶ συνετέλεσεν ὁ θεὸς ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῇ ἕκτῃ τὰ ἔργα αὐτοῦ<sup>2</sup>  
*complevitque Deus die septimo opus suum*  
(Gen. II. 2).

As artes são luzes, um meio para que vejamos, o famoso *Menorath*. Não vemos a luz, mas sim pela luz, e sem a luz, nada vemos.

ποιήσεις τοὺς λύχνους αὐτῆς ἑπτὰ· καὶ ἐπιθήσεις τοὺς λύχνους, καὶ  
φανοῦσιν ἐκ τοῦ ἐνὸς προσώπου  
*facies et lucernas septem, et pones eas super candelabrum, ut luceant ex  
adverso*  
(Exo. XXV. 37).

---

2 Não deixa de ser interessante o fato de a Septuaginta dizer que foi ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῇ ἕκτῃ. Mas a versão hebraica, que foi seguida por São Jerônimo, diz *die septimo*.

Por que tanto interesse de Cassiodoro para explicar um simples número? Por que os números, tanto quanto as palavras, possuem significados específicos. Saber disso é o primeiro passo para começar a entender os fins do Quadrivium, os fins das artes que lidam com números, afinal:

ἀλλὰ πάντα μέτρῳ καὶ ἀριθμῶ καὶ σταθμῶ διέταξας

*sed omnia in mensura et numero et pondere disposuisti*

(Sapi. XI. 21).

Tu estás acostumado a expressar quantidades com números. Sem querer antecipar teus estudos de lógica, é importante que saibas que, até onde se pode perceber, os números não são simples medidas convencionadas. Uma coisa é dizeres “*um* metro de diâmetro” e outra é dizeres que Deus é *um* só, ou que o jugo dos bois do teu avô é muito pesado. Uma corda pode ter um, dois, três ou quarenta milhões de metros, mas Deus não pode ser mais de um. De um lado está a medida, no meio está o número, na outra ponta está o peso. Se expressares o comprimento da corda em metros ou em braças, tanto faz, assim como tanto faz se expressares o peso do jugo em quilos ou em libras. Deus é um só. Se achares que são mais, precisas justificar o porquê de assim ser. Se é preciso justificar isso, como fizeram pagãos como Plotino e cristãos como Santo Agostinho, também é preciso perguntar: por que nosso sistema numérico é decimal? Esta é fácil, retrucarás, é porque temos dez dedos. Certo! E por que são dez os dedos? E por que os membros são quatro? E por que dividimos o céu em doze casas e não em 11 ou 13? Por que são 12 as divisões audíveis de uma oitava, a escala cromática? Por que são sete as notas da escala diatônica? Por que só vemos sete corpos errantes (πλανήτης) no céu? Por que são três as cores primárias? Por que são sete as cores do arco-íris? Com números, podes fazer o que quiseres, mas, quando observas as circunstâncias, vês que em tudo há quantidades específicas que não podes negligenciar. Um acorde só é harmônico se obedecer certas regras expressas pela aritmética, só consegues ouvir estes



acordes se provierem de um instrumento que segue leis da geometria. Podes imaginar uma linha reta, e só consegues navegar em linha reta se olhares para cima e aplicares aqui embaixo a retitude lá de cima. Assim é o mundo, e a verdade é o esforço por adequar teus pensamentos a este mundo que foi criado com medida, número e peso. *Fingite animis, liberae sunt enim nostrae cogitationes.* Imagina, pois, os pensamentos são livres, disse-nos Cícero. Usa depois tua inteligência para veres que há limites nas coisas, há qualidades, há relações, e os outros predicamentos todos como nos disse Aristóteles; aplica todas as tuas forças para não te desviares do caminho reto que te leva à verdade da tua vida.

## Lição X

*Meu aluno,*

Os mesmos Godos que passaram a viver na Itália, também passaram a viver na Ibéria, mas aqui são os godos a leste, são visigodos. São cristãos heréticos: arianos até que surja de uma família romana quatro filhos que contam entre os venerados nos altares. É a família dos bispos São Leandro e São Fulgêncio, também de Santa Florentina, a superiora de quarenta conventos e mil monjas, é a família do grande terror dos arianos, Santo Isidoro de Sevilha.

Tens de levar em conta a distância física entre estes homens de quem falamos e a importância nunca antes vista dos textos escritos e de uma educação que possibilite a comunicação entre celtas e anglos, entre godos e mesmo galos, que já eram romanos, mas não eram alfabetizados, e o seu latim, por ser corrompido como qualquer língua oral, não permitia que acessassem documentos escritos. Santo Isidoro está preocupado com a educação de todos, a começar, como é óbvio, pelo clero, que por sua vez educa as gentes. A heresia, neste caso o arianismo, se difunde livremente quando não há educação, quando não é possível descer à tradição e subir com os argumentos dos mortos que possam ser, nesta ágora, disputados com o dos vivos. No campo das ideias, o arianismo

já havia sido combatido e condenado, mas nos corações ele ainda vivia. Que faz então Santo Isidoro? Filologia primitiva, diriam hoje os acadêmicos. *Ethimologias*, disse o próprio santo. Educação Clássica, Liberal e Católica, digo eu.

São nove livros que tratam de cada uma das Artes Liberais seguindo a doutrina de gramáticos como Donato e Prisciano, de retóricos como Cícero e Quintiliano, de lógicos como Aristóteles e Porfírio, de Agostinho, de Capella, de Cassiodoro e tantos outros. Enfim, trata-se de educação através dos séculos, trata-se de ir *ad fontes* do conhecimento para não precisar reinventar a roda, trata-se de ensinar para a liberdade e para a salvação. Há muitos outros trabalhos de Santo Isidoro que deves conhecer, mas vou parar por aqui para que te atenhas ao mais urgente.

Dos frutos de São Bento que conhecemos por sua incrível capacidade didática e extremo zelo apostólico está um homem de oração, cujo próprio nome é oração em língua angla: Bede, ou São Beda, o Venerável. Um descendente daqueles bárbaros que foram à Britânia para auxiliar na guerra contra os povos do norte e por ali ficaram. Como os outros grandes mestres que já citei, Beda se dedicou ao ensino de Artes Liberais, da Filosofia e da Teologia. Há algo, porém, importante de ser dito e que liga as biografias de Cassiodoro, Santo Isidoro e São Beda com outros tantos que vieram depois. É uma urgência comum — que brota de suas personalidades — em contar histórias. Podemos dizer que todos os cristãos mestres de Artes Liberais foram poetas, historiadores e biógrafos, bem como intérpretes das Escrituras, a mais bela história. Tudo isso com fins pedagógicos! A noção de registrar a história sem um fim imediato é bastante nova. Para estes professores, a formação moral dos alunos era urgente e isto só poderia ser feito através da narrativa, imaginada ou real, de vidas e acontecimentos que ilustrassem as possibilidades humanas. As epopeias, as biografias e as guerras e movimentações políticas que estes homens contam não podem ser vistas como simples textos de uma ciência histórica rudimentar, mas como formação humana, *humanitas*, παιδεία, educação clássica que serviu, serve e sempre servirá para formar os homens de todos os tempos enquanto homens que são. Aliás, nem estes textos, nem os de Heródoto, Tucídides, Lívio ou Plutarco estão aí

por nada; eles contêm respostas às tuas perguntas sobre o que fazer com tua própria vida.

Para contar uma história, é preciso muitas coisas além daqueles *annales* que encontramos empoeirados nas sacristias. É preciso conhecer o tempo e o espaço, é preciso calcular as datas e saber a diferença que há entre uma viagem e uma batalha na chuva quando o sol está em aquário e uma viagem e uma batalha quando o sol está em câncer. Achas que isto é horóscopo de jornal? Não, é só uma forma de dizer inverno e verão. Achas que dá no mesmo viajares a pé pela Europa em Fevereiro ou Julho? Boa sorte! Para escrever, precisas conhecer as coisas como são e as palavras como elas funcionam, precisas adequar teu pensamento às coisas reais, precisas de *artes sermocinales* (Trivium) e de *artes reales* (Quadrivium).

Um destes frutos das escolas monásticas britânicas, como São Bonifácio e São Beda, encontrou-se com um homem bruto durante uma viagem à Itália, Carlos, que até então não se chamava Magno. Carlos era de uma inteligência militar que a Europa não via desde Júlio César, mas, diferente deste, era bruto: analfabeto, inculto, sem etiqueta e pouca ética além daquela que pode brotar naturalmente na alma. Bruto, não burro. Se olhares sob a perspectiva pedagógica, Carlos Magno é um grande exemplo de discípulo. Hugo de São Vítor põe a humildade como virtude primeira do estudante. Se é a primeira, deve ser exercitada desde o início dos estudos. Ora, a gramática é a primeira das disciplinas. A *ratio studiorum*, a ordem das disciplinas no currículo pode até variar, mas ninguém nega que a gramática seja a primeira. Carlos Magno, a despeito de sua conduta moral e decisões políticas temerárias, é um bom exemplo de como a gramática eleva os humildes e despede os soberbos sem nada.

A pronúncia maltrata alguns estudantes que desejam aprender um novo idioma. E isso só se resolve quando o primeiro passo nos estudos for um esforço de humildade. Vê bem que a tua língua materna não tem todos os sons que o aparelho fonador humano é capaz de emitir. Portanto, não tentes encaixar os sons de outra língua dentro dos padrões

sonoros que usas. Isso acontece com mais sons do que se imagina! As vogais, por exemplo, são extremamente variáveis! O que nos ajudou muito nas últimas décadas foi o IPA (o mais usado e conhecido alfabeto fonético) mas a imitação continua sendo nosso melhor instrumento de aprendizado; enquanto tu não fores suficientemente humilde para deixares de querer falar do teu jeito e imitar o jeito dos que melhor falam, não saberás pronunciar bem uma palavra estrangeira. É possível falar um idioma estrangeiro sem erros. Sem sotaque? Talvez, mas para que seria isso importante? Sotaque todos temos. Até mesmo na língua materna temos sotaque. Por que seria diferente com uma língua estrangeira? Mas a pronúncia merece nosso mais intenso esforço e nossa mais severa disciplina, pois o som de uma língua é sua matéria; não se faz um vaso bom com argila má. Falar como um nativo? Não sei se é útil — e para maioria das pessoas é impossível — chegar a esse nível de pronúncia, prosódia e melodia da frase. Mas esse é o objetivo, aquele tipo específico de objetivo que perseguimos por anos com a certeza de quem sabe que ir para frente faz com que nos aproximemos da meta sem nunca alcançá-la. Assim é a sabedoria e a santidade de Cristo, por exemplo. Humildade e santa teimosia; assim como sabes que mesmo sendo impossível te igualares a Nosso Senhor, é mister tentá-lo sempre, de novo e de novo. Não sabes pronunciar o ‘th’ em inglês, o ‘r’ gutural do alemão do norte, o ‘œ’ francês? Segue tentando com humildade e santa teimosia como fez Carlos Magno depois de velho.

Alcuíno vinha de Iorque a caminho da Cidade Eterna quando conheceu o rei dos francos Carlos. O grande bruto chamou aquele monge inglês para integrar sua corte em Aquisgrana, organizar a educação no império que ele vinha lutando por restabelecer e, o mais importante para o nosso assunto, alfabetizar o próprio imperador. Latim, Grego, Retórica, Dialética, Moral. Carlos Magno estudou essas coisas por volta dos quarenta anos de idade. A motricidade fina para manejar um cálamo já havia sido perdida por um homem dedicado aos negócios da espada; o Magno conseguiu só assinar o próprio nome, mas lia bem em latim, um pouco em grego, discursava, debatia com rigor dialético questões de suma importância como o apoio e submissão que o poder

temporal deve a Igreja. Poderia não ter sido assim, e normalmente não é. Normalmente, quem detém o poder nos negócios não tem a primeira virtude do estudante. Normalmente, esse poderosos não passam para a história sendo chamados de magnos.

Alcuíno foi, sobretudo, um poeta. Seus poemas ainda precisam ser lidos por todos nós. Era um homem lúdico, talvez o mais lúdico, ocioso e escolar de toda a história da educação. Para dar um exemplo: ele usava de um recurso nas aulas de latim que eu gosto muito e já fui chacoteado por usá-lo. Chamava-se a si mesmo, durante as aulas, de Flaccus, referência a Horácio, e aos seus alunos com nomes da literatura sacra ou profana, tratava o próprio rei Carlos por *David*. Sim, era uma brincadeira, bastante séria e da qual dependeria o futuro espiritual do ocidente, mas sempre uma brincadeira, um ócio gravíssimo como é ou deveria ser toda escola que se prezasse. Na verdade, os poetas, esses brincalhões, esses lúdicos, são sempre os maiores professores em qualquer cultura. Cantar é sempre o que mais ensina, o que vem depois de cantar, as outras disciplinas do Trivium e do Quadrivium, é o necessário para entender melhor e aprimorar este canto dos poetas. Olha para qualquer texto de filósofos seríssimos como Platão e Aristóteles e conta quantas citações de poetas há ali. Ficarás cansado e desistirás da empresa.

Com Carlos Magno e sua corte composta também por muitos intelectuais filhos de São Bento começa um período de renascimento. Eu já disse que esses renascimentos são muito associados ao desenvolvimento tecnológico da escrita e à confecção de livros. Um grande grecista de quem tenho a honra de ser contemporâneo, Christophe Rico, diz parecer que estamos vivendo uma sexta renascença. A primeira seria uma renascença poética devido a empresa editorial em Alexandria, a qual já aludi, onde temos desenvolvido por Aristófanes de Bizâncio o primeiro cânone de obras que chamaríamos de clássicas pela sua pureza de estilo. A segunda seria uma renascença retórica que acontece no tempo dos *boni quinque imperatores*, principalmente em Atenas com a Biblioteca Hadriana e a promoção de educação em retórica por A. Pio e M. Aurélio. A terceira é mais ou menos na mesma época e também retórica, mas seria a renascença latina e que se caracteriza pelo uso do

*codex*, o livro como conhecemos hoje e não o rolo de couro ou papiro. É neste momento que surge o termo *auctores classici* como acontecera com os gregos em Alexandria 400 anos antes; a pureza da língua que com os gregos estava em Homero, os trágicos e alguns líricos, agora fica a cargo de Cícero, Virgílio, Horácio e Ovídio. A quarta seria poética e retórica durante a idade média, a partir da corte de Carlos Magno, a técnica desenvolvida para a cópia e diagramação multiplicou os livros pela Europa afora. O uso de maiúsculas para o início das frases e minúsculas para o restante e desenvolveu muito a técnica de leitura. Também o uso de iluminuras facilitava a memorização do conteúdo dos livros. No século XII há uma renascença dialética que faz ressurgir a filosofia e desemboca na criação das universidades. Quanto aos livros, a separação entre as palavras aparece pela primeira vez nesta época e aumenta enormemente a velocidade da leitura que passa a ser predominantemente em voz baixa. No tempo das universidades no ocidente, algo de suma importância está acontecendo no Império Romano do Oriente que ainda existia: um trabalho filológico intenso de recuperação de obras gregas que irá ser fundamental para o desenvolvimento da cultura a partir do século XV quando começa a renascença chamada de humanista. Agora, a questão editorial — a cultura livresca — muda da água para o vinho e Gutemberg é o taumaturgo. Livros se tornam baratos e acessíveis e as pessoas podem tê-los em casa. Surge uma classe de pessoas letradas que não precisavam morar em mosteiros com bibliotecas. A renascença é poética e retórica, pois, a linguagem dos filósofos das universidades, em grande parte tomados pelo nominalismo, era feia, fria e muitas vezes repleta de erros pueris. Os professores desta época descem à tradição e voltam imitando o grego de Isócrates e o latim de Cícero. Eu acho que esta seria a sexta, pois o tempo de péricles também poderia ser considerado renascentista, mas prefiro ater-me à tese do professor de Jerusalém.

A possibilidade de textos estarem à disposição de qualquer um é o que melhor poderia acontecer para uma pessoa vocacionada aos estudos. É claro que há inúmeros problemas que não existiam antes dos computadores e da internet, problemas mais numerosos do que as soluções. Mas ninguém nega o quão longe dos sonhos dos homens que

precisaram de livros até 30 anos atrás está a realidade de hoje. Eu, pelo que conheço da minha miséria, não teria nenhuma condição de saber, sem a internet, este pouco que sei. Mas desta aparente solução dada pela tecnologia, surgem problemas morais difíceis de serem tratados pela educação focada só em tecnologia que temos agora. Nem chego a falar sobre o alto acesso à pornografia — um problema moral muito evidente — que têm os jovens. Prefiro aqui ater-me a coisas mais simples e quase despercebidas, problemas que são a causa de um amolecimento das potências da alma e que começam antes de sonharmos em ter acesso a milhões de livros sem sair de casa. Há problemas morais, problemas de educação na arte de viver.

## Lição XI

*Meu aluno,*

O que quero com estas histórias de renascenças é usá-las como analogia para os teus estudos; que olhes para o que foi feito em momentos de decadência espiritual do ocidente e procures fazer com a tua biografia o que se buscou fazer na história. Lê a história para que aprendas a escrever tua própria história. É natural que estes mestres de artes liberais fossem também historiadores, que pusessem nos livros o que acontecera no mundo. É natural que as Artes do Trivium, *artes sermocinales*, tenham tido maior atenção e importância dentre os educadores católicos de todos os tempos. Elas são importantes para a compreensão dos livros. Para que são importantes as Artes do Quadrivium, as *artes reales*? Também para a compreensão dos livros, mas livros de outro tipo, os livros da natureza. Esta metáfora é a mais importante, ao meu ver, para o desenvolvimento do que chamamos ciência moderna, já que ela surge na antiguidade, perpassa toda a idade média, chega com muita força no renascimento e é o motor das vontades de cientistas modernos como Galileu, Descartes e Newton. Com isso, podemos dizer que as Artes Liberais nos ensinam a ler; mesmo aquelas que não são *sermocinales* mas *reales* nos ensinam a ler, não as palavras, mas as coisas.

O Trivium é o conjunto das Artes que ensinam a ler os livros *stricto sensu*, ensinam a ler Homero, a Bíblia ou Dante. O Quadrivium é o conjunto das Artes que ensinam a ler o livro da natureza, a criação inteira com suas medidas, seus números e seus pesos. Há duas formas de tratarmos esta metáfora dos dois livros. A primeira seria comparar o conhecimento da natureza alcançado pela ciência com o obtido a partir da Revelação, que lê e entende a natureza como criação. Nesse caso, não passa de uma maneira diferente de se referir ao debate moderno *Ciência vs. Religião*, como se tais coisas fossem opostas e inconciliáveis. A segunda seria tratar o termo livro especificamente, tratar a natureza como algo que foi escrito como um livro. O livro é escrito para ser lido, o livro é uma grande carta, uma correspondência endereçada a alguém, mesmo que, como nestas aulas, a alguém que o autor não conhece. Sendo assim, o livro precisa ser inteligível. Pode ser que o autor, querendo ou não, exija algum esforço da parte do leitor,

ἵνα βλέποντες βλέπωσιν καὶ μὴ ἴδωσιν, καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ  
μὴ συνιῶσιν

*ut videntes videant et non videant, et audientes audiant et non intellegant*  
(Marc. IV.12).

Um livro pode ser interpretado e explicado de acordo com a intenção do autor ou com aquela leitura sintópica que Mortimer Adler nos ensina. Assim é um livro *stricto sensu*, como os da Bíblia. O que exatamente significa a metáfora que diz ser a natureza um livro? Ora, exatamente o que diz, as figuras de linguagem funcionam quando não precisam de explicações para quem sabe bem como lidar com elas, para quem domina o Trivium. A metáfora é uma forma de analogia, e a analogia é o único meio pelo qual podemos saber qualquer coisa de Deus. Não é à toa, meu aluno, que o Trivium, um conjunto de disciplinas que te dá tanto trabalho, é tão apreciado ao longo dos séculos. E é com esta analogia que podemos entender o porquê de estudarmos Artes Liberais.

Ernst Curtius inclui um capítulo sobre os usos metafóricos da



natureza considerada como um livro em seu monumental trabalho sobre a literatura latina na Idade Média. É, porém, uma metáfora que tem raízes na antiguidade e no velho testamento, é a Palavra de Deus como origem de todas as coisas, a ideia de que as criaturas dizem muito de seu Criador, como as palavras de um livro dizem muito de seu autor. Na antiguidade, Santo Agostinho entendeu isso muito bem, mas o sucessor de Alcuíno na corte do Sacro Império, um irlandês, um celta, um dos homens mais eruditos de todos os tempos foi mais longe. Quem pode fundamentar *in aeternum* a importância das Artes Liberais é Joannes Scottus Eriugena. Ele poderia ter se dedicado somente à tradução de obras gregas, já que dominava este idioma melhor do que ninguém o fizera há séculos. Traduziu muito, mas com a urgência típica de quem quer salvar as almas. Era preciso que o ocidente não perdesse o contato com o Padres Gregos, principalmente Pseudo-Dionísio e Máximo, o Confessor. Foi um herege. Sua teologia leva a um panteísmo descabido que vai se repetir muitas vezes durante os séculos. Quando se exige que um empregado trabalhe mais do que o combinado de início, ele começa a sabotar o patrão; parecia que ainda não era a hora certa para que a Teologia dependesse tanto da sua serva, a Filosofia. Deu no que deu. Esta serva parece ter sabotado sua senhora na obra de João Escoto Erígena. De maneira alguma ele deixa de ter sua importância no tal renascimento carolíngio, e no nosso caso, com relação às *artes reales*, às artes da natureza, às artes das medidas, dos números e dos pesos, as artes do Quadrivium.

É nesta época que a metáfora dos livros ganha uma ampliação: além dos livros, é preciso entender o livro da natureza, mas ainda não basta, é preciso entender o Livro da Cruz ou Livro da Graça. E eu, porque trato o Trivium como *disciplinae quae nos docent de libris stricto sensu legendis* e o Quadrivium como *disciplinae quae nos docent de libro naturae*, digo que o Livro da Cruz é o livro dos estudos superiores, o livro que trata das causas últimas, do destino das almas, *studia superiora quae tranctant de causis ultimis ad animas servandas*. Pode parecer estranho dizer que o Direito e a Medicina têm algo a ver com a Salvação como o têm as outras duas disciplinas superiores da Filosofia e da Teologia. Não é

estranho! Elas têm tudo a ver! Só a partir do Direito e da Medicina, coisas tão necessárias ao homem, é que entendemos, por analogia, a justiça de Deus e a cura do homem, entendemos a Cruz e a Graça. Esta ampliação da metáfora justifica uma mudança nos meios educativos, surge a ideia de Universidade. Mas não foi tão fácil assim. Dentro do Trivium estava para acontecer uma disputa sobre o método de leitura. De um lado, a Retórica aliada à Gramática, de outro, a Dialética com os métodos lógicos. Até que Hugo de São Vítor, o mestre máximo da arte de ler, proponha uma trégua.

Considero a Escola de São Vítor o núcleo duro do que chamamos de renascença do século XII. Na verdade, considero como o núcleo ao redor do qual devem orbitar nossos esforços individuais e coletivos em tudo aquilo que se tratar de cultura e, por sua vez, de educação. Preciso, no entanto, tratar de um assunto que já tratei, mas agora de forma um pouco mais aristotélica, antes de entrarmos no palácio construído pelos vitorinos. Do sistema filosófico mais aristotélico — o que não quer dizer que esteja todo em aristóteles — é que tiramos esta ideia de que o homem é (em linguagem comum, diríamos que o homem ‘existe’) para conhecer, agir e fazer. Mas não há uma ordem temporal nestes três verbos, se conhecemos algo é porque agimos e fizemos, se agimos é porque conhecemos e fizemos, se fizemos é porque conhecemos e agimos. E tudo isso tendo um fim em mente. Ora, os fins são os bens, são a transcendência, são as coisas boas, belas e verdadeiras e podem ser, na linguagem aristotélica, práticos ou especulativos. O arquiteto projeta um edifício para ser construído porque é bom, ele usa proporções harmoniosas para que seja belo e usa tijolos e não papel para que seja verdadeiramente um edifício. O geômetra, por sua vez, trabalha com formas assim como o arquiteto, mas sem construir nada; nem mesmo desenhar as formas é necessário para um geômetra bem formado. *Grosso modo*, são estas as duas maneiras como existimos no mundo: a prática e a especulativa.

As tendências naturais do homem acabam por levar cada um, e às vezes grupos inteiros, mais para um lado do que para o outro. A educação, porém, precisa que andemos em linha reta, porém ziguezagueando por

sobre a linha como uma melodia popular onde as notas ziguezagueiam em torno da tônica, ora baixando aos graves da prática, ora subindo aos agudos da especulação. Usando outra imagem, a prática se dirige ao coração, e a especulação se dirige mais ao cérebro. O que professor e aluno precisam, — ou do que a pedagogia deve tratar — é o trabalho simultâneo do coração e do cérebro, mover os afetos e argumentar ao mesmo tempo, educar os sentidos e as sensações bem como as potências da alma. A primeira — a visão mais prática, mais do coração — é bem própria dos místicos, das escolas de oração beneditina e carmelita e em parte das franciscanas, da formação focada na gramática, na retórica e na contemplação apaixonada da natureza. A segunda, a visão mais especulativa e cerebral, não é menos santa e nem menos santificante; é própria dos dialéticos, lógicos e metafísicos, que incluem os escolásticos tanto dominicanos como os teólogos e filósofos franciscanos, por mais que a formação destes seja bastante híbrida.

Mas híbrida mesmo é somente a visão da Escola de São Vítor — anterior a São Domingos e São Francisco — que tratou de unir alta teologia cerebral com o canto e a poesia do coração. Vê bem, o que conhecemos como escolástica começa nesta época, mas a liturgia beneditina e o *Ora et Labora* já tinham séculos de tradição. Os cônegos de São Vítor são uma resposta à insatisfação diante do coração poético e retórico beneditino e do cérebro dialético e lógico cultivados principalmente em Paris por Pedro Abelardo. Esta insatisfação levou os vitorinos a rejeitar ambas as coisas? Não! Levou-os a aceitar coração e cérebro e sintetizá-los como bons dialéticos. Levou-os também a ensinar a ler, a escrever, a falar e a ouvir como bons gramáticos e retóricos.

Guilherme de Champeaux, o fundador da Escola de São Vítor, fora professor na escola junto à Catedral de Notre Dame. Ali, Pedro Abelardo foi o seu mais talentoso aluno para depois ser o seu maior adversário (Acontece!). A recente ascendência da Dialética que Abelardo e os seus promoviam como supra sumo da vida intelectual pode ter sido a causa do desgosto de Guilherme que o fez abandonar Paris e retirar-se ao Mosteiro de São Vítor, onde foi feito cônego regular sob a *Regula Sancti Augustini* e fundou uma escola porque a vocação para o ensino apitava-

lhe nos ouvidos. Ordenado Bispo, tornou-se amigo de ninguém menos que Bernardo de Claraval, a quem sagrou como abade. Estava prestes a acontecer o grande enfrentamento das tradições educacionais. De um lado, a tradição retórica isocrática que, depois de Agostinho, assimilara aos poucos o platonismo; de outro, a dialética e lógica de tradição aristotélica que dormitara por mais de mil anos. O símbolo disso é a vida calamitosa de Abelardo, mas a história é longa e não cabe aqui, sugiro buscareis o livro tão elucidador de Jean Leclercq: *O Amor às Letras e o Desejo de Deus*, e também a tese acadêmica de Marshall McLuhan: *O Trivium Clássico*.

Nada, porém, deixou de existir depois desta batalha, Bernardo tornou-se São Bernardo, *Doctor Mellifluus*, o reformador e fundador, rocha segura de Papas e Reis. Abelardo mudou o rumo das coisas, mas não deixou de sofrer por isso; espero que o que sofrera em vida tenha-lhe sido poupado no purgatório. As calamidades de Abelardo mostram que ele sofreu pela foice afiada que é a dialética pura; as calamidades de Abelardo geraram os nominalistas — como Urano gerará Vênus e as fúrias —, aqueles acadêmicos que acabam por manchar, diante dos modernos, o nome da escolástica santa de Santo Alberto Magno e Santo Tomás de Aquino.

Na guerra cultural que neste momento eclode, o objetivo dos vitorinos é tratar a educação a um só tempo como especulativa e prática, seguindo, como os agostinianos que eram, o ideal platônico de escrutar os mistérios divinos com o cérebro sem detrimento dos impulsos do coração. Os vitorinos foram famosos por suas práticas espirituais bem como por sua dedicação aos estudos em busca da contemplação. Contemplação! Estas lições poderiam acabar aqui porque este é o fim de toda educação. Para os vitorinos, a vida contemplativa é uma continuação necessária da vida de estudos superiores como esta era a continuação do estudo das artes. Três percursos em um único caminho cujo ponto de partida é a vida na ignorância e a meta é a Verdade, o filho de Deus encarnado que é o verdadeiro caminho e a vida verdadeira. Mas quem pode entender esta doutrina? Perguntaram os apóstolos de Nosso Senhor, dentre os quais não havia nenhum filósofo e nem mesmo

um homem letrado. Para os Vitorinos, não há dúvida de que todos os homens de boa vontade na terra estão chamados a esta contemplação. O que precisa ser feito é desviar dos obstáculos do caminho, por isso o zigue-zague. Para contemplar a Deus, é preciso que sigamos na órbita correta constantemente, precisamos compor a melodia de nossa própria história por vezes subindo a agudos heróicos e descendo a graves solenes. Só assim, desviaremos da soberba, da mentira e da preguiça.

Hugo de São Vítor é, segundo São Boaventura, o mestre de tudo! Vinha de uma região que fora convertida oficialmente pela espada de Carlos Magno, mas só oficialmente, a Saxônia nunca foi verdadeiramente católica e logo se tornaria luterana. Chegou em São Vítor por volta dos 18 anos e quando alcançou os 37 assumiu a direção dos estudos na escola. Diferentemente de Beda, Alcuíno, Rabano Mauro ou João Escoto Erígena, Hugo não tinha vínculos muito estreitos com governantes e nem mesmo bispos aos quais devesse obediência para assuntos mundanos. Seus alunos eram apenas os monges que viviam consigo, tudo muito quieto e sem os grandes alardes das grandes escolas episcopais. Manteve, porém, a comunicação com grandes espíritos da época como São Bernardo, a quem consultou sobre a teologia puxada para a dialética que ganhava cada vez mais força a partir de Abelardo e de quem recebia alunos indicados como, por exemplo, Pedro Lombardo. Morreu em 1141 com 45 anos e fama de santidade. Nunca, porém, foi canonizado o homem chamado algumas vezes de *alter Augustinus*; não é pouca coisa, é mais do que chamar Pedro Fonseca de *Aristoteles Lusitanus*!

Hugo é um místico, um homem de profunda oração, um teólogo e filósofo que trabalha de joelhos, e um professor erudito como poucos. De uma forma quase milagrosa, este saxão tem a imaginação dos grandes poetas, a inteligência dos grandes lógicos e a força de vontade para ensinar desde o mais básico da instrução primária até os grandes temas da teologia. Toma, meu aluno, Hugo de São Vítor como patrono do teu ócio e dos teus negócios e verás que os preceitos, os conselhos e a cosmovisão deste professor ainda não foram superados. Termina aqui esta lição antes que me alongue demais; precisamos muito tempo

e espaço na vida para meditar o exemplo de Hugo e sua doutrina pedagógica. Vale a pena!

## Lição XII

*Meu aluno,*

Nestas lições, estou tratando apenas da educação secundária, da educação preparatória para os estudos superiores, mas só quando estes estudos forem a preparação para a compreensão do Livro da Cruz: a Teologia, a Filosofia, o Direito, a Medicina da salvação, pois *Deus iudex noster, deus legifer noster, de rex noster; ipse salvabit nos*. A Universidade é um fenômeno medieval, mais precisamente da chamada baixa idade média, que merece atenção em outro momento. Há, porém, alguns aspectos que te interessam antes de seguires para o renascimento e os jesuítas, com os quais termino estes exemplos históricos.

Há uma teoria na história da cultura que eu não posso deixar de acreditar: São Francisco de Assis é um reacionário e responsável por uma reviravolta só superada pela própria encarnação do Verbo. O Poverello, metido em vários negócios, reage às circunstâncias e vai ler os evangelhos — *ad fontes!* — e passa a meditar sobre a natureza por causa dos livros que lera. Vê na criação o meio mais pleno de se aproximar do Criador, de ser o ramo da videira, de ser a terra fértil onde cai a semente, de ser a própria semente, a menor delas, ao passo que cresce e se torna uma das maiores árvores. Depois deste homem que encarna três arquétipos medievais — Cavaleiro, Trovador, Religioso — a arte sacra toma outro rumo com Giotto; os afrescos nas igrejas são como as janelas das celas nas casas de retiro franciscanas pelas quais os irmãos menores contemplavam a criação a fim de se aproximarem do Criador. O afresco é uma iluminura do Livro da Cruz, do livro lido pelos estudos superiores. A janela é só uma iluminura do livro da natureza. O afresco é a imagem do que é visto com olhos invisíveis da alma como a paisagem é vista pela janela com os olhos do corpo. Os olhos que iluminam, porque,

como o sol, eles não podem ser vistos, mas é por eles que vemos.

É o tempo dos clérigos goliardos, é o tempo dos leigos trovadores, é o tempo das cruzadas com cavaleiros clérigos e leigos. É um tempo de decadência do latim, um tempo onde línguas locais passam a ser escritas, um tempo de afirmação da cristandade perante a ameaça constante do Islão. Nos séculos entre Hugo de São Vítor até o pontificado de Pio II, não vejo grandes esforços por aprimorar a educação secundária, isto é, a formação em Artes Liberais. (Obviamente, houve avanços filosóficos consideráveis que afetaram, talvez, a perspectiva com que se estudava a Lógica, mas mesmo um manual composto por Ockham, o príncipe dos nominalistas, não é muito diferente dos que existiam até então, por mais que os termos tenham passado a ter outras acepções. Isto é assunto para a filosofia, e aqui não trato disso, mas sim de um recorte da filosofia que é a educação do homem). O que se desenvolveu foram os estudos superiores com as Universidades de Bolonha, Paris, Oxford, Coimbra e outras, e que exigiam estudos prévios em Artes.

Aqui está uma questão que permanece até hoje: o fim dos estudos secundários passou a ser o ingresso na universidade. E qual é o fim dos estudos superiores ou universitários? Com o tempo, passou a ser o diploma; os papéis passaram a ser mais valorizados do que nunca. Já disse que a educação é um meio, não um fim. O surgimento da universidade é algo fantástico e do qual todo cristão deve se orgulhar. Porém, tornou-se um fim em si mesmo. O diploma tornou-se o fetiche dos fetiches e de posse deste papel, muita gente sentiu-se com o rei na barriga.

É o tempo, como todos os tempos, onde abundam as heresias. No nosso tempo, também há heresias e extravagâncias; a diferença é que elas não são combatidas como costumavam ser. *Hoc tempore*, surgiram dois homens que mudam o rumo das coisas. Um deles, já disse, é São Francisco, o coração. O outro é São Domingos, o cérebro. Tiveram filhos espirituais que se espalharam pelo mundo. Dentre eles, Santo Tomás e São Boaventura, também cérebro e coração. O que une a todos estes é a mendicância, a *sorella povertà* ou *perfectissimum opus omnia sua propter Deum dimittere*.

Deixar tudo por Deus! Tudo! É dura esta doutrina! Os apóstolos, porém, deixaram tudo. E tu, que queres estudar tantas coisas? Faz agora um exame: estudar é querer deixar tudo por Deus? Ou estou deixando Deus para poder estudar? *Omnia dimitte!* Exteriormente, não muda nada; ninguém precisa ver que queres deixar tudo. Muda o interior, que é para onde esta educação Clássica, Liberal e Católica está voltada. Exteriormente, não mudes nada, o teu exterior mudará naturalmente e sem pensares nele quando estiveres entregando tudo. A alma é a forma do corpo, lembras? Continua a fazer o que fazes e deixa para Deus em sacrifício, pois teu estudo é um cordeiro. Pode ser que depois de uma hora debruçado sobre os livros este cordeiro tenha manchas ou seja o pior do teu rebanho. Tens coragem de oferecê-lo a Deus assim? Teu sacrifício é o de Abel ou o de Caim? Sou o sujo falando com o mal lavado; pois estas lições não são um *opus perfectissimum*, longe disto. Espero que por isso mesmo te animes a ensinar: leva para as aulas este cordeiro sem manchas que é o teu estudo e que alimentaste desde o início com os melhores pastos e a mais pura água. Se tens cem ovelhas, não descuide daquela desgarrada mesmo que seja a de que menos goste. Das cem coisas que estudas, interessam as cem. Entrega, por fim, as cem ovelhas para Deus. *Omnia dimitte!*

Neste tempo, o que, por ora, merece muito a tua atenção é a Imitação de Cristo. Thomas de Kempis é o mais influente escritor da chamada *devotio moderna*, uma espiritualidade nada litúrgica e bastante individual que foi desenvolvida pelos *Fratres Vitae Communis* e que muito influenciaram, de formas diferentes, dois personagens que nos interessam demais ao tratarmos da educação secundária chegando nesta última lição: Desidério Erasmo e Santo Inácio de Loyola. Um holandês e um basco observaram o que acontecia na Itália com o chamado humanismo e tentaram, cada um ao seu modo, fazer novas todas as coisas. Além disso, a *Imitatio Christi* é o melhor livro para um estudante, é bom leres e releres as primeiras páginas para sempre.

Diante de um descontentamento legítimo com os frutos das universidades, os humanistas italianos buscavam dar um passo atrás e basear seus currículos para a educação secundária na paideia dos gregos



e nos *studia humanitatis* dos romanos e fundaram escolas. O currículo era bastante gramatical e retórico, focado em obras de história, oratória, teatro e poesia que, além de formarem a linguagem dos alunos com um estilo limpo e eloquente, orientavam sua vida moral, como uma tentativa de humanizar a educação tomada de dialética fria dos nominalistas. Tanto a forma quanto o conteúdo da expressão linguística são uma exteriorização do interior moral; deveria haver unidade de pensamento e ações. O fim, porém, não é aquela *contemplatio veritatis*, mas o que Erasmo definiu como *pietas* e que os Jesuítas, por sua vez, assumiram. *Pietas* é sim piedade cristã, mas *pius* é também Eneias nos versos de Virgílio, um homem maduro; *pietas* é a maturidade do caráter. Embora Erasmo e outros educadores renascentistas acreditassem que a *pietas* era absorvida pela leitura dos clássicos, deram talvez ainda mais ênfase às qualidades morais e humanas do professor para atingir a meta, uma ênfase que os jesuítas depois se apropriaram sem ressalvas.

Os educadores do renascimento buscaram uma educação secundária que copiasse da forma mais fiel possível o ideal isocrático e, diga-se de passagem, conseguiram. O problema é que muitos deles se esqueceram de que eram cristãos. Os que não esqueceram, Erasmo, Juan Luis Vives e os Jesuítas, por exemplo, desenvolveram certos aspectos da disciplina da retórica combinados com certas tradições teológicas cristãs que resultaram na elevação do tema da dignidade humana nos principais debates, principalmente contra os recém-chegados protestantes. Este tema já vinha com força no último século: O Papa Pio II, por exemplo, já havia publicado uma bula que condenava a escravidão a partir destas reflexões sobre a dignidade humana. Os protestantes vinham com uma visão do homem (amputada a machadadas de Santo Agostinho) bastante pessimista e fixada na depravação humana e na impotência moral. Com isto temos fundadas as correntes antropológicas que ganharam relevância entre os iluministas que nos massacram até hoje. Bem, se a educação jesuíta assume ideias menos elevadas que a dos vitorinos, não seria melhor esquecer aquela para focar nesta? Se tu me perguntares e não me deres tempo para responder, eu diria que sim. Mas como não tenho pressa, retruco: sob qual aspecto?

É óbvio que o fim da educação vitorina é o mais elevado e que tu deves ter como próprio. Os meios, porém, aqueles mais imediatos, nos deram os filhos de Santo Inácio. Estes homens, quando se reuniram na universidade de Paris nem nunca pensavam em se dedicar ao ensino. Queriam ir à Terra Santa e evangelizar muçulmanos. Não aconteceu, as circunstâncias os levaram para outro caminho, e pouco depois da morte de seu pai fundador, já estavam com a incumbência de educar o mundo inteiro que se descortinava pelas navegações. Educar o mundo inteiro com que meios? A resposta demorou décadas para ser fixada na *Ratio Studiorum*.

Os jesuítas arregaçaram as mangas e começaram a fundar colégios minúsculos. Os professores destas escolas trocam cartas com o general que organiza uma comissão para discutir as experiências em sala de aula e a *Ratio* começa a ganhar forma. O que ensinar? Tudo o que as outras escolas ensinam, mas melhor. Como preparar as aulas? Como os outros professores preparam, mas melhor. Sempre o melhor! Para Deus, o melhor. Havia muita gente ensinando; a educação não era mais exclusividade da Igreja. Como pode ser que os alunos de escolas católicas não sejam os melhores? Conhecer as coisas leva ao conhecimento de Deus. Como pode ser que os filhos de Deus conheçam menos que os outros o próprio Pai?

Gramática e Retórica; os manuais, a seleção dos autores a serem lidos e imitados é insuperável até hoje. Depois, humanidades; um curso que engloba todo o Quadrivium e mais leituras de história e ciências; é a hora de aprender a ler o livro da natureza. Esta é a educação secundária dos colégios da Companhia de Jesus. A Dialética é o início dos estudos de Filosofia que por sua vez é propedêutica para os estudos de Direito Canônico e Teologia. Para este plano de estudos, Manuel Álvares escreveu um curso de latim, Cypriano Soares, um curso de Retórica, Pedro da Fonseca um curso de Dialética e Lógica. Não só isso. Na verdade, muito mais! A produção de materiais didáticos destes professores é inabarcável para um só estudioso do tema. Eles pesquisaram e imitaram tudo o que outros educadores faziam e se que mostrava eficaz para implementarem em suas próprias escolas. Um exemplo: O Pe. Jacobus Pontanus

(Spannmüller), fundador do Colégio de Augsburg, editou um dos mais famosos manuais de latim para concorrer com os de Erasmo (já que o príncipe dos humanistas estava proibido de ser lido pelo *Index librorum prohibitorum*) e os de Cordier, Vives e outros.

Esta foi a educação que receberam jesuítas insignes como o Pe. Antônio Vieira, mas também gente que seguiu outros caminhos como São Francisco de Sales, Corneille, Molière, Bossuet, Buffon, São João da Cruz, Cervantes, Calderón, Lope de Vega, Vico, Prospero Lambertini (Bento XIV). Houve também muitos ex-alunos de colégios jesuítas que abdicaram da Verdade? Sim, é óbvio! E no que a traição do Iscariotes invalida qualquer coisa? Descartes, Rousseau e Diderot, entre outros, estão aí para provar que o que se fazia nestas escolas era educação e não a lavagem cerebral que dizem ter sofrido os ameríndios.

Para concluir, além da atenção que debes dar ao que os jesuítas escreveram para o ensino, é importante que tenhas em mente a forma como as aulas aconteciam nos cursos de Gramática, Retórica e Humanidades: uma forma ociosa que é bem típica em homens tidos como tão práticos como são os inacianos. A sala de aula é praticamente um palco onde todos os dias é encenada uma batalha entre Romanos e Cartagineses. As armas são os conhecimentos dos alunos que disputam pontos uns com os outros a fim de vencerem o exército adversário e também subirem nas patentes de comando. Teatro, nada mais lúdico, nada mais ocioso, nada mais eficaz, nada melhor para a educação e para a liberdade dos filhos de Deus.

### Lição de Recuperação

*Meu aluno,*

O divórcio entre as disciplinas aconteceu, mas precisas salvar este casamento. Há aqui uma discussão que parece não ter fim e que é de suma importância em um tempo como o nosso, no qual há uma

relativa liberdade quanto às escolhas fundamentais na vida. Em teoria, nós podemos escolher casar ou não, se sim, escolhemos com quem; tu já viste um casamento arranjado pelas famílias nos últimos cinquenta anos? Podemos escolher em que universidade estudar, qual profissão seguir, em quais diversões vamos investir. Estes últimos, acabam sendo predeterminados ainda na infância quando costumamos dividir as crianças pelos resultados escolares. Dividimos as crianças de acordo com sua disciplina e sua arte. No Brasil, diferentemente dos países nórdicos, a escola é a mesma para todos e independente das profissões as quais os alunos pretendem focar. Em alguns outros países, há um separação dos alunos em três categorias a partir do quinto ano de estudos: há aqueles que serão preparados para os trabalhos braçais e que aos 17 já largarão os estudos, outros serão preparados para trabalhos técnicos e estudarão até os 20, e há ainda aqueles que seguirão estudando no mínimo até os 23 ou 24 anos — podendo ir até o 30 e poucos — nas universidades. Há também outra divisão que é o reflexo do que aconteceu com Luís XIV e os iluministas: separar os alunos por grupos de disciplinas, entre letras e ciências, entre humanas e exatas. No Brasil, tivemos os ginásios clássicos e os científicos até os anos 60. Será que a aritmética é menos humana que a música de Mozart? Será que a astrofísica é mais exata que a versificação portuguesa? A discussão é interminável! Em cada província do conhecimento há aspectos humanos e exatos. Se esta distinção existir, servirá somente a questões administrativas nas instituições de ensino quando muito. Esquece essas coisas por hora! Esquece! Não dê ouvidos aos que dizem que és “mais de exatas” ou “mais de humanas”. Conhecer é humano. Porque somos humanos conhecemos os números irracionais, as curvaturas das ondas sonoras ou a órbita de Netuno. Esta separação, estabelecida principalmente com os iluministas, concretizou-se com a industrialização. Houve também um projeto que à primeira vista parece ser reconciliador, o positivista, mas só à primeira vista. O professor Luigi Miraglia, talvez o maior latinista de nosso tempo, explica-nos o motivo de o estudo das Artes estar quase morto. Quando hoje ensinamos latim ou grego como línguas que são, logo aparecem seres iluminados e chancelados por luzeiros ofuscantes a nos dizer que preferem o método

tradicional de ensino de línguas. Tradicional desde quando? Mais ou menos desde o tempo dos irmãos von Humboldt e a Universidade de Berlim. A história é longa; menciono-a brevemente para indicar o momento em que o ensino de línguas clássicas deixa de assemelhar-se aos estudos das cada vez mais emergentes ciências da natureza; estabelece-se a famigerada *Alterthums-Wissenschaft*. A partir de então, estudar línguas antigas e escavar túmulos é quase a mesma coisa. Assim como a matemática passa a ser ensinada tendo em vista sua aplicação em uma sociedade industrializada, a latim é ensinado para que profissionais da filologia destrinchem os textos antigos e os cataloguem para compor as bibliotecas das Universidades que mais parecem museus.<sup>3</sup>

Tu vives em outro tempo. Tu podes escolher o melhor. Tu podes buscar quem deseja renascer e ajudar neste parto. Tu podes ir em busca da tradição para que ela te ensine. *Quid ergo Athenis et Hierosolymis? Quid Academiae et Ecclesiae?* Tudo, Tertulino, tudo:

*Veterum Sapientia, in Graecorum Romanorumque inclusa litteris, itemque clarissima antiquorum populorum monumenta doctrinae, quasi quaedam praenuntia aurora sunt habenda evangelicae veritatis, quam Filius Dei, gratiae disciplinaeque arbiter et magister, illuminator ac deductor generis humani, his nuntiavit in terris. Ecclesiae enim Patres et Doctores, in praestantissimis vetustorum illorum temporum memoriis quandam agnoverunt animorum praeparationem ad supernas suscipiendas divitias, quas Christus Iesus in dispensatione plenitudinis temporum cum mortalibus communicavit; ex quo illud factum esse patet, ut in ordine rerum christianarum instaurato nihil sane perierit, quod verum, et iustum, et nobile, denique pulchrum ante acta saecula peperissent.*

---

3 A propósito, muito em voga nesta época napoleônica esteve o fechamento de artefatos artísticos em prédios públicos onde ninguém entra. Perdão pelo desabafo, mas eu costumo experimentar uma grande tristeza quando vejo um belo e católico tríptico enclausurado atrás de uma parede de vidro num museu para ser admirado como exótico enquanto as igrejas carecem de arte piedosa que inspire minha oração. É claro; agradecemos o trabalho feitos por ingleses, franceses e alemães que conservaram tantos artefatos que trouxeram do leste do mediterrâneo, mas a arte sacra, mesmo a pagã, não serve para museus, serve para estar nas ruas, nas praças e nas fachadas à vista de todos.

Mãos à obra! Canta num coral, aprende latim e grego e lê os livros escritos, lê as histórias e os mitos; lê também os livros da natureza, os livros do tempo e do espaço. As histórias da vida de Nosso Senhor e de Seus Santos se parecem muito com mitos, com a diferença de que aconteceram no tempo e no espaço, e a eficácia da leitura destas biografias é maior por causa disso talvez. Se as vidas dos santos, se as histórias de evangelização entre os bárbaros estiverem muito monótonas, ou se tiverem elementos difíceis de serem explicados pela simples e pura narração dos fatos no melhor estilo historiográfico positivista de Leopold von Ranke, é normal que o hagiógrafo exagere nalgum aspecto. Mas lembra que para Deus, nada é impossível. Para ti, é preciso esforço para leres bem os livros e a natureza.

Mãos à obra, costumam dizer ao exortar os outros ao trabalho, às ações, às fábricas. O homem é fisicamente bastante limitado; seu corpo é muito sensível a tudo; não consegue dormir sobre a própria pele; esta pele que se queima sob o sol e que não consegue suportar temperaturas mais baixas que 20 °C. O homem não consegue se defender de predadores com seus dentes nem suas unhas, não têm a velocidade necessária nas pernas para fugir de lobos, tigres ou ursos. Quando solto na natureza, o homem, no que depender do seu corpo, está ferrado. Que bom que ele não é só corpo; é alma e corpo. Há porém, uma parte do corpo que é extremamente complexa e a única exclusivamente humana: a mão. Já viste um bebê de pouquíssimos meses olhando para a própria mão? Ela é um pedaço deste corpo fraco que parece fruto da misericórdia do criador. De que adiantaria ter sido dada ao homem a casa que é a criação inteira, com este corpo fraco? É certo que, no Éden, as mãos de Adão e Eva eram mãos de poetas, não tinham bolhas nem calos, mas depois do pecado, que os condenou a suar, isso mudou. Que seria de Adão e Eva sem as mãos?

Mãos à Obra! Dependemos muito das mãos não só para o trabalho duro, para os negócios, mas também para o ócio. Com os dedos contamos, com os dedos inventamos os números, com os dedos medimos e apontamos: os dedos são ótimos símbolos. O estoico Zeno disse que a dialética é como uma mão fechada em punho e que a retórica é uma

mão aberta. Eu vou continuar com ele porque acho que estas duas servas da Philologia subordinam as outras: cada um dos dedos é uma das cinco servas reunidas para auxiliar ora a retórica espalmada; ora a dialética cerrada. Qual dedo é qual? Não importa, cada um tem uma função específica dependendo do que precisamos ler nos livros e na natureza. Mãos à obra! *Ora et labora!* Os beneditinos cantavam — não por acaso em latim — e nas horas vagas, nas horas dos negócios, construíram a Europa, salvaram o mundo inteiro da barbárie entre um canto e outro.

*Zenonis est, inquam, hoc Stoici omnem vim loquendi, ut iam ante Aristoteles, in duas tributam esse partes, rhetoricam palmae, dialecticam pugni similem esse dicebat, quod latius loquerentur rhetores, dialectici autem compressius. Obsequar igitur voluntati tuae dicamque, si potero, rhetorice, sed hac rhetorica philosophorum, non nostra illa forensi, quam necesse est, cum populariter loquatur, esse interdum paulo hebetiorem.*

(Cicero de Finibus, II, XVII)

*Ubique credimus divinam esse praesentiam et oculos Domini in omni loco speculari bonos et malos, maxime tamen hoc sine aliqua dubitatione credamus, cum ad opus divinum adsistimus. Ideo semper memores simus quod ait Propheta: Servite Domino in timore, et iterum: Psallite sapienter, et: In conspectu angelorum psallam tibi. Ergo consideremus qualiter oporteat in conspectu Divinitatis et angelorum eius esse, et sic stemus ad psallendum, ut mens nostra concordet voci nostrae.*

(Caput XIX Regulae Sancti Benedicti)

## **Bibliografia**

(Estes são os livros que li algum dia e que me vieram à memória enquanto escrevia estas lições. Talvez estejam faltando alguns, e por isso peço perdão aos seus autores — *vivis atque defunctis*)

ABELSON, Paul. *The Seven Liberal Arts*

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*

CARVALHO, Olavo de. *História Essencial da Filosofia*

\_\_\_\_\_. *Aristóteles sob Nova Perspectiva*

CURTIUS, Ernst. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*

DAWSON, Christopher. *Criação do Ocidente*

\_\_\_\_\_. *The Crisis of Western Education*

FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas*

GILSON, Etienne. *As Artes do Belo*

JÄGER, Werner. *Paideia*

LECLERQUE, Jean. *O Amor às Letras e o Desejo de Deus*

MARROU, Henri-Irinée. *História da Educação na Antiguidade*

MCLUHAN, Marshal. *O Trivium Clássico*

MEYER, Gabriel. *Das Trivium und Quadrivium in Theorie und Praxis*

MIRAGLIA, Luigi. *Latine Doceo*

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã*

\_\_\_\_\_. *História da Educação na Idade Média*

\_\_\_\_\_. *História da Educação na Renascença*

PIEPER, Josef. *Muße und Kult*

REALE, Giovanni. *História da Filosofia*

RICO, Christoph. *A Sixth Renaissance*



ROPS, Daniel. *História da Igreja*

\_\_\_\_\_. *São Bernardo de Claraval*

STORK, Ricardo Yepes. ECHEVARRIA, Javier Aranguren.

*Fundamentos da Antropologia*

STROH, Wilfried. *Latein ist tot, es lebe Latein*

\_\_\_\_\_. *Die Macht der Rede*

WILLMANN, Otto. *Didaktik als Bildungslehre*



AEPITOMA OMNIS PHYLOSOPHIAE. ALI  
 AS MARGARITA PHYLOSOPHICA TRACTANS  
 de omni genere scibili: Cum additionibus: Quę in alijs non habentur.



הַשֵּׁנִי הַשְּׁלִישִׁי הַרְבִּיעִי  
 הַחֲמִישִׁי הַשֵּׁשִׁי הַשְּׁבִיעִי

Initium sapientie  
 Timor dñi.

σοφίης λογος εστιν  
 αριστος.

# *O Trivium*

## *As três artes da linguagem e do pensamento*



Onde estamos?

“Trivium”, eis uma palavra que, junto com “Quadrivium” (e talvez até mais no caso desta), causa não pouca estranheza aos ouvidos do público leigo de hoje em dia; mas, não só dele: até na boca daqueles que têm certa familiaridade com o termo ele acaba soando um tanto deslocado e incerto.

Nem adianta apontarmos que, por exemplo, a palavra “trivial” advém desse termo, e nem que isso se deve ao fato de que os conhecimentos do Trivium já foram considerados uma iniciação obrigatória para os alunos de filosofia e de teologia; e que, por isso, “trivial” veio a significar algo que é corriqueiro ou banal. Tais informações são curiosidades, mas não chegam, nem de longe, ao âmago da questão.

E qual é a questão?

Por óbvio, existe a questão sobre a natureza do Trivium — sobre o que exatamente ele trata, e por quais meios. Essa questão precisa ser abordada, embora não possamos ficar nisso; até porque muito já foi dito a esse respeito, sendo essa uma pergunta com resposta mais clara.

Desta pergunta, surge uma segunda, natural nos dias de hoje: será o Trivium ainda algo relevante para o estudante hodierno? Quando

esta pergunta não existe, indica falta de maturação da questão, acusa certa aceitação passiva do ambiente intelectual no qual se circula. Tal aceitação não condiz com o espírito filosófico, nem com os requerimentos mínimos do pensamento razoável. Abordaremos, portanto, a questão da relevância.

Por fim, existe a questão que, quer-nos parecer, é a mais vital para nós no Brasil. Uma vez sanada a consciência com respeito às questões de natureza e relevância, surgirá, inevitavelmente, a questão sobre como fazer. Se sei, em linha gerais, o que é o Trivium (e o Quadrivium), e estou persuadido de que quero possuir suas ferramentas, bem como aberto à visão de mundo que subjaz a ele, em seguida terei de descobrir como agir para assimilar as técnicas e conhecimentos que nos cursos sobre o Trivium eram ensinadas. E, neste momento, aparecem diversos problemas até então invisíveis.

Vamos tratar das três questões suscitadas nos subtítulos que seguem.

### **Sobre a Natureza do Trivium**

Podemos definir o Trivium como as três artes (ou ciências, dependendo do autor) da linguagem de acordo com tradição educacional clássica no ocidente, sendo essas artes a Gramática, a Retórica e a Dialética. Por tradição educacional clássica, entenda-se aquela que vem desde os gregos, passando pelos romanos e culminando na cristandade europeia. Pode-se notar influência forte do Trivium ainda na modernidade, até o século XVIII ou, forçando um pouco, até o XIX. Claro que ele tem influência, embora de forma mais indireta, até hoje.

Assim, podemos notar que o Trivium é composto por artes que trabalham com a linguagem humana. Com que finalidade? John de Salisbury, no século XI, assinalava como finalidade do Trivium a aquisição de uma qualidade, ou virtude intelectual, que ele chamava de *eloquência*, a qual definia desta forma: a faculdade da expressão verbal adequada e eficaz. Adequada do ponto de vista do objeto ou do assunto; eficaz do ponto de vista da plateia a ser atingida pelo discurso. A faculdade

de articular essas duas qualidades discursivas, a qual subentendia todo um leque de habilidades e a capacidade de perceber as oportunidades discursivas, é o que caracteriza o homem eloquente.

Alguém poderia perguntar se todo o volume de estudos que é proposto no Trivium — isto é, todas regras de gramática, retórica e dialética —, é realmente necessário para se alcançar uma forma de expressão adequada e eficaz. De fato, para os padrões de nosso tempo, que se afirma um tempo científico e iluminado, soa ironicamente exagerado propor tanto treinamento verbal e lógico. No entanto, para aqueles que têm algum interesse na filosofia antiga, e que, portanto, não a consideram obsoleta nem refutada pelas novas — e, até mesmo, para aqueles que apenas têm intenção de se informar sobre o que pensavam aqueles filósofos — para todos esses, é necessário, em algum grau, exercitar-se nessas disciplinas propedêuticas, sob pena de desfigurar o pensamento dos filósofos e, mesmo, o dos teólogos do passado, caso se lhes sonegue.

Em todo caso, tal padrão elevado de eloquência precisa ser posto em perspectiva. Por óbvio, quem busque os píncaros da filosofia e da teologia, há de passar por provas mais duras do que quem apenas precisa manejar a linguagem em situações corriqueiras, de trabalho e lazer. Mas, claro, há muitas gradações mais. O poeta precisa ter certo domínio, que não é o mesmo do filósofo ou do cientista. E por aí segue. Trata-se, pois, de uma questão subjetiva tanto quanto objetiva. Somente o indivíduo, caso a caso, pode saber de quanto domínio da língua necessita para exercer seu *métier*, seja ele qual for.

Pelo lado objetivo, porém, as funções mais genéricas da eloquência permanecem salutares para todos os homens.

Dentre essas funções genéricas, uma se destaca com especial relevo. No frontão do Templo de Delfos, na Grécia antiga, conta-se que estava inscrito o imperativo que veio a estar ligado para sempre com a Filosofia Clássica, e que merece toda a veneração do estudante: *Conhece-te a ti mesmo*. Nesta fórmula, dizia-se então, estava contida toda a filosofia. Bem, se isso é verdade, devemos perguntar-nos a nós mesmos: como poderemos chegar ao conhecimento de nós mesmos sem dominarmos

a capacidade expressiva, sem sabermos notar e nominar os sentimentos, pensamentos, paixões e desejos que se sucedem no fundo d'alma de maneira contínua? De fato, não é possível. Assim, para cumprirmos esse dever, que de certa forma é de toda a humanidade, é necessário afiarmos nosso aparato pensante e verbalizante no limite de nossas possibilidades.

Por fim, ninguém vai negar que a capacitação nas artes do discurso tem utilidade geral na vida pública. É evidente que as pessoas, quando conseguem evitar a inveja, preferem alguém que fale bem a alguém que se expresse precariamente. Porquanto seja mais agradável ouvir quem bem se expresse, que o contrário. E fazer-se entender é muito mais útil do que ser obscuro, de modo geral. Todas essas coisas, de per si evidentes, conduzem-nos ao entendimento de que a eloquência, que é a meta do Trivium, é salutar e muito para se almejar.

### **Sobre a relevância do Trivium nos dias de hoje**

Vencida a dificuldade inicial respectiva à natureza mais geral do Trivium, vamos analisar a questão de sua relevância nos dias que correm.

De certa forma, já o começamos a fazer no artigo anterior, ao falarmos das benesses genéricas que a eloquência agrega ao seu cultor. Essas benesses são válidas, quer-nos parecer, enquanto durar a natureza humana.

É bem possível que, para algumas pessoas, somente esses argumentos já sejam convincentes. No entanto, outras, normalmente bem instaladas na sociedade, têm mais objeções a sanar, antes de ceder seu exíguo tempo a árduos estudos que eram tendência na sociedade medieval.

A isso, cabe dizer: esse programa de estudos admite gradações de esforço por parte do aluno; porém, na essência, eles demandam aplicação consistente e persistente ao longo do tempo. Isso, para quem deseja extrair deles o fruto derradeiro e mais maduro. É possível exercitar-se neles, por outro lado, apenas para polir aquilo que se recebeu da educação

escolar, e isso renderá um bom resultado — desde que se saiba graduar a aplicação e o aluno não se imagine mais perito do que é somente por ter deles algum conhecimento.

Dito isto, vamos à relevância do Trivium nos dias de hoje.

Primeiramente, não é conveniente dizer — pois seria um dito puramente publicitário —, que as Artes Liberais são adequadas a todos nos dias de hoje. Não o eram no passado, e continuam não sendo. Pelo esforço e persistência que requerem, elas naturalmente vão ser alvo do estudo de uma elite. Ao menos, de maneira primacial. Qual elite? Ora, a mesma de antigamente: a elite intelectual, que é o *concílio dos filósofos* (tomando esta palavra em um sentido mais amplo que o de praxe).

Neste momento, alguém poderia objetar: mas a filosofia não evoluiu muito da Idade Média para cá?

Chega a ser custoso ter que explicar, à pessoa que pretenda fazer *tabula rasa* da filosofia antiga, que isso é cometer o famoso suicídio do intelecto. Seria abortar todo o desenvolvimento que levou a filosofia a ser o que é. Seria ignorar as raízes da árvore, imaginando que ela possa viver de per si, independente da terra firme, pairando no ar das abstrações sem origem. Isso tudo, para nem tocar na questão da superioridade ou não da filosofia antiga em relação a atual; e nem cogitar se é possível ou não encontrar um fio de razão em meio à barafunda de teses que circulam nos meios universitários e midiáticos, as quais teses passam por pensamento filosófico. Tudo isso fica de lado. A questão é: quem quer se embrenhar a sério pela *selva selvaggia* da filosofia deve começar onde tudo começou. E, para isso, o Trivium constitui um caminho que não pode nem deve ser desprezado.

Por outra parte, aqueles que planejam aprofundar-se em uma ciência específica também poderão obter vantagem neste treinamento. A sua habilidade será, com certeza, diferenciada da de seus pares. Aliás, no Brasil inexistente um treinamento de base para as ciências. O que existe é uma apresentação descontextualizada de conteúdos puramente abstratos que o aluno não tem condições de comprovar via experimentos, e nem há prática de lógica para ao menos atinar com a validade dos raciocínios



que subjazem às conclusões científicas (quando o são). Por consequência, um treinamento na lógica clássica e, por que não?, na gramática e na retórica, que são também, de certo ponto de vista, vias de acessos à ciência, não será de forma alguma tempo jogado fora: será, isto sim, uma habilitação diferenciada para quem a possuir.

Mas, podemos ir mais adiante. Os profissionais liberais (não se trata apenas de mera coincidência de palavras), como os magistrados do direito e os médicos, que eram as profissões formadas nas universidades durante a Idade Média, também poderão tirar proveito desse curso de estudos. O orador romano era, além de político, geralmente um advogado, e era praxe que sua carreira começasse nessa seara. Ou seja, colocando a ênfase na arte da retórica, o estudante de direito pode adquirir ampla vantagem, com uma educação liberal, frente a seus pares.

Também mencionaríamos os políticos nessa lista, se já não soubéssemos bem a quantas anda a situação desse nobre ofício em nosso país. E, no entanto, por dever, registramos que, aqueles que vão gerir a *res publica* e criar leis deveriam ter o treinamento mais rigoroso e mais eficaz à disposição. Por óbvio. Decerto esse treinamento é o das Artes Liberais, de preferência ao das escolas nacionais.

Por fim, os literatos, poetas e prosadores. É quase escusado dizer que, nas grandes épocas literárias, e na formação dos grandes homens de letras, nota-se a influência do Trivium e mesmo do Quadrivium. Isso será mais bem esclarecido no decorrer deste capítulo. Entretanto, já cabe citar o exemplo de William Shakespeare, apenas para não deixar no ar o argumento. Por falta de fontes, existe, claro, uma boa dose de especulação a respeito das particularidades de sua formação; ainda assim, é perceptível o treino que teve na Gramática, na Retórica e na Dialética que eram ensinadas em sua época. A bibliografia na área não é pequena. Claro que não negamos a parte importante que teve o gênio do autor na equação. Ainda assim, os tropos de gramática e retórica, bem como as estratégias argumentativas saltam aos olhos tanto, que é impossível não enxergar que ele recebeu um treinamento técnico apurado para tê-los empregado tão bem como fez.

Ademais, ainda é de se citar a influência que teve na obra de Shakespeare a cosmovisão da sua época. Cosmovisão essa que era apreendida, de maneira intelectualizada, nos estudos do Quadrivium. A perda da cosmovisão tradicional do ocidente, que começou a partir da época de Shakespeare, muito contribuiu para o esfacelamento das belas artes em geral, ao ponto de hoje em dia o grotesco ser aceito como obra e exposto nos museus, por expressar a irracionalidade do mundo, que é a atmosfera na qual o ocidente vive; na literatura imperam, por um lado, a bizarrice, e por outro, o mero formalismo.

Por fim, resta dizer que, se for possível criar uma síntese que estabeleça pontes entre a educação liberal e aquilo de positivo que existe nas ciências de hoje, isso será de grande valia, em nossa visão, para a educação do ocidente. Essa ideia não é nova e parece andar circulando por aí, mesmo em ambientes ainda muito restritos. Por uma ruptura muito extensa com a cosmovisão antiga é que se explica muito da crise na qual estamos chafurdando; até nos meios católicos se deu essa quebra traumática, sem que os intelectuais, parece, atinassem para o problema. Em resumo, o abandono de uma educação que enfatize com gravidade a perícia nas letras e no bem pensar (isto é, em gramática, retórica e dialética), conjugada com a visão simbólica que era posta em evidência pela matemática (entendida num sentido mais amplo) do Quadrivium, está a fazer com que a crise do ocidente agrave-se mais e mais, até que sobrevenham resultados imprevisíveis — mas que, claramente, não se anunciam auspiciosos. Assim, para nós, o Trivium e o Quadrivium deveriam, em uma sociedade ideal, ser o estudo de todos; a realidade, porém, interpõe-se com sua crueza.

### **Sobre a forma de estudar o Trivium**

Cícero, no começo do *De Officiis*, faz um comentário a respeito de duas questões preliminares a qualquer estudo, as quais estão há muito afastadas do debate sobre o tema. Também, pudera. Hoje em dia se pensa, com a maior candura imaginável, que a educação efetiva-se de

duas formas: ou enchendo de informações o cérebro do aluno, como se este fora assemelhado a uma saca de grãos; ou, o que é muito pior, “extraíndo” as informações de lá na base da sugestão e da manipulação de conceitos ideológicos (no Brasil, geralmente de esquerda).

Já a tradição sempre entendeu a educação como um processo semelhante ao cultivo da terra. Neste sentido, é necessário que o aluno conheça e aprenda a usar as ferramentas de cultivo; conheça a terra em que vai fazer o plantio; faça testes preliminares para ir ganhando alguma experiência com a terra; obtenha experiência com relação ao momento de irrigar, ao tempo certo para o plantio, ao tempo de amadurecimento e assim por diante.

Cícero consegue divisar outras questões que cercam a atividade discente. Não se trata, para ele, tão-somente de obter acesso ao cérebro do aluno para ali enfiar na marra algumas noções e informações; ele leva em conta, além disso, o professor e, talvez surpreendentemente, a cidade onde o aluno vai aprender. Ele diz ao filho que a eminência do professor enriquece com aprendizado; e a eminência da cidade enriquece com exemplos.

Não apenas, portanto, a alma discente deve receber informações e noções, mas também ter exemplos a copiar. Seriam apenas modelos de conduta moral mais ou menos reta, como hoje se pensa? Não, pois isso praticamente toda cidade possui. Basta selecionar bem o ambiente a ser frequentado. Porém, no caso, Cícero referia-se à eminência da cidade de Atenas, onde seu filho estava aprendendo filosofia. Em outras palavras, ele claramente afirma que, além de conhecer regras e preceitos de determinada técnica ou ciência, é necessário ter diante dos olhos o exemplo de pessoas que as praticam bem.

E aí surgem os problemas. Em um ambiente como o Brasil, os professores (que também devem dar o exemplo, sabendo manejar com apuro as técnicas das Artes Liberais) são escassíssimos, e nem as cidades possuem a atmosfera intelectual ideal para uma vida de estudos. E não é de hoje. As coisas já estiveram piores, todavia. É possível notarmos núcleos de vida intelectual formando-se aqui e ali, e a internet tem feito

muito para aproximar os estudantes sérios, que antes se viam ilhados e isolados.

Primeiro, então, para que haja um estudo proveitoso do Trivium, é necessário levar em consideração a questão do meio ambiente. Estar em contato com mestres e com outros estudantes. Se possível, também, é salutar criar ou participar de grupos de estudo, cuidando para que não degenerem em falatório oco nem em mera ocasião de expor vaidosamente as próprias ideias. Importante, também, é mapear as obras que serão necessárias, para saber onde encontrá-las assim que necessário.

Em segundo lugar, vem a questão dos hábitos de um estudante sério. Passaremos longe da pregação moral. Contudo, o caso é que certos hábitos, bastante enraizados no Brasil, são abertamente deletérios. Começando pelo hábito de se nutrir apenas de cultura pop ou popular. Sem pregar o abandono irrestrito dos gostos pessoais, é preciso que o aluno se disponha a buscar alimento mais sólido e rico em proteínas também. Os gostos pessoais são apenas isso: gostos pessoais. As culturas pop e popular, embora muitas vezes bebam da fonte dos clássicos e da mitologia, têm como característica serem menos exigentes intelectualmente, mais apelativas e mais compactas, demandando uma atenção menos duradoura e/ou de menor intensidade. Isso, levado ao extremo, é muito daninho para a capacidade intelectual que uma vida de estudos pede. Ao mesmo tempo, elas são mais formalistas e repetitivas, e seus simbolismos tendem a ser mutilados; de modo que elas acabam por criar um imaginário depauperado, quando são a única fonte que o abasteça.

O problema da vontade tem também grande monta na questão. Isto é, o quanto estamos dispostos a levar adiante esse trabalho intelectual, apesar dos óbices e das armadilhas no meio do caminho? Todo o estudante deverá perguntar-se isso. Do contrário, estará apenas seguindo uma veleidade d'alma, um impulso ou uma emoção de momento que se esvaírá com os sonhos da noite. Em verdade, todo este preâmbulo é uma tentativa de depurar as motivações e razões do leitor com relação às Artes Liberais, a fim de que ele tenha bem nítida e vívida ante os olhos

a imagem do que almeja e do que se movimenta no seu íntimo.

Aristóteles elenca três tipos finalidades possíveis para a vida do homem. Diz ele que um homem poderia construir uma vida em função do prazer, da honra ou do conhecimento.

A vida em função do prazer pode ser relacionada com a vida do trabalhador que exerce função operacional e com a do comerciante. Sua função é produzir coisas aprazíveis e úteis, ou ser auxiliar nessa produção.

A vida em função da honra é a daquele cujo ofício é ser o defensor de algo elevado e, em geral, põe a vida em risco pelo próximo, como no caso do guerreiro. Por ter feito algo em prol da multidão, algo que esta multidão não estava disposta a fazer — isto é, pôr a vida em risco —, essa pessoa recebe honras e uma posição destacada na sociedade. Geralmente, os membros da categoria anterior dispõem-se a fazer sacrifícios econômicos em nome das pessoas honradas.

Por fim, a vida que Aristóteles acreditava ser a superior, a vida eminentemente humana, é a vida do intelecto, da busca do conhecimento — cuja meta última é a sabedoria. Nesta categoria estão compreendidos aqueles que, de certa maneira, têm a maior influência sobre a sociedade, porém uma influência de tipo sutil e abrangente, e ao mesmo tempo não violenta. Aqui se contam, desde o tipo mais baixo, como o dos jornalistas, até a casta sacerdotal propriamente dita, que engloba padres, místicos, filósofos e cientistas de alto calibre.

Com tudo o que foi dito, fica claro que o estudante das Artes Liberais de pleno direito está mais bem configurado à última categoria, porquanto as artes encaminham para a vida da sabedoria. Isto não quer significar que as outras metas de vida não possam ser alimentadas pelo estudo das artes, com ênfases diferentes.

Para finalizar este arrazoado, não sonharemos uma palavra a respeito da questão espiritual. Neste tempo de confusão disseminada, o tema parece ter-se tornado complexo demais, ao mesmo tempo em que é visto com indiferença. Entretanto, ele não é indiferente à vida intelectual. Concedemos que existe a possibilidade de se levar uma vida de estudos sem se estar filiado a uma religião tradicional, em especial, à religião

católica; no entanto, isso criará um sem-número de impedimentos muitas vezes invisíveis ao estudante agnóstico.

Por sua própria natureza, esse tipo de vida é tendente à concentração penosa em abstrações, à fuga do mundo; prolongada no tempo, esse tipo de atividade pode levar facilmente ao isolamento e à fuga das relações pessoais, que poderá redundar em um ensimesmamento malsão. Assim, as influências que circundam essas atividades, se não intermediadas por uma vida social ordenada e por uma espiritualidade sã, facilmente produzirão uma personalidade de caráter soturno, que se poderá tornar inimiga da sociedade e das relações humanas sadias. A partir daí, as ações do aluno descambarão até para a maldade, seja contra o mundo, seja contra si. É muito verificável no Movimento Revolucionário — conforme classificado e descrito por Olavo de Carvalho — esse tipo de personalidade intelectual que se degenerou em antissocial, mas que, ao mesmo tempo, se imagina juiz de toda a sociedade, e que vê como normal a execução daqueles que se coloquem contra seu plano de instaurar a sociedade perfeita. Claro que este é um caso extremo; no entanto, mesmo os casos menos graves dessa tendência descrita aqui são péssimos. Um outro, muito encontrado no Brasil, é o juiz da moralidade alheia — esteja ele ou não embasado em um sistema moral religioso. Ele serve de pasto e é usado pelo revolucionário, pois é fácil arregimentá-lo para causas que se apresentem como a salvação da sociedade.

Enfim. Enquanto sejam umas observações genéricas sobre como proceder no estudo das Artes Liberais, cremos que isso seja suficiente por enquanto. Será desnecessário enfatizar aquilo que é bem sabido, como a disciplina pessoal, a reta consecução das tarefas, a constância, etc. No próximo capítulo, prosseguiremos a tratar das artes mesmas.

## **A Linguagem**

Conforme Hugo de São Vítor no seu *Didascalicon*, a alma humana possui 3 potências. A primeira, que o homem tem em comum com as

plantas, é chamada de alma vegetativa, e suas três funções principais são a nutrição, o crescimento (ou desenvolvimento) e a reprodução. Essa alma não possui a capacidade de discernir as coisas que a rodeiam.

A segunda alma, que o homem tem em comum com os outros animais, é a chamada alma sensitiva, cujas funções principais são a captação dos corpos pelos sentidos, a imaginação, o desejo e a locomoção.

Por fim, no homem, há ainda uma terceira camada, chamada de alma racional. Essa terceira função é capaz de organizar internamente as imagens geradas na imaginação em grupos abrangentes, chamados conceitos, que são uma captação da forma imaterial das coisas, chamada essência. Ainda, o homem é capaz de assinalar um certo som a esses conceitos, que possibilita a ele fixá-los melhor na memória e poder comunicá-los ao seu próximo. Assim, Hugo de São Vítor discerne três operações que o homem pode executar através da razão: nomear e entender as coisas que estão ausentes, descobrir-lhes a essência através da organização das palavras e investigar aquilo que ele desconhece através daquilo que já conhece.

O que deve ficar claro com essa exposição acima é que a linguagem humana deriva da potência racional do homem. Potência, no sentido de que pode ser exercida ou não; além disso, pode ser exercida de maneira melhor ou pior, a depender da habilidade e do treinamento pelo qual o indivíduo passar.

Mas, deriva como?

O processo é complicado, porém tentaremos resumi-lo. Ele segue este itinerário: (1) postula-se a existência real dos entes que há no universo, e que esses entes possuem uma essência duradoura por baixo da mutabilidade de seus acidentes; (2) de um ente capaz de captar os corpos pelos sentidos, depositá-los na memória na forma de uma imagem, e extrair dessa imagem a essência já destrinchada dos acidentes, essência que é incorpórea e se aplica a todos os exemplares do mesmo tipo. Por fim, assinalar um nome a esse conceito, pelo qual ficará fixado na mente e poderá ser comunicado através da voz.

O bebê, de tanto ver a mãe, o pai, a mamadeira, recebe uma impressão

interna desses entes, que associa com as palavras que escuta.

Primeiro, pois, o bebê sente fome, dor, prazer; vê a mãe, o pai e os objetos que o cercam e com os quais interage; após isso, começam a se formar em sua memória imagens — ainda que tênues — que o fazem reconhecer esses entes. Sem poder, é claro, articular em conceitos estanques e complexos, ele percebe uma identidade nesses entes; apresentam-se de certa forma estável para ele e, por isso, ele pode associar um nome a imagem deles. Isso, que se forma na mente do bebê, são imagens e noções. Noção é tudo quanto o nosso entendimento capta que ainda precisa ser explicado. “Ter noção” é ter uma certa captação da essência da coisa, sem, no entanto, conhecermos sua definição nem sua articulação com os demais entes.

Começamos, portanto, a dar nomes às coisas, quando ainda temos um conhecimento extremamente precário delas. E, mesmo ao longo da vida, muita coisa para nós será conhecida quase que meramente pelo nome ou, no máximo, pelo gênero, por não nos interessarmos ao ponto de pararmos para refletir sobre a essência ou sobre o resto que a circunda.

O principal na linguagem é ação de dar nome às coisas. Na discussão que Sócrates tem com Crátilo e Hermógenes no diálogo de Platão “Crátilo”, distinguem-se as funções do nome como as de ensinar e a de distinguir as essências. Ensinar, neste sentido específico, é transmitir uma informação a outrem ou a si mesmo. Distinguir as essências, ou naturezas, é o ato da inteligência que separa mentalmente aquilo que é a essência dos acidentes das coisas que captamos confusamente pelos sentidos.

Tudo isso é feito através da ação de nomear. No entanto, não somos nós os legisladores da língua, nem Adão no Paraíso, para darmos nomes a tudo quanto se encontra debaixo dos céus. Antes, recebemos os nomes prontos de uma longuíssima tradição cujos princípios perdemos de vista nas brumas da história. Por isso mesmo, a aquisição da linguagem torna-se, para nós, um problema educacional, agravado em épocas de crise intelectual, como a que o Brasil vem padecendo há décadas.

A aquisição da linguagem é problemática, em primeiro lugar, porque



ela está carregada de sentidos e conexões que não foram dados por nós, e dos quais ignoramos as razões. Aprendemos, pois, um nome que tem uma etimologia; que, muitas vezes, tem um sentido técnico (com todo um histórico de discussões) e outro convencional (como por exemplo a palavra “homem”), e por aí vai.

Fica claro, portanto, de que maneira a função de nomear da língua já traz consigo uma gama imensa de problemas — tão grande que ultrapassa as possibilidades individuais de qualquer pessoa. Daí o provérbio latino: *ars longa, vita brevis*. Daí, também, que haja tantas tentativas de criar um sistema de ensino que, ao mesmo tempo, dê ao aluno uma visão panorâmica da cultura, bem como as ferramentas para que ele se especialize em uma ou em algumas poucas áreas do saber.

Seja como for, até muito recentemente havia o consenso de que a melhor forma de colocar o aluno de chofre em contato com a cultura geral do ocidente era através da literatura clássica.

A literatura clássica é um condensado de toda a cultura de determinada época e de determinado lugar — e, às vezes, de toda uma civilização. Ela reúne em si, graças às maravilhas do formato narrativo, as mais belas formas de escrever; relatos históricos, de costumes e de hábitos; descrições geográficas; amostras de ciência e filosofia; descrição dos sentimentos humanos; e, por fim, a exposição de situações humanas possíveis e universais que todo homem deveria conhecer ao começar a encarar a vida.

Tomemos como ilustração do dito acima o poema sobre *Hero and Leander*, de Christopher Marlowe, poeta inglês do século XVI.

Baseado em uma antiga lenda grega, ele conta a história de dois amantes que vivem um amor ilegítimo, uma vez que ela é sacerdotisa de Afrodite e fez voto de castidade. De cara, já se nota a situação humana universal que opõe o amor carnal ao dever, seja social, seja religioso, cuja inobservância gerará um desfecho trágico, como em geral ocorre também na vida real.

Ainda, nota-se a situação humana universal da sedução masculina, que, através da insistência e da manobra lógica, consegue desfazer um

voto religioso: Leandro argumenta ser absurdo que uma sacerdotisa de Afrodite — justamente a deusa da beleza e do amor carnal — permaneça virgem.

Mas, não ficamos por aí, é claro. Muito da história se baseia na geografia. O cenário é o Helesponto, um estreito que separa a Europa da Ásia. Hero vivia de um lado, em Sestos, e Leandro do outro, em Abidos. As duas cidades entreolhavam-se. Toda noite, Hero, que habitava em uma torre, ligava uma lâmpada para auxiliar Leandro em sua travessia a nado do Helesponto. Em uma noite de tempestade, a luz se apagou e ele se afogou no mar. No dia seguinte, Hero encontra seu corpo levado pelo mar até a praia e se suicida.

Mais, a história desfila uma longa lista de nomes de deidades e heróis, lendas e mitos, que muito ensinarão a respeito da cultura grega. Toda a argumentação de Leandro, para convencer Hero a abandonar a virgindade, embora capciosa em grande parte, é verdadeiro *tour de force* erístico, apto a ser usado em exercícios dialéticos.

No quesito do simbolismo, há nessa lenda, que é de antigüíssima tradição, uma das origens remotas da imagem da donzela em uma torre — que se repetirá tantas vezes nos contos de fada, no poema *The Lady of Shalott*, e até no *Ismália*, do nosso Alphonsus Guimaraens. Ademais, o simbolismo da luz na torre, que é vista do outro lado do estreito por Leandro, parece ter inspirado Scott Fitzgerald no seu *The Great Gatsby*, pois que o personagem epônimo vive em uma casa que dá exatamente de frente para a casa da mulher por quem é obcecado. As duas casas apenas separadas por um braço de mar. Ele passa as noites olhando para luz verde que emana da fachada da casa dela, a distância.

Assim, numa análise rápida, podemos ver como se condensam os mais variados aspectos — e, alguns até dirão, *todos* os aspectos da vida humana — em uma obra literária. Fora isso, ainda temos o estilo literário, que pode ser definido como “a forma mais adequada de expressar as experiências humanas”. Com tudo isso em mente, parece-nos difícil negar que a intimidade dos clássicos seja a verdadeira porta de entrada para todos os tipos de estudo — e mesmo para a vida. Quem

se furta a esse tipo de conhecimento, arrisca enfrentar a vida quase como uma tábua rasa, no sentido de que se fia em músicas, novelas e filmes populares para moldar o seu imaginário pessoal e a sua forma de se expressar.

Eis a fórmula clássica de Eugen Rosenstock-Huessy para explicar a origem da linguagem: a origem da fala é a fala da origem. Com ela, o autor afirmava que a função primeira da linguagem é resgatar os predecessores — os mortos que criaram as condições para a existência humana, não mais animal, do homem em dada sociedade. Extrair o homem de uma condição meramente animalesca é função dos ritos, poesias, contratos e convenções escritas em linguagem formal; portanto, adquirir a capacidade de entender e se expressar numa linguagem mais elevada do que aquela da família, do grupo de referência, etc., é condição *sine qua non* para a plena posse do estatuto humano, de acordo com Rosenstock-Huessy. Sem essa noção da história dos predecessores, que supõe a visão social de que o túmulo é que funda o nascimento, de que o túmulo é o útero do homem social e racional, sem essa noção, o homem reduz-se a um mero animal que tem uma vida biológica do nascimento até a morte material, uma vida que reside no lusco-fusco entre o animal e o humano, sem ser um nem outro. O que dá, enfim, a noção temporal adequada da vida é a morte. Sem a baliza da morte, e sem os instrumentos que a cultura provê ao homem para ele trabalhar no meio tempo entre o nascimento e o falecimento, o homem estará completamente à deriva frente às forças naturais e sociais, que o oprimirão e o arrastarão a um fim quase sempre grotesco.

Frente a tudo isso, cremos que fique evidente que a aquisição de uma linguagem rica, correta, mas também versátil para lidar com novos fenômenos que se apresentem, não é mero capricho ou erudição elitista: pode ser isso, dependendo da intenção interior do estudante. Porém, essencialmente, não é. É uma condição indispensável para a instalação plenamente humana no mundo. E, por força, é uma condição indispensável para que uma sociedade seja sadia. Uma sociedade que vive mergulhada na informalidade linguística — norteadas por modas midiáticas e pela língua de pau dos jornalistas — não terá muito

futuro como sociedade íntegra e autônoma. Tenderá à dissolução e a ser subsumida, seja material, seja intelectualmente, por sociedades mais robustas e intelectualizadas.

### As Artes da Linguagem — O Trivium

Poucas pessoas estão cientes de que as três artes que compõem o Trivium, na verdade, durante muito tempo foram rivais. Mas, basta lembrar que, do momento em que passamos a ter registros históricos mais robustos, na época de Platão e Aristóteles, a guerra já estava instaurada e grassava. Basta saber alguma coisa da obra de Platão para se estar a par de que ele era um crítico acerbo tanto dos poetas, que são os campeões da gramática, quanto dos retóricos sofistas; ao mesmo tempo em que propugnava o método dialético como o método *par excellence* da ciência e da filosofia.

Aristóteles, por sua vez, era também um dialético, mas via com melhores olhos tanto a retórica quanto a poética, talvez por sua formação como professor de retórica na academia platônica. Em todo caso, nas suas investigações mais importantes, era o método dialético que utilizava.

Já Isócrates era um ferrenho adversário da academia platônica e das pretensões a um conhecimento certo e seguro, o qual, afirmavam Platão e Aristóteles, era possível após a depuração dialética. Isócrates acreditava que o máximo a que o homem poderia almejar era possuir opiniões bem informadas, e expressá-las de maneira adequada e embelezada. Era, portanto, um retórico, e se opunha aos dialéticos.

Podemos, não sem alguma imprecisão e de forma um tanto temerária, afirmar que eram poetas e gramáticos aqueles filósofos pré-socráticos que afirmavam coisas como “a origem de tudo é água”, ou “a origem de tudo é o fogo”. Em que sentido? No sentido em que utilizavam o método analógico para explicar o universo. O método analógico é o que configura eminentemente a produção literária. E ele se dá quando se faz uma comparação entre coisas distintas, e essa comparação encontra certa

relação de familiaridade entre as duas. Então, o dizer que a origem do universo é água — embora essa proposição tivesse um intuito científico —, ainda se funda sobre uma comparação analógica, que é preciso descompactar, por assim dizer, poética e imaginativamente a fim de lhe alcançar o sentido real.

Com tudo isso, vemos que por trás da gramática, da retórica e da dialética escondem-se métodos de aquisição do conhecimento, e até mesmo visões de mundo incrivelmente conflitantes. Chega a ser, portanto, surpreendente que essas três disciplinas tão estranhas a si tenham sido reunidas num mesmo projeto pedagógico mais tardiamente.

E, no entanto, os pedagogos antigos o fizeram, malgrado os disputantes e suas disputas. Com certeza tiveram motivos e alguma fundamentação para tanto.

Para isso, tiveram que reduzir, de certa forma, o escopo das disciplinas às ferramentas que elas haviam criado para chegar a suas finalidades. Assim, já na época dos filósofos, a gramática havia sido formatada de maneira a ensinar as ferramentas para se escrever como os poetas e prosadores mais eminentes. Com relação à retórica e à dialética, isso demoraria um pouco mais.

Aristóteles é aquele que parece começar a ordenar o assunto de uma forma superior à barafunda que reinava. Ele irmana a dialética com a retórica (dando, porém a proeminência à primeira), e estabelece as balizas de cada uma: a retórica fica com o estudo dos argumentos que causam a persuasão (πειθω) e uma crença firme (Πίστις); a dialética também trata de argumentos prováveis (e não certos e demonstrados), porém parte de argumentos que todos, a maioria ou os mais notáveis homens acreditam e, a partir deles, busca depurar essas crenças ainda mais e, idealmente, chegar a uma certeza ao menos probabilística e estatística sobre o assunto. No limite, as proposições depuradas pela dialética podem acabar fundando um novo campo de estudos científicos, isto é, no sentido em que entendemos hoje.

Essa distinção Aristotélica, mais os avanços na retórica que nos foram dados pelos romanos (mormente Cícero e Quintiliano), deram

fecho a essas disciplinas em formas reconhecidas e aceitas por quase todos os intelectuais europeus posteriores, que apenas as reproduziam, fazendo, aqui e ali, poucas adições de cunho próprio.

Dessa forma, de maneira extremamente resumida, é claro, as três disciplinas do Trivium passaram a ser a base para toda a cultura letrada ocidental por, pelo menos, uns 12 séculos (dependendo de como se fizer o cálculo). Visto assim, trata-se de um feito bastante portentoso — mais ainda, se o comparamos com o modelo educacional que temos de uns 200 anos para cá, que substituiu as Artes Liberais, mas que, no frigidar dos ovos, é modelo nenhum, uma vez que de 20 em 20 anos ele é totalmente revirado do avesso, graças a “novas descobertas pedagógicas”; no caso, em geral trata-se de nova moda acadêmica que fatalmente será substituída à força logo adiante.

\*\*\*

Vimos, portanto, que as disciplinas do Trivium não acabaram juntas no mesmo modelo pedagógico de maneira simples e fácil; isso se deu apenas depois de muito debate e brigas ferrenhas. Basta lembrar da rivalidade entre a escola de Platão e a de Isócrates.

Convém, no entanto, nunca esquecer essa rivalidade e essa tensão entre as artes, pois o equilíbrio entre elas é “dialético”, por assim dizer — utilizando esse termo em uma acepção mais moderna, no sentido de que é preciso articular os três tipos de análise a cada momento do estudo. Dando um exemplo simplório: uma palavra é composta de som ou grafia + significado dicionarizado, na gramática; esse significado, porém, do ponto de vista da retórica, é modulado pelo apelo psicológico que a palavra também tem (para cada audiência em particular), pelas possibilidades de sentido figurado, etc., sua posição no argumento; do ponto de vista da dialética, a palavra será analisada dentro de um enquadramento lógico rigoroso, levando em conta se é substância ou acidente, qual seu gênero e diferença específica, etc. Todas essas dimensões estão dentro de cada palavra. Não que seja possível nem desejável submeter todos os termos

de um texto a um escrutínio exaustivo; isso seria exacerbado logicismo (que também é uma tendência nociva existente no mundo pós-Trivium). Mas, de fato, é preciso fazer esse tipo de análise quando lidamos com as palavras-chave de um discurso.

Ao compor um texto, e na hora escolher por este ou aquele vocábulo, todas essas dimensões pesam, ainda que boa parte dos escritores não consiga nem sequer dar pela sua existência.

Bem, há ainda um aspecto a ser tratado com respeito à rivalidade das artes do Trivium. As facções rivais parecem ter um substrato comportamental. Assim, o leitor estudante do Trivium deve levar em conta que ele, provavelmente, se afeiçoará, preferirá e mesmo verá o mundo de um ponto de vista atinente a uma das artes em especial; mas isso não o deve impedir de estudar as outras. Assim, o tipo mais poético, de imaginação mais rica, com o tino para símbolos, paradigmas narrativos, sons, descrições, etc., deverá acabar deleitando-se mais no estudo da gramática. O tipo mais voltado para a ação no mundo, para o debate político ou para a pregação religiosa, para a liderança de grupos arregimentados, este provavelmente terá mais prazer no estudo retórico. O tipo mais científico, com pendor para as matemáticas, para o que é claro e distinto, para a vida contemplativa em sentido estrito, esse poderá encontrar-se mais bem instalado no estudo da dialética.

Tudo isso, claro, deve ser entendido *cum grano salis*. Existem tipos intermediários e até aqueles que insistirão que não se encaixam em nenhuma classe. Não é necessário brigar por causa disso. O importante é que se estudem todas as três artes.

\*\*\*

Se imaginarmos as três artes do Trivium simbolicamente como um triângulo equilátero, poderemos colocar a arte da Gramática na base do triângulo, e a retórica e a dialética nos lados que formam o vértice. Essa imagem dá-nos uma base simbólica para entender como foi feita a adaptação das três artes ao modelo maior chamado Trivium. A

Gramática, com efeito, é a base, sendo, nas palavras de Dante, o estudo da parte material da linguagem. Assim, o som e grafia “sustentam” o significado — isto é, todos os significados, já aludidos, que estão contidos nas artes da Retórica e da Dialética. Estas duas, por sua vez, “ascendem” em direção à meta superior que buscamos: a verdade, embora sem se confundirem com ela.

Outro simbolismo, muito utilizado na Idade Média, era a associação das Artes com os sete planetas clássicos da Astronomia antiga, isto é, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Neste panorama, a Lua era associada à Gramática, Mercúrio à Dialética e Vênus à Retórica.

No caso da Gramática, o símbolo da Lua, como um receptáculo do Sol, indicava que a Gramática é o receptáculo para as intelecções; e a Lua muda de aspecto, assim como as declinações e conjugações da Gramática para acomodar as várias modulações da verdade. No caso de Mercúrio, ele é o planeta mais leve, e está sempre próximo do Sol (que aqui pode ser tido como a luz da verdade, simbolicamente), como que articulando e enquadrando essa luz em categorias e raciocínios. Vênus, por sua vez, também está sempre próximo do Sol (mas se distancia mais que Mercúrio), e é o planeta de brilho mais belo, assim como a retórica procura persuadir através de ornamentos e do ordenamento correto dos argumentos.

\*\*\*

Já foi explanado, na primeira parte deste livro, o que os antigos queriam dizer com educação liberal. Era a adoção de instrumentos mentais e morais que libertassem o homem, o quanto possível, dos condicionamentos ambientais e psíquicos, a fim de que pudesse exercer o julgamento racional e agir em sociedade de forma ótima.

É curioso que o homem antigo pensasse que esse estado humano deveria ser alcançado através da educação. Por quê? Bem, porque hoje se pensa que a liberdade está radicada no aspecto econômico da vida humana. Existe uma escola e um movimento político — o liberalismo



— que prega isso (e os marxistas pregam apenas meios diferentes para o mesmo fim). Para os liberais, é a liberdade da coerção estatal (mormente com relação ao Mercado) que caracteriza o homem livre. Para os antigos, no entanto, era a capacidade de pensar e agir com racionalidade; de modo que até um escravo, como no caso de Epicteto, poderia ser considerado um homem livre, uma vez que era filósofo, que buscava a sabedoria, o bem pensar e o bem agir. Da mesma maneira, Diógenes, o cínico, que vivia em um tonel.

Modernamente, a educação é, da boca para fora, considerada muito importante, digna das mais altas loas; na realidade, porém, ela se subordina ao mercado de trabalho. Não é dizer que todos na sociedade devam viver uma vida examinada como a dos filósofos, nem que tenham que ser poetas ou oradores de alta estirpe; mas, precisamos nos decidir: nosso foco, enquanto sociedade, está completamente devotado à vida material, ou existem dimensões maiores que devem ser levadas em conta, e das quais a educação básica deve ao menos dar notícia e ciência?

Quem entra nesta busca por uma educação clássica está fazendo a escolha pela segunda opção, e precisa estar plenamente ciente disso.



GRAMMATICA



*Grammaticae reliquis Elementa, viamq; ministrat  
Artibus, & solido cunctas fundamine fulcit.*

# Gramática



Poderá soar extremamente estranho para muitos que Platão, na República, insira o estudo da gramática e da literatura no estudo da Música. Mas, pensando bem, não é tão estranho: a palavra ‘música’ vem das *Musas*, e quer dizer originalmente algo como “aquilo que pertence às musas”. Para os gregos, as Musas presidem não apenas àquilo que conhecemos hoje como música, isto é, a ordenação de sons melódiosos entre si; também há musas que presidem a poesia, tanto lírica como épica: de fato, a ‘líder’ das musas era a que presidia a poesia épica, Calíope.

Complementarmente, a gramática lida em primeiro lugar com os sons da língua, sons esses que estão subordinados ao tempo e ao ritmo, assim como a música. Não admirará a ninguém, portanto, que o vocabulário técnico da gramática e da literatura se aproxime deveras do vocabulário da música. Há frase, período, ritmo, estilo, tom, etc., em ambas as artes. Há quem diga que a função de significar e referenciar conceitos e objetos, que pertence à gramática, corresponda à de significar e referenciar a harmonia da alma humana e do universo na música. A música e a língua seriam, nessa visão, duas formas de linguagem.

A música, por sua vez, para Hugo de São Vítor, tinha esse nome porque sua raiz vinha da palavra que significaria água, ou umidade. Se essa etimologia é certa ou não, não vamos discutir aqui. Porém, simbolicamente, ela se encaixa.

As Musas, na mitologia, estão ligadas tanto à água, quanto às montanhas (que, no fim, significam as alturas e o elemento do ar). Esses dois elementos (água e ar), na cosmovisão antiga, são os elementos úmidos, que pairam no meio termo, entre a terra e o fogo. Na Cosmologia

antiga, portanto, existe uma escala, visível a olho nu: a terra é o primeiro elemento, o mais resistente, maciço e pesado, que serve de apoio; depois, a água, que está contida na terra, e é o elemento adaptável, fluído, mas, também, pesado; após, o ar paira acima desses dois elementos, e também é fluído e adaptável (pois é úmido), porém este elemento é leve e não depende dos outros para sua estabilidade (que ele não tem muita); por fim, o fogo paira ainda acima do ar, como o mais elevado, e ele pode ser percebido no calor e na luz emanada do Sol, sendo em tese o mais sutil de todos.

Entendida ao menos por alto essa cosmovisão, podemos perceber como as musas, claramente, estão ligadas ao elemento úmido. Os dois animais que as simbolizam são o cisne e a pega — dois pássaros —, um mais relacionado com a água, e o outro puramente com o ar.

Assim, podemos entrever o que Hugo de São Vítor queria dizer ao fazer a conexão das Musas com a água e, em última análise, com o elemento úmido. E, disso, podemos começar a perceber qual o elo entre a música e a gramática, ou, até mesmo, a linguagem como um todo. Na estrutura do homem, admite-se, existem a princípio dois componentes: corpo e alma. O corpo pertence ao elemento seco e de terra, por ser em princípio mais estável e sensível, e a alma ao elemento úmido, por ser mais mutável e sutil. Existem, porém, outras divisões, como a divisão em 3 partes: o homem então é composto de corpo, alma e espírito. Entretanto, a que nos interessa, aqui, é a divisão em 4 partes: o homem, então, é composto de corpo, alma vegetativa, alma sensitiva e alma intelectual ou espiritual.

A alma vegetativa e a animal se endereçam à atividade das musas. A alma vegetativa, que temos em comum com as plantas, refere-se às atividades de nutrição, crescimento e reprodução; às necessidades de comer, beber e se reproduzir. A alma animal engloba a sensibilidade, os desejos e a imaginação, os quais têm suas próprias necessidades, que geralmente se encontram reunidas em torno do apetite por coisas prazerosas e belas — e por fugir das coisas dolorosas e feias. Ainda, diz respeito a função conhecida como alma irascível, que é potência para

efetuar atividades que requerem esforço e não dão, de imediato, uma recompensa agradável.

As artes presididas pelas musas — resumidas em dança, poesia e música —, influenciam, inspiram e apaziguam de maneira mais direta as almas vegetal e animal; inclusive, isso fica claro quando lembramos que Orfeu, o filho da musa Calíope, influenciava com sua música as plantas e as bestas, principalmente. Podemos até especificar, dizendo que música se dirige mais para a alma vegetativa (diz-se que a música é o “alimento” da alma), e a poesia mais para alma sensitiva (mormente para a imaginação).

Seja como for, parece que com o exposto fica mais claro por que a educação grega resumia-se em ginástica e música. Essa educação é eminentemente uma educação que ordena o corpo pela ginástica, e a alma pela música. Essa ordenação se torna, então, a pré-condição para que o homem possa adentrar o vestibulo dos estudos superiores. Podemos, seguindo o símbolo da música, entender que a ordenação é a eufonia de que fala Hugo de São Vítor, isto é, a alma que soa bem como uma sinfonia, na execução de seus diversos órgãos: uma alma bem afinada. Tal eufonia é a finalidade do estudo das Artes Liberais e começa com o estudo da Gramática.

Agora, precisamos investigar em que sentido a gramática produz uma ordenação interna e contribui para a eufonia da alma.

Correntemente no Brasil, a gramática é percebida como uma imposição externa sobre a linguagem natural. Parece algo forçado e artificioso: coisa de eruditos esnobes. Existem inclusive escolas de gramática que propõem que se ponha fim a essa imposição artificial, por paradoxal que isso aparente ser. Em suma, a gramática é vista como algo externo, cuja existência mesma já é quase tida como um luxo desnecessário.

Muito ao contrário, se ficarmos apenas no aspecto externo dela, sua função de dar coesão à língua falada por um povo, isto já por si justifica plenamente a existência de regras gramaticais fixas a serem ensinadas a todos os falantes. A dissolução dessa coesão é, na verdade,

um dispositivo usado para minar a confiança entre os cidadãos, que tem sido infelizmente bem-sucedido. Vemos, por todos os lados, a proliferação não apenas de gírias, mas de esquemas linguísticos às vezes totalmente estranhos à índole do português, bem como erros de ortografia que beiram o calamitoso. A língua das gerações mais novas parece francamente estar próxima da morte por inanição.

Mas, muito desse cenário temível veio do fato de que o ensino da gramática, por aqui, já está há muito tempo desvinculado da literatura, do Latim e do Grego. Por sinal, outra função de uma gramática formalizada é dar acesso à leitura compreensiva dos clássicos da língua; e, de maneira inversa, o estudo dos clássicos enriquece a compreensão da própria língua. De tal forma é assim, que podemos dizer que a gramática é responsável por prover o padrão mínimo de domínio linguístico que possibilite ao aluno abordar os clássicos com entendimento. E os clássicos, por sua vez, são as pontes que estabelecem a ligação entre o aluno e a cultura maior na qual está inserido, seja a do seu país de origem, seja a de toda civilização ocidental, seja a de outras civilizações até.

Foi por se ter desvinculado a gramática da literatura (de maneira que elas sejam tidas como matérias diferentes e estranhas entre si no currículo atual) que se deteriorou, pouco a pouco, a compreensão dessas duas disciplinas. Por outro lado, o abandono e esquecimento das línguas clássicas, como o Latim e o Grego, contribuíram ainda mais para que o português passasse a ser visto não mais como um idioma com raízes, cujas palavras têm uma história pulsante e cheia de vida, mas como um objeto artificial qualquer que, por acaso, o povo brasileiro calha de usar para se expressar.

A solução para o problema, portanto, está em reunir essas duas disciplinas de novo. Em se proclamar, logo de cara, que a literatura é início, meio e fim do estudo da gramática. É principalmente o início. Ora, sempre se entendeu que as fábulas, lendas e mitos devem estar na origem da educação. Se possível, desde a mais tenra idade a criança deve ter contato com eles. Novamente, deixar que a criança se eduque a partir de desenhos animados, músicas da moda e filmes populares não

é o equivalente a conhecer, direto da fonte originária, as fábulas, contos de fada e lendas antigas.

Se o aluno já é adulto, mas sente que lhe falta esse fundo imaginativo dado pelas fábulas e contos de fada, é indicado que os leia, ainda que lhe soem bobos e infantis. Se soam, não deveriam soar. Como muito bem mostra o escritor G. K. Chesterton em *Ortodoxia*, a arbitrariedade dos fenômenos “mágicos” nos contos de fada serve muito bem de paralelo à “arbitrariedade” dos fenômenos que consideramos naturais; não somos capazes de explicar por que uma abóbora se transforma em carruagem nos contos de fada, da mesma forma que não conseguimos explicar por que um pé de abóbora produz abóboras. Sem essa percepção imediata do mundo, a probabilidade de cair no cientificismo mais chão é praticamente certa. É a “magia” que transforma a abóbora em carruagem, assim como é a magia que faz o pé de abóbora produzir abóboras. E a magia subentende um mago. Admitirmos isso é uma condição para nos instalarmos na realidade.

Um segundo proveito que advém da literatura clássica é o contato com os mais perfeitos estilos de escrita em determinada língua. Mas, para se ter contato verdadeiro, é necessário poder ler a obra no original. Uma tradução, por melhor que seja, nunca chegará à perfeição do texto original. Por essa razão, devemos ler o quanto pudermos de literatura na língua nativa. E o fazemos muito pouco; lemos muito pouco, seja da literatura brasileira, seja da portuguesa. Esse é um dos motivos por que estamos perdendo o senso estético e gramatical da língua de maneira vertiginosa. Sim, existem razões para não se querer ler literatura em português: o raro estudante que tem gosto por leitura geralmente é introduzido a obras maçantes (e há várias), com personagens toscos, de personalidade desinteressante; obras com enredos que causam enfado, linguagem hiperbólica e cansativa, e por aí vai. Se, por acaso, o leitor descobrir a grande literatura estrangeira, então é quase certo que deixará a literatura portuguesa de lado. Isso, no entanto, é um erro. Existem grandes autores tanto da literatura portuguesa como da brasileira que precisam ser redescobertos, lidos e tidos por mestres de estilo; não há outra forma de restaurar minimamente o português no Brasil. E



restaurá-lo é condição *sine qua non* para restaurarmos nossa cultura e nossos próprios cérebros.

E a prioridade deve ser nosso cérebro. Partimos do princípio de que as capacidades de falar e de escrever com correção são necessárias para organizarmos os nossos pensamentos; ademais, a leitura correta deriva da mesma fonte que a fala e a escrita, isto é, da gramática, e dela depende a interpretação de textos, principalmente de textos complexos. Assim sendo, é urgente, antes de iniciarmos quaisquer estudos mais avançados, restaurar a sanidade da língua materna. Botar ordem na casa, por assim dizer, antes de explorar o mundo. Afinal, todos os conceitos elementares que possuímos foram aprendidos na língua materna, bem como nossas memórias afetivas, nossos projetos e sonhos. Precisamos organizar nossas ideias — que, por termos nascido no Brasil, foram aprendidas de maneira anárquica —, bem como enriquecê-las com outras experiências e com outras formas de expressão. Tudo isso virá com a leitura de obras clássicas da literatura. Por isso é que a primeira parte do estudo de Gramática que concebemos é a leitura de dez obras de literatura; leitura que deverá seguir depois em paralelo com os outros estudos. A ênfase das dez primeiras leituras está em dar um mínimo de coerência interna aos pensamentos do aluno, em aclimatá-lo a uma vida de leitura dos clássicos e em forçá-lo a imitar o estilo de escrita dos grandes autores que compuseram em português. É importante ter sempre em mente que os efeitos mais visíveis disso serão percebidos a longo prazo, depois de um longo confronto interno dos nossos toscos pensamentos com o pensamento dos grandes autores. Esse confronto limpará a escória mental que precisa ser exorcizada de nosso cérebro de uma vez para sempre. Mas, saiba-o já, isso não será fácil nem rápido.

Sobre a imitação dos autores, em princípio não é necessário ao aluno forçar-se a analisar exaustivamente cada frase. Basta que leia com fluidez, parando apenas quando não houver entendido o sentido, que, de alguma forma, o estilo do autor ficará impregnado na memória. Após a leitura, tente reproduzir a forma de escrever do escritor em questão, compondo um texto sobre um assunto de interesse pessoal. O treino constante deverá mostrar frutos dentro de algum tempo. Depois de certo período

fazendo esse tipo de exercício, o aluno poderá passar a analisar, com ferramentas gramaticais e retóricas, frases individuais, buscando captar quais os truques utilizados; mas, de início, o recomendável é que faça isso com parcimônia.

Assim como não aprendemos a falar pela análise do discurso de outros falantes, mas os escutando e copiando, o princípio do aprendizado gramatical não se dá pela análise, mas pela absorção passiva da literatura. Idealmente, devemos ler em voz alta, ou pelo menos pronunciando as palavras com os lábios, ainda que de maneira quase muda. Na educação de crianças, deve-se distinguir os tipos de sons que ouvimos, após o período de absorção. Quanto aos adultos que não tiveram isso em sua alfabetização, cria-se um grande problema, que é explicado pelo argumento aristotélico de que um pequeno desvio no começo, torna-se um desvio enorme ao longo do tempo. A princípio, pode-nos parecer pouca coisa saber distinguir os sons da língua um a um. Porém, ignorá-lo adiciona uma camada nada desprezível de confusão mental, que já começará a funcionar precariamente no aspecto sonoro e material; no longo prazo, isso vai se tornar um emaranhado praticamente indissolúvel quando o aluno começar a operar na esfera significativa e referencial.

A quem percebe ter problemas nessa área, infelizmente deve-se dizer que a solução não é simples. É importante que ele passe a ter contato com pessoas que discurssem bem, com boa pronúncia; igualmente, deve a pessoa provar da boa poesia e tornar sua leitura e declamação um hábito. Se possível, entrar em um coral seria de grande ajuda. Em suma, expor-se àquilo que tenha ritmo e cor, e dê medida à fala. Por outro lado, deve-se evitar a exposição ao que seja o oposto disso.

O som articulado é, portanto, a base material para os significados da linguagem, a qual precisa ser dominada, do contrário o aluno ficará para sempre patinando no nível material dos textos e tendo incríveis dificuldades para passar ao semântico, que é o que verdadeiramente caracteriza o discurso humano. O domínio dos sons de um idioma, portanto, longe de ser uma atividade protocolar, a ser superada sem maiores delongas, deve ser devidamente realizado; caso se notem

problemas na idade adulta, este aspecto deverá ser tratado antes de qualquer incursão por áreas mais complexas do conhecimento. Todos os atos humanos têm uma base material, por imateriais que sejam em sua essência. Ignorar essa base é um caminho certo para o fracasso.

A partir da boa pronúncia e escuta dos sons, será possível partir para aprendizados mais avançados, de assonâncias, ritmos, rimas, metros, os quais dizem respeito precipuamente à poesia, mas que não deixam de ter seu lugar na prosa. Há, ainda, o estudo dos efeitos psicológicos causados por cada vogal e por cada consoante.

\*\*\*

Vencida a parte sonora e gráfica da língua, o aluno passa a uma área mais afim com a racionalidade humana, a área propriamente significativa da linguagem. Dividiremos a parte significativa em Sintaxe, Semântica e Etimologia.

A **Sintaxe** diz respeito à função que as palavras exercem na frase. Por exemplo, um substantivo, como *homem*, pode ser tanto o sujeito quanto o objeto em uma frase. Na frase “O homem é o lobo do homem”, o primeiro ‘O homem’ é o sujeito; já ‘do homem’ é complemento do predicado. Duas funções diferentes, mas o mesmo nome ou substantivo. Assim, verificamos que as categorias gramaticais — tais como substantivo, adjetivo, verbo, advérbios, etc. — podem exercer variadas funções dentro de uma frase. Essa noção, por basilar que seja, tem sido muito pouco enfatizada e compreendida. E, no entanto, sem ela não se vai muito longe na interpretação textual.

Contudo, deve-se ir além do mero reconhecimento dessa distinção. Deve-se introjetar cada função frasal existente, bem como ter ciência de cada categoria gramatical. Não para que façamos um esmiuçamento de cada frase que lermos ou ouvirmos, é claro. O que precisamos é a capacidade de utilizar essas ferramentas em frases e orações de entendimento árduo.

No fim, devemos ter um cacoete mental para identificarmos cada uma dessas funções e categorias sem necessitarmos parar para analisar cada período. A fim de adquirirmos esse cacoete, teremos de treinar com afinco na análise de muitas frases; mas, uma vez introjetada a técnica, passamos a fazer uso dela quase que por automatismo. Esse quase automatismo é a finalidade de toda e cada técnica que treinamos para obter — contanto que possamos utilizá-la de modo analítico e detido sempre que necessário.

\*\*\*

A **Semântica** lida propriamente com o significado das palavras. As palavras são signos; isto quer dizer que o seu aspecto material aponta para outra coisa que não ele mesmo. No caso das palavras, elas apontam para um significado interno ao ser humano, denominado conceito. Mesmo quando alguém expressa um sentimento ou um desejo, o entendimento disso passa pela mediação da noção de desejo e de sentimento que temos na mente, uma vez que, quando dizemos que detestamos alguma coisa, o interlocutor capta o conceito de detestar que conhece, não o próprio detestar que nós sentimos; e a partir do seu conceito de detestar entenderá o sentimento.

No entanto, um vício demasiadamente encontrado hoje em dia é o de se criar discursos baseados na clave puramente significativa, desprovidos de qualquer referência à realidade; ou, o que às vezes é até pior, com apenas uma sombra de semelhança com a realidade.

Por essa razão, talvez até mais importante que conhecer o significado dicionarizado das palavras, é saber a que objetos ou aspectos da realidade elas se referem, para não se cair no abstratismo das distinções meticulosas demais, ou então para não enredar-se em um discurso que nem sequer possui referentes na realidade. Um exemplo deste último caso é a proliferação de noções abstrusas de “gêneros” sexuais inteiramente fantasiosos e, no limite, demenciais.

A melhor maneira para se adquirir vocabulário é aprender palavras

primeiramente nas situações de discurso da literatura clássica; depois, na dos livros técnicos; e, só por fim, em um dicionário. Claro que, na prática, é bem mais fácil abrir o dicionário ou digitar o vocábulo em um dicionário *online*. Porém a ordem aqui elencada deve ser entendida ao menos como uma ordem de importância. O uso literário, feito pelos grandes poetas e prosadores, deve ser tido como o mais importante, pois em geral será o mais preñado de sentido; o texto técnico é o que prevê o sentido específico e preciso de um termo, apropriado aos contextos filosófico e científico; os dicionários comuns, por sua vez, contêm os sentidos mais genéricos, muitas vezes dando como significado de um vocábulo tão-só outro vocábulo sinônimo. A partir da etimologia e no uso literário, no entanto, percebe-se que cada vocábulo, ainda que possa parecer mero sinônimo de outro, quase sempre possui alguma nuance de sentido que faz toda a diferença no embelezamento ou no aprofundamento de um texto. Por exemplo, numa consulta ao dicionário, a palavra ‘detestar’ deverá ser dada como sinônimo de ‘odiar’. Se formos, porém, à sua etimologia, veremos que ‘detestar’ vem ‘testis’, testemunha. Com isso, verificamos que existe um elemento de testemunho por trás do vocábulo, que nos informa a nuance de alguém cujo ódio ou aversão o leva a testemunhar contra ou a amaldiçoar seu desafeto.

A outra distinção basilar no âmbito da semântica é a distinção entre sentido literal e sentido figurado. Tal distinção, no jogo político e midiático, é ignorada vezes sem conta, seja com motivação maliciosa, seja por motivo de ignorância pura e simples. Assim, o sentido literal é aquele que usa a palavra no modo reto, significando puramente o que está no dicionário, no seu sentido convencional, com um referente claramente estabelecido dentro do idioma. Todavia, as palavras o tempo todo são empregadas também em sentido figurado, oblíquo. A lista de todas as maneiras de empregar uma palavra em sentido figurado é muito longa, e merece um tratamento especial. Pode-se exemplificar com a figura da ironia, quando uma palavra é utilizada com o sentido oposto ao convencional. Assim, se dizemos que alguém é bonito, querendo dizer justamente o contrário, esse é um uso figurado irônico. O uso figurado é aquele que, partindo do uso literal, modula de alguma forma o sentido,

de maneira que passe a significar alguma outra coisa, ou alguma nuance.

\*\*\*

Por fim, tratamos da parte da gramática chamada **Etimologia**. Essa parte lida com a tentativa de traçar como certa palavra foi formada ao longo do tempo, a partir de qual raiz, com qual prefixo e/ou sufixo, etc.

Como já foi afirmado, essa área da gramática tem muita importância para quem queira obter um conhecimento vocabular mais rico. Outro motivo é conhecer o processo de formação das palavras; tal conhecimento permite, dentro dos limites estreitos do cabível e do prudente, que o escritor possa improvisar a criação de vocábulos para coisas e situações que nunca foram mapeadas e nomeadas até então.

Pode-se dizer que as palavras têm uma derivação simples ou complexa, para resumir a coisa sem usar uma terminologia clássica. Uma derivação simples é, por exemplo, a palavra 'gosto', que não possui nenhum sufixo ou prefixo, mas vem do Latim 'gustus'. Uma derivação complexa é que de 'clamar' cria 'declamar' ou 'reclamar' através da imposição de um prefixo. Pode-se, portanto, decompor esta última derivação em partes, ao passo que no caso do primeiro exemplo isso não seria possível; apenas se pode apontar que a palavra foi legada de outra língua. Se formos buscar no Latim de onde deriva a palavra 'gustus', só conseguiremos retrair sua origem a línguas hipotéticas ou das quais pouco sabemos, como o protoindo-europeu.

Outro aspecto importante é saber, ao menos de forma ampla e genérica, como funcionam os prefixos e sufixos da língua. Por exemplo, saber distinguir entre o prefixo 'de' que expressa a noção de completude, como no caso de 'declamar', e o prefixo 'de' que expressa a noção de reversão de algum efeito, como em 'derreter'.

A etimologia tem uma disciplina que a estuda, chamada Filologia. Não estuda apenas, porém, a etimologia e a morfologia das palavras, mas também o seu uso pelos grandes poetas e prosadores. Assim, a

Filologia levanta os contextos em que foram usados os vocábulos mais importantes, relatando, por exemplo, como cada autor descreveu tal ou qual deus pagão, qual a genealogia em que o inseriu, etc.

\*\*\*

O coroamento do estudo da gramática, nos tempos do Trivium, era invariavelmente a crítica dos poetas. O que se entendia por isso não era, claro, uma mera capacidade de dizer alguma coisa a respeito de uma obra qualquer; subentendia uma técnica que tentava extrair do texto dos poetas clássicos a razão por trás de suas escolhas estilísticas, narrativas, pessoais e éticas: extrair, enfim, o conteúdo educativo formal e vivencial que os clássicos condensam em si. A partir da capacidade de entender as escolhas literárias dos poetas, o aluno passaria a ser capaz de fazer escolhas informadas quando fosse compor um texto, independente do gênero em que escolhesse escrever.

Era, pois, esse o nível de exigência para que alguém fosse considerado um homem de letras. Todas as ferramentas apresentadas, explicadas e treinadas deveriam, no ponto final, fundir-se nessa faculdade para extrair o tesouro dos poetas. Após terminado o treino em gramática, também o aluno deveria demonstrar tino para os estilos, isto é, sensibilidade para discernir se um texto está escrito em estilo baixo, medíocre ou elevado, bem como saber fazer as escolhas certas para manter cada estilo. Ele deveria demonstrar até certa fineza para captar o estilo próprio de autores particulares (desde que o autor possuía um estilo próprio), podendo identificar o autor de um texto apenas pelo estilo.





RHETORICA



Joan. Sadler Sculp. et excud. M. de Vos inven.

*Rhetorice vario delectat splendida cultu,  
Ornatumq; adhibet dictis, viuosq; colores.*

# Retórica



A arte da retórica, do currículo escolar brasileiro, está ausente há muito tempo. Seu abuso, não obstante, e por incrível que pareça, é uma das características que tem definido nossa literatura, a de ficção tanto quanto a acadêmica, desde sempre — isto é, no sentido negativo de ornamentação pomposa e rebuscada, de garrulice pedante e oca.

Claro que esse sentido negativo pouco ou nada tem que ver com a verdadeira retórica, como entendida pelos antigos. Entretanto, é assim que o termo é usado hoje em dia: para designar os penduricalhos em um discurso vazio, ou certas técnicas para ludibriar o comprador e efetivar uma venda.

Na tradição antiga, já existia a tendência a equiparar a retórica aos ornatos que embelezam, à ordenação dos argumentos, às poses e tons da declamação; e, com certeza, esses aspectos fazem parte da arte, quando bem compreendidos. Há, porém, aspectos mais profundos dela também, que aqui serão tratados.

Para começo de conversa, na Grécia Antiga, a retórica foi alvo do ataque platônico que a criticava por ser usada como um instrumento imoral de convencimento enganoso; ao mesmo tempo, era vista como inferior à dialética: esta seria caminho para a verdade certa e segura, ao passo que a retórica lidaria com argumentos apenas verossímeis, que aparentam a verdade.

Em meio a essa disputa, Aristóteles interpôs um princípio de ordem ao associar a retórica com a dialética, na condição de ἀντιστροφή, “antístrofe”. Neste panorama, as duas artes respondem uma a outra; assim, elas tratariam das mesmas questões em muitos casos, mas de

maneira diversa, sendo uma abordagem o complemento da outra.

Com relação à retórica, Aristóteles a enxergava como uma faculdade para encontrar os argumentos mais persuasivos em cada situação. Uma das dificuldades que podemos ter com relação à compreensão da natureza dessa arte é devido ao fato de que ela lida com opiniões e com o convencimento, que são fenômenos mentais. Assim, ao contrário da arte da gramática, que possui um substrato material no som e na grafia, a retórica lida diretamente com entes de razão e com sentimentos subjetivos. Com efeito, as opiniões e os argumentos fazem parte dos meios de persuasão. E a própria persuasão, ou convencimento, é um assentimento da razão com algum grau de segurança psicológica. Ora, em muitas ocasiões, não conseguimos mensurar em nós mesmos qual é o grau de que temos em uma opinião. Assim sendo, não espanta que para muitos a retórica seja uma arte com meios e fins fantasmagóricos, mera manipulação.

Por outro lado, outros esposam a opinião oposta, e afirmam que, na verdade, ao homem só é possível alcançar opiniões mais ou menos seguras conforme a habilidade do orador, estando a ele vedadas as certezas absolutas sobre qualquer assunto. Há outros que, indo até mais longe, afirmam que não é possível ter segurança sobre nada, restando apenas adotar o filtro retórico que seja mais funcional na vida prática, como Scott Adams no livro *Win Bigly*. Quem assim opina geralmente possui um pendor para enxergar o mundo através de lentes retóricas.

Seja como for, a verdade é que a arte retórica, mormente dentro do painel de estudos do Trivium, tem como uma das metas prover o aluno com os instrumentos para atuar no mundo labiríntico das opiniões — principalmente das opiniões políticas e do direito.

Coisa que já se observou muita vez, as opiniões com menor grau de certeza são as que mais geram em torno de si furor e beligerância. Daí que vejamos com triste frequência intelectuais com dificuldade no discernimento entre fato e opinião, e maior dificuldade ainda em se conseguir aquilatar a validade de uma crença pessoal; de modo que o que reina é o capricho e o gosto pessoal, mesmo em assuntos graves que

requereriam uma análise técnica. É justamente essa análise técnica o que a retórica possibilita.

Na visão aristotélica, a retórica é considerada a ciência ou arte de desenvolver as questões em debate na sociedade até o ponto em que estejam prontas para o confronto dialético. Assim, a retórica colhe das impressões, opiniões e crenças as diversas correntes em uma sociedade e começa a trabalhá-las, através da busca por argumentos que as corroborem. Normalmente, o que ocorre é que os argumentos trabalhados retoricamente acabam dando azo à criação de seitas engessadas, e partir daí surgem debates e mais debates, geralmente inflamados. Um exemplo clássico é a separação ocidental entre direita e esquerda (com todas as inúmeras subdivisões que dela decorrem), que há mais 200 anos pauta infundáveis discussões políticas, as quais até hoje não tiveram uma solução conclusiva e parecem longe de ter.

A esta altura, já podemos divisar dois sentidos para a palavra. Retórica pode significar a faculdade natural de procurar argumentos em favor de uma tese qualquer; ou, então, a arte extremamente refinada que foi engendrada para facilitar o alcance desse fim. Isto é dizer que, já por natureza, tendemos a sair à cata de argumentos que embasem nossas crenças e que possam servir para convencer nossos interlocutores; ao passo que a arte vem corroborar e racionalizar essa atividade humana.

Junto com essa atividade, porém, há inevitavelmente misturado o perigo da desvirtuação. Foi contra ele que os filósofos se levantaram no passado. E, ao longo da história do Ocidente, essa disputa foi reencenada diversas vezes. Mais recentemente, a escola filosófica dos chamados utilitaristas foi uma retomada dos postulados viciosos dos sofistas, que eram retóricos na Grécia Antiga que diminuíam a capacidade intelectual humana a um subjetivismo quase absoluto; só não o era por completo porque os próprios sofistas vendiam justamente a técnica que diziam ser a adequada para influenciar os outros e se dar bem na vida.

Assim, se formos aos extremos viciosos, a entronização da retórica vai na direção do subjetivismo, bem como a da dialética vai na direção de um objetivismo exacerbado que também é malsão. Somente o ajuste

adequado dessas duas visões de mundo, personificadas na retórica e na dialética, darão equilíbrio ao modo de ver do estudante. Um exemplo excelente desse equilíbrio pode ser encontrado na obra do nosso Mário Ferreira dos Santos, que formulou sua decadialética e pentadialética para bem ponderar os aspectos subjetivos e objetivos da percepção e do intelecto humanos.

Bem, mas então alguém poderá perguntar-se: por que a retórica conduz ao subjetivismo?

Acontece que a retórica lida com questões em voga na sociedade as quais não foram e não podem ser resolvidas de forma analítica. E são questões sobre as quais as pessoas têm uma crença e uma opinião pessoais. Desta forma, o modo retórico de tratá-las é apelar para as crenças gerais da sociedade, e não diretamente para a razão objetiva. No mais das vezes, como dito, nem sequer é possível fazer uma análise objetiva. Vemos, assim, que muito do foco da retórica está na plateia, e não no argumento puro e simples. E é esse aspecto que pode conduzir ao subjetivismo ou ao utilitarismo.

Com o que foi dito no parágrafo anterior, nota-se que, na argumentação de tipo retórico, a tentativa de ir contra uma crença bem estabelecida da sociedade é praticamente um suicídio argumentativo. Desta forma, um advogado que tentasse argumentar a favor da moralidade do assassinato teria chances tendentes a zero de sucesso. Por outro lado, argumentar que seu cliente não cometeu assassinato, mas autodefesa, está dentro do escopo dessa arte.

Esse aspecto subjetivo, que é a obrigação de se ter sempre a plateia em mente, é a explicação também de outro aspecto da retórica: o embelezamento e a ordenação do discurso.

Algumas mentes de índole fortemente dialética torcem o nariz para esse aspecto, pois pensam que a verdade e a objetividade de uma afirmação são o que importa, e que qualquer adorno discursivo servirá apenas para desviar a atenção do foco. Tais pessoas, é força dizer, dificilmente vencerão uma eleição ou um concurso que requeira apresentação de qualidades amáveis e urbanas; ou, pelo contrário, dificilmente conseguirão mover

um exército de pessoas a bater-se contra um inimigo que esteja prestes a destruir sua civilização.

É um fato que o homem não é razão calculante apenas; mas, também, e muitas vezes principalmente, desejo e paixão. Ignorar estas dimensões, e viver no aguardo da era em que a humanidade vá finalmente estar livre delas, é tentativa de fuga da realidade. Devemos admitir, assim, que o homem é *vir desiderorum* e que ama o belo e o prazenteiro — bem como sente repulsa pelo feio e pelo doloroso. Por isso, no âmbito do discurso retórico, a beleza e a organização serão inevitavelmente parte da ordem do dia.

Daí temos a derivação das partes clássicas da retórica bastante bem fundamentada. A Invenção é a descoberta de argumentos apropriados para determinada plateia (que, para Aristóteles, era a própria definição de retórica); após, temos a Disposição, que é o ordenamento adequado dos argumentos encontrados de forma a tornar a exposição maximamente clara e persuasiva; em seguida, a Elocução é o adorno das palavras e das ideias do discurso de acordo com o estilo desejado, para que o tornem claro e belo.

Isso, do ponto de vista do discurso em si. As duas partes restantes dizem respeito ao discurso falado frente a uma plateia. São elas: a Memória, que é uma técnica complexa e antiquíssima para decorar palavra por palavra, sem contar com a ajuda de uma folha anotada ou do powerpoint, um discurso já composto, o qual, na antiguidade clássica, poderia durar até 4 horas; e a Ação, por fim, são os gestos e posturas adequados que acompanham a oração do discurso.

O elemento gestual veio a significar muito mais do que se suspeitaria de início. Não se trata de mero acompanhamento artificial com intuito de dar ênfase à fala. Cícero o concebia como uma imitação da natureza que devia irradiar-se para todos os atos da vida de um homem, sinalizando a harmonia interna d'alma. Essa ideia refinou-se ao longo do tempo e, na Idade Média, já se desenvolvera em um sistema de educação moral. Naquela época, a educação para a virtude deveria começar com o domínio da atitude corporal, englobados aí os gestos com a mão, o modo

de caminhar, as expressões faciais, o tom de voz, etc. O autodomínio seria tão perfeito, que se dizia que o professor daquela época ensinava mais através de sua postura corporal do que pelo conteúdo programático de educação.

\*\*\*

Essas, portanto, são as partes em que consiste um discurso retórico; mas, não somente: o escritor de poesia não poderá descuidar, ao menos, dos aspectos da Invenção (no que toca ao assunto e seu desenrolar), na Disposição (no que diz respeito ao arranjo dos versos), nem, claro, da Elocução (referente às palavras adequadas para suscitar o sentimento de beleza, feiúra, amor, ódio, etc. E isso explica o porquê de a gramática e a retórica ficarem sendo desde muito cedo irmãs próximas (com a dialética sendo uma irmã mais afastada), de tal modo que as próprias figuras de linguagem da gramática e da retórica acabaram se misturando entre si.

A Invenção, que Camões cantou sob o nome de “Engenho”, e que Shakespeare invocava no prólogo da peça Henrique V (O for a muse of fire, that would ascend the brightest heaven of invention), vem a ser a parte mais importante de todas as artes do Trivium. Na verdade, ela é uma faculdade humana, mistura da razão com a imaginação. De “engenho” vem o termo “engenhosidade”, que descreve a qualidade de ser capaz de encontrar ideias — ou inventar ideias, no linguajar antigo. A palavra ‘inventar’ hoje em dia é só usada com relação às invenções de geringonças tecnológicas. Originariamente, porém, era usada para as invenções do intelecto, seja na poesia, seja na oratória, seja na dialética e na filosofia.

É esse engenho, ou capacidade de invenção, que na mitologia é inspirado pelas Musas. O que quer isso dizer? Em primeiro lugar, que a potência criativa não é dominada inteiramente pelo homem: sua operação é um tanto misteriosa. É a experiência de qualquer pessoa que se sentou para escrever um texto no qual as palavras não brotam ao bel

prazer, mas são como que influenciadas por alguma força que escapa ao domínio consciente do escritor. Por tal experiência, a capacidade de compor poesia sempre foi tida como um poder misterioso, quase profético, concedido ao poeta por alguma entidade superior.

Contudo, nem só de engenho robusto se faz um poeta, na fórmula camoniana. Também ele mencionava a Arte. E, de fato, a arte é o que caracteriza a Invenção, enquanto processo poético, retórico e dialético.

Foram conhecidos na Antiguidade os lugares-comuns, que geralmente são associados à retórica. Trata-se de tópicos gerais onde se podem buscar argumentos para todo tipo de assunto. Conhecer esses tópicos é, portanto, indispensável para um bom escritor em qualquer gênero concebível. Para dar um exemplo:

Supondo como assunto a alegria, poderemos ir em busca de argumentos para elogiá-la, ou vituperá-la, em vários tópicos gerais, como: a definição (o que é a coisa), a divisão (em que tipos ou partes se divide), a causa (o que a produz), o efeito (o que ela produz), a semelhança (com que a coisa se parece), a dessemelhança (com o que a coisa não se parece), o contrário (ela possui um contrário a si mesma), o antecedente (o que vem antes dela), o conseqüente (o que vem depois), os adjuntos (as circunstâncias da coisa ou da ocorrência), a comparação (comparar as grandezas de qualidade ou quantidade entre duas coisas), gênero e espécie (elencar o gênero e as espécies do assunto em questão), notação (derivação por etimologia, ou por variação da palavra).

Assim, argumentando, poderíamos dizer: a alegria é o sentimento agradável de se obter um bem (definição); ela se segue à obtenção de um bem desejável (causa); ela geralmente torna as pessoas otimistas e bem-humoradas (conseqüente); ela se parece com um dia ensolarado e ameno (semelhança); existem alegrias sóbrias ou exageradas (divisão); a alegria causa inveja a muita gente (efeito); tive uma grande alegria no dia 22 de outubro (adjunto); o alegre é aquele possui a alegria (notação).

De imediato se nota ser ótimo exercício de composição o tomar um tópico qualquer para elencar os argumentos possíveis a partir dos lugares comuns. Esse treinamento deverá servir para fixar na mente do



aluno os lugares de argumentação, a fim de que possa lançar mão deles sempre que precisar.

O aluno que se exercita na arte do argumento retórico, a par de dominar os lugares acima, deve apreender a forma dos argumentos. Podemos dizer que os lugares comuns suprem com a matéria os argumentos; a forma destes, por sua vez, são duas, falando de modo genérico. Como se vê na dialética e na lógica, o homem raciocina de modo dedutivo e de modo indutivo. O primeiro, parte do geral e chega ao particular. O segundo, sai do particular e vai a outro particular ou, então, ao geral. Exemplificando o argumento dedutivo, temos o conhecidíssimo silogismo abaixo:

*Todo homem é mortal.*

*Sócrates é um homem.*

*Logo, Sócrates é mortal.*

Assim, da proposição genérica ‘Todo homem é mortal’, chegamos à conclusão de que ‘Sócrates é mortal’; partimos do geral e fomos ao particular.

Já o argumento indutivo é o que vai do particular ao geral.

Na retórica, porém, os raciocínios de tipo dedutivo e indutivo possuem um formato próprio, exposto por Aristóteles. No primeiro caso, chama-se de entimema o raciocínio dedutivo que omite uma das premissas ou até mesmo a conclusão, por serem de aceitação e conhecimento amplos por parte do público.

A indução de tipo retórico é o exemplo, isto é, tirar de um caso, ou de poucos, uma conclusão, ou particular ou universal. O exemplo de Aristóteles na Retórica é o seguinte: Dionísio, ao pedir um guarda-costas, planeja tornar-se um tirano, uma vez que Pisístrato fez-se um tirano após pedir um guarda-costas, bem como Teagenes em Megara. Aqui vemos o exemplo indo do particular ao particular. Mas, também, poderíamos, à força desses exemplos, tirar a conclusão geral seguinte: “Todos os governantes que solicitam um guarda-costas desejam tornar-

se tiranos”. Em todo caso, essa conclusão poderia ser facilmente rejeitada com um exemplo em contrário, ou com a afirmação plausível de que existem outros motivos para um governante solicitar um guarda-costas.

É necessário conhecer a fundo essas duas formas de argumentação para a educação de um bom orador, bem como a de um bom dialético. Aristóteles diz que o uso prioritário de um dos dois tipos de argumento caracteriza um estilo argumentativo, sendo o estilo dedutivo mais elegante, mas o estilo indutivo mais convincente para o público geral.

Dominadas a matéria e forma dos argumentos, o treinamento passa a abordar os gêneros em torno dos quais giram os argumentos de tipo retórico. Os três gêneros que vieram da Antiguidade Clássica e que foram aceitos unanimemente como os que os retóricos tratam por excelência, são denominados os gêneros Deliberativo, Judicial e Demonstrativo.

A razão para a discriminação em três vem da consideração do tempo: o gênero Judicial trata de questões relativas ao passado, sobre as quais se emitirá um juízo a respeito de sua justiça ou injustiça; é o que ocorre por exemplo no fórum. O gênero deliberativo trata de questões relativas ao futuro, mostrando se são úteis ou não, expedientes ou o contrário; assim discursam os conselheiros políticos. Já o gênero demonstrativo, trata de questões atinentes ao tempo presente, já que é o estado de coisas do momento que serve de base para elogiar ou criticar uma pessoa ou coisa; assim agem, por exemplo, aqueles que fazem discursos fúnebres ou criticam uma obra de arte. Esses três conjuntos de valores — justo e injusto, útil e inútil, honroso e desonroso — estarão presentes em todos os gêneros referidos, um deles como o foco principal, e os outros dois subsidiando com argumentos.

Desnecessário dizer que é usual haver certa especialização em uma dessas áreas, com mais ênfase na jurídica e na política, conforme o pendor do aluno. Em todo caso, os grandes professores de retórica sempre insistiram que é próprio da arte o treinamento para se poder discursar em todos os três gêneros. Neste sentido, a pura especialização na área jurídica, por exemplo, equivale a assumir a profissão de advogado, e não à aquisição de destreza retórica *per se*.

Essa destreza subentende, pelo que foi dito, compreensão aprofundada dos assuntos tratados. Os professores de retórica insistem que a formação do orador requer conhecimentos e técnicas variados. Quem pretenda discorrer sobre administração pública ou privada, desta forma, precisa conhecer os modelos de estado, com suas características, as fontes de renda, os gastos, o tamanho do exército, suas forças e deficiências — em suma, todo o funcionamento da máquina pública ou de uma empresa privada. O aluno precisa saber onde procurar as informações e as adquirir efetivamente. Bem assim, quem vá discorrer a respeito da justiça e da injustiça precisa conhecer as leis, os costumes, a religião, o conceito de virtude, suas causas, as interpretações jurídicas e mais um sem-número de coisas. Esses argumentos podem ser procurados na história, nos discursos dos oradores e, por último, na experiência pessoal.

Ao se contemplar a questão da plateia, surge a necessidade de ser um observador da conduta humana, e um conhecedor do funcionamento da alma e dos caracteres dos homens. A compreensão abrangente desses assuntos propicia que se module o discurso de acordo com o público ao qual este se dirija. Por outro lado, não se trata de ter conhecimentos abstrusos sobre detalhes doentios da psique humana, como muitas vezes é o que se retrata na psicologia moderna. Aristóteles, aqui, é novamente o professor. Em sua Retórica ele explica como se desperta a cólera, também como se produz o abrandamento de uma pessoa, e da mesma forma com outros sentimentos. A seguir, traça um panorama dos tipos psicológicos do jovem, do homem maduro e do velho. É disso que se trata. Com esse enquadramento, já se torna possível selecionar os argumentos adequados com vistas à plateia esperada. É de se notar, no entanto, que para se conseguir proficiência nesta esfera, é requerida uma facilidade natural na observação da índole humana, e um gosto por fazê-la, os quais não são dados a todos.

\*\*\*

Tudo o que foi dito aqui não passa de um esboço bastante geral e com

algumas dicas do que seja o estudo da Retórica conforme o Trivium. No entanto, o que foi dito no capítulo anterior a respeito das modulações que devem ser feitas para que o estudo da Retórica dentro do Trivium não vire um estudo para se tornar um orador romano é válido neste capítulo também. Devemos ter em conta que o Trivium é um estudo preparatório e um treino geral, sem ser um mero rudimento genérico. As especializações devem vir num momento posterior.

A meta última da Retórica, enquanto escola de oradores e enquanto arte liberal, a qual não deve ser perdida de vista jamais, é conhecer como se encontram argumentos, e quais são os acessórios que os amplificam e adornam, para se causar a persuasão em cada caso. Destarte, todas as técnicas citadas precisam, ao fim e ao cabo de muito treino, enfeixar-se numa perícia quase intuitiva para se capturar argumentos, de maneira análoga ao sabujo que fareja sua presa e a conduz até o caçador.

Ao longo do tempo, houve duas definições principais de retórica. A platônico-aristotélica, que a explica como arte de encontrar argumentos persuasivos, que referimos aqui; e a dos demais retóricos, e mais especialmente de Quintiliano, que a definem como *bene dicendi scientia*, isto é, a ciência da boa expressão.

Não é nosso ofício neste livro introdutório confirmar uma destas, refutando a outra; é bom que o aluno que está principiando o estudo conheça as duas e medite a respeito, por ora.

Antes de terminar o capítulo, resta apenas discutirmos a dificuldade da moralidade. A crítica dos filósofos na Antiguidade dizia respeito a esse aspecto do uso da retórica, ao ponto de Platão afirmar, pela boca de Sócrates, que a retórica era um falso uso das leis. A crítica é relevante, pois a utilização de um ferramental agudíssimo de persuasão para inculcar uma crença que seja sabidamente mentirosa, ou da qual o orador não possui o menor grau de segurança, configura certamente uma ação deletéria que, se muito disseminada entre a classe intelectual, poderá terminar por corroer as bases da sociedade. Isso já foi visto por diversas vezes e, sem dúvida, em algum grau que não é de pouca monta, ocorre na sociedade brasileira hoje em dia, mormente entre jornalistas,

artistas e propagandistas de toda sorte.

Com isso, não estamos dizendo que esse pessoal tenha tido um treinamento completo em retórica; mas tão-somente que as técnicas retóricas de contrafação de argumentos e de ideias são de fácil aquisição e estão em perpétua circulação (já que tudo é mais fácil para quem só tem por meta arrebentar com tudo).

A isso, somente uma retórica idônea poderá fazer frente. A dialética e a filosofia tratam dos temas de forma muito abstrata para que possam penetrar nas massas: é preciso, pois, que verdadeiros retores e oradores — ou ao menos filósofos e cientistas que detenham as técnicas dessa arte —, possam tomar de assalto o palco das discussões públicas a fim de pregar alguma racionalidade e sincera devoção à verdade.

\*\*\*

A retórica é uma faculdade que permite lidar com regiões da realidade que não fornecem uma certeza apodíctica, mas apenas uma aproximação do justo e do injusto, com toda a cautela, através de razões no mais das vezes apenas verossímeis, isto é, que têm parentesco maior ou menor com a verdade. Para esse tipo de operação, são necessários homens de fibra que estejam em perpétua busca do bem e da verdade.

Além de todo o já dito, existe ainda a função importantíssima que é descobrir e dar voz às crenças implícitas de uma sociedade, exercitando o ofício sagrado de expressar aquilo em que povo acredita. Com o que fica afirmado, restam claros, sim, os perigos da retórica — mas também a sua necessidade para combater os mesmos perigos, o dos falsos pregadores, com a busca e afirmação da verdade naquelas regiões onde ela é de difícil acesso. Porque a verdade e a justiça, só, podem ser os valores da retórica; ao passo que mentira e a ilusão deliberada precisam falsear e adulterar os instrumentos dela a fim de operarem sua enganação. Assim sempre asseveraram os grandes mestres desta arte.



DIALECTICA.



Joan. Sadler Scalp. et excud.

M. de Vos figura.

De themate omnigeno Dialectica disputat, & qua  
Quærendum in dubijs sit verum indagine monstrat.

# Dialética



Na Dialética, enquanto estudo do Trivium, um primeiro problema que pode ser levantado é o de por que em alguns textos esse estudo é chamado de Dialética, mas, em outros, de Lógica.

Para se aclarar essa questão, propomos que se imagine momentaneamente que o Trivium engloba quatro, não mais apenas três artes. Isto quer dizer que, dentro da arte chamada de Dialética, há como que duas compactadas, provenientes da mesma raiz, reunidas debaixo do mesmo nome. Alguns autores quiseram resolver esse problema, ao que parece, indicando que o Trivium, visto de forma abrangente, constituiria as “artes da lógica”; isto é, suas três artes estariam como que sob a égide da lógica, ou, dito de outro modo, sob a égide do Logos. A respeito deste, falaremos mais abaixo.

Seja como for, o termo ‘artes da lógica’ pretende indicar que as três artes estavam subordinadas àqueles estudos que Aristóteles sistematizou no que veio a ser apelidado de *Órganon*. Trata-se, pois, do estudo do arcabouço da lógica, tanto no sentido de arcabouço lógico do mundo, quanto de arcabouço lógico do pensamento humano. Assim, estudar-se-iam as categorias, os enunciados e proposições e, finalmente, os raciocínios e silogismos, sendo esses os substratos lógicos da poesia, da retórica e da dialética.

Na mesma arte, aprendia-se a técnica de transpassar os argumentos com objeções, a fim de encontrar a verdade provável que exista neles. Esse método de análise, que ganhara proeminência com Sócrates e Platão, tinha o nome de dialética, e sua forma pura foi extraída do tratado de Aristóteles chamado *Tópicos*.



Eis, portanto, a razão aparente desta arte ter sido ensinada com dois nomes distintos ao longo do tempo.

A origem da dialética parece ser a percepção de que a verdade segura sobre a constituição do mundo não poderia ser encontrada nas palavras e nas imagens dos poetas (ambos aspectos atinentes à Gramática); nem na argumentação que se baseava nas opiniões correntes em uma sociedade, bem como em ornamentação e em apelos emocionais e éticos (aspectos referentes à Retórica).

O método de Sócrates partia dessas opiniões gerais em circulação na sociedade, mas ousava pô-las à prova, no confronto com opiniões contrárias ou alternativas. Isso angariou, para ele, a morte pela cicuta. Logo, de alguma forma, a operação ali iniciada tinha lá os seus perigos.

Sócrates agia em praça pública, face a face com os interlocutores que questionava. A técnica da dialética, depois de seu incidente, passou a ser uma técnica acadêmica, exercida por professores e por alunos que estavam cientes de como ela funcionava e de qual era a sua meta, estando de acordo com ambos. Esses incidentes, que se deram desde as primeiras aplicações da técnica dialética, mostram que ela tem algo de perigoso e tortuoso. Não é natural, por assim dizer, ao homem viver contrariando a si e às suas crenças; esse modo de vida requer um hábito interior severo. Não era à toa que Sócrates afirmasse nada saber. A busca dialética subentende um desapego às próprias ideias, e um total apego à verdade, venha de onde vier, que é uma espécie de vida ascética.

Se, por um lado, a dialética choca-se com as opiniões geralmente aceitas dentro de uma sociedade, com todos os problemas que isso possa acarretar, por outro, existe o perigo do dogmatismo pueril, que consiste em considerar um raciocínio dialético como correto meramente porque foi afirmado por alguém que é visto como autoridade por determinado grupo. Um exemplo clássico disso são alguns tomistas que, sem procurar entender fundo a argumentação de Santo Tomás, saem por aí recitando as conclusões a que o grande mestre medieval chegou, com muito trabalho, pela via da dialética aristotélica. Ora, o próprio Santo Tomás diz que, em dialética, o argumento de autoridade é o mais fraco. Não

obstante, esses tomistas referidos (que, é claro, não são todos, mas são em número considerável) parecem confundir a autoridade dogmática da Igreja com o lado filosófico da obra de Santo Tomás, uma vez que a Igreja o proclamou Doutor Angélico. Que ele seja Doutor em matéria eclesiástica não invalida o fato de que sua obra filosófica deva ser entendida nessa mesma clave. Santo Tomás, enquanto filósofo, é grande, gigantesco; ainda assim, sua obra deve ser apreendida como as demais obras filosóficas: pela razão, não pela fé religiosa. E, se bem que seja doloroso para alguns, deve-se admitir que ele não é inerrante, pois ele próprio nunca assim se considerou.

Falamos sobre os tomistas no parágrafo anterior porque pertencem à nossa tribo. Porém, poderíamos também citar o exemplo da ciência moderna, a qual afirma detestar todo e qualquer dogmatismo, mas que, ao menor sinal de contestação de alguma de suas “descobertas”, assume um tom, às vezes condenatório, às vezes debochado, mas que sempre soa muito similar ao de um dogmático que tem sua fé questionada.

O tema do dogmatismo vem bem a calhar neste capítulo. Dificilmente o homem consegue ter certezas absolutas sobre muitas coisas. Quase todos têm noção de que o caminho que leva a uma certeza sobre os assuntos tratados pelas ciências é árduo e longo. Com isso em mente, a atitude correta seria a de total humildade frente a um assunto de estudo; infelizmente, vê-se bem o contrário.

A ciência apodíctica de Aristóteles e a *episteme* de Platão são frutos de uma dificultosa caminhada filosófica. Alguns filósofos, como já mencionado, inclusive negam que essas possibilidades estejam abertas ao homem. Já Platão acreditava que a inteligência era para poucos. Inteligência, neste caso, seria a visão da verdade depurada das opiniões que advêm por causa da matéria, a visão da verdade certa e segura. Por esses exemplos, compreende-se que, para os filósofos antigos, é somente através de uma longa via purgativa das percepções e opiniões pessoais, feita pela dialética no sentido aristotélico e platônico, que se poderia chegar às certezas, digamos, dogmáticas — sem prejuízo, é claro, dos dogmas da fé católica, que são outro assunto.

A dialética, embora não sozinha, é a via. Todas as outras artes do Trivium contribuem, bem como as noções adquiridas no Quadrivium. Daí que, por exemplo, Platão dissesse que, para entrar em sua Academia, devia-se saber Geometria, uma das artes do Quadrivium. Por quê? Porque se trata de uma ciência praticamente perfeita já no tempo de Platão. Assim, ela era exemplo para as demais buscas filosóficas. A Geometria já chegara a fundar seus princípios, dos quais podia deduzir todas as suas demonstrações; este era o sinal que Aristóteles dava de que algo era uma ciência estabelecida.

Destarte, a dialética era por Platão vista como um sistema de refinamento mental, no sentido de que conduziria à virtude ao libertar o homem da ignorância, principalmente da ignorância que se presume douda, isto é, justamente o oposto do homem que sabe que não sabe; para o filósofo grego, este último possuía a modéstia necessária para iniciar-se na via do conhecimento, que seria a mesma da virtude.

Não há como não fazer um paralelo entre essa atitude de modéstia preconizada por Sócrates e Platão e a pobreza de espírito que Cristo apregoa no Sermão da Montanha, a qual Ele afirmava ser o princípio das Bem-Aventuranças. De modo que, por esses dois testemunhos, não resta dúvidas de que, tanto para a vida de estudos como para a espiritual, há de se ter uma sincera humildade intelectual, como princípio.

A purificação das ideias, na pedagogia socrática e platônica, conduziria naturalmente à virtude, a partir do princípio de que uma verdade conhecida é uma verdade obedecida. Isto é entendido no sentido mais rigoroso possível: de uma verdade à qual o intelecto não possa mais opor objeções e que, portanto, está obrigado a seguir, assim como o intelecto não pode negar que o homem é incapaz de voar e, devido a isso, não pensa que pode saltar de um penhasco e sobreviver. Quando algum intelecto pensa assim, claramente sabemos que se trata de um intelecto adoentado; estes tipos têm sido cada vez mais frequentes em nossa cultura, que prepara os alunos a aceitarem loucuras puras e simples, como a ideologia de gênero — experimento social criado justamente para tirar dos eixos os cérebros da juventude. Para Sócrates e Platão, ao

contrário, os princípios do bem agir, que muitos pensam que não sejam aptos a ser ensinados, poderiam ser demonstrados a tal ponto que a realidade deles se imporia sem obstáculos à mente do filósofo.

Esta breve explanação da dialética de Platão, que foi o primeiro a expor este método, foi dada para que o leitor tenha noção do quadro amplo em que se encaixa esta arte liberal. No entanto, foi a dialética aristotélica que prevaleceu nos estudos liberais, mais do que a platônica, talvez tendo em vista que esta última parece ser modelada para o exercício com outras pessoas capazes; ao passo que a de Aristóteles está muito mais bem delineada e delimitada em sua obra e, assim, se presta mais a um ensino livresco.

A dialética Aristotélica está muito bem codificada na obra dos Tópicos, e está bem encaixada dentro do Órganon; ainda que possam existir longuíssimos debates acerca de detalhes de seu funcionamento, e de como a dialética se relaciona com as demais subdivisões da lógica. Em comparação com a dialética de Platão, a qual só pode ser apreendida pelo esforço hermenêutico de extrair seus princípios a partir dos diálogos, a dialética de Aristóteles é uma disciplina bastante estanque e apta a ser ensinada. Foi ela quem influenciou mais decisivamente a história da educação, com Sócrates e Platão ficando mais em uma posição de precursores exemplares.

\*\*\*

Bem, a primeira coisa que um estudante que aspira a ser um dialético precisa apreender é em que posição este se encontra na sociedade e na escala intelectual. Utilizando, para isso, a escala que Olavo de Carvalho estabeleceu em sua obra clássica “Os Quatro Discursos”, no primeiro patamar há o discurso poético, dos poetas e prosadores, que está fundado nas impressões internas daquilo que, em algum grau, *pode ser*; o discurso retórico, no segundo patamar, lida com as impressões já trabalhadas pela discussão da sociedade, transformadas em crenças, hábitos, costumes e leis, e, a partir disso, o retórico constrói argumentos verossímeis que

embasam ou contestam (*ma non tropo*) essas crenças; é só partir deste nível que surge o dialético, ou seja, no momento em que as crenças de uma sociedade estão bem expressas e desenvolvidas, e em que há ampla discussão, pois só aí ele poderá reuni-las e promover o embate depurador que, idealmente, discernirá a verdade em meio à confusão das opiniões. Ao mesmo tempo, o estudante só estará apto a divisar esse patamar de discurso no momento em que tiver dentro de si, no microcosmo pessoal, todas as opiniões relativas a algum assunto específico. Aplicar os instrumentos dialéticos a um material intelectual mingüado é o análogo de usar uma motosserra para aparar um arbusto de rosas.

O exemplo óbvio disso é o surgimento de Sócrates na Ágora ateniense. A praça pública era, justamente, o lugar de discussão das coisas públicas. Em meio aos debates, cujo tom era dado pelos sofistas, e que ameaçavam permanecer sempiternamente na autorreferência retórica, surgirá a técnica que buscará abarcar todas as opiniões para depois depurá-las, aproveitando o que em cada uma houver de positivo, e descartando o restante.

Daí que Aristóteles enfatize que os argumentos dialéticos sejam tirados da opinião 1) de todos os homens, 2) da maioria, ou 3) dos mais eminentes, isto é, dos filósofos.

Uma vez estabelecidas as fontes de argumentos, procede-se a elencá-los de acordo com o assunto. Esse procedimento foi feito desde a antiguidade de maneira metódica; o Sócrates dos diálogos listava e refutava os argumentos errôneos antes de expor sua visão; Aristóteles discute previamente as opiniões dos filósofos de sua época em seus tratados, assim como nas Summas medievais se elencam todas as opiniões em contrário antes da solução do autor, seguida da refutação dos argumentos primeiramente levantados. O próprio método de debate conhecido como *disputatio* tinha como regra primeira da réplica a repetição e posterior refutação da premissa ou da conclusão do adversário a ser negada.

Não que, com isso, estejamos dizendo que se deva levantar os argumentos e as teses já defendidas com espírito de crítica. Pode muito

bem ser que a verdade sobre algum assunto já tenha sido encontrada, total ou parcialmente, mas que tenha ficado para trás e sido esquecida. Por isso mesmo é que a honestidade intelectual pede que se apure o *status quaestionis* antes de sairmos emitindo opiniões em praça pública. O *status quaestionis* é, portanto, esse sumário das discussões até o momento em que vamos abordá-las.

Isso é a coleta do material. Seguem-se os princípios de ordem que a lógica deve impor ao material.

*Antepredicamenta*, isto é, as especificações que vêm antes dos predicados propriamente ditos, são distinções de suma importância ao investigador, um dos patamares mínimos a que toda e qualquer discussão que se pretenda séria tem que alcançar. Trata-se de identificar em qual nível predicativo está-se discutindo. Há quatro níveis: o primeiro diz respeito à definição de alguma coisa; o segundo, à propriedade de alguma coisa; o terceiro, à accidentalidade; o quarto, ao gênero. Trata-se, pois, de identificar se se está discutindo qual a definição de alguma coisa, ou uma propriedade dela, ou um acidente, ou o gênero. Toda oração declarativa estará dentro de um dos antepredicamenta. Por exemplo: o animal é um ser vivente dotado de sentidos; neste caso, há uma afirmativa que se refere à definição de animal, isto é, à essência dele. Outro exemplo: o homem é o animal que ri; neste caso, trata-se de uma afirmativa que expressa uma propriedade do sujeito, pois que, apesar de não ser a essência dele, é conversível com ele, ou seja, é uma característica só dele. Nenhum outro ser é capaz de rir senão o homem. Além destes, temos a afirmativa de uma accidentalidade, como por exemplo, Sócrates é branco, pois essa afirmativa não é conversível com o sujeito, tornando-se, assim, uma afirmativa contingente, que pode ou não ser o caso. Por fim, ainda podemos predicar apenas como gênero, ao dizer, a rosa é uma planta; também neste caso não é possível converter o predicado no sujeito e vice-versa, pois nem todas as plantas são rosas.

É dentro desse enquadramento que se poderá entender melhor as dez categorias. Gênero e definição pertencem à categoria da substância (ou essência), e a tentam aclarar; ao passo que acidente e propriedade

pertencem às demais categorias, da quantidade, qualidade, relação, ação, paixão, tempo, lugar, estado e postura.

O treinamento em categorização não é um arcano hermético de se aprender, mas pode ser penoso. O aluno deve primeiramente aprender a distinguir substância de acidentes — conceitos esses que já foram abandonados, sem motivo plausível, ou por pura birra, há muito tempo no Ocidente. Após isso, procurar classificar coisas de seu interesse, desde a definição até a sua categoria última.

Deve ele conhecer a árvore categorial das substâncias. Por exemplo:

**Uma substância pode ser:**

**1) Incorpórea ou 2) corpórea.**

**As substâncias corpóreas podem ser:**

**1) inanimadas ou 2) vivas**

**As substâncias corpóreas vivas podem ser:**

**1) insensitiva ou 2) senciente**

**As substâncias corpóreas vivas sencientes podem ser:**

**1) irracionais ou 2) racionais.**

Assim, chegamos à definição completa de homem como substância corpórea viva senciente e racional, que, pela fórmula do gênero próximo e diferença específica, pode ser reduzida para “homem é o animal racional”, pois dentro da palavra “animal” estão contidas as noções de “substância corpórea viva e senciente”. A definição é convertível; assim, dá no mesmo dizer “o animal racional é o homem”. Está afirmação é tão verdadeira quanto a anterior.

A seguir, o que pode ser até mais desafiador, há que se exercitar na classificação de entes abstratos como, por exemplo, a educação. Frente a esse problema, o aluno perceberá a dificuldade da empreitada de classificação e de divisão, e entenderá por que Sócrates dizia que seguiria o homem que é perito na arte de compor e de dividir argumentos como

se fosse um deus. No caso da “educação”, nota-se toda a complexidade da questão, por exemplo, ao investigar se seu agente principal é o professor ou o aluno, e em que âmbitos cada um atua; terá também que estabelecer qual é exatamente a categoria em que entra a ‘educação’ (caso entre apenas em uma), isto é, se se trata de uma ação, de uma paixão ou, ainda, de uma relação. Quiçá, paralisado diante de perguntas tão grandes e graves, o aluno capte — se já não tinha captado — a dificuldade que há no cerne de todo estudo sério.

Muita vez já se chamou atenção para a etimologia da palavra educação, de ex/ducare, ou seja, conduzir para fora. Temos aí uma ideia que é na verdade simbólica. Para seguirmos numa breve investigação do tema, deveríamos nos perguntar: para fora de quê? Bem, alguém terá necessidade de ser conduzido para fora de algum lugar amplo e complexo, do qual seria difícil sair por conta própria, como, por exemplo, um labirinto. Se nos imaginarmos em um labirinto, facilmente assentiremos que não cairá nada mal termos um guia, alguém que nos conduza. No caso da educação, fala-se principalmente de educação moral e intelectual. Alguns pensam que as duas são a mesma, outros que são diferentes, e que se efetivam por princípios diferentes. Não entraremos na questão, mas já aí teríamos que utilizar a dialética para sopesar os argumentos em favor de cada uma das concepções. Sabemos, porém, que a educação conduz para fora de algum lugar de difícil saída (se fosse fácil, sairíamos sem ajuda); no caso da educação intelectual, sabemos bem do que queremos nos afastar: da ignorância. No caso da moral, queremos nos afastar do vício para irmos na direção da virtude. Com isso em mente, naturalmente nos surgirão as questões: mas o que seria a ignorância, e o que seria o conhecimento? E o que exatamente são o vício e a virtude? Quem quer que pesquise um pouco, verá que há inúmeras opiniões a respeito, desde a do seu Zé da padaria até a de Aristóteles, sobre esses assuntos.

No ponto em que chegamos da história, já existe toda uma história de debates; nos tempos que correm, chega-se a defender que o vício é melhor que a virtude, ou que tais distinções são falsas; e o mesmo a respeito da ignorância e do conhecimento. Tudo isso são opiniões



retóricas, para nós que chegamos agora. Essa situação mostra como, para Aristóteles, havia mesmo a passagem da discussão retórica para a dialética, e que esta última não poderia operar sem aquela, uma vez que, para ele, a retórica é a arte de encontrar argumentos persuasivos em cada situação, e a dialética a arte de raciocinar a partir de argumentos em que todos, a maioria ou os sábios acreditam: claramente isso não seria possível sem antes haver a descoberta dos argumentos e sua discussão, operações que ocorrem no nível retórico.

Após o elencar dos argumentos, seguem-se uma enorme quantidade de técnicas para virá-los praticamente do avesso, a fim de que confessem seu teor de verdade, bem como o de falsidade. Estas serão vistas no livro particular sobre a dialética.

O debate dialético no âmbito da sociedade ocorre quando existe uma questão bem delimitada que é alvo de uma disputa entre a opinião da maioria e a dos sábios, ou entre duas seitas de filósofos ou cientistas entre si. Uma questão desse tipo em nosso tempo é a que gira em torno das chamadas “Mudanças Climáticas”, se são ou não causadas pelo homem; essa questão opõe um grupo de cientistas a outro, sendo notável ainda uma interferência retórica e propagandística da mídia em favor do lado que afirma existirem mudanças climáticas causadas pelo homem; tal interferência, é claro, gera uma distorção nada insignificante no debate.

\*\*\*

A dialética, a par de ser o que temos descrito até aqui, ou seja, uma forma de arbitrar as discussões a respeito de um tema e, idealmente, de se chegar a descoberta de princípios científicos, também pode ser um treino para as capacidade lógicas do aluno, através de exercícios mais ou menos artificiais de argumentação em que o estudante argumenta pelos dois lados da mesma proposição. Por exemplo: A educação é a transmissão de conhecimento do professor ao aluno. E o aluno deverá recensear e pesar os argumentos a favor e contra essa tese.

Junto com este, na antiguidade, existia o treino para identificar os

tipos de raciocínios falsos, chamados de falaciosos.

Por fim, o raciocínio que Aristóteles denominava de apodíctico, que quer dizer indestrutível. A diferença entre o raciocínio dialético e apodíctico é que este último parte de premissas absolutamente certas. Tais premissas são de difícil alcance (e alguns consideram impossível). Exemplos de premissas assim consideradas são as definições da geometria euclidiana. O anseio do trabalho dialético é chegar a essas premissas certíssimas, a partir das quais se possa deduzir tudo que haja para conhecer sobre determinado tema. Outro exemplo de premissa certíssima é aquela que embasa toda a obra “Filosofia Concreta” de Mário Ferreira dos Santos: “Algo há”; a partir dela, o grande filósofo brasileiro constrói uma argumentação na prática irrefutável que comprova a realidade do mundo, a qual, filosoficamente, tinha estado (e ainda está, nos círculos intelectuais) em cheque, desde a dúvida metódica de René Descartes.

\*\*\*

Se alguém tiver alguma dificuldade em entender qual a função da dialética, não há por que se sentir ignorante por causa disso, uma vez que esta disciplina, junto com a retórica, está ausente do currículo brasileiro sabe-se lá há quanto tempo. Provavelmente desde os jesuítas.

No entanto, o espírito, por assim dizer, dialético, pode muito bem ser observado e depreendido do fato de que quase todo mundo gosta de um debate. Em geral, os debates não passam do patamar retórico, visto que cada uma das partes normalmente se fecha nos seus próprios argumentos, e os fica repetindo de maneira assertórica apenas, isto é, sem nem estar buscando um embasamento completo a respeito do tema em discussão. Contudo, no fundo desse gosto pelos debates — ainda que bem no fundo — está latente a ideia de se chegar à verdade através dos argumentos prós e contras. São nossos vícios e vaidades pessoais que muitas vezes fazem o ideal do debate degenerar em erística, que é o nome dado à tendência a distorcer os argumentos com a finalidade

única de ganhar uma discussão. Essa tendência é tão forte, que Arthur Schopenhauer conseguiu sistematizar 38 tipos de distorções em uma arte irônica no livro “Dialética Erística”. Isso deriva do fato de que os homens, em geral, não gostam de ser refutados, pois isso mexe com nossas vaidades e presunções de sabedoria. Até certo ponto, isso é normal. Não obstante, quem quer que tenha presenciado um debate na condição de audiência deve ter percebido, decerto, quão rápido a coisa degenera em bate-boca estéril e vão. Esta não é atitude típica do dialético, cujo exemplo máximo foi e continua sendo Sócrates, razão pela qual o grande modelo para o estudo da dialética são os diálogos platônicos.

## **Conclusão**

Tentamos demonstrar a unidade do Trivium, bem como as peculiaridades de cada arte em separado. Mostramos que as três, ao serem descobertas, passaram por um momento de guerra por hegemonia, antes de serem reunidas em um projeto pedagógico de amplo escopo, no qual, aparentemente, harmonizaram-se. Como Olavo de Carvalho descreveu no seu já citado livro sobre os quatro discursos, o próprio desenvolvimento civilizacional transcorre a partir de uma época mitopoética, caracterizada por uma (ou mais de uma) obra poética que funda uma civilização. Após, segue-se um período de debates retóricos, quando já estão estabelecidos os valores culturais, os costumes, as leis, etc., período em que se vão formando escolas interpretativas que acabarão se tornando em escolas filosóficas com interpretações próprias e fechadas do texto fundante. Desse período, que acaba sendo, por natureza, conturbado, geralmente surge uma técnica de corroboração das teses em discussão, que estabelece um momento dialético. Notamos, então, movimentos de retorno e avanço sucessivos, em que às vezes se tenta remontar a um modo anterior de interpretação, seja ao poético, seja ao retórico — tudo isto dentro do mesmo ciclo civilizacional. Com essa visão em mente, é fácil perceber a genialidade do Trivium, ao ter

juntado em um mesmo sistema de educação a tensão entre as três artes, ou ciências, que parecem constitutivas do modo de entender humano, dando as chaves para acessar toda a cultura e deixando nas mãos do aluno a decisão de enfatizar uma das três em seu desenvolvimento intelectual pessoal.

Essa mesma reflexão, porém, evidencia o quão deprimente é a educação pós Artes Liberais e pós-Trivium. Se entendemos que as artes têm por trás de si faculdades constitutivas do intelecto humano, a saber: a de relatar experiências possíveis, a de encontrar argumentos persuasivos a respeito de tópicos contingentes, e a de promover o embate de ideias eminentes até chegar a uma verdade provável ou certa; se entendemos tudo isso, veremos para além de quaisquer dúvidas o quão mutilada, o quão insuficiente é a educação que nos foi transmitida. Infelizmente, se não tiver uma sorte tremenda, o aluno jamais dará pela falta do que lhe foi sonogado. Atravessará ele o caminho da vida apenas com uma vaguíssima noção que algo está faltando, de que toda essa coisa de literatura, de debates, de ciência e de filosofia não é para si, não lhe diz respeito. Ora, a educação democrática, por assim dizer, tem como valor supremo prover conhecimento a todos, à massa. Porém, se para isso, teve de mutilar todo o sistema que está na raiz dessa própria democracia, é mister que de novo se aprecie o valor real dessa empreitada.

Ademais, no caso das artes da linguagem, a coisa foi mais arrasadora em virtude de elas já estarem cambaleando há alguns séculos... Desde que o Ocidente optou pelo cientificismo matematizante de maneira feroz, a linguagem tem sido empurrada mais e mais para o recinto hermeticamente selado da fantasia, sendo vista como o instrumento próprio da literatura de ficção; ou, na melhor das hipóteses, das ciências humanas, as quais são vistas benevolmente como semi-ficcionais. Ao mesmo tempo, as ciências ditas duras, ou exatas, produzem monstruosidades como a Teoria do Multiverso, que se não chegam a ser, são quase demenciais em seus postulados. Porém, como por trás das ideias abstrusas existem cálculos complexos, poucos se atrevem a diagnosticar o descabimento das afirmações. O pior de tudo é que o público leigo estará para sempre apartado do entendimento das noções

constantes em um livro de física especulativa moderna, que pairam como que em um Olimpo de abstrações, inatacável e inatingível.

Isso ocorreu devido à perda de noção de Logos, que subjaz a toda concepção filosófica e educacional que tenha alguma inspiração grega. Mas, claro, não só na Grécia houve a ideia de Logos. No Cristianismo essa noção ganhou contornos e alturas muito mais sublimes. O Logos, no sentido grego, sempre foi tido como uma palavra de difícil tradução, pois engloba diversos aspectos da realidade, desde a capacidade de expressão por meio de palavras, passando pelos conceitos até as formas substanciais dos próprios entes. Os romanos, com sua admirável capacidade de síntese (e com boa dose de pragmatismo), traduziram a palavra como *ratio* e *oratio*, razão e eloquência.

Se alguém se perguntar o que isso tem que ver com a ciência especulativa moderna, a verdade é que a doutrina do Logos, que é a Lógica, entendida em toda a sua acepção antiga, e não como mero formalismo do pensamento, demonstra, à diferença do abstracionismo modernoso, um desenvolvimento plenamente orgânico da inteligência humana, desde os sentidos até a mais alta especulação de que é capaz a mente. Não é assim hoje em dia. Pelo contrário. Há, decididamente, confusão entre os dados dos sentidos, os cálculos, as especulações e a fantasia pura e simples em muitas teorias científicas.

Dissemos que a doutrina antiga é orgânica. Ela o é porque se assemelha a uma árvore, que tem suas raízes bem fincadas no solo dos entes e dos fatos observados, os quais são captados pelos sentidos e pela simples apreensão, a partir dos quais, por abstração das imagens retidas na memória, o homem chega à noção e ao conceito; destes, forma juízos opinativos e, com muito esforço e estudo, até juízos apodícticos. Temos, sim, exemplos de grandes catedrais do pensamento humano que, se bem analisadas e contempladas, nos darão noções seguras sobre a constituição do Cosmo. Pensemos em nomes como Platão, Aristóteles, Plotino, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e tantos outros; no Brasil, temos os exemplos edificantes de Mário Ferreira dos Santos e de Olavo de Carvalho para nos espelharmos. A quem ousar

jogar as descobertas modernas no campo da técnica como contra-argumento, só podemos responder que avanços tecnológicos não são argumentos contra as afirmações do realismo, da unidade do mundo, da criação deste por Deus, da liberdade essencial do homem e de sua capacidade de entender o mundo, as quais são as teses que a filosofia clássica sempre defendeu com argumentos, provas e evidências. Erros de detalhe, que mormente se deram nos campos em que os filósofos não eram especialistas, ocorreram, mas de forma alguma mancham e enodoam as coisas muito maiores que ficaram demonstradas. Por outro lado, junto com avanços tecnológicos impressionantes que ganhamos na modernidade, vieram-nos, no bojo disso, o esfacelamento do mundo, o afastamento de Deus, o desconhecimento e a desconfiança nos outros e em nós mesmos. Tudo isso sob o nome sagrado do realismo. De pouco, assim, adiantou ganharmos em conforto e em possibilidades. Ganhamos o mundo, perdemos a alma. E tudo por causa de falácias, mal-entendidos, deturpações e falsidades flagrantes.

Não precisamos, é claro, jogar fora os avanços tecnológicos para recuperarmos o que foi perdido por causa de moedeiros falsos da filosofia. Precisamos, sim, de uma operação de resgate do que foi perdido: as teses filosóficas que fundaram o Ocidente, bem como sua religião. Mesmo quem acredita que a religião do ocidente, a saber, o cristianismo, é falsa, hoje em dia já tem notado todos os males que a civilização sofre por tê-la abandonado.

Essa operação de resgate necessitará de verdadeiro exército e imensa mobilização das melhores e mais ousadas mentes. De início, serão poucos que terão de ir atrás das armas perdidas e, depois de as dominar, fazer excursões no campo inimigo para enfrentá-los e derrotá-los em toda sua malícia, ao mesmo tempo em que propaga os mesmos meios de combate a mais e mais pessoas. Em suma, é preciso tornar-se uma espécie de Rambo intelectual.

Para que tudo isso se concretize, enfim, será necessário resgatar a doutrina do Logos em sua inteireza, isto é, a da *ratio* e da *oratio*. É preciso saber e saber expressar, adaptando o discurso à audiência e

evitando poses rígidas e encastelamentos. Em uma palavra, trata-se daquilo que anunciamos no início como meta final do Trivium: a aquisição da eloquência, capacidade de expressão adequada e eficaz. A aquisição de certas ferramentas, sem que isso se plasme na alma do aluno em uma faculdade nova, não configura a posse disso. Árduo e ascensional é o caminho que leva à meta, e requer uma vontade de aço, que ultrapasse a mudança dos anos sem mudar, como o personagem do poema de Horácio, que vê o mundo se despedaçar com um olhar altivo e indiferente.

Não significa, porém, que o aluno deve neuroticamente ficar estudando o Trivium, achando que vai tornar-se um orador romano ou um dialético grego. Trata-se de seguir estudando e avaliando os progressos feitos, mesmo que já se esteja na filosofia. Chega uma hora, portanto, que o aluno já tem posse suficiente das ferramentas do Trivium para poder avançar. Pode ele ir direto para os estudos superiores? Não, ele deve ser recebido antes entre as damas que ensinam o Quadrivium, se deseja continuar no itinerário das Artes Liberais. Nesses estudos, aprenderá sobre o número e suas proporções com relação ao mundo, e a dominar esse instrumento que tantas portas do conhecimento nos abrem. De fato, ele nos revela como que a harmonia ou música do universo, que ressoa e é visível não somente no exterior, mas também no interior do homem.





Wie sich die heilige Dreialteit vs in allcreamen nach vortunge spreit  
 Die heilige geisthaft vns das seit & Theoloya die vil wise. End wie in der  
 mege herze das wort sich fleistz wie manes merze. Er hat geheilet der  
 sunder sineerze. Als da schribet peter von Paris &



Quidum Architipū contemplet plēn  
 Vera philosophia, <sup>calumpnia</sup> Domina celi philosophia



Geometria

# *O Quadrivium*

## *As quatro artes do número e da realidade*



Chamamos “Quadrivium” o grupo das quatro artes liberais da Aritmética, Geometria, Astronomia, ou Astrologia, e Música, que compreende a Harmonia.

Precisamos saber inicialmente que “Quadrivium” é um objeto de estudo muito amplo — tanto quanto, genericamente, educação e filosofia — que poderia nos parecer uma divagação num imenso vazio. Desse modo, nos limitaremos ao que essencialmente é uma educação liberal clássica do Quadrivium.

É possível conceber um currículo ideal de estudos, que abarque os assuntos essenciais dessas artes, mas, ainda assim, é necessário reconhecer que o tratamento dado ao Quadrivium variou em aspectos que deixaram margem a inúmeras discussões durante os séculos, no que diz respeito principalmente às concepções de cosmovisão tradicional e a sistemas filosóficos intrínsecos a esta educação.

Desde os registros mais antigos da história humana, advindos de cada civilização conhecida, em documentos literários ou registros artísticos rudimentares, vemos os primórdios das Artes Liberais, que já dão indícios do Quadrivium, em alguns casos com noções bastante desenvolvidas.

Isto aconteceu em civilizações sem contato umas com as outras, de todos os continentes. Estão presentes evidências de conhecimentos

matemáticos, astrológicos e astronômicos nos mesopotâmicos, na região do Tigre e do Eufrates, depois ao redor do Nilo, com os Egípcios, no Mediterrâneo, nos Gregos e nos Romanos, mesmo na Ásia Oriental, com os Chineses, e em toda a América, com índios e com as civilizações pré-Colombianas.

Parece que nenhuma escapou. Bem ou mal, com caráter mais ou menos místico, fossem pensados como realidades do cosmos acessíveis apenas através de mitos, como aparecem nas obras de Mircea Eliade e nos estudos sobre registros culturais mitológicos de Carl Jung, um dos fundadores da psicanálise; ou fosse para um encontro com um Deus único ou com quaisquer divindades superiores; ou, ainda, neste tempo de cientificismo e de busca pelo super-homem e pelo homem-deus, seja nas tentativas hodiernas de criar cosmovisões sem pé nem cabeça: seja como for, os objetos tratados nessas quatro artes sempre estiveram de algum modo no centro da vida humana.

A história dessas artes revela um diálogo incessante e denso entre os sábios dos confins de toda a Terra. O desejo humano de sabedoria as coloca à prova a cada nova discussão: ora os filósofos gregos foram ultrapassados e jogados à reciclagem, ora voltam a ser ouvidos como se renascessem da cova dos séculos.

Tudo isso são apenas evidências de que o cosmos criado, o universo no qual todos os homens estão, talvez tenha mais do que uma mera semelhança com os objetos dessas artes; na verdade, percebemos facilmente a profunda dependência, em nossa vida cotidiana, dos objetos de estudo do Quadrivium!

Ao que parece, todas essas civilizações encontraram o mesmo céu, as mesmas águas e mergulharam o mais profundo possível nos oceanos da realidade dos números, do espaço e do tempo. Mas, afinal, o que exatamente se entende por Aritmética, Geometria, Astronomia e Música como disciplinas liberais clássicas? E conhecendo o mistério que o coração da antiguidade conserva em nosso tempo, perguntamos: que fim têm as quatro artes? Que necessidades humanas são essas que nos fizeram compreendê-las como patrimônio? De que modo se ensinam?

Manuais de história universal e até de história da educação falam sobre as artes liberais, e apresentam uma vasta bibliografia. Mas, pouco consideram a compreensão e a experiência dos próprios autores. Esses manuais informam, brevemente, de hábitos comuns, resultados comuns, atividades dadas nas escolas de artes, e esquecem de dar voz aos homens que empreenderam nisso o precioso tempo que tiveram.

Frequentemente os manuais dão a impressão de que os assuntos são muito similares; como se, em geometria plana, nada tivesse mudado desde a academia platônica: fixa e imutável como a estrela mais distante! Infelizmente, há também uma atitude de descaso com tudo que possa ser velho, ou que não tenha sido apresentado por alguma autoridade acadêmica bem quista entre a comunidade científica, revistas internacionais e renomadas, não se excluindo aqui, é claro, o valor de produções honestas.

Pelo contrário, é importante que não impere a ignorância dessa produção científica; mas, que fique clara a presença do abismo entre uma tradição ocidental e o prosseguimento originado numa certa repugnância inconsciente por tudo que seja “velho”. Devemos cuidar que o baricentro da Verdade não se perca pela fuga do labor, pois a procura de respostas às questões fundamentais demanda uma dor e angústia próprias, e um enfrentamento da Babel de discursos desconexos deste pretensioso tempo, que almeja julgar e legislar sobre a natureza sem prestar contas a ninguém.

Aqui, no entanto, não nos cabe discutir as origens desse descaso nem adentrar as origens dessa confusão que advém do abandono da busca de unidade; mas reconhecer que há uma atual negligência no trato das Artes Liberais, quando nos deparamos com bobas simplificações conteudistas de assuntos cujas essências raramente são captadas.

O Quadrivium, portanto, deve ser apresentado de um modo que possamos compreender melhor o seu fim como arte liberal, que vai além do uso prático da matemática e prepara aos estudos superiores.

Mostraremos aqui o conhecimento humano sob a ótica daqueles que exploraram problemas profundos de suas existências, sem excluir nem

mesmo o que possa parecer absurdo aos olhos do nosso tempo, tentando trazer a noção mais completa possível das quatro Artes Liberais do Quadrivium.

### **Caráter geral do estudo do Quadrivium**

Para compreendermos bem o que são essas artes do Quadrivium, precisamos primeiro distingui-las um pouco das noções atuais de Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Sobretudo, temos de abrir espaço a uma compreensão mais acertada do que é uma arte liberal e que valor lhes foi atribuído nos seus anos de vigência como ensino comum nas escolas europeias.

Não só é importante acentuar as diferenças de conteúdos conforme a variação pedagógica dos séculos, mas também esclarecer o caráter geral das quatro artes pelo que elas não são. Aqui, é bom deixar claro, não estamos dizendo que as escolas abandonaram totalmente o estudo dessas artes — embora não possamos dizer o mesmo quanto ao Trivium; estamos apenas evidenciando uma diferença que pode ser percebida por qualquer um que possua uma formação escolar comum do nosso tempo.

Sabemos, como demonstra Christopher Dawson em seus estudos sobre a pedagogia no continente europeu e americano, que as escolas participaram de uma “revolução universal”, caracterizada pela sua manutenção e subordinação ao Estado, que partiu das maiores potências europeias para os outros continentes. Devido a esse fenômeno, nosso olhar deve voltar-se aos professores mais célebres que o Ocidente já teve, principalmente pelo seu vigor e caráter superior entre os pedagogos.

Hugo de São Vítor, professor da Abadia de São Vítor em Paris, no século XII, descreve em seu *Didascálicon* — sobre a arte de ler — uma divisão do que chamava Mecânica em sete artes: lanifício, armamento, navegação, agricultura, caça, medicina e arte teatral.

A primeira delas é o lanifício, a arte de confeccionar qualquer peça de tecido de couro, lã, algodão, ou conforme a feitura de um trançado para

uma corda, de rede ou instrumento musical.

A segunda, o armamento, a confecção de armas, sendo chamada arma qualquer peça usada na guerra, desde a usada no ataque por projeção, lançado ou atirado, até a usada no ataque e a defesa corpo a corpo pelos guerreiros.

“*Navigatio*”, a navegação, vem em terceiro lugar, compreendendo toda negociação de compra, venda e troca em território nacional ou entre países, cujo símbolo é Hermes para os gregos, e Mercúrio para os romanos, o deus dos mercadores; essa arte se caracteriza por exigir certa habilidade na eloquência.

Em quarto, a Agricultura, que conserva o mesmo sentido até hoje, vai desde a simples jardinagem ao cultivo de cereais de todo o tipo, em todo tipo de terreno.

A quinta é a caça, que se divide em caça de animais selvagens, aves e pesca; também se refere ao preparo de alimentos, condimentos e bebidas, abarcando o ofício dos padeiros, açougueiros, cozinheiros e taberneiros.

Depois, a medicina, em sexto lugar, foi dividida em “*occasions et operationes*”, ocasiões e operações; sendo seis condições consideradas: o ar, o movimento, e o repouso, escassez e abundância, comida e bebida, sono e vigília, e os estados da alma — como uma espécie de tratamento através da mudança do comportamento do paciente, sendo chamadas “condições” porque aprimoram e conservam a saúde. Já as operações eram consideradas quaisquer recursos externos ou internos a medicamentos ou cirurgias.

Por último, a sétima arte mecânica era a teatral, compreendendo qualquer evento comumente situado no teatro ou na arena, desde o que entendemos hoje por teatro até esportes como lutas, desafios, jogos, etc.

O autor explica essas artes com brevidade no *Didascálicon* e depois as diferencia com cuidado das Artes Liberais.

Lembremo-nos de que, nesse período, já havia mais de seis séculos do ensino de Artes Liberais na cristandade, sem contarmos os anos iniciais do surgimento dessas disciplinas entre gregos e os romanos. Hugo de

São Vítor faz uma reflexão pouco recorrente nos manuais anteriores, mas ainda assim muito necessária.

Esclarece-nos que as Artes Mecânicas são próprias do artífice, enquanto as Artes Liberais são dadas à busca das causas de tudo quanto se queira meditar; desse modo, a arte do lanifício, no entender corrente na Idade Média, por exemplo, ainda que tome por base uma série de conhecimentos próprios do tear e da criação de peças têxteis, incluindo noções de aritmética, de desenho e geometria, e requeira a habilidade manual para tecer e costurar, e mesmo que haja um grande esforço criativo no cumprimento dessa tarefa — não é uma arte liberal.

E diz: “São chamadas mecânicas, mais apropriadamente, adulteradas (artificiosas), porque dizem respeito ao trabalho do artífice, que se apropria diretamente das formas naturais para si. Enquanto as outras sete artes são chamadas liberais ou porque requerem homens livres, de espíritos e intelectos, treinados e desenvolvidos, porque minuciosamente investigam a causa das coisas, ou porque os filhos dos antigos, os nobres, costumavam se dedicar a esses estudos, enquanto os plebeus e filhos dos iletrados ficavam com o aprendizado das artes mecânicas por sua desenvoltura com o trabalho manual”.

Mas é interessante de notar, por exemplo, que a arte da navegação não era necessariamente toda uma função da habilidade manual, e também não tinha o mesmo sentido entendido hoje por navegação, limitada à condução de embarcações e as técnicas de orientação marítima. Essa “navegação” foi algo muito mais parecido com o que entendemos pelo trabalho do comerciante, abarcando toda a negociação de compra, como já mencionado. Aqui se faz importante essa distinção para que não confundamos, por exemplo, a Arquitetura com a Geometria, ou com o Desenho Geométrico, pois são coisas bastante distintas.

As Artes Liberais, segundo Hugo de São Vítor, são, portanto, o letramento dos nobres (não os de sangue, mas de espírito), daqueles que investigam as causas de tudo quanto há: as artes dos espíritos livres.

Ainda na mesma obra, o primeiro capítulo do segundo livro se dedica à distinção das artes liberais. A filosofia é dita a principal arte,

chamada de arte das artes. Seguindo o raciocínio, a filosofia busca à aquisição de uma forma que aperfeiçoe a alma dos homens. É a busca pela semelhança divina, no sentido de aclimatar o homem a uma vida dedicada a contemplação pura da verdade.

Hugo de São Vítor distingue ainda “arte” de “disciplina”: “O conhecimento que pode ser dito ‘arte’ é o que é ‘constituído por princípios e regras desta arte’, como se dá na escrita, e chama-se ‘disciplina’ a que é dita ser completa, como se dá na ciência doutrinal, ou teórica, em linguagem moderna. Ou pode se chamar ‘arte’ quando se trata de algo verossímil e opinável, e ‘disciplina’ ‘quando se disserta com argumentações verdadeiras sobre algo que não pode se dar de outro modo; esta diferença entre arte e disciplina foi estabelecida por Platão e Aristóteles. Ainda, pode ser dito ‘arte’ o que é realizado na matéria inanimada e desenvolvido por uma operação, como a arquitetura; e ‘disciplina’ o que se realiza na especulação e é desenvolvido somente pelo raciocínio, como a lógica”.

Essa distinção é importante se quisermos compreender o porquê da definição dada por Hugo de São Vítor a cada uma das quatro artes, quando, por exemplo, escreve: “A geometria é a disciplina da magnitude imóvel e a descrição contemplativa das formas”.

Vale ressaltar ainda que as opiniões anteriores ao século XII trazem tudo em termos muito semelhantes.

Cassiodoro, no século VI, a exemplo da Geometria, a definiu em suas “Institutiones” como “a descrição especulativa das formas e a prova (*documentum*) visível de que dispõem os filósofos”.

E, de modo geral, assim se versou sobre essas artes principalmente durante a educação medieval e até na pedagogia jesuíta.

Mas, de um modo ou de outro, as Artes Liberais são tratadas sempre como pilares de uma grande edificação, e aqui devemos ressaltar o fato de que são pilares que por si mesmos se sustentam. O que estamos dizendo é que estudar o “Quadrivium” pode ser uma atividade com um fim em si, mesmo que futuramente possa servir à resolução de problemas variados, desde a nossa orientação na terra e no tempo, passando por composições



estéticas, até a solução de questões filosóficas ou teológicas.

A verdade é que, como acabamos de saber, estas artes versam sobre tudo o que está presente do universo.

É difícil analisarmos todo o desenvolvimento do Quadrivium detalhadamente desde sua origem mais antiga. John Martineau, na introdução de seu livro *Quadrivium*, diz terem as quatro artes se originado num ensino formulado por Pitágoras, chamado *Tetraktys*, por volta de 500 a.C.. Depois, mostra como Platão e Aristóteles foram gradualmente formalizando as artes do Quadrivium como patrimônio científico. Isso nos chama a atenção para a possibilidade da existência, desde esse tempo, de uma divisão consistente entre as disciplinas.

Se contarmos com o surgimento do Quadrivium desde esse tempo, temos de lidar com o fato de que as quatro matérias variaram muito, e também de que, se existia um tipo de currículo, ou delimitação curricular, ela teria sido rompida e reorganizada naturalmente muitas vezes, conforme as condições próprias de seu ensino na Grécia, dadas as diferenças culturais e sociais entre cidades e governos.

Portanto, é muito arriscado afirmarmos algo sobre o Quadrivium recortando-o de sua história. Também não podemos afirmar que tudo o que constava desses estudos, nesses séculos todos, tenha ainda um valor verdadeiro — embora, de maneira geral, o principal tenha perdurado.

Se não devemos imaginar que o Quadrivium tenha sido o estudo das matérias que estudamos hoje com o mesmo nome, então o que devemos imaginar?

Esta pergunta pode parecer simples, com uma resposta facilmente encontrável em algum manual de história, mas não é bem assim. A relação que os sábios da antiguidade tinham com a matemática e suas disciplinas era bem diferente do que vemos hoje.

Apenas em alguns momentos da história do Quadrivium é que vemos uma tentativa de registro amplo das atividades efetuadas. Mesmo assim, a maior parte do que diz respeito à prática de cálculo, por exemplo, é, para dizer o mínimo, obscura.

Sabemos pouco sobre estudo dos romanos do fim do império e dos medievais que se seguiram logo depois, os materiais são muito parecidos. Entre os romanos é com Varrão e Boécio que ficam impressos os principais conhecimentos dessas artes. Não há nenhuma fórmula prática, nenhum tipo de exercício de fixação, mas apenas tratados, no formato de manuais para professores, segundo o registro de Paul Abelson.

Se, por um lado temos pouca informação da prática do ensino, por outro temos uma forte evidência de um estudo totalmente voltado à contemplação, sem haver a necessidade de aplicação a problemas práticos. Eram assuntos pertinentes a um quadro filosófico, ou científico, se fossem sobre matéria opinável.

Sócrates, pela escrita de Platão, pode ser considerado o regulador dessa concepção. No livro sétimo da República encontramos sua concepção das artes, partindo da alegoria da caverna.

Em dado momento, Sócrates distingue dois tipos de objetos sensíveis, um tipo que não incita à reflexão, “porque já são suficientemente julgados pelos nossos sentidos”, e outro que, pelo contrário, “convida insistentemente a inteligência a examiná-lo, porque os sentidos não oferecem nada de aceitável”.

Esses objetos sensíveis que causam um estranhamento e confusão automaticamente são abordados pela inteligência. Sócrates dirá que primeiramente nossa alma distingue o que é notado pelos sentidos; com base nessa experiência, se alçará à natureza dos números, pelo fato de não os encontrarmos nas coisas que vemos ou sentimos, mas pelo fato da alma ter sempre de buscá-los.

Com essa experiência é que Sócrates sustenta o valor do estudo do número, pois ele não é e nem está claramente distinto nas coisas sensíveis. Sua natureza é abstrata. A matéria não apresenta em si a mesma natureza ideal dos números, pois não vemos no mundo material unidades idênticas, invariáveis e indizíveis. Ele ainda destaca dois tipos de números: o primeiro é o do general, como Agamemnon, que precisa saber contar para organizar o exército e sobreviver no campo de batalha; o segundo é o dos filósofos, que empregarão sua alma esforçadamente

na busca das essências, exercitando suas capacidades de comparação, de distinção entre uma coisa e outra, até que as compreenda em si mesmas e obtenha um conhecimento puro.

Assim ele fala da aritmética, como o estudo que leva o homem à sua atividade mais elevada; e, do mesmo modo, tratará da geometria e da astronomia. Oferecendo um contraste com o modo correto de exercer estas artes, Sócrates parece zombar do modo como os geômetras empregam os termos “quadrar”, “aplicar” e “adicionar”. Ele denuncia esse hábito apequenado porque não se refere aos procedimentos técnicos, mas sim à compreensão da perfeição das formas; sendo a compreensão das formas geométricas um tipo de contemplação, em que estamos em contato com perfeições irreduzíveis e inegáveis.

As artes do Quadrivium foram sempre retratadas e comunicadas subentendendo esse caráter filosófico, e referidas como “alimento nutritivo para a alma”. Há, no entanto, um processo histórico e dialético que durou séculos de experiência humana, em que houve o aperfeiçoamento desse entendimento inicial.

Como já vimos, os rudimentos das quatro artes sempre estiveram entre nós, em todos os povos do mundo. Essas disciplinas surgiram de um conhecimento acumulado durante séculos e por diversas vias.

Parte desses conhecimentos vieram de sacerdotes e ascetas; mas também da parte da casta governante, que precisava dominar diversas técnicas para exercer suas atividades. Atualmente tenta-se explicar a história de forma materialista, reduzindo as religiões e as práticas humanas todas a algum objetivo próximo e tangível; mas, com relação aos sábios, nem sempre podemos assinalar uma causa óbvia para o desenvolvimento dessas disciplinas.

Desde as narrativas de Heródoto, sabemos que os gregos tiveram uma longa tradição cultural não escrita, assim como os Egípcios. Pelo que sabemos, os homens calculavam e já tinham uma série de conhecimentos abstratos desde a evidência dada pelos registros mais antigos dos gregos. Os rapsodos cantavam poesias carregadas de símbolos de densa significação, que procuravam registrar tudo o que fosse do interesse dos homens.

Essa arte antiga materializou-se na representação de figuras simplificadas de acontecimentos do cotidiano e de belezas naturais, e até representação melódica — isto é, em tentativas de expressar algo ainda desconhecido da própria realidade humana.

Foi pelo mesmo impulso humano que os egípcios erigiram colunas semelhantes à vegetação que os circundava, chamadas *papiriformes*, pois o capitel imitava o papiro, para sustentar o teto de seus templos. Estudando a natureza e a transformação da matéria, vieram a produzir uma das mais engenhosas sociedades da antiguidade.

Ao mesmo tempo em que isso acontecia, esses homens cuidavam de registrar suas experiências e, para isso, criaram um conjunto de símbolos sólidos o bastante para encapsular a realidade. Pelo domínio desses símbolos passaram a poder representar de outra forma o que antes era representado apenas amontoados de pedrinhas, ou, como estas eram chamadas, “cálculos”.

Passaram a poder simbolizar a quantidade e a narrar o que se fazia com as pedrinhas. Daí vieram os padrões de cálculo para concretizar as operações necessárias no dia a dia. Concomitantemente, ao tentar expressar os fenômenos que observavam, surgiram leis abstratas a partir estudo da natureza, uma das mais famosas delas sendo a que dizia que “o semelhante gera o semelhante”.

A partir dos egípcios, houve a observação dos ciclos do tempo: o ciclo do nascente ao poente, do plantio a colheita, da Lua nova à cheia, do esvaziamento do rio à cheia, da reprodução dos pássaros à migração, do inverno ao verão, do nascimento à morte, conforme a observação do mistério da vida. O tempo ganhou escala e descobriu-se o tempo apropriado para cada coisa.

Os termos e as teorias abstratas usados hoje para explanar essas realidades não podem deixar de estar enraizados nos daquele tempo, ainda ligados a imagens naturais e concretas, tão fortes são o seu poder explicativo. E isso será visto se se olhar com alguma atenção para as teorias atuais que ainda possuem algum poder de elucidação da realidade.

O homem, portanto, precisa de algo que lhe ajude a decodificar esses

símbolos que estão no fundo da nossa civilização; precisa, de algum modo, se reportar às primeiras histórias, mitos e metáforas. Isso terá o condão de tornar o estudo mais tangível, e até de solucionar contradições e impasses a que temos chegado. Dito de outro modo, o Quadrivium abrange em si um tipo de conhecimento hoje em dia totalmente abandonado: a contemplação do invisível pelo que é visível.

### **Contexto geral da origem das artes**

O homem de todas as civilizações sempre foi um observador da natureza.

Isso está ligado à mímese, à imitação natural que o homem faz das coisas que o encantam. Se, em parte, dizemos que as adversidades impulsionam os homens a soluções mirabolantes, mais ainda deveremos dizer que nossas paixões menos carnis levaram-nos a patamares ainda mais altos, o que, de modo geral, é o caso do nosso assunto em pauta.

O Quadrivium tem, sim, sua origem marcada por necessidades práticas, mesmo que muitos conceitos acabassem se elevando a alturas bastante abstratas. No caso da aritmética, alcançamos a natureza do número abstrato, de algo que está contido em tudo como acidente da quantidade, que é notada pela inteligência, não pelos sentidos.

O conhecimento dos números começa pelo aprendizado da contagem, de 1 até o quanto pudermos, 10, 20, 100, 200, 1000... Depois conhecemos melhor ainda os números quando os decompomos em partes, como, por exemplo, ao dizer quantas centenas, dezenas e unidades um número qualquer contém, ou ao classificá-lo quanto à sua paridade. Há assim muitas maneiras de diferenciar os tipos de números e de nomeá-los. E algo parecido ocorre nas outras três artes.

Muito da origem das quatro artes está no Egito. Lá se estudava certa harmonia intrínseca das coisas. Usavam-se os astros como referências para marcar os períodos do ano. Podemos até presumir certo aprimoramento em conjunto, onde uma arte influía em outra. Assim

surgiu o conceito de harmonia das esferas, união de conceitos da música e da astronomia.

Isso vai de encontro à compreensão simbólica da natureza buscada desde sempre pelos sábios. Sempre se procurou onexo entre as partes integrantes da Criação, sem enfatizar tanto a separação como é a tendência visível das ciências modernas, fruto de sua obsessão por um rigor impossível.

Um homem que buscasse conhecer os animais não teria pudor algum de perguntar a pastores iletrados sobre as ovelhas, ou sobre outras reses, pois ele era respeitado pelo tempo de experiência real que possuía em sua arte, ao invés de ser taxado de ignorante; assim como o estudioso não teria pudor de descrever esses animais conforme o vocabulário em circulação, sem lançar mão de termos técnicos só pelo prazer de se fazer enigmático. Hoje em dia cada uma tem seus termos próprios, mas isso não deve servir de base para julgar errado o conhecimento exposto em termos menos rigorosos, o que parece ser um escrúpulo muito comum deste século. Por outro lado, sabemos ser necessária a possibilidade de comunicação entre todos os homens que tratem dos mesmos temas.

Dado esse caráter de unidade entre as artes do Quadrivium, ou de semelhança e proximidade de origem — seu distanciamento seria até mesmo um pouco incoerente —, dizemos que estas artes permitem uma visão bastante ampla das capacidades humanas para a ciência e para a atividade especulativa-filosófica. A evidência da proximidade se deu principalmente nos assuntos, em boa parte semelhantes, e nos termos usados, que nos indicam a origem comum.

Falar em ponto e linha, como definições geométricas, por exemplo, sem falar em *mônada* e unidade, ou falar em áreas e volumes sem mencionar frações, ou em dimensão dos planetas sem compreender figuras cônicas e trigonometria, ou ainda em música do universo sem proporções, e assim por diante, é algo inconcebível. Já as semelhanças entre Trivium e Quadrivium não são tão fáceis de se captar.

## A confluência entre as artes

Há certa confusão quando falamos das disciplinas do Trivium, no sentido em que já foi mencionado aqui, dos cânones e dos assuntos curriculares.

No caso do Trivium, o mais seguro é se estudar o grosso em Aristóteles. Muito do que foi feito depois de Aristóteles não foi na intenção de “criar algo novo”, senão no sentido de expandir a o que já havia sido assentado pelos socráticos, pitagóricos e platônicos.

Podemos afirmar que Aristóteles foi uma universidade, pois em sua obra nota-se uma confluência das disciplinas para um objetivo único, a saber, a sabedoria. As partes comunicam-se de algum modo em função de uma visão ampla e completa do universo.

Do mesmo modo, Platão especulou com proveito no mesmo sentido. Também ele fala de um processo educacional que tende à formação do homem para a sabedoria. Sua posição está no livro sétimo da República, que trata do tipo de conhecimento necessário e fundamental ao homem que buscasse a meta mais elevada. É nesse texto que vemos as quatro artes liberais do Quadrivium já referenciadas de um modo muito similar ao que veio ser o definitivo. Refere-se ele às artes como as ferramentas imprescindíveis para o bom discernimento humano. Não há ainda nada parecido com uma definição formal das artes, nem elas aparecem fechadas num programa curricular final; mas o objetivo estipulado já por Platão continuará a ser o dos que vieram depois do grande filósofo.

É importante esclarecer que esta denominação (*Quadrivium*) apareceu tardiamente e que suas disciplinas demoraram ainda para serem elencadas como viriam a ser; não obstante, pode-se divisar certa ordem no que diz respeito ao progresso delas ao longo tempo.

Sabemos que na Grécia, desde cedo, muitos filósofos estiveram ligados aos estudos matemáticos, como, por exemplo, Tales de Mileto e Arquimedes. Os Elementos de Euclides são uma compilação de conhecimentos adquiridos, não se sabe bem como, ao longo de um largo período de tempo. A estruturação do raciocínio, como formulada

por Aristóteles, foi tirada das provas da aritmética e da geometria. A partir desse exemplo, buscou-se repetir o fenômeno em diversos outros campos do conhecimento. Os procedimentos descobertos nas provas matemáticas foram aplicados à lógica e tornaram-se parte integrante do cabedal da análise de discursos; há aí clara semelhança com a exposição euclidiana das definições dos elementos e das demonstrações dos teoremas.

O estudo torna-se ainda mais interessante quando notamos a semelhança entre os textos originais dos Elementos de Euclides e as lições organizadas quase didaticamente a partir dele, em muitos comentários. Em algumas edições, encontra-se algo próximo de raciocínios puros em que, passo a passo, a progressão intelectual é demonstrada até os termos finais. Do mesmo modo, o homem buscou que esse rigor na exposição fosse o paradigma científico por excelência, e daí viria a ambição de clareza estrutural dos pensamentos, dos discursos e até a noção da realidade como um discurso estruturado, um Logos.

Essas disciplinas todas cresceram sem ordem artificial. Poderíamos considerar um desenvolvimento gradual e natural. Mas quando receberam o nome de 'disciplinas' do Trivium e do Quadrivium foi possível organizá-las, separando-as para dar um melhor tratamento a cada uma. Essa teorização, porém, não impõe necessariamente uma ordem de ensino a essas artes, em que tenhamos que esgotar o aprendizado de alguma para iniciar o da outra, embora em muitos casos seja difícil compreender os elementos de uma sem a outra.

Mas, afinal, há algo comum entre estas artes, as três da linguagem e as quatro da matemática?

Sim. Há mais em comum do que imaginamos. Não podemos esquecer que uma está ligada à outra organicamente por um processo histórico bastante complexo. Por exemplo, o modo de ensinar os números nem sempre foi o mesmo, nem foi o mesmo modo de fazer as quatro operações de soma, subtração, multiplicação e divisão.

A civilização Helênica é que nos trouxe boa parte do que vem a ser a aritmética estudada por séculos na Europa. Esses gregos aprenderam a



contar e a operar de um modo um tanto diferente do que os Romanos, dado o desenvolvimento mais tardio destes, ainda que ambos os povos usassem a escala decimal. Ora, boa parte do estudo está em aprender a reconhecer, diferenciar e manipular os símbolos que indicam as operações.

Um exemplo é o das frações, em que os gregos, ao contrário dos Romanos, mas seguindo os egípcios, usavam um numerador fixo sempre em 1. A solução do problema, para nós, só será possível depois de fazermos as deduções próprias desse sistema, que parecerá complicadíssimo se comparado com a forma atual. Trata-se de um problema de escrita, como na gramática.

Assim, pode-se facilmente imaginar certo paralelo entre o aprendizado da gramática e da aritmética, em que ambas começam por aprender unidades e combinações de unidades, literais e numéricas; só depois de dominar tudo isso chegaremos a um estado de liberdade para podermos operar por conta própria. E assim como os homens já contavam histórias e produziam narrativas fantásticas, também calculavam por processos complicados e rudimentares.

A outra coisa básica que devemos notar é a impossibilidade de realização de uma conta matemática ou de um procedimento de cálculo simples sem a possibilidade de verbalização do que se quer realizar. Isso precisa estar bastante claro. Portanto, saber os símbolos da gramática, bem como saber contar e compreender as primeiras operações matemáticas, pertencem aos primeiros passos do aprendizado do Trivium e do Quadrivium, que não podem ser dados separadamente; pois as contas básicas estão no cotidiano do homem, e são essenciais para a sobrevivência da nossa espécie.

A gramática ainda se mantém no currículo atual enquanto classificação e diferenciação das palavras por distintos aspectos, na análise semântica, morfológica ou sintática. Com os números temos classificações assemelhadas, conforme o que é possível ou não fazer com eles. Depois, em geometria, isso se acentua ainda mais, sendo impossível abordá-la sem recursos provindos da própria aritmética e de outras

matérias, a título de figuras de linguagem da literatura, que podem acabar se tornando símbolos técnicos.

Hoje, é claro, já perdemos há muito tempo a ligação dos termos com seus procedimentos originários, pois “traçamos cordas” e “perpendículos”, “tangenciamos”, situamos pontos num plano e usamos de uma série de outros elementos sem os dominarmos com a mesma compreensão dos antigos sábios. Não queremos dizer aqui que é necessário saber a origem de tudo que há em cada nome que usamos nas artes, pois nem sempre é possível. Mas, quando os conhecemos, temos um melhor domínio e podemos esclarecer conceitos complicados ou demonstrar verdades de difícil captação.



ARITHMETICA.

Ioan. Sadler scalp. et excud.

M. de Vos figura.

*Tradit Arithmetice numeros, sparsimq; vagantes  
Colligit, & certa in summas ratione coerces.*

# Aritmética



A aritmética é algo aparentemente muito básico. Vendo de perto, contudo, como já afirmamos, quando estudada a fundo, cai-se em uma série de questões bastante complexas.

Os atuais manuais de aritmética trazem mais atividades lúdicas e exercícios para as operações matemáticas do que uma cobrança séria da compreensão de entendimentos teóricos. Se pensarmos no que é necessário para um aprendizado sério de arte, teríamos de dispensar a quantidade enorme de adestramento que a maioria dos manuais contém, para dar lugar ao estudo abstrato dos números.

A segunda coisa importante, quando apresentamos essa disciplina, é que na sua concepção antiga existia a análise dos números como símbolos; de modo que Nicômaco de Gerasa fala, apoiado numa tradição pitagórica, até em uma teologia do número.

Entretanto, não vamos abordar isso inicialmente; por enquanto nos deteremos nos números enquanto representantes das quantidades. Antes ainda de começarmos a expor um pouco do que é abordado em aritmética, delimitaremos nosso estudo aos tratados antigos, centralizando os conteúdos em autores como Marciano Capella, Boécio e os que se seguem até as adições de Gerbert, ou papa Silvestre II, no século X.

Cassiodoro, nas suas Instituições escreve sobre a matemática como uma ciência teórica, em latim, “*doctrinalem*”, que considera a quantidade abstrata, a qual tratamos apenas com a razão, pois essa quantidade é separada pelo intelecto da matéria e de todos os acidentes. É importante ter isso muito bem frisado desde o princípio. A aritmética

é considerada uma das divisões da matemática, que são as mesmas artes do Quadrivium, e dentre elas, se situa na base.

As outras guardam relações estreitas com a aritmética, cada uma a seu modo. Por exemplo, pode-se destacar as classificações dos números por suas relações com as demais divisões da matemática. Há, portanto, números triangulares, quadrados, esféricos; na música, há números simples e duplos. A aritmética, porém, não necessita de conhecimentos das outras artes para ser estudada.

Na aritmética, consideramos as quantidades discretas, também chamadas distintas, que não estão ligadas nem se relacionam com um termo comum; 5 e 10, por exemplo, não são 5 partes de alguma coisa, ou 5 unidades de medida, são apenas 5 e 10, abstratos. Assim é chamada a arte de aritmética porque os números estão apenas no domínio dos números, são abstratos.

A palavra “abstrato” tem origem em “*abstractum*”, do supino “*tractum*”, de “*trahere*”, em português “puxar” ou também “selecionar”, e da preposição “abs”, dando o sentido de “puxar de” ou “arrancar de”.

Obviamente trata-se de uma abstração, ou um recorte, como alguns podem preferir. Esses números são gerados por unidades abstratas, “*ex monadibus multitudo composita*”. A aritmética quer nos apresentar o que acontece aos números abstratos; de outro modo, seus acidentes: então, conheceremos suas espécies, conforme a paridade ou imparidade, perfeição ou imperfeição, dentre outros critérios.

Seguindo a ordem mais comum de apresentação da aritmética, primeiro tratamos da paridade. Par é o número que pode ser dividido em duas partes iguais. No conjunto dos números naturais, os quais são os números estudados na aritmética, isso se dá a partir do 2, e os outros pares que se seguem, 4, 6, 8, 10, até o infinito. Se os aprendêssemos num manual antigo, do século IX ou X, usaríamos apenas os números romanos para expressar tudo, o que não é uma diferença tão simples, porque não usaríamos o algarismo “0”.

Os números romanos são simbolizados com letras, assim como são os números gregos. Embora os antigos já houvessem simbolizado

a ausência de números, o “zero”, relacionado ao nada, não pertencia à notação utilizada.

Para nós é mais simples, talvez por isso, notar pelos símbolos a paridade. Ver um 10 ou 1000, é algo muito mais simples do que receber o número numa notação como X ou M. Do mesmo modo para os outros números pares temos a mesma diferença e poderíamos nos perguntar: “como um romano verificava a paridade?”

Quando via o número XC, por exemplo, como poderia verificar a paridade? Para respondermos isso temos de lembrar que cada símbolo representado nessa escrita significa uma operação matemática; em nosso caso, temos representações mais claras, de fácil compreensão, que são os próprios números indo-arábicos. Quando lemos “10”, sabemos que o próximo passo de uma adição é acrescentar números à casa da unidade até que, depois de chegarmos ao 9, tenhamos o número 20, assim acrescentando uma unidade à casa das dezenas.

Essa discussão é algo em que o ensino básico de matemática atual parece prestar pouca atenção, isto é, no fato de que as técnicas das operações matemáticas decorrem de uma tentativa de jogar com os números. A notação indo-arábica é muito similar ao modo como operamos um ábaco, um instrumento de contagem muito antigo que aparece na pedagogia dos egípcios, dos gregos, dos romanos e, mais tarde, depois de um intervalo, volta a aparecer entre catedráticos medievais. Neste instrumento encontramos divisórias que comportam pedrinhas em diferentes casas, da dezena até quantas casa se desejar, com o qual temos uma organização mental muito mais favorável a resolução de problemas da aritmética do que usando signos mais ou menos convencionais.

Mas, de qualquer modo, perceber a paridade ou imparidade de um número não chegou aos matemáticos como uma regra simples, apenas pela verificação do algarismo da dezena. Pensemos que pode ser um tanto nocivo para uma criança estabelecer-lhe uma regra, como verificar se a casa da unidade tem um número par, 2,4,6,8, ou zero, pois ela pode aceitar porque foi a ordem imposta e talvez fique sem resposta ao se

perguntar “como isso pode sempre dar certo?”

O ensino da aritmética não deve deixar esse tipo de lacuna a ser notada mais tarde, pois é evidente que uma criança deve conhecer não só a unidade, mas também o fato da notação escrita do número ter o sistema decimal implícito e saber que o sistema decimal, sendo formado por grupos de dez, compreende sempre em potência a divisão por 2. Isso não é algo óbvio; é óbvio quando temos um sistema de signos e símbolos bem ajustado, que não deixa margem para dúvida, como é hoje. Mas os colégios ensinam esses assuntos como se os números tivessem nascido nas pedras já escritos 1, 2, 3, 4...

Percebe-se a imparidade, se se atentar no nome “ímpar”, em nosso raciocínio, pela noção de ausência de paridade: “um número é ímpar quando não é par”, já que o nome se constitui de “-par” antecedido pelo prefixo de oposição. Ora, um número é ímpar quando não pode ser dividido igualmente: 1,3,5,7 e assim por diante. Notamos a imparidade assim como a assimetria em oposição à simetria.

Vale mencionar o quanto esse exercício simples de separação entre par e ímpar é importante, por ser análogo a uma operação que a filosofia clássica faz a todo o momento: procurar as diferenças mais simples e básicas entre uma coisa e outra. Assim como na geometria, quando se diferenciam as figuras umas das outras por critérios simples.

Uma experiência que qualquer pessoa que tenha feito cálculos simples no colégio, ou tenha calculado quantidades num almoxarifado, já passou, é a de sentir certa satisfação ao sobrar-lhe um número par para dividir. Ou quando vemos, por exemplo, uma figura espelhada por um eixo de simetria, o que se dá na própria forma do corpo humano, sentimos certa satisfação, quase como a lembrança de um equilíbrio entre forças. Isso se dá pelo exercício da atividade da comparação, a qual constitui grande parte dos exercícios de matemática: comparar e classificar números. Exercitar essa habilidade humana é uma das ferramentas de ensino do Quadrivium.

Os números tinham ainda outros tipos de classificações. A primeira, pelas possíveis divisões e restos, partindo da distinção inicial entre a

potência da divisão por dois, a paridade ou imparidade, que gera três divisões de pares: igualmente par, igualmente ímpar, desigualmente par. E outras três divisões para os ímpares: primo e simples, terceiro intermediário, secundário e composto. A segunda divisão entre pares e ímpares é de par supérfluo, insuficiente e perfeito, ou apenas ímpar, classificados conforme a perfeição do número. E há muitas outras divisões, das quais o estudante dos dias de hoje nem sequer suspeita. Isso porque os antigos buscavam explicitar todas as propriedades e acidentes a que os números estão sujeitos, a fim de ter a visão mais profunda possível de sua natureza misteriosa.

Por fim resta falar sobre a teoria que mencionamos anteriormente, da “teologia” dos números. Quando se ouve dizer que os pitagóricos afirmavam que “tudo são números”, isto fazia referência aos números enquanto meros signos da quantidade — muito embora, na física quântica, hoje em dia, isso tenha ganhado também foros de veracidade. Mas, em primeiríssimo lugar, os pitagóricos estavam referindo-se aos números enquanto sinalizadores de relações, podemos dizer, ontológicas. Neste sentido, não tratavam do número um, mas da unicidade, nem do número dois, mas da dualidade, e assim por diante — enquanto simbolizando certas relações estruturais do mundo. Assim, para tocar de leve no assunto, a unicidade é uma qualidade encontrada em todos os seres, pois todos os seres são, em certa medida, unos.

Mário Ferreira dos Santos, grande filósofo brasileiro, foi um dos homens que mais longe chegou na reconstituição da teoria pitagórica dos números metafisicamente considerados, retirando essa teoria das mãos dos ocultistas e suas especulações abstrusas, e a trazendo de volta ao campo da genuína especulação filosófica. Esse estudo dá o arremate final à arte da aritmética. Claro que, aqui, ele não irá exaurir tudo que há para dizer sobre esse último entendimento dos números, uma vez que isso acabaria avançando para o campo da filosofia. No entanto, há embasamento seguro para que ele seja parte, sim, das ferramentas do Quadrivium. E, também, isso mostra, mais uma vez, como a aritmética dentro desse quadro de referências passa muito além do conteúdo ensinado nas escolas hoje em dia.



GEOMETRIA.



Ioan. Sadler Scalp,  
et excudit.

M. de Vós figura.

*Ferrarum Spatia & metas Geometria ponit  
Distinguitq; plagas, montesq; ac flumina lustrat.*

# Geometria



A Geometria teria começado entre os egípcios, que mediam seu território em função de tributos a serem cobrados. Mas conforme o Nilo avançava ou recuava, esses territórios ganhavam nova medida, confundindo seus limites, daí se chamou a arte de medir e dimensionar esses territórios conforme suas variações, usando-se de varas e cordas, de “geometria”, que significa “medida da terra”.

Descritivamente perfeita ou não, esta narrativa nos ajuda muito em nosso objeto de estudo. Sabe-se que os egípcios eram hábeis em engenharia, num nível sem igual para sua época, pois nenhum outro povo conservou construções como as pirâmides de 2000 a.C.! Eram projetos cuidadosos que demandaram o emprego de técnicas apuradas de construção, sendo que boa parte delas ficou descrita nas paredes de templos e palácios, não restando dúvida aos antigos de que os egípcios foram os pioneiros da arte.

Mas é claro que a geometria dos egípcios não é a mesma geometria de Euclides, embora se lhes atribua a origem da arte. A geometria de Euclides já faz parte de uma disciplina, no sentido de ciência teórica, enquanto a concepção antiga está mais aparentada com a repetição e o aprendizado de procedimentos técnicos.

Na medida em que a arte chamou a atenção dos sábios para o seu valor, principalmente no que se refere à prática da arquitetura e das artes canônicas egípcias; passou a acumular um histórico de discussões importantes, de maneira que resoluções de dúvidas fossem conservadas como prova e documento a fim de considerar a validade de afirmações e até de procedimentos.

Nesse ponto da história, dado que os gregos já haviam passado

anos discutindo sobre a validade de regras e conceitos, cada vez mais a geometria partiu de um apanhado de anotações técnicas para a teorização contemplativa das formas descritas. O fato é que essa contemplação das formas só é possível com um sistema de elaboração literária bem organizado, conforme a ordem proposta para o entendimento humano do mais simples ao mais complexo, que se dá de uma maneira muito satisfatória nos elementos de Euclides, cujo início do texto compreende a definição dos primeiros elementos estudados, tais como ponto, linha, reta, plano e assim por diante, e vai até a contemplação das demonstrações, que ocorre no momento em que interpretamos as definições, descritas nos seus termos. A partir daí, a mente não tem mais o que buscar e deve dar-se por satisfeita e elucidada.

Cassiodoro escreve sobre a geometria: “é a descrição especulativa das formas e a prova visível de que dispõem os filósofos”.

Os conteúdos dessa arte formaram um currículo bastante repetido, mas sempre melhorado: um dos mais constantes de toda a educação ocidental. A base, desde sempre, foi Euclides. Os medievais receberam, também, um escrito romano de Boécio, resumo dos Elementos, que depois ganhou acréscimos bastante consideráveis, e cuja leitura é uma experiência pedagógica incrível. Euclides compilou uma série de conhecimentos já muito bem demonstrados e usados em sua época e deu-lhes uma estrutura. Hoje em dia, temos muitos manuais sobre os Elementos de Euclides, desde extensões até simplificações bastante insuficientes.

Tradicionalmente os elementos foram estudados a fim de compreender plenamente as formas. Podemos compreender as formas enquanto as construímos e as comparamos, ou bem as contemplamos por meio da observação de sua natureza completa.

Os textos apresentados nos Elementos foram melhorando, de tempos em tempos, para esse fim. Entre as melhores edições está uma de Andrea Tacquet, um padre da Companhia de Jesus e matemático do século XVII. A obra, considerada recente, contém comentários que acrescentam novas explicações didáticas e dois outros livros, a saber, os

teoremas de Arquimedes e um tratado de trigonometria.

No primeiro livro dos Elementos, Euclides expõe os princípios de toda a geometria, dadas as definições de ponto, linha, reta, plano, superfície, ângulo, entre outras, todas em seus termos irreduzíveis, no mesmo molde das definições da lógica tradicional. Na edição de Tacquet, não encontramos apenas as definições do texto original, mas também a de outros filósofos, como Platão. No mesmo livro ainda encontramos os postulados e os axiomas.

Postulados são afirmações fáceis de se reconhecer a partir das definições; mesmo assim, precisam ser ditos e explicitados. Os axiomas são sentenças sobre operações e combinações entre formas geométricas que não podem ser reduzidos em outros termos, ou seja, esgotam-se em si mesmos.

Por exemplo: “Se a linhas desiguais adicionares linhas iguais, todas serão (ainda) desiguais”.

Compreender o que é um axioma é reconhecê-lo como dependente de uma série de pressupostos, como os já citados que constam do início da obra; essa é uma das experiências intelectuais mais importantes para o aprendizado de quem pretenda alcançar o conhecimento científico rigorosamente demonstrado, isto é, a experiência de algo que seja intelectualmente necessário e que, por conseguinte, esteja para além do campo meramente opinativo. Buscar essa necessidade em todos os campos da natureza é uma quimera que pode conduzir a uma atitude de dogmatismo doentio; porém, não reconhecer a força cogente de certas afirmações descamba para um ceticismo igualmente malsão.

As provas matemáticas, sem falar ainda das filosóficas de todo o tipo, dependem do conhecimento dos axiomas. Após a apresentação de vários axiomas, ainda no primeiro livro, são apresentadas as proposições: narrações descritivas de construções de figuras planas bastante conhecidas, como triângulos e paralelogramos.

Primeiramente há 48 proposições, numeradas para que possam ser posteriormente referidas ao longo de outros livros. Após as proposições temos os corolários, que complementam e esclarecem o que se conhece

sobre cada proposição, donde se seguem também os escólios, que são comentários didáticos mais gerais.

A partir de certas proposições são estabelecidos alguns teoremas, pelos quais os matemáticos afirmam algo sobre as figuras que podem se repetir em todos os casos semelhantes; porém, não podem ser notados do mesmo modo que os axiomas, porque partem do conhecimento destes e de outras verdades evidentes, já conhecidas das proposições assentadas anteriormente.

O segundo livro trata das potências das linhas retas, que formam retângulos, quadrados, como escreve Tacquet: "*Tractat autem hic Liber secundus de Rectarum linearum potentiis; hoc est quadratis*". Euclides compara diferentes retângulos, formados a partir de divisões, de metades ou diversas partes. No mesmo livro, são mostradas operações algébricas, demonstradas proporções por multiplicação, extração da raiz quadrada e novos axiomas e demonstrações a partir desses assuntos.

O terceiro livro trata das propriedades do círculo. Compara o que acontece internamente e externamente ao círculo, conforme é cortado por secantes, ou acrescido de tangentes. Analisa ângulos formados por linhas traçadas do centro à extremidade da circunferência e alguns procedimentos de geometria prática relativos aos círculos.

O quarto livro já é todo feito de problemas, com os quais são apresentadas figuras inscritas e circunscritas nos círculos: são inscritos polígonos, por cordas, secantes, tangentes e depois medidos para obtenção das afirmações a partir disso.

No quinto e no sexto livro vemos os argumentos mais abstratos para a compreensão de razão e proporção geométrica. Hoje sabemos que inúmeras disciplinas usam de razão e proporção, seja em aritmética, música e astronomia, estatística, física matemática, cujo método de raciocínio coincide com este pela primeira vez apresentado na geometria euclidiana, do qual também se valeu a lógica. São apresentadas situações por onde se provam as regras de proporção em aritmética. Das regras do quinto livro, são dadas as aplicações em figuras planas no sexto livro.

O livro sétimo, na ordem proposta por Tacquet, diferentemente da

ordem vista originalmente em Euclides, onde seria o décimo primeiro — pois a mudança aparentemente é comum entre os matemáticos posteriores ao autor dos elementos —, traz os fundamentos dos sólidos, cuja definição é “o que tem comprimento, largura e profundidade”, e afirmações sobre os paralelepípedos. Donde, no livro oitavo, ou décimo segundo, se estudam cilindros, cones e esferas, comparando-os entre si e mensurando-os.

O assunto da geometria ainda aborda outros temas muito pertinentes, como dito antes, que foram acrescentados ao livro de Tacquet. Novas definições, proposições e teoremas de Arquimedes, por quem conhecemos as demonstrações de verdades por via da negação. Tacquet evidencia o procedimento no apêndice “*Qua demonstratur ex falso posse directe deduci verum*”, procedimento que nos leva a uma parte essencial do que conhecemos por análise matemática e filosófica, ou lógica, baseada na via reta de conhecimento, coisa que é confirmada pela exigência que o filósofo Platão fazia de que todo o homem que fosse com ele estudar deveria saber geometria.



MUSICA

Ioan. Sadler sculp.  
et. excud.

Mart. de Vos figuravit.

Musica multiplici mentes modulamine mulcet  
Cui præbent operam vox, fistula, tibia, chordæ.

# Música



A música está como que oculta em tudo quanto conhecemos. Música e Harmonia, nesse sentido, são a mesma coisa. Sem compreender as harmonias que permeiam cada uma de nossas atividades, será escassa a nossa compreensão de diversas técnicas empregadas nas atividades humanas. Quando algo é musicalmente perfeito — e seria o mesmo se disséssemos, perfeitamente harmônico —, ele pode nos levar instantaneamente a um estado de espírito mais elevado, sem conseguirmos nem mesmo explicar ao certo suas causas.

Certo homem, cismando em um problema pessoal aparentemente sem solução, que, porventura, entre distraído em alguma loja e veja o sorriso feminino de uma bela moça que atende ao caixa, pode passar, de um instante a outro, a um estado de satisfação, pelo menos por alguns instantes. Algo, nesta cena, lhe traz um enorme contentamento e, se formos curiosos e nos perguntarmos como se deu a transformação do desânimo para o estado de espírito positivo, talvez até esperançoso, encontraremos justamente um elemento musical presente. Ora, desde que o mundo é mundo, os homens conhecem o poder de um agradável sorriso feminino, e da beleza feminina como um todo, que é uma soma de muitos fatores harmônicos.

E temos exemplos literários: quando, na *Ilíada*, os gregos firmaram a aliança de muitos exércitos para a proteção de Helena, antes mesmo que ela escolhesse algum herói como marido, o que está implícito é o quão agradável era a encantadora presença da filha de Zeus. Como podia essa beleza atrair o coração de tantos homens? Na *Odisseia* há uma cena em que o próprio Odisseu se amarra ao mastro do barco para não ser



levado pelo canto das sereias — um som persuasivo e irresistível que atraía os marinheiros para a morte. Nesse caso, amarrou-se para ouvir o canto sem ser levado, enquanto seus companheiros tinham os ouvidos completamente tapados com cera. Daí vem a origem da expressão “atraído pelo canto da sereia”, que detinha os marinheiros para sempre, possuídos por uma belíssima música.

Essa imagem, na verdade, simboliza inúmeras situações pelas quais um homem pode passar, mas nos lembra mais facilmente a atração física intensa do homem por uma bela mulher ou por uma oportunidade atraente — a atração apaixonada, que tem seu elemento mais forte na música da sereia e não propriamente na sereia. Por isso, diríamos que há uma harmonia, que arrasta o ouvinte, escondida por trás das ideias e sensações que conhecemos.

Hugo de São Vítor sugere uma origem para a palavra “música”.

*“Musica ab aqua vocabulum sumpsit, eo quod nulla euphonia, id est, bona sonoritas, sine humore fieri possit”.*

“Música”, portanto, toma esta escrita por causa de “água”, no radical grego “Μοῦσ-”, que significa água, e dará origem a “Μοῦσα”, “musa”.

Depois “*bona sonoritas sine humore fieri possit*” que diz “boa sonoridade não pode ser gerada sem umidade”.

O termo “umidade”, nesse sentido, simboliza a propriedade do estado líquido da água, de se conformar a todas as formas que a possuam. Ou seja, para que se faça uma boa música é necessário conformá-la à beleza, é necessário dar forma ao som até que soe bem. Mas, como dizíamos antes, não se dá forma apenas ao som, mas a muitas outras coisas.

O mestre ainda escreve que há três tipos de música: do universo, a humana e a instrumental. Dessas três divisões, aquilo que entendemos como música é tão-só a instrumental e nada mais. Mas os antigos viam música ainda em outros aspectos. A do universo é encontrada nos elementos, nos planetas e nos tempos (as sações). Sendo a música

dos elementos do universo aquela encontrada no peso, no número e na medida; nos planetas, a que existe no seu movimento e na sua natureza; nos tempos, o que se faz presente nos ciclos, segundo a distribuição das horas dos dias e das noites, nos meses, segundo o crescer e minguar da Lua, e nos anos, segundo a variação de primavera, verão, outono e inverno. Por baixo de todos esses entes e eventos existe uma harmonia, pois nunca uma das qualidades se sobrepuja a outra de forma que a elimine, mas há sempre um aumentar e diminuir delas, que, no fim e ao cabo, perfazem a harmonia do todo.

A música humana é aquela que se encontra no corpo, na alma e na conexão entre os dois, como afirma o mestre Hugo de São Vítor no *Didascalicon*. Os medievais falam, quanto a música do corpo, que ela ocorre na potência vegetativa.

Esta potência preside ao crescimento do corpo e aos quatro humores do corpo, que eram secreções consideradas as causa de certos tipos de reações corpóreas quando em excesso. Esses humores, no entanto, se harmonizam em um temperamento, que significa mistura apropriada. Se apenas um humor imperasse, não poderia haver vida. A música da alma racional é verificável nas virtudes, como a justiça, a piedade e a temperança; e está nas potências, como a razão, a ira e a concupiscência. Isso não é tão fácil de perceber, mas um exame minucioso e interessado do assunto mostrará que as coisas são assim.

O estudo cuidadoso das virtudes, que procure observar sua relação com as potências da alma, desvelará a participação de cada uma das potências nas situações reais nas quais se dão as virtudes.

Diz-se, ainda, que a alma, em suas potências, nutre uma amizade com o corpo, amizade na qual pode reinar um tipo de virtude. Assim, desde a mais remota antiguidade, se tem como receita da virtude o encontrar esse meio termo entre dois extremos, que recebeu um nome que hoje pode soar-nos vulgar, mas não é: *aurea mediocritas*, ou meio-termo de ouro. Aqui, de novo, percebemos que a virtude é entendida como uma harmonia entre dois extremos.

Por fim, há a música instrumental. A música que se dá no pulso,

no ouvido, nas cordas, nas batidas, na voz. É um dos meios humanos mais significativos de educação das outras harmonias, a do corpo e a da alma, porque pode ser notada pelo sentido da audição. A música instrumental tem esse poder particular de gerar a adequação perfeita entre harmonias através de notas musicais combinadas em um ritmo e em uma métrica. Com essas três partes, a música instrumental é capaz de produzir no ouvinte sentimentos, evocações e até, dizem alguns, conduzir os pensamentos em boas e más direções.

Um ótimo exemplo do poder da música instrumental está em seu uso no cinema. A trilha sonora de um filme tem um papel não só ilustrativo ou meramente distrativo, mas ela move os nossos ânimos paralelamente às cenas do filme, dando ao enredo quase que uma interpretação paralela. Não nos surpreendamos se isso for usado para evocar a ideia de serenidade e bondade em uma cena cuja ação é ambígua ou mesmo evidentemente má. O cinema está cheio dessas coisas e não poderia causar esse efeito, não fosse pela força da música.

Ainda que tenhamos citado diversos tipos de música, é por meio da música instrumental que primeiro teremos acesso à experiência da organização de diversos elementos em diferentes dimensões harmônicas no intuito de gerar uma composição completa, ou sinfonia. A partir disso é que poderemos falar em sinfonia cósmica, percebendo debaixo da relação dos entes e fenômenos cósmicos como que uma grande orquestra. A música nos leva a essa experiência pelo ouvido, mais rapidamente do que o intelecto pode nos levar pela compreensão de composições racionais em grande escala. É bem seguro, pois, afirmar que a música instrumental foi percebida antes das outras, porque adentra sensivelmente no homem, bem como a geometria nos faz ter uma percepção visual instantânea de quantidades proporcionais, antes mesmo de encontrarmos outros tipos de relações, de tipo abstrato.

O ABC da música são as notas musicais. Se sabe do uso das notas há muito tempo, desde as civilizações antigas, embora quase nada tenha ficado como registro das melodias antigas.

Dos gregos, por exemplo, sobraram algumas poucas notações

musicais. O mais impressionante é que, desde esse tempo, os homens celebraram suas festas tocando instrumentos de corda e sopro, mas não sabiam escrever música. Talvez o que tenha facilitado a escrita foram os estudos pitagóricos, que se dedicaram a distinguir os sons e as combinações de sons para que causem um efeito agradável. Esses homens se dedicaram a um estudo muito mais teórico da música, cujos frutos foram colhidos durante muitos séculos. Deram eles imensa contribuição para o surgimento da notação musical como conhecemos hoje, e mesmo para a teoria da composição musical.

Nas divisões da música, a harmônica é o estudo das notas musicais, diferenciando agudos e graves, conforme a altura das notas. Hoje a primeira escala que aprendemos, universalmente, é a natural de dó, o que se pode dizer o início do ABC. Depois poderíamos representar como “sílabas” os intervalos, assim como nas primeiras instruções gramaticais de uma criança, em que identificam as somas de letras em sílabas: na música, identificam-se a soma das notas no que chamamos “intervalo”.

Esses intervalos se identificam por terem um som harmônico ou dissonante, embora ainda não sejam chamados de acordes ou harmonias; mas a eles cabe ser chamados de harmônicos. Um violonista, por exemplo, verifica os intervalos para encontrar a junção harmônica de duas notas, a fim de afinar o violão, ou mesmo para afinar outros instrumentos a partir de um piano. Quando os homens estudaram os intervalos descobriram primeiro uma divisão geométrica que se deu nos materiais usados para produzir o som; só depois trataram o som em sua diferença de altura.

A escala já é um grupo específico de intervalos, que chega a sete possibilidades. A música como arte liberal compreende tanto a execução de melodias, num coro ou em instrumentos musicais, quanto o estudo das diferentes escalas; e progride-se ao estudo da impressão interna que cada escala causa, gerando assim uma compreensão simbólica de amplo espectro. Talvez pareça vago demais pensar apenas em combinar sons e proporcionalidades utilizando-se desta ou daquela escala, mas quando ligamos isso a uma finalidade humana, como é o uso da música

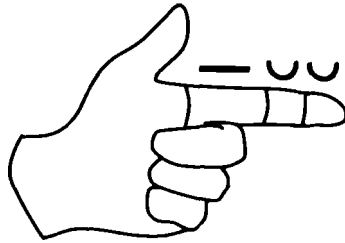
na liturgia, tudo fica mais claro. Até aqui, falamos em notas e intervalos, mas há ainda outros elementos que não podem faltar.

Para uma composição musical, precisamos de ritmo, ordem e proporção no tempo. As notas musicais nos dão diferentes sons, mais agudos ou mais graves, os quais podemos simbolizar por alturas, por cores ou números. Embora não nos soe evidente, as notas da escala natural já foram associadas muitas vezes às cores. As alturas das notas são percebidas no ouvido, e captadas no tímpano, que vibra juntamente com as ondas mecânicas. Já o ritmo se dá pela diferenciação do tempo entre cada elemento, e o conhecemos de um modo diferente. Não precisamos das notas musicais para diferenciar ritmo, pois uma pessoa surda o diferencia. Quanto a ordem e proporção do ritmo, ainda há a métrica, que faz parte do estudo da música e sempre esteve unido ao estudo da literatura, no que diz respeito à poesia; por exemplo, o hexâmetro, metro de seis pés que mistura dátilos e espondeus.

Na poesia, os versos em hexâmetros são divididos em unidades menores, os pés, assim como as escalas, em letras, e as palavras, em letras. Quanto aos esquemas métricos, vale lembrar algumas lições básicas e, para isso, nos valem de um trecho de aula de mitologia greco-romana do curso Programa de Estudos Liberais do Instituto Hugo de São Vitor. Este trecho diz respeito ao valor da poesia Homérica e analisa a métrica empregada no texto:

“Por mais que Hesíodo e Homero sejam citados como pares nos diálogos de Platão, podemos afirmar com segurança que as epopeias homéricas tiveram uma importância muito maior no ocidente. Isso é perceptível quando analisamos a influência da *Ilíada* e da *Odisseia* nos poemas de Virgílio, e a tentativa de tantos poetas latinos de traduzir e imitar Homero em tudo na composição. Hesíodo não tem a mesma importância para nós. Foi praticamente esquecido na Idade Média. Mas o que confere uma maior importância aos versos de Hesíodo e Homero é o esquema métrico dos poemas, a forma. Os versos contêm os mesmos elementos, cujo atributo principal é o hexâmetro formado por dátilos e espondeus, que são pés; por isso temos pés datílicos e espondeicos.

Podemos ilustrar isso assim:



Este é um esquema de um dátilo, conjunto de três sílabas de um verso ou também “pé”. Assemelha-se a um dedo porque tem mais ou menos essa forma na representação gráfica, com uma primeira sílaba longa acompanhada de duas curtas. A sílaba longa, como se vê pelo nome, dura mais tempo quando recitamos. São como batidas de tambor “tuuuum - tum-tum”. Esses tempos devem se somar à leitura.

Tentemos ler a frase em grego, com ajuda da escrita fonética abaixo, depois da imagem com o verso.

Μῆνιν ἄ|ειδε, θε|ᾶ, || Πη| ληϊάδ|εω Ἀχιλ|ῆος

- υ υ | - υ υ | -, || - | - υ υ | - υ υ | - -

Me - nin - a | ei - de, the | a || Pe | le - i - ad | eu - A - chil - eos

*Ménin áeide, theá Peleiádeu Achilêos*

Na tradução de Carlos Alberto Nunes:

Canta-me a Cólera - ó deusa - funesta de Aquiles Pelida

Na figura com o verso grego, nos são dados os pés do hexâmetro, que são divididos pelas barras “|”, vemos que a vírgula e as duas barras “||” dividem o verso no centro, e que ele acaba com duas sílabas longas cuja representação é “\_ \_”, que é chamado de espondeu.

Na tradução da *Ilíada* para o português, o autor Carlos Alberto

Nunes tenta aproximar-se um pouco do esquema métrico:

“Deuses que dor indizível se abate nos povos da Acaia!”

“**Deu**-ses - que - **dor** - in-di-**zí**-vel - *sea* - **ba** - te - nos - **po** - vos -  
*da* - **cai** - a!”

Podemos contar em negrito as seis sílabas fortes, e as elisões em itálico. Nesse esquema métrico, temos seis sílabas poéticas fortes intercaladas cada uma com duas fracas, lembrando que cada elisão conta apenas uma sílaba poética.

O principal que temos de saber por enquanto, é que, no esquema métrico de Homero, a parte fixa é o número de pés, e nisso já temos que são seis, por isso dizemos hexâmetro”.

Dado que compreendemos o que são os pés do tipo espondeu e dátilo, assim como o “hexâmetro”, já conseguiremos compreender todos os diferentes esquemas métricos utilizados na literatura ocidental. As músicas também podem ser compostas nesses esquemas. É importante compreender que nossa língua portuguesa não tem diferença de tempo nas sílabas, enquanto a grega e a latina têm. Compreender a diferença de sílabas longas e breves nas línguas antigas é essencial para encaixar as palavras na métrica.

Podemos notar como a música se efetua pensando em dois tipos de variação: variação das notas, com as diferentes modulações, e variação da métrica, com os esquemas métricos. Devemos encaixar esses dois elementos para que, unidos, se plasmem em uma composição musical.

Notamos aí a fusão entre qualidade e quantidade, encarnadas na melodia e no ritmo respectivamente. Ao adicionarmos o elemento da harmonia entre as notas, incluiremos ainda o elemento da relação. São três das categorias de Aristóteles, que faremos bem em buscar contemplar em todas as outras instâncias onde já apontamos que os antigos percebiam a música. E tenhamos em mente que, de todas, a considerada mais importante era a música da alma, pois as outras duas,

a instrumental e a do mundo, tinham como função precípua servir de exemplo para que o homem pudesse harmonizar seu ser interior a partir da contemplação da ordem e da beleza exteriores.

Assim, se nos voltamos ao estudo das escalas gregas, notaremos o porquê da preferência de Sócrates pelos modos dório e frígio, por serem, em sua visão, os que conduziam a alma harmonia e ao apaziguamento das más paixões. A combinação dos intervalos entre graves e agudos proporcionalmente escolhidos pode nos revelar diferentes personalidades nos modos gregos; diz-se que elas podem se equivaler ao ethos de um discurso. Os ritmos, nas poesias ou nos sons instrumentais, podem acalmar ou agitar, envolvendo a pulsação cardíaca e assemelhando-se a ritmos conhecidos, assim como podem imitar outros movimentos naturais. Vimos, pois, aqui as facetas que estavam compreendidas no estudo da música enquanto arte liberal, e que, de novo, este estudo vai muito além do que se entende nos dias de hoje por música, a qual é vista como mera fonte de divertimento, mutilada como está de seu aspecto pedagógico.





*Cælorum varios motus scrutatur ꝛꝛ orbes  
Astrologus, penetratqꝫ polos, atqꝫ astra pererrat.*

# *Astronomia*



O estudo da astronomia é, talvez, o mais exigente, pois é impossível estudá-la nos moldes das disciplinas do Quadrivium sem o conhecimento das artes anteriores, incluindo a música, pois esta é a arte que primeiro instrui a respeito da ocorrência de ritmos e ciclos, e de seu significado profundo, os quais guardam analogia com os movimentos cíclicos que contemplamos no céu.

Cassiodoro deixa-nos um comentário vivíssimo que, de cara, revela o oceano de diferença que há entre as visões antigas, seja do próprio Cosmo, seja da disciplina ora em tela, e as visões modernas:

“Se a buscamos (a astronomia) com o espírito moderado e casto, ela esclarece nossas ideias, como dizem os antigos, com grande luminosidade. É como subir com a alma até os céus, examinar racionalmente toda aquela máquina suprema e colher, em parte, com a sutileza contemplativa da inteligência, o que os mistérios de tanta grandeza esconderam”.

Sente-se, notadamente, o sabor platônico desses dizeres, pois foi o sábio grego o primeiro a apontar para os céus e dizer que eles são um modelo a ser seguido pela inteligência humana — a qual, sem esse modelo, operaria de forma disfuncional e aquém de seu real potencial.

Sabe-se que os gregos tomaram por vezes os astros do céu como sendo seus próprios deuses. Mas, os mais sofisticados, o tomaram também como um discurso, já todo elaborado em sua estrutura, mas vivo, pois teria algo a contar aos homens de todos os tempos. Periodicamente, poderia até contar histórias semelhantes, mas jamais idênticas. O domínio dessa gramática celeste era o fim almejado pelos astrólogos.

Antes dos gregos, os egípcios também admiraram o céu com atenção,

observando cada mudança e cada corpo celeste, pois tudo aquilo estava lá para dizer-lhes algo diariamente. Uma civilização contou à outra o que viu, na forma de mitos e lendas, bem como de tratados. Os astros ganharam identidade, quase um rosto, foram personificados de maneira cada vez mais bem delineada. É claro que em tudo isso houve variação conforme o momento e a civilização; mas, acima de todas as regras ou descrições, é indiscutível sempre ter havido admiração para com a beleza do céu e, até mesmo, muita concordância nas descrições, que não poderão ser de todo atribuídas ao acaso.

O céu tem tal força e pujança, que a ele foi atribuído que naturalmente um caráter soberano, reinante sobre tudo o mais que estivesse abaixo do firmamento. Os maiores sábios do medievo levavam seus alunos à noite para contemplação a olho nu, a fim de que tivessem experiência desse fenômeno que, não poucas vezes, foi descrito como a máquina do mundo. Infelizmente, quem seja habitante de uma cidade grande nos dias de hoje não terá a mesma visão privilegiada, devido a todo tipo de fenômenos artificiais, tais como a iluminação pública e a poluição.

Dadas a massa de experiências acumuladas e a constituição alentada da matéria, iniciou-se naturalmente a sistematização do conhecimento. Esta é uma das disciplinas sobre que mais se escreveu, e uma das que mais teve obras preservadas desde a antiguidade. A astronomia foi chamada pelos estudiosos de lei do movimento dos astros.

Diferentemente do que se faz hoje em dia, em que se parte de noções teóricas complexas que contradizem as evidências dos sentidos, e se baseiam, nomeadamente, em observações feitas através de instrumentos de ampliação, antigamente a primeira providência tomada pelos estudiosos era a observação dos céus a olho nu. Disso, um conjunto de afirmações preliminares emergiu, como a noção de que as estrelas estão, de certa forma, fixas no céu, suspensas e sem movimento autônomo, sendo arrastadas junto com o céu a que pertencem; quanto aos planetas, estes se movem contrariamente a essa moção do céu (embora sejam também arrastados por ela), daí o seu nome de “errantes”. Mesmo esse movimento errante tem, no entanto, um ciclo previsível e calculável ao

longo do caminho chamado de Zodíaco.<sup>4</sup>

Isso é o que é perceptível pela observação humana, sem ajuda das lentes. Essas simples diferenças já nos ajudam com a definição de astronomia: a ciência que versa sobre o curso dos astros no céu, analisando-os com relação a si mesmos e à Terra. E isso é importante, visto que a ciência de hoje busca um modelo descritivo que seja supostamente objetivo, porém não pôde ainda encontrar onde seria o eixo em torno do qual tudo estaria objetivamente girando. Assim, tanto o ponto de referência geocêntrico como o heliocêntrico podem ser igualmente empregados, que os cálculos dos movimentos chegarão ao mesmo resultado.

A astronomia antiga se dividia, em geral, nos seguintes tópicos: posição esférica, o movimento orbital, Oriente, Ocidente, Norte, Sul, o hemisfério sobre a Terra, o hemisfério sob a Terra, o número circular, a precedência ou antecedência das estrelas, o regresso ou recuo das estrelas, o repouso das estrelas, correção do cálculo pela adição, correção do cálculo pela subtração, a magnitude do Sol, da Lua e da Terra, o eclipse e outras fases contidas nesses corpos.

A astronomia atual tem por característica a descrição matemática de tudo em termos da física moderna, conforme as variáveis Newtonianas, Keplerianas, ou físico-relativistas. A característica mais notável, porém, dos professores modernos deste tema é a grande empáfia com que tratam os antigos mestres, procurando por toda lei gerar desconfiança a respeito de suas teorias, como se houvesse algo de maligno os influenciando a escrevê-las. Sabemos bem o que é esse algo que lhes parece maligno: é mentalidade religiosa, que para os professores de hoje é anátema, uma vez que piamente acreditam em histórias da carochinha sobre a perseguição da Igreja aos cientistas. Mesmo que isso fosse verdade — e está longe de ser — Ptolomeu, que era pagão, nada sofreu da Igreja ao escrever seus tratados, até porque era a própria Igreja a perseguida em sua época.

---

4 Sobre o Zodíaco, cabe-nos deixar consignado que não é uma coleção de tipo psicológicos mais ou menos caricaturais como frequentemente se pensa. Sem ir muito a fundo, os signos, em primeiríssimo lugar, são uma subdivisão do movimento aparente do sol pelo céu, o qual representa a mudança do clima na terra ao longo de um ano. Assim, para entender os signos, temos que entender que são uma divisão em 3 de cada estação (primavera, verão, outono, inverno), que marcam um mês de início, um de plenitude e o último de mês de mudança da estação, em que já se notam traços da próxima.

E o que dizia Ptolomeu de tão maligno? Que os astros giravam todos ao redor da Terra, e que a posição desta coincidia praticamente com o centro do universo. Em nosso tempo tão esclarecido, porém, não faltam argumentos retóricos para bater contra a visão geocêntrica, tais como “o homem acha que é o centro do universo!”, “já viram o tamanho do universo? só um idiota pode se achar o centro de tudo! Não surpreende ser a visão da Igreja, que inventou um Deus à imagem e semelhança do próprio homem”.

Esses argumentos não aparecem apenas na boca de pessoas com instrução de ensino médio, mas até na de alguns eruditos. A teoria de Ptolomeu possui problemas, como as demais, quanto à justificativa do centro da esfera celeste, pois ele não conseguiu criar um modelo matemático suficientemente preciso e também não considerou o centro de rotação da esfera na Terra. Ainda assim, seu trabalho permaneceu vigente entre os cientistas por aproximadamente 1300 anos. Então, no mínimo, ele merece respeito. Fora o fato de que cientistas de imenso renome têm afirmado, ainda que timidamente, que a teoria geocêntrica não é, realmente, carta fora do baralho como se busca, ansiosamente, fazer crer.

Seja como for, é claro que não é nossa intenção aqui provar nem o geocentrismo, nem nenhuma outra teoria. Tão somente temos que abordar esses assuntos porque os que lutam contra preconceitos criaram um em torno do geocentrismo, e o fato é que o ponto de vista a ser adotado na arte da astronomia é o do geocentrismo, e isto ainda hoje em dia, porquanto esse seja o ponto de vista espontâneo de quem observa os céus desde a Terra. E, afinal de contas, nós não nascemos no Sol. Ademais, o fato é que não é estupidez pensar que estejamos no centro de todo o cosmos se o próprio criador, Deus, fez-se homem e caminhou entre nós, comprovando nossa posição privilegiada entre as criaturas. Se isso não prova o geocentrismo (e não prova), ao menos o sugere como possibilidade condizente com a realidade.

O segundo ponto a ser discutido diz respeito ao ordenamento dos astros ao redor da Terra. Os sábios da antiguidade detiveram-se na

observações dos planetas, das estrelas e dos seus movimentos, notando quais estavam à frente dos outros, sempre em relação à Terra, baseado principalmente na observação da duração de seus ciclos. Antes de tudo um esquema já fora estabelecido: havia mais de um céu. Havia o das estrelas fixas e um para cada planeta, pelo menos. Assim como haviam sido distinguidos o mundo sublunar do mundo supralunar. O sublunar era aquele imediatamente abaixo da esfera da Lua, onde habitam os entes sujeitos ao ciclo das mutações — sujeitos à geração e à corrupção. Nele habitamos nós, os seres humanos. O mundo supralunar é o dos astros, não sujeitos à geração nem à corrupção. Hoje em dia, afirma-se que o mundo supralunar está, sim, sujeito à corrupção, mas em uma escala de tempo tão longa, que os torna quase eternos.

Essa percepção de que os céus possuíam uma estabilidade que o mundo terreno não possui conduziu os estudiosos a perceber que os céus marcam e são causa dos grandes ciclos de mutação na Terra e, a partir daí, conduziria aos postulados mais específicos e audaciosos da astrologia.

Acontece que essa possibilidade nunca foi desmentida de todo; pelo contrário, quanto mais o homem voltou-se para o céu, sempre este lhe apontou algo. Mostrou-lhe as épocas certas para o sucesso nas colheitas, guiou-lhe em viagens marítimas para além dos seus continentes, e até sinalizou da chegada do Messias, como consta nas Escrituras Sagradas.

Ainda enfocando o aspecto material, Cassiodoro elenca o essencial aos estudos astrológicos e astronômicos. A primeira coisa é o estudo da posição esférica, que diz respeito à compreensão da esfera celeste e da nossa posição como observadores.

A totalidade material do cosmos é expressa, portanto, por uma imensa esfera, comportando outras menores, num total de 9 esferas, desde a esfera das estrelas fixas, o firmamento, até o centro, onde estão os elementos Fogo, Ar, Água e Terra, cuja compreensão não deve ser tomada em sentido literal; tratam-se símbolos que expressam princípios cosmológicos.

Com relação aos planetas, a esfera da Lua é a menor, e a de Saturno

a maior; entre elas situam-se os demais planetas: Mercúrio, Vênus, Sol, Marte e Júpiter. Sol e Lua são também planetas, neste esquema, pois também apresentam um movimento contrário ao da esfera do primeiro céu, o que move as estrelas.

A partir desse esquema, pode-se passar ao estudo dos movimentos das esferas, modo pelo qual conhecemos o nascimento (oriente) e o ocaso (ocidente) de constelações e de astros menos ou mais afastados da Terra. Hemisfério sobre a Terra é o estudo do que está acima do observador em dada época; hemisfério sob a Terra trata do céu oculto de nossa visão pela Terra, isto é, aquele que é visto pelos antípodas do observador.

Pelo número orbital se conhece o período de movimento dos astros; na precedência, se conhecem movimentos ditos inesperados dos astros; regresso ou recuo é o estudo de astros que parecem se mover em dois sentidos, devido ao reconhecimento de um dos movimentos da esfera e de outro no sentido contrário; repouso, momento em que algumas estrelas parecem repousar; Magnitude do Sol, da Lua e da Terra, é o estudo que demonstra as diferenças de tamanho dos astros; Eclipse do Sol e Eclipse da Lua, o estudo dos momentos em que um ou outro são ocultados, do Sol pela Lua, ou sempre que a Lua é ocultada pela sombra da terra. Isso, em síntese, é parte material desses estudos.

Cabe ainda, como se trata de uma arte liberal, não apenas apresentar a Astronomia como se listássemos as coisas do universo, numa visão epicurista, mas falar da origem e do reflexo desses estudos para a alma humana. Para isso, vamos nos valer de um estudo mais cuidadoso, principalmente no que diz respeito a etapas históricas da tradição que permitiu ao homem o conhecimento do céu.

Os primeiros observadores não imaginaram serem os astros apenas brilhos ou luzes, mas sim criaturas com personalidade, que transitavam em um curso próprio. Os sábios descreveram os astros todos como possuidores de características e o Cosmo como se povoado e operado por criaturas vivas. A mitologia grega narra que o titã Atlas suporta o céu nas costas, por exemplo, o qual também foi sustentado por Hércules em um de seus trabalhos.

Cada astro é um personagem de uma narrativa a ser interpretada pelo homem. As constelações guardam a memória dos deuses e das criaturas mitológicas. Assim ilustra Francisco Marotta num dos capítulos de “Sinfonia Cósmica, Mitologia Celeste”, do qual apresentamos um bom trecho:

*“O Navio Argo*

‘Quando Jasão do Pélion lançou o Navio ao mar...’, teve início a mais fantástica, arriscada e — ao mesmo tempo — proveitosa viagem da História Mitológica! Foi conquistado o Tosão de Ouro e as proezas foram tantas que o nosso Jasão reclamou um reino, e o navio, o famoso Navio Argo, mereceu um lugar de destaque no grandioso Museu celeste, para onde os nossos ancestrais enviavam — em exposição permanente — tanto os heróis como os frutos de suas fabulosas façanhas. (...).

Argos foi o que hoje chamaríamos de armador e o que deu nome ao navio. Jasão foi quem assumiu seu comando e o principal interessado da Viagem. Os tripulantes se tornariam em breve tempo ‘mundialmente’ conhecidos como Argonautas... mas que equipagem de ‘elite’!

Além de Jasão, o capitão, (Argos como todos os armadores preferiu ficar em terra para gozar o produto de sua indústria), Hércules, o famoso e famélico herói de doze Trabalhos, Orfeu, que com sua Lira — que já tinha vencido o inflexível Plutão — encantaria as próprias encantadoras Sereias, salvando assim a tripulação toda (pois os heróis sucumbem humanamente aos Encantos), Decalião, que já havia praticado a navegação quando, com a sua esposa Pirra, tinha pilotado a Arca durante os longos nove dias daquele Dilúvio extra bíblico da Mitologia Grega, Castor e Polux, os afetuosos gêmeos inseparáveis, Lincéu, o telescópio e Raio-X de bordo (pois sua vista além de neblina atravessava também as muralhas) e que mais tarde seria morto por Castor, que com seu gêmeo Polux iriam raptar Febe e Hilaira no dia anterior aos seus casamentos com Lincéu e seu irmão, e Pirithoo e Telamon e Tifis (o Timoneiro) e mais outros 44 Valentes, todos em “ótima forma” como diríamos em nossos dias, e, ainda, com pelo menos uma pitada de iniciativa dos deuses em suas vidas ou em suas façanhas.



Como todos 'historicamente' sabemos, o objeto da viagem foi a conquista do 'Tosão de Ouro', que Jasão iria tentar por ordem do tio Pélias, mas sabemos também, pelos cronistas sociais do tempo, que Pélias queria ver-se livre do sobrinho (pois o tosão de ouro se encontrava sob a guarda de um Dragão que vomitava fogo e que seria difícil matar) e Jasão queria assenhorear-se do reino do tio.

A viagem teve como ponto e partida o porto de Volo — Iolco — cidade grega da Magnésia (Tessália) e um itinerário bastante complicado seria seguido até se chegar à Cólquida (extremidade oriental do Ponto Euxino — Mar Negro — aos pés do Cáucaso) onde com a ajuda da maga Medeia seria vencido o rei Atos, morto o pírico Dragão e finalmente conquistado o cobiçado Tosão de ouro: tudo levado a bom termo, e quantas peripécias... mas, afinal de contas, que os interessados compulsem os 'jornais do dia' daquela época, e nos deixem tratar da volta, também interessante!

O regresso foi muito acidentado: além das indispensáveis pequenas e grandes disputas de bordo, pois cada um pretendia supervalorizar a sua participação — as 'crônicas' da época falam até em tripulantes que abandonaram o Navio — parece que as reservas alimentícias de bordo minguavam sempre mais, e disto se culpava ao famélico Hércules, havendo até uma tentativa para lançá-lo ao mar!

O acidente maior, porém, foi uma grande tempestade, que atirou o navio nas areias da praia e — como o mau tempo continuasse — fez com que os tripulantes (e nós sabemos de sua categoria) carregassem o barco nas costas e o levassem assim por muitos e muitos quilômetros, até que fosse encontrado novamente mar calmo.

Voltaram finalmente para suas casas e, antes mesmo dos abraços aos familiares, levaram o Navio em seco e o dedicaram a Netuno, o governador do Mar. Depois... Jasão teve muitos filhos com Medeia, com a qual tinha casado, mas teve ainda muitas peripécias — dizem que fez as pazes com o seu pouco amável tio e que foi reinar em outras freguesias... mas a Saudade o matou: um dia voltou para visitar o navio, dentro do qual encontrou a morte, pois uma trave do convés soltou-se e lhe caiu na cabeça.

O que teria acontecido aos outros Argonautas? Mais uma vez tomamos a liberdade de vos encaminhar às fontes originais, que existem em abundância.

E o que teria acontecido ao próprio Navio? É com a mais viva satisfação que vos podemos testemunhar que o navio Argo foi enviado para o Céu, onde se encontra em perpétua exposição, e a última vez que o vimos (ontem à noite), navegava lentamente pelo Oceano celeste, com a Vela ao vento, a Carena bem mais visível e a Popa seguindo o seu destino, enquanto que Malus (a Árvore) ficava bem ereta. Só o piloto tinha mudado: Canopus (a estrela principal) lá se encontra homenageando Canopos [...]

Podemos dar também outro testemunho: não muito longe do Navio vimos o bom Centaurus Chiron, que na Terra tinha sido mestre e conselheiro de quase todos os corajosos Argonautas e que, morrendo envenenado (que pena... se vivesse ainda como poderia ser útil!) foi imortalizado na Constelação homônima, tendo recebido a Crux em prêmio de sua sabedoria e justiça”.

O navio Argo, que se encontra no texto é uma das constelações que facilmente podemos observar do hemisfério Sul. Atualmente a Argo Navis, foi dividida em três partes: Vela, Carina e Puppis, em português “Valame”, “Quilha” e “Popa”.

Eis um relato bastante emocionado de um dos mitos que povoam o céu. No entanto, não será por causa dessa narrativa tão detalhada que deveremos pensar que os antigos eram parvos que enxergassem mesmo um navio desenhado pelas estrelas da constelação de Argos. A semelhança é extremamente vaga. Esse hábito de assinalar imagens a um aglomerado mais ou menos convencional de estrelas, com muita probabilidade, tinha antes um motivo mnemônico que de descrição exata. Podemos, ainda, conjecturar que tivesse alguma coisa a ver com a observação dos efeitos astrológicos das estrelas envolvidas, como base para as imagens imaginadas pelos cosmógrafos. Assim, por exemplo, e para usar uma estrela da constelação de que estamos falando, Canopus é interpretada como uma estrela que indica viagens; sendo assim, qual forma melhor de lembrar e sinalizar isso que tornar esta estrela, que é a mais brilhante de sua constelação, parte de uma constelação relacionada com uma das mais famosas viagens já empreendidas pelo homem?

Assim como dissemos que a música apresenta seus modos de

composição conforme a formação de unidades sonoras e depois frases variadas, aqui vemos algo muito parecido, em que o homem procura saber o significado de cada astro, assim como dos planetas e do zodíaco, e relacioná-los como se formassem um discurso. Assim, percebemos, de novo, como as Artes Liberais estão relacionadas entre si, e cada uma é quase que a transposição de uma mesma estrutura analógica para campos diversos da experiência humana.

Por isso mesmo, não se pode deixar de falar de toda a simbologia astrológica e mesmo da astrologia *tout court*, que participou de modo decisivo de tudo que se produziu cientificamente, entre filósofos, doutores, médicos até tempos bastante recentes — ainda que hoje em dia se tente negar e escamotear o assunto.

A visão hodierna da astrologia se divide em duas posições estanques: a de quem a renega como superstição tola e a daqueles que nela creem aceitando a influência dos astros como determinista e impossível de evitar. Na Idade Média, quando se fixou de vez o conteúdo das Artes Liberais, porém, a visão não era nem uma, nem a outra.

Os sábios medievais aceitavam certa influência, ou confluência, dos astros no mundo inferior, mas negavam com severidade que ela impedisse o livre-arbítrio humano. Santo Tomás de Aquino foi quem melhor elaborou essa distinção, quando disse que os astros influem no homem enquanto ente corpóreo, sem que isso impeça, no entanto, o funcionamento da razão e da vontade, órgãos verdadeiramente incorpóreos.

A visão combatida, e com razão, pela Igreja era a que considerava a influência dos astros um poder incoercível, inevitável. Esse entendimento pagão advinha, naturalmente, do fato de que os astros eram, de forma confusa, identificados com os próprios deuses (daí os nomes dos planetas).

Para bem entendermos essa visão pagã, destacamos um trecho de Manilius, astrônomo e astrólogo do primeiro século depois de Cristo. Manilius escreveu o que chamamos de poesia didática:

*“Por este canto, que desçam as artes divinas e os astros,  
Obra da mente celeste, que os casos diversos dos homens  
Sempre variam e têm seus destinos cientes consigo;  
E seja eu o primeiro a mover às florestas e ao Hélicon  
Todos os ânimos, selva agitada, desde o verde cimo,  
Dos habitantes sagrados do céu os saberes estendo  
Como não há em nenhuma memória anterior o registro.”*

Este é o primeiro período frasal do *Astronomicon*, ou *Astronômicas*, cujo tom soa profético, como se sugerisse ter controle sobre o vaticínio. Manílio é uma das personalidades do estoicismo, cujas ideias determinísticas foram a provocação para o início de um estudo muito amplo sobre o céu. Houve muitos poetas anteriores a este que nos deram a referência que temos de estudos astronômicos até nesse período da antiguidade clássica.

O que Manílio tinha naquele tempo eram vulgatas de materiais astronômicos, cujas fontes eram conhecimentos babilônicos e helenísticos. Já em 58 a.C. um romano, o pretor Nigídio Fígulo, escreveu *De Sphaera Graecanica* e *De Sphaera Barbarica*; Varrão, pelo mesmo período, escreveu o seu *Disciplinae*, sobre teologia astral; Vitruvius descreve as constelações em seu *De Architectura*; Lucrécio descreve em seu *De Rerum Natura* os fenômenos meteorológicos, o trovão, o relâmpago, as nuvens; Virgílio, ao fim do primeiro livro das *Geórgicas*, dedica-se à descrição das constelações e das zonas celestes; Horácio, Propércio e Tibulo também cuidam de temas pertinentes à astronomia e à astrologia.

Esses aparecimentos da astronomia na poesia mostram a relação dos estudos astronômicos com as descrições de cosmovisões. Cientistas discutem até hoje sobre a coerência e a possibilidade termos cosmovisões. Mas é inevitável que tenhamos uma. Uma das discussões mais antigas é sobre o centro do Universo, já mencionada aqui. Sim, faz muita diferença se consideramos a Terra ou o Sol como o centro do universo, ou ainda algum outro ponto. A questão é que observamos haver um

movimento circular que, a olho nu, parece dar-se em torno de nosso planeta e buscamos, a partir disso, saber como se dá, realmente, esse movimento. Não foi por acaso que a discussão entre o geocentrismo e o heliocentrismo acabou gerando uma cisão no Ocidente e, pode-se até argumentar, foi o ponto de inflexão que deu à luz mentalidade científicista que tem ojeriza e horror ante a religião, tão influente hoje em dia.

Que não precisava ter havido essa quebra de paradigma, era coisa óbvia, visto que a teoria heliocentrista já era conhecida há muito e a Igreja nunca havia proibido sua discussão. Foi a afirmação categórica e arrogante de Galileu que gerou a confusão. Essa arrogância tornou-se, a partir daí, a marca registrada do científicismo.

Não obstante, quase 2000 anos antes da moderna formulação heliocêntrica de Copérnico, Aristarco de Samos, no século II a.C., já havia levantado essa teoria. Ele elaborou, também, as primeiras técnicas para a determinação dos tamanhos relativos da Lua, do Sol e da Terra.

Hiparco de Niceia, no século I a.C., rigoroso em suas observações, cria o astrolábio e um catálogo de 850 estrelas. Só a partir do século II d.C. Ptolomeu imperaria com seu modelo de esfera celeste geocêntrica, cuja obra é o famoso *Almagesto*.

Ptolomeu foi um grande compilador do conhecimento em circulação no seu tempo. Seu modelo constitui-se das esferas e dos epiciclos, tão ridicularizados hoje, mas que para a época foram um avanço nos cálculos de posição e do movimento dos planetas. Sabemos que havia, pelo menos declaradamente, menor preocupação com as causas eficientes do movimento dos astros, já que o modelo era mais descritivo. Ptolomeu quis estabelecer um sistema que predissesse onde os astros estariam em cada momento, e isso já foi muito.

Os homens das escolas catedrais do medievo olhavam para o céu não tanto em busca de como funcionava a mecânica celeste, mas sim para apreender a ordem exemplar exposta na criação. Pode-se dizer que olhavam para o céu para conhecerem-se a si mesmos. Desde Platão a ideia de que o homem era um microcosmo já era tida como digna de

consideração. Hoje em dia, ela faz parte do repertório dos ocultistas apenas. O que aconteceu? A cisão, acima mencionada, entre a religião e a ciência foi muito em detrimento não apenas desses dois aspectos vitais para o homem, mas também da filosofia. Com a ciência cada vez mais insensível aos apelos morais e dogmáticos da religião, e até aos apelos racionais da filosofia, ela se viu livre para analisar o mundo de maneira indiscriminada, como se não houvesse amanhã. Mas, o amanhã chegou e o mundo estava esfarelado em uma porção de “ciências” quase que incomunicáveis entre si, e todas afirmando terem chegado ao entendimento último da realidade. No topo de todas, paira a física moderna, com sua cosmologia que afirma que homem é apenas poeira cósmica jogada em um canto qualquer do universo, sem função nem propósito. Não admira, claro, que o homem se sinta assim nos dias de hoje sem nem atinar para o porquê.

As elites que têm poder sobre o mundo, porém, tendem a ter um pé, e com frequência mais do que isso, muito bem fincado no ocultismo, onde encontram uma compensação da religião. Em virtude disso, têm uma visão de mundo que possui uma unidade, mesmo que precária; as massas não têm a mesma sorte, quando abandonam a religião em virtude da cosmologia cientificista. Nossa grande desdita é que essas massas só fazem aumentar, de modo que vivemos rodeados de pessoas que se consideram a si, e a seus próximos, no fundo intelectual pouco acessado de suas almas, como mera poeira cósmica, destinada um dia a desaparecer por completo da existência.

Como vimos, o estudo da astrologia e da astronomia não consistiu apenas em identificar ciclos e a referi-los à fortuna humana, a sorte ou azar, mas também a perceber com clareza o ciclo de mudanças da natureza e em notar que ele é como que matriz simbólica, que nos ajuda a compreender o mundo e até os seres invisíveis por meio da analogia, que é um dos grandes segredos dos pensadores antigos, hoje posta de lado como pensamento mágico. É pela analogia, também, que poderemos ter algum vislumbre da unidade do mundo e da nossa alma. E é só tendo essa visão abrangente — da Máquina do Mundo como chamavam os antigos — que poderemos entender o que quer dizer a passagem bíblica

que diz que a criação canta as Glórias do Senhor.

## Epílogo

A aritmética e a geometria, entre as quatro disciplinas de que tratamos, são as mais presentes em nosso ensino moderno. Não podemos dizer o mesmo da música e da astronomia, que por vezes desaparecem completamente das salas de aula. Como conhecemos mais o estado educacional das duas primeiras, tomaremos como objeto de comparação aqui para darmos notícia de diferenças de tratamento delas no Quadrivium e hoje em dia.

Atualmente as crianças tomam as lições de aritmética aprendendo a diferenciar números ímpares e pares, e em seguida já começam a trabalhar com as operações de soma, subtração, multiplicação e divisão. A distinção inicial é apenas adestramento, pois nenhum material dirá à criança que teste a divisão do número par por 2, mas sim que ela verifique se o número na dezena é divisível por dois.

Aqui começa uma das diferenças essenciais. Na aritmética do Quadrivium os números são todos classificados basicamente por quatro aspectos de sua natureza, de modo que, por uma classificação ou por outra, podemos exercitar a nossa capacidade de comparação entre estes, e adquirirmos um habilidade mais profunda no seu manejo.

Comparamos, por exemplo a paridade entre dois números, a proporcionalidade, a triangularidade e a esfericidade.

Frente a um número, deveríamos saber, de memória, suas possibilidades conforme diferentes aspectos. Isso é um tipo de domínio. Mas, no ensino atual, tomamos sempre os números como se fossem um emaranhado confuso, sem parentesco algum entre si, e os professores apenas cobram a resolução escrita de problemas muito simples de procedimentos de soma, subtração, multiplicação e divisão e assim por diante.

Ao analisarmos, por exemplo, o número 264, já devemos automaticamente conhecer as suas partes significativas, saber que ele pode ser denotado por parcelas de 200 e 64, ou por duas de 132, ou

ainda por duas parcelas de 100 somadas a quatro de 16 e assim por diante.

Atualmente, conhecemos inúmeros procedimentos que nos ajudam a somar, dividir, subtrair, e até a fazer equações, resolver problemas com máximos divisores comuns ou mínimos múltiplos comuns de números, mas não nos detemos em observar o raciocínio implícito em muitos desses procedimentos, ou características essenciais dos números que estão contidas nesses processos. Apenas os usamos.

Há também um outro ponto importante quando se trata de exercícios de matemática. O que exatamente se está cobrando dos alunos com certos exercícios? Muitos exigem a aplicação direta de operações, mas alguns, os mais complicados, exigem algo a mais: imaginação e domínio dos números. Os mais complicados exigem experiência e conhecimento das potências inerentes aos números. Ao agregarmos a imaginação à didática, sem dúvida estaremos trazendo os problemas para mais perto da realidade dos alunos e, ainda por cima, tornando-os mais desafiadores.

São raras as escolas que exigem a ciência dos números com esse enfoque, cobrança que se vê mais em problemas matemáticos de provas de admissão a colégios militares, onde há questões que requerem grande capacidade imaginativa, treino e velocidade de raciocínio, assim como domínio dos símbolos matemáticos. No ensino do Quadrivium, porém, isso era a regra, e a elaboração desses problemas que envolviam a imaginação era uma das funções dos professores de aritmética. A Alcuíno de Iorque são atribuídos vários problemas matemáticos.

Em contraposição, há coisas interessantes sendo feitas em algumas escolas. Destaca-se o uso de alguns materiais importantes, mas abandonados, como o ábaco, e o emprego do material dourado da matemática, que é um jogo envolvendo pequenos cubos, que representam operações com áreas, razões, proporções e volumes, assim como figuras planas sólidas. O jogo oportuniza às crianças fazer testes e diversas combinações com as peças dos jogos, através dos quais elas poderão apreender, desde cedo, as possibilidades inerentes aos números.

\*\*\*



O estudo do Quadrivium tem diversas funções. Por ele, somos apresentados a grande parte da realidade que está na concepção do universo, a qual, porém, só pode ser acessada pela via do pensamento abstrato. Este tipo de pensamento é árduo para o homem e um simples erro no início dele pode levar a grandes desgraças no fim, como sempre enfatizou o mestre Aristóteles.

Mas, no Quadrivium, não estamos falando de longos raciocínios e fórmulas aplicadas, mas de apreensão adequada das bases do conhecimento científico. Os medievais, que construíram as catedrais góticas, sabiam da importância de assentar bases firmes, bem como sabiam que, para uma árvore crescer pujante, precisa deitar raízes profundas. Igualmente deve proceder o aluno que aprende uma nova língua.

De início, este aluno não pode aplicar as palavras que aprende para formular todos os tipos de frases possíveis, pois começa aprendendo só as que são usadas em situações cotidianas. Do mesmo modo, aprendemos os números em Aritmética; as figuras geométricas planas e regulares e depois sólidas em geometria; harmonia, ritmo e métrica em música; e a esfera celeste e os movimentos dos astros em astronomia. Simplesmente saber isso já tem por si um motivo principal: cada vez mais conhecer, ou “não desconhecer o universo em que habita”. Em síntese, sabermos onde estamos.

Nesse ponto, ainda não estamos falando das abstrações que nos levam à física (que, para a antiguidade, era parte da Filosofia). Estamos ainda reconhecendo os objetos. Essa parte do estudo das disciplinas básicas é cada vez mais negligenciado, porque há a ideia de que tudo isso está implícito na natureza, ou seja, nos fenômenos, e facilmente será apreendido pela teoria abstrata e pela resolução de problemas clássicos e assim por diante. E assim a ciência vai tornando-se mais e mais apenas fórmulas matemáticas. As Artes Liberais têm outro caráter: ancorar-se sempre aos elementos concretos, e — muito importante — deixar espaço para o mistério em seus estudos.

Muitas vezes, também, tende-se a tratar o Quadrivium como muito distinto do Trivium. Trata-se de um engano que, por força da educação

conteudista de nosso tempo, acaba-se por cometer. Na verdade, elas têm muito em comum. Parte disso consiste no modo como as artes estão estruturadas e eram ensinadas; uma semelhança pedagógica. O início de todas as artes está em reconhecer conceitos fundamentais, em conhecer os elementos próprios de cada arte, que veremos em situações distintas a todo o momento e que serão as peças para compor outros maiores. Isso pode parecer um truísmo, mas antigos professores realmente tinham fé na unidade do mundo, e por isso criam que cada parte dele poderia ser compreendida a partir da captação dos seus elementos e operações, os quais podiam ser desenvolvidos até chegar à concretude e ao conhecimento de sua causa final; muito embora, ao mesmo tempo, eles soubessem que há uma quantidade de imprevisto e imprevisível em todas as coisas criadas e, em virtude disso, sempre afastaram como tola a proposta de uma teoria de tudo, que ambicionasse prever todos os movimentos do mundo.

Em resumo, todas as artes começam com estes elementos: as letras, os termos, as figuras de retórica, os números, as definições geométricas, as notas musicais e os astros. Com relação às finalidades do *Quadrivium*, há diferença das do *Trivium*. Se neste existe a preocupação de desenvolver no aluno as potências intelectuais para a leitura perfeita de textos e para que consiga empregar o raciocínio próprio na descoberta e na exploração de terrenos ainda não mapeados da realidade — bem como a enxergar, simbolicamente, o *Logos* nas coisas; no caso do *Quadrivium* o aluno já está como que adentrando o terreno científico, e aprendendo noções e conceitos mais seguros que criem o hábito da ciência na alma do estudante, para colocar as coisas em termos escolásticos; no fim e ao cabo desse processo, ele terá ao menos um vislumbre dos números metafísicos, ou, nas palavras de Mário Ferreira dos Santos, da sabedoria dos números.



**Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator  
De artibus et disciplinis liberalium litterarum**

**PREFATIO**

(PL 70 1149C) Superior liber, Domino praestante, completus, Institutionem videlicet divinarum continet lectionum; hic triginta tribus titulis noscitur comprehensus. Qui numerus aetati dominicae probatur accommodus, quando mundo peccatis mortuo aeternam vitam praestitit, (1149D) et praemia credentibus sine fine concessit. Nunc tempus est ut aliis septem titulis saecularium lectionum praesentis libri textum percurrere debeamus; qui tamen calculus per septimanas sibimet succedentes in se continue revolutus, usque ad totius orbis finem semper extenditur.



## **Flávio Magno Aurélio Cassiodoro Senador Sobre as artes e as disciplinas das letras liberais**

### **PREFÁCIO**

O livro anterior, acabado graças ao Deus poderoso, contém o ensinamento sobre as leituras divinas. Ele compreende trinta e três títulos, número que se comprova acomodado à idade do Senhor quando assegurou a vida eterna ao mundo tomado de pecados e quando premiou os crentes com bens infinitos. Agora, com o presente livro, é o momento de desenvolver outros sete títulos que tratam das leituras profanas. Mas este número comporta a existência do universo em sua totalidade, pois retrocede continuamente sobre si mesmo pelas semanas que sucedem umas às outras.

## II.

Sciendum est plane quoniam frequenter quidquid continuum atque perpetuum Scriptura sancta vult intelligi, sub isto numero comprehendit; sicut dicit David: Septies in die laudem dixi tibi (Psal. XCVIII, 164); cum tamen alibi profiteatur: Benedicam Dominum in omni tempore, semper laus eius in ore meo (Psal. XXXIII, 2). Et Salomon: Sapientia aedificavit sibi domum, excidit columnas septem (Prov. IX, 1). In (1150C) Exodo quoque dixit Dominus ad Moysen: Facies lucernas septem, et pones eas super candelabrum, ut luceant ex adverso (Exod. XXV, 37). Quem numerum Apocalypsis in diversis rebus omnino commemorat (Apoc. I, 4, 11, 12); qui tamen calculus ad illud nos (1150D) aeternum tempus trahit, quod non potest habere defectum. Merito ergo ibi semper commemoratur, ubi perpetuum tempus ostenditur.

## III.

Sic arithmetica disciplina dotata est, quando rerum opifex Deus dispositiones suas sub numeri, ponderis et mensurae quantitate, constituit; sicut ait Salomon: Omnia in numero, mensura et pondere fecisti (Sap. XI, 21). Creatura siquidem Dei sic numero facta cognoscitur, quando ipse in Evangelio ait: Vestri autem et capilli capitis omnes numerati sunt (Matth. X, 30). Sic creatura Dei constituta est in mensura, sicut ipse in Evangelio testatur: Quis autem vestrum cogitans potest adiicere ad staturam suam cubitum unum (Matth. VI, 27)? Item Isaias propheta (1151A) dicit: Qui coelum metitur palmo, et terram tenet clausa manu (Isai. XL, 12). Rursus creatura Dei probatur facta sub pondere; sicut ait in Proverbiis Salomon: Et librabat fontes aquarum, et paulo post: Quando appendebat fundamenta terrae, cum eo eram (Prov. VIII, 28, 29). Quapropter, opere Dei singularizato, magnificae res necessaria definitione conclusae sunt; ut sicut eum omnia condidisse credimus, ita et quemadmodum facta sunt aliquatenus disceremus.

## II.

É preciso saber isto porque frequentemente tudo o que, contínua e perpetuamente, a Sagrada Escritura quer que seja compreendido está contido neste número. Tal como disse Davi: Sete vezes ao dia, eu Te louvei (Salmos 118, 164), e em outra parte declara: Bendirei o Senhor Deus em todo o tempo, Seu louvor estará sempre em minha boca. (Sl 33, 2); e Salomão: A Sabedoria construiu a sua casa sobre sete colunas (Pr 9, 1). No Êxodo, também disse o Senhor a Moisés: farás sete lâmpadas, as quais se acenderão para iluminar diante dele (Ex 25, 37). O Apocalipse menciona também este número em diversos momentos. Contudo, este número nos leva à eternidade, que não pode desaparecer; por isso é mencionado sempre onde se manifesta o tempo perpétuo.

## III.

Por isso a aritmética adquiriu grande renome, já que Deus, artífice de todas as coisas, estabeleceu tudo com número, peso e medida. Salomão diz: dispusestes tudo com medida, quantidade e peso (Sb 11, 20); reconhece-se a criação de Deus feita em razão do número, quando Ele mesmo diz no Evangelho: os cabelos da vossa cabeça estão todos contados (Mt 10, 30). A criação de Deus está fixada com medida, como Ele mesmo atesta no Evangelho: E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? (Mt 6, 27). Também o profeta Isaías disse: Quem mediu as águas na concha da mão, ou com o palmo definiu os limites dos céus? (Is 40, 12). Mais uma vez se reconhece a criação de Deus feita em razão do peso, quando diz Salomão nos Provérbios: enquanto determinou as fronteiras do mar para que as águas não ultrapassassem seu ordenamento, quando assinalou as balizas dos alicerces da terra, eu estava com Ele (Pr 8, 28). Sendo assim, as obras singulares e magníficas de Deus foram concluídas com precisão e bem determinadas, para que, ao passo que temos fé de que Ele criou todas as coisas, também possamos aprender, até certo ponto, como elas foram criadas.

IV.

Unde datur intelligi mala opera diaboli nec pondere, nec mensura, nec numero contineri: quoniam quidquid agit iniquitas, iustitiae semper adversum est; sicut et tertius decimus Psalmus meminit, dicens: Contritio et infelicitas in viis eorum, et viam pacis non cognoverunt: non est timor Dei ante oculos (1151B) eorum (Psal. XIII, 3). Isaias quoque dicit: Dereliquerunt Deum Sabaoth, et ambulaverunt per vias distortas. Revera mirabilis et summe sapiens Deus, qui omnes creaturas suas singulari moderatione distinxit, ne aliquid eorum foeda confusio possideret. Unde Pater Augustinus in libro IV de Genesi ad litteram minutissime disputavit.

V.

Modo iam secundi voluminis intremus initia, quae paulo diligentius audiamus. Intentus nobis est de arte grammatica, sive rhetorica vel de disciplinis aliqua breviter velle conscribere; quarum rerum principia necesse est nos inchoare; dicendumque prius est de arte grammatica, quae est videlicet origo et fundamentum liberalium litterarum.

VI.

Liber autem dictus est a libro, id est arboris cortice (1151C) dempto atque liberato, ubi ante copiam chartarum antiqui carmina describebant. Scire autem debemus, sicut Varro dicit, utilitatis alicuius causa omnium artium exstitisse principia.

VII.

Ars vero dicta est, quod nos suis regulis arctet atque constringat. Alii dicunt a Graecis hoc tractum esse vocabulum, ἀπὸ τῆς ἀρετῆς, id est a virtute doctrinae, quam disertis viri uniuscuiusque bonae rei scientiam vocant.

IV.

Sendo assim, podemos concluir que as obras más do diabo não estão sujeitas nem ao peso, nem à medida, nem ao número, porque tudo que leva iniquidade é sempre contrário à retidão. Como nos lembra o Salmo 13, que diz: Contrição e infelicidade nos caminhos daqueles, e não reconheceram o caminho da paz; não há temor de Deus nos olhos deles (Sl 13, 3). Isaías também diz: Abandonaram o Deus dos Exércitos totalmente e percorreram caminhos equivocados (Is 5, 24). Em verdade, Deus é sumamente admirável e sábio, pois diferenciou todas suas criaturas com moderação singular para que uma confusão mortal não se apoderasse delas. Sobre isso, o Padre Agostinho em seu livro sobre o Gênesis comentou minuciosamente palavra por palavra.

V.

Mas tratemos já dos fundamentos do segundo volume bem atentamente. O nosso intento é escrever brevemente sobre a gramática ou sobre a retórica e sobre as outras disciplinas, das quais precisamos conhecer os princípios. Antes de tudo, é preciso falar da Gramática que evidentemente é a origem e o fundamento das letras liberais.

VI.

“Liber” vem de “libro”, ou seja, do corte de árvore cortada e “liberada”, sobre a qual, antes da invenção do papel, os antigos escreviam suas canções. Precisamos saber também, como diz Varrão, que os fundamentos de todas as artes passaram a existir por causa de alguma utilidade.

VII.

Diz-se, porém, “arte” porque nos limita e encerra com suas regras. Outros dizem que este nome foi criado pelos gregos, ἀπὸ τῆς ἀρετῆς, isto é, pelo talento com que os homens eloquentes são chamados ao conhecimento de cada coisa.



VIII.

Secundo de arte rhetorica, quae propter nitorem ac copiam eloquentiae suae, maxime in civilibus quaestionibus, necessaria nimis et honorabilis aestimatur.

IX.

Tertio de logica, quae dialectica nuncupatur. Haec, quantum magistri saeculares dicunt, disputationibus (1151D) subtilissimis ac brevibus vera sequestrat a falsis.

X.

Quarto de mathematica, quae quattuor complectitur disciplinas, id est arithmetica, geometrica, musica et astronomica. Quam mathematicam Latino sermone doctrinalem possumus appellare; quo nomine licet omnia doctrinalia dicere valeamus quaecumque docent haec sibi tamen commune vocabulum propter suam excellentiam proprie vindicavit; ut Poeta dictus, intelligitur Virgilius; Orator enuntiatus, advertitur Cicero; quamvis multi et poetae et oratores in Latina lingua esse doceantur; quod etiam de Homero atque Demosthene Graecia facunda concelebrat.

XI.

Mathematica vero est scientia quae abstractam (1152A) considerat quantitatem. Abstracta enim quantitas dicitur, quam intellectu a materia separantes, vel ab aliis accidentibus, sola ratiocinatione tractamus. Sic totius voluminis ordo quasi quodam vado promissus est.

VIII.

Em segundo lugar, o livro sobre a Retórica, que por seu brilho e riqueza de sua eloquência é considerada tão necessária e honrável em questões civis.

IX.

Em terceiro lugar, sobre a Lógica, que trata da Dialética, que, como dizem os mestres seculares, separa as verdades das falsidades através de disputas muito sutis e breves.

X.

Em quarto lugar a Matemática, que abarca quatro disciplinas: Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Em latim, podemos chamar ciência à Matemática. Mas mesmo que possamos dar este nome a qualquer ensinamento que instrua, este exige uma denominação comum própria para si por causa de sua superioridade. Sabemos que entre os gregos é considerado o poeta Homero e entre os latinos Virgílio; os gregos consideram Demóstenes como orador, e os latinos, Cícero, mesmo que se saiba que há muitos outros poetas em ambas as línguas.

XI.

Mas a Matemática é a ciência que considera a quantidade abstrata. Chamamos quantidade abstrata àquela que tratamos unicamente com a inteligência e o raciocínio ao separarmos (a substância) da matéria e mesmo dos acidentes. Com isso, a ordem está assegurada.

XII.

Nunc quemadmodum pollicita sunt, per divisiones definitionesque suas, Domino iuvante, reddamus: quia duplex quodammodo discendi genus est, quando et linealis descriptio imbuit diligenter aspectum, et post aurium praeparatum intrat auditum. Nec illud quoque tacebimus, quibus auctoribus tam Graecis quam Latinis, quae dicimus, exposita claruerunt; ut qui studiose legere voluerit, quibusdam compendiis introductus, lucidius maiorum dicta percipiat.

XII.

Agora, com ajuda de Deus, cumprirei o que prometi, sabendo cada uma de suas divisões e definições. De certo modo, esta é uma via dupla de aprendizado, pois, primeiro, a definição linear ilustra sob um aspecto, e depois, com atenção, penetra no entendimento. Não deixarei de citar autores tanto gregos como latinos que tenham esclarecido o que exponho para que aqueles que se sentirem atraídos por meus resumos tenham vontade de lê-los e saborear as palavras de seus antepassados mais ilustres.



## Sanctus Alcuinus Eboracensis OSB

**Discipulus:** “Audivimus, o doctissime magister, saepius te dicentem quod philosophia esset omnium virtutum magistra, et haec sola fuisset quae inter omnes saeculi divitias nunquam miserum se possidentem reliquisset. Incitasti nos, ut vere fatemur, his dictis ad tam excellentis felicitatis indagacionem, scire cupientes quae esset huius magisterii summa, vel quibus gradibus ascendi potuisset ad eam. (0849D) Aetas enim nostra tenera est, et te non dante dexteram sola surgere satis infirma est. Animi vero nostri naturam esse intelligimus in corde, seu oculorum in capite. Oculi itaque si splendore solis, vel alia qualibet lucis praesentia asperguntur, perspicacissime, quidquid obtutibus (0850A) occurrit, discernere valent: ceterum sine lucis accessu in tenebris manere notissimum est. Sic animi vigor acceptabilis est sapientiae, si erit qui eum



## Santo Alcuino de Iorque OSB

**Aluno:** Ouvimos-te a dizer frequentemente, ó doutíssimo professor, que a Filosofia é a mestra de todas as virtudes e que somente ela, dentre todas as riquezas do mundo, nunca deixou de enriquecer quem a possuísse. Incitaste-nos com estas palavras, para que verdadeiramente admitamos, a perguntar sobre tão excelente felicidade, a querermos conhecer este sumo ensinamento dos degraus que devemos subir para que o alcancemos. Somos, pois, muito jovens, e se não nos ajudares, não teremos a firmeza necessária. Entendemos que a natureza de nossa alma está no coração e a natureza dos olhos na cabeça. Por isso, os olhos só podem discernir as coisas na presença do sol ou de outra luz qualquer; sem a luz, de nada adiantam os olhos, tudo permanece escuro. Assim sendo, a alma aceita a sabedoria quando começa a

illustrare incipiat.”

**Magister:** “Bene siquidem, filii, comparisonem oculorum et animi protulistis. Sed qui illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum (Ioan. I, 9), illuminet mentes vestras, ut in ea proficere valeatis philosophia, quae nunquam, ut dixistis, deserit possidentem.”

**Discipulus:** “Scimus, magister, scimus certissime quod ab eo postulandum est qui dat affluenter et nulli impropert. Nos tamen morulis quibusdam instruendi sumus, et quasi infirmi tardiore gressu ducendi, quousque aliquid fortitudinis accrescat in nobis. Ignem siquidem silex naturaliter habet in se, qui solet (0850B) exire ad ictus. Naturale itaque est mentibus humanis scientiae lumen, sed nisi crebra doctoris intentione excutiatur, in se quasi scintilla in silice latet.”

**Magister:** “Est equidem facile viam vobis demonstrare sapientiae, si eam tantummodo propter Deum, propter rerum scientiam, propter puritatem animae, propter veritatem cognoscendam, etiam et propter seipsam diligatis; et non propter humanam laudem, vel honores saeculi, vel etiam divitiarum fallaces voluptates, quae omnia quanto plus amantur, tanto longius aberrare faciunt a vero scientiae lumine ista quaerentes: velut ebrius domum, quo tramite revertatur, ignorat.”

**Discipulus:** “Fatemur scilicet nos beatitudinem amasse: (0850C) sed si qua possit in hoc saeculo esse ignoramus.

**Magister:** “Est enim mentibus hominum veri boni naturaliter inserta cupiditas: sed ad falsa quaedam plurimos eorum devius error abducit. Quorum quidem alii maximam felicitatem divitiis abundare credunt, alii honoribus gaudent, alii potentia congratulantur, alii voluptatibus delectantur, alii laudibus inhiant. Quae diligentius considerata tantis

ser iluminada.

**Professor:** Está certa, filhos, a comparação que fizestes dos olhos com a alma. Mas ilumine as vossas mentes Aquele que ilumina todo o homem que vem ao mundo (Jo 1, 9), para que possais alcançar a filosofia que, como dissestes, nunca abandona quem a possui.

**Aluno:** Sabemos, professor, sabemos com certeza que precisamos pedir Àquele que dá em abundância e nunca nega nada a ninguém. Nós, porém, só fomos instruídos nos costumes rudimentares, aos quais fomos como que conduzidos um tanto quanto tarde para crescermos um pouco em virtude. A pederneira já tem naturalmente o fogo em si, mas só se batermos nela é que vemos a faísca. Por isso, a luz do conhecimento é natural à mente humana, mas não a percebemos quando ela for percutida por alguém douto, pois a luz do conhecimento está escondida na mente como a faísca está escondida na pedra isqueiro.

**Professor:** É fácil demonstrar-vos o caminho da sabedoria e esta por Deus, pelo conhecimento das coisas, pela pureza da alma, para conhecer a verdade e também para que ameis a própria sabedoria. Mas não o farei se buscais por causa do louvor dos homens, ou das honras do mundo, ou dos falsos prazeres das riquezas; coisas que quanto mais amamos, mais nos afastamos da verdadeira luz do conhecimento que buscamos. Seríamos assim como alguém que, estando bêbado, não consegue voltar para casa.

**Aluno:** Admitimos amar a felicidade, mas não sabemos se ela pode existir neste mundo.

**Professor:** Há uma vontade natural inserida nas mentes dos homens que busca o bem verdadeiro. Mas o erro conduz muitos a se desviarem na direção de coisas falsas: há muitos que creem possuir a mais alta felicidade em abundância: há outros que se congratulam pelo poder, outros que se deleitam com os prazeres, e outros que buscam louvores.



implicantur calamitatibus, ut vix aliquid beatitudinis habere videantur. Haec enim sibi somniantes veram aliqui felicitatem fore existimant, et dum eos ad verum bonum naturalis intentio ducit, multiplex tamen error propter ignorantiam abducit.

**Discipulus:** “Quis sanum sapiens haec esse transitoria ignorat? tamen huius vitae viatorem horum abundantia (0850D) adiuvari quis nesciat?”

**Magister:** “Moderatus eorum usus adiuvat, nimius gravat. Unde philosophicum illud valet elogium: Ne quid nimis.”

**Discipulus:** “Notum est, omnia nimia nocere. Sed usque ad quem finem eorum est, quae paulo ante numerasti, abundantia petenda?”

**Magister:** “Quantum necessitas (0851A) corporis exigit, et quantum sapientiae exoptulat studium.”

**Discipulus:** “Perfectorum esse arbitramur huiusmodi rationis frenis animi cursus coercere.”

**Magister:** “Ad hanc scilicet perfectionem, dum aetas floret, dum animus viget, vos, filii, cohortor.”

**Discipulus:** “Duc, age, et reduc per divinae vias rationis, et ad huius cacumen perfectionis transfer. Nam, licet impari gressu, te ductorem sequimur.”

**Magister:** “Quid homo, rationale animal, meliore parte immortalis, tui Conditoris imago, quid propria perdis? quid aliena petis? cur infima quaeris et summa relinquis?”

**Discipulus:** “Quae sunt propria, vel quae aliena?”

Há coisas nas quais não encontramos felicidade alguma se as bem analisarmos: são coisas que os sonhadores acreditam ser a verdadeira felicidade, e enquanto a intenção natural os conduz para o verdadeiro bem, múltiplos erros os desviam deste caminho por conta da ignorância.

**Aluno:** Quem, conhecendo o que é bom, ignoraria que estas coisas são transitórias? E quem não saberia que o caminhante desta vida é ajudado pela abundância destas coisas?

**Professor:** O uso moderado destas coisas, ajuda; o demasiado, prejudica. Por isso é válido o dito filosófico: Nada em excesso.

**Aluno:** É sabido que tudo que for em excesso prejudica. Mas qual é o fim das coisas, que há pouco numeraste, que devemos buscar em abundância?

**Professor:** O quanto a necessidade do corpo exige e o quanto o desejo de saber obriga.

**Aluno:** Achamos que é próprio aos perfeitos restringir deste modo os caminhos da alma com os freios da razão.

**Professor:** A esta perfeição, filhos, eu vos exorto; enquanto sois jovens, enquanto estais entusiasmados.

**Aluno:** Conduz-nos, age e reconduz-nos pelos caminhos da ordem divina e eleva-nos até o topo desta perfeição. Anda, e seguiremos a ti.

**Professor:** Qual o homem que, sendo animal racional, imortal em seu melhor aspecto, imagem do seu Criador, despreza as próprias coisas e busca coisas alheias? Por que buscais as coisas pequenas e abandonais as grandes?

**Aluno:** Mas quais são as coisas próprias e quais as alheias?

**Magister:** “Aliena sunt, quae extra quaeruntur, ut divitiarum congregatio: (0851B) intra, sapientiae decus. Igitur tu, o homo! si tui ipsius compos eris, possidebis quod nec unquam amittere dolebis, nec ulla tibi fortuna auferre valebit. Quid igitur, o mortales, extra petitis, dum intra habetis quod quaeritis?”

**Discipulus:** “Felicitatem quaerimus.”

**Magister:** “Bene quaeritis, si manentem quaeritis, et non fugientem. Videtis quam multis amaritudinibus terrena felicitas aspersa est, quae nulli vel tota proveniet, vel fida permanet, quia nil non mutabile praesentis vitae inveniri potest. Quid pulchrius luce? et haec tenebris succedentibus obfuscatur. Quid floribus venustius aestatis? qui tamen hiemalibus frigoribus pereunt. Quid salute corporis suavius? et quis hanc perpetuam habere confidit? Quid tranquilla pace iucundius? (0851C) et tamen saepe haec tristi discordiarum fomite irritatur.”

**Discipulus:** “Haec omnia sic se habere, sicut dicis, non dubitamus. Sed quorsum ista?”

**Magister:** “Ut ex maioribus minora cognoscatis.”

**Discipulus:** “Quonam modo?”

**Magister:** “Si coelum terraque suis semper vicissitudinibus mutantur, generalis omnium mortalium pulchritudo et utilitas; quanto magis cuiuslibet rei specialis delectatio transitoria esse necesse est? Et cur ea amari debent quae permanere nequeunt? Quid vos homines de nominis laude, de honoris dignitate, de divitiarum congregatione cogitatis? Legistis Croesi divitias, Alexandri famam, Pompeii honorem? Et quid (0851D) haec perituris proderunt? dum quisque illorum immatura morte cum magno quaesitam labore cito perdidit gloriam, minuitque quodammodo propriae integritatem scientiae, qui ex alienis sibi

**Professor:** As alheias são as que buscamos no exterior como acúmulo de riquezas; no interior, o esplendor da sabedoria. Por isso, tu, homem, se fores o teu próprio mestre, possuirás o que nunca poderias ter recebido sem dor e nenhum sucesso terás. O que buscais fora, ó mortais, enquanto o que quereis se encontra dentro?

**Aluno:** Buscamos a felicidade!

**Professor:** Buscais bem, se buscais a felicidade permanente e não a efêmera. Vede por quantas amarguras a felicidade terrena foi espalhada; a felicidade que vem de graça e permanece integral e fiel, porque nada de imutável pode ser encontrado nesta vida. O que é mais belo que a luz? E mesmo assim as trevas a ocultam. O que é mais jovial que as flores? E mesmo assim elas perecem com o frio do inverno. Que é melhor do que ter saúde física, e quem não a quer para sempre? O que é mais aprazível do que a paz? E mesmo assim, todas estas coisas são frequentemente consumidas pelo triste fogo das discórdias.

**Aluno:** Não temos dúvida de que estas coisas são assim como disseste. Mas por que as dizes?

**Professor:** Para que a partir das coisas menores conheçais as maiores.

**Aluno:** Como?

**Professor:** Se o céu e a terra, por suas vicissitudes, sempre mudam, bem como a beleza e a utilidade de todos os mortais, não seria mais ainda necessário que o deleite de uma coisa específica fosse transitório? E por que as coisas que devem ser amadas não podem permanecer? O que vós homens pensais sobre o louvor de um nome, sobre a dignidade da honra, sobre o acúmulo de riquezas? Lestes sobre as riquezas de Crespo, sobre a fama de Alexandre e sobre a honra de Pompeu? Do que servem estas coisas a quem perecerá? Algum destes de uma hora para outra perdeu a glória que foi buscada com tanto trabalho por conta de

sermunculis laudem quaerit. Quid de divitiis congregandis studetis, quae vel deserunt, vel deseruntur? quae effundendo quam servando melius nitent? Siquidem avaritia odiosos, claros largitas facit. Quarum abundantia nonnisi ex aliorum indulgentia congeritur. Quid honores fomenta superbiae quaeritis? Nonne unus est omnium Pater? Et cur iniuriam facitis Conditori vestro peiora amando, et meliora amittendo? Ille genus humanum terrenis omnibus praestare voluit, vos dignitatem (0852A) vestram infra infima quaeque detruditis. Quanto melius est interius ornari, quam exterius, animam perpetuam splendore polire.”

**Discipulus:** “Quae sunt animae ornamenta perpetua?”

**Magister:** “Primo omnium sapientia, cui vos maxime studere cohortor suadeo.”

**Discipulus:** “Unde scimus sapientiam esse perpetuam? Et si haec omnia quae ante numerasti, transitoria sunt, cur non et horum scientia pertransit?”

**Magister:** “Animam putatis esse perpetuam?”

**Discipulus:** “Non solum putamus, sed etiam certissime scimus.”

**Magister:** “Estne sapientia decus et dignitas animae?”

**Discipulus:** “Est vere.”

**Magister:** “Quomodo absque sapientia, decore suo, anima feliciter poterit esse perpetua? (0852B) Nonne absque ratione est, animam absque decore et dignitate sua esse perpetuam? ] Consequens videtur utramque esse perpetuam, animam scilicet et sapientiam. Videtisne quolibet casu saepissime divitias habentem deserere, et omnes saeculi honores multoties minui?”

uma morte precoce. Não diminui da mesma forma a integridade do conhecimento apropriado ao buscarem o louvor nos discursinhos dos outros? Por que gostaríeis de buscar riquezas que vão embora ou são levadas embora, aquelas riquezas que brilham mais ao serem gastas do que conservadas, aquelas riquezas que fazem o avarento ser odiado e o liberal ser famoso? Esta é uma abundância que nos faz sentir pena. Por que buscais fomentar a soberba? Não é um só o vosso Pai? E por que injuriais o vosso criador preferindo as coisas más e rejeitando as boas? Deus quis que todas as coisas terrenas servissem ao gênero humano, e vós levais a vossa dignidade para baixo das coisas mais baixas. É melhor ornar o interior do que o exterior e polir a alma imortal com esplendor.

**Aluno:** Quais são os ornamentos perpétuos da alma imortal?

**Professor:** O primeiro de todos é a sabedoria, a qual vos exorto a quererem buscar maximamente.

**Aluno:** De onde sabemos que a sabedoria é perpétua? E se todas estas coisas que numeraste antes são transitórias, por que o conhecimento que delas temos permanece?

**Professor:** Vós achais que a alma é perpétua?

**Aluno:** Não só achamos como temos certeza.

**Professor:** A sabedoria é uma excelência e uma dignidade da alma?

**Aluno:** É sim.

**Professor:** Como a alma pode ser felizmente imortal pela beleza da sabedoria? Não seria porque também a sabedoria é imortal por sua beleza e dignidade? Consequentemente, vemos que ambas, alma e sabedoria, são imortais. Não vedes que em qualquer caso frequentemente as riquezas se vão e as honras do mundo diminuem?

**Discipulus:** “Videmus itaque ut ne regni quidem potentia perduret.”

**Magister:** “Quid divitiae sine sapientia?”

**Discipulus:** Quod corpus sine anima, Salomone dicente: Quid prosunt divitiae stulto, cum sapientiam emere non possit (Prov. XVII, 16)?

**Magister:** “Nonne haec est, quae humilem exaltat, et erigit de stercore pauperem, ut sedeat cum principibus, et solium gloriae teneat?”

(0852C) **Discipulus:** “Est quidem, sed quam speciosa in habendo, tam laboriosa in acquirendo.”

**Magister:** “Quis miles sine certamine coronabitur? Quis agricola sine labore abundat panibus? Nonne vetus proverbium, radices litterarum esse amaras, fructus autem dulces? Igitur et noster orator in Epist. ad Hebr. idem probat. Omnis quidem disciplina in praesenti non videtur esse gaudii sed moeroris; postea [vero] pacatissimum fructum exercitatis in ea affert iustitiae.”

**Discipulus:** “Duc, age, quo libeat, sequimur libenter, quia spes praemii solet laborem relevare. Omnis quippe qui arat, in spe arat percipiendi fructus. Fertur itaque, dum Diogenes magnus ille philosophus omnes suos a se expulit discipulos dicens: (0852D) Ite, quaerite vobis magistrum, ego vero inveni mihi, ei solus Plato adhaesit, et quadam die lutulentis pedibus super exstructum magistri lectulum cucurrit assidere doctori, quem Diogenes baculo ferire minitabatur; cui puer inclinato capite respondit: Nullus est tam durus baculus, qui me a tuo segregare possit latere. At si ille amore saecularis sapientiae flagrans, coelestis vero, quae ad vitam ducit perpetuam, ignarus, sic ardentem magistrum sequi persistebat, quanto magis nos tua, magister, ingredientem vel egredientem vestigia sequi debemus, qui non solum litterario nos

**Aluno:** Por isso nós vemos que o poder de nenhum reino é para sempre.

**Professor:** De que serviria ter riquezas sem a sabedoria?

**Aluno:** Seria o mesmo que um corpo sem alma, como diz Salomão: De que servem as riquezas ao homem ignorante, já que não pode comprar a sabedoria (Pr 17, 16)?

**Professor:** Não é a sabedoria que exalta o humilde e ergue do esterco o pobre para que se sente com os príncipes e possua o trono da glória?

**Aluno:** Sim, mas é tão belo possuir estas coisas quanto é difícil adquiri-las.

**Professor:** Qual soldado será coroado sem uma batalha? Qual agricultor terá pão em abundância se não trabalhar? Não diz o velho ditado que as raízes das letras são amargas, mas os frutos doces? Assim sendo, também nosso orador (São Paulo) comprova o mesmo na epístola aos hebreus. Pois nenhuma correção é vista como alegria no presente, mas como sofrimento; no futuro, por sua vez, ela traz um fruto de paz pelo exercício da justiça.

**Aluno:** Conduz, age da forma que quiseres, seguir-te-emos com prazer, porque a esperança de uma recompensa costuma deixar mais leve o trabalho. Todo aquele que ara, o faz na esperança da colheita. É sabido que o grande filósofo despediu todos seus alunos e disse-lhes: “Ide, procurai um professor para vós. Eu, pois, encontrei o meu; só segui a Platão.” Certo dia, com os pés sujos de lama, Diógenes se aproximou do leito de um professor que o ameaçou com um bastão, mas, inclinando a cabeça, disse: “Nenhum bastão é tão duro que me possa fazer sair do teu lado”. Se Diógenes não queria sair de perto de um professor tão flagrantemente tomado pelo amor às coisas do mundo e avesso às coisas celestes que conduzem à vida eterna, quanto mais nós, professor, devemos seguir teus passos que nos podem não só conduzir no caminho



liberalium studiorum itinere ducere nosti, sed etiam meliores sophiae vias, quae ad vitam ducit aeternam (0853A) pandere poteris?”

**Magister:** “Divina nos praecedat gratia, et in thesauros spiritalis deducat sapientiae, in qua divinae ubertatis fonte inebriari possitis, ut sit in vobis fons aquae salientis in vitam aeternam. Sed quia Apostolo praecipiente legimus: Omnia vestra honesta cum ordine fiant, vos per quosdam eruditionis gradus ab inferioribus ad superiora esse ducendos reor, donec pennae virtutum paulatim accrescant, quibus ad altiora puri aetheris spectamina volantes dicere valeatis: Introduxit nos rex in cellaria sua, exsultabimus et laetabimur in eis (Cant. I, 3).”

**Discipulus:** “Da dexteram, magister, et nos ab humo imperitiae eleva, et in gradus sophiae nos tecum constitue, in quibus te ex morum dignitate, ex verborum (0853B) veritate saepius consistere agnovimus, quo te rerum ratio pulcherrima ab ineunte, ut audivimus, aetate perduxit; et si poeticis licet aures accommodare fabulis, nobis non incongruum videtur, quod asserunt, epulas deorum esse rationes.”

**Magister:** “Verius, o filii! dicere potestis, rationes esse angelorum cibum, animarum decorem, quam epulas deorum.”

**Discipulus:** “Quoquo modo haec dici debeant, primos precamur nobis sapientiae ostendi gradus, ut Deo donante et te edocente ab inferioribus ad superiora pervenire valeamus.”

**Magister:** “Legimus, Salomone dicente, per quem ipsa se cecinit Sapientia: Sapientia aedificavit sibi domum, excidit columnas septem (Prov. IX, 1). Quae sententia licet ad divinam (0853C) pertineat sapientiam, quae sibi in utero virginali domum, id est corpus, aedificavit,

dos estudos das letras liberais, mas também podem abrir os melhores caminhos da sabedoria que conduzem à vida eterna.

**Professor:** Que a graça divina nos preceda e nos conduza aos tesouros da sabedoria espiritual, uma fonte de abundância divina na qual vós podeis vos inebriar, para que em vós haja uma fonte de água que jorre pela vida eterna. Mas porque lemos que o Apóstolo se antecipa em dizer: “todas as vossas coisas devem ser feitas com ordem”, acredito que vós deveis ser conduzidos, das coisas mais simples para as mais complexas, pelos degraus da erudição até que cresçam pouco a pouco as penas das virtudes pelas quais voareis até os mais altos símbolos no puro éter e podereis dizer: O rei me introduziu nas suas câmaras; ali nos regozijaremos e nos alegraremos (Ct 1, 3).

**Aluno:** Ajuda-nos, professor, ergue-nos da lama da ignorância e nos forma ao subirmos contigo os degraus da sabedoria, pois reconhecemos, por tua dignidade moral e por tuas palavras verdadeiras, que já subiste estes degraus, esta ordem das coisas que com o tempo nos conduz. E se nos é lícito citar os mitos, não nos parece errado lembrar que os poetas dizem que a ordem das coisas é o alimento dos deuses.

**Professor:** Podeis, filhos, dizer mais verdadeiramente ainda: a ordem das coisas é mais a comida dos anjos e a beleza das almas do que o alimento dos deuses.

**Aluno:** Como estas coisas podem ser chamadas? Pedimos que nos mostres os primeiros degraus da sabedoria para que, com os dons e ensinamentos de Deus, nos seja possível ascender das coisas mais baixas às mais altas.

**Professor:** Lemos Salomão, por quem a própria Sabedoria cantou, a dizer: A Sabedoria construiu uma casa para si, ergueu sete colunas. Tal frase diz respeito à Sabedoria Divina que construiu uma casa no útero virginal, ou seja, construiu o corpo, e lhe firmou sobre sete colunas que

hanc et septem donis sancti Spiritus confirmavit: vel Ecclesiam, quae est domus Dei, eisdem donis illuminavit; tamen sapientia liberalium litterarum septem columnis confirmatur; nec aliter ad perfectam quemlibet deducit scientiam, nisi his septem columnis vel etiam gradibus exaltetur.”

**Discipulus:** “Tandem aliquando pande quod promisisti, et propter fragilitatem nostrae aetatis nos mollioribus incipe lactare, ut ad solidiora, crescente aetate, facilius perveniamus.”

**Magister:** “Divina praeveniente etiam et perficiente gratia faciam quod rogastis, vobisque ad videndum ostendam septem philosophiae gradus, per eosdemque Deo donante et vita (0853D) comite pro nostrarum portione virium penes temporis et aetatis opportunitatem ad sublimiora speculativae scientiae deduxero.”

**Discipulus:** “Duc etiam, duc et tandem aliquando de nidulo ignaviae in ramos tibi a Deo datae sapientiae compone; unde aliquod veritatis lumen cernere valeamus: et quos toties promisisti, septenos disciplinae gradus nobis ostende.”

**Magister:** “Sunt igitur gradus, quos queritis, et utinam tam ardentis sitis semper ad ascendendum, quam curiosi modo estis ad videndum: grammatica, rhetorica, dialectica, arithmetica, (0854A) geometrica, musica et astrologia. Per hos enim philosophi sua contriverunt otia atque negotia. Iis namque consulibus clariores effecti, iis regibus celebriores, iis videlicet aeterna memoria laudabiles: iis quoque sancti et catholici nostrae fidei doctores et defensores omnibus haeresiarchis in contentionibus publicis semper superiores extiterunt. Per has vero, filii charissimi, semitas vestrae quotidie currat adolescentia, donec perfectior aetas et animus sensu robustior ad culmina sanctarum Scripturarum perveniat. Quatenus hinc inde armati verae fidei defensores et veritatis assertores omnimodis invincibiles efficiamini.

são os dons do Espírito Santo. Construiu a Igreja, que é a casa de Deus e lhe iluminou com estes mesmos dons. E mesmo a sabedoria das letras liberais é firmada por estas sete colunas, pois não é possível deduzir um conhecimento perfeito de outra forma senão ao elevar-se por estas colunas ou degraus.

**Aluno:** Por fim, explica o que prometeste e por causa da fragilidade de nossa idade, começa a nos alimentar com comidas moles para que sejamos capazes de comer coisas mais duras quando formos mais velhos.

**Professor:** Pela graça divina que nos faz persistir e concluir o que começamos, farei o que me pedistes e mostrarei os sete degraus da filosofia. Que Deus me dê graça e vida para conduzir-vos aos mais altos graus do conhecimento especulativo enquanto permitirem as nossas forças, o tempo e a idade.

**Aluno:** Conduz-nos e, algum dia, leva-nos do ninho da preguiça aos ramos da sabedoria que te foi dada por Deus. Que nos seja possível, dali, ver a luz da verdade. E como tantas vezes prometeste, mostra-nos os sete degraus da disciplina.

**Professor:** São estes os degraus pelos quais vós quereis ardentemente subir e pelos quais cheios de curiosidade quereis viver: Gramática, Retórica, Dialética, Aritmética, Geometria, Música e Astrologia. A estas artes, os filósofos dedicaram seus ócios e seus negócios. Elas deram mais prestígio aos homens públicos e mais celebridade aos reis tornando-os, assim, mais louváveis. Também por estas artes os santos, os católicos, os doutores e defensores da nossa fé sempre venceram os heresiarcas nas disputas públicas. Por estes caminhos, caríssimos filhos, corra a vossa adolescência diariamente até que chegueis, em idade mais avançada e com a alma mais robustecida, aos cumes das Sagradas Escrituras. Tornar-vos-eis então bem armados defensores da verdadeira fé e, de todas as formas, libertadores da verdade.



## Abbas Rabanus Maurus OSB De septem Artibus Liberalibus

### I. De arte grammatica, et speciebus eius

Prima ergo liberalium artium est grammatica, secunda rhetorica, tertia dialectica, quarta arithmetica, quinta geometria, sexta musica, septima astronomia; grammatica enim a litteris nomen accepit, sicut vocabuli illius derivatus sonus ostendit. Diffinitio autem ejus talis est: Grammatica est scientia interpretandi poetas atque historicos, et recte scribendi loquendique ratio. Haec et origo et fundamentum est artium liberalium. Hanc itaque scholam Dominicam legere convenit, quia scientia recte loquendi et scribendi ratio in ipsa consistit. Quomodo quis vim vocis articulatae seu litterarum et syllabarum



## Abbate Rabano Mauro OSB Sobre as Sete Artes Liberais

### I. Sobre a Gramática e suas espécies

A primeira das artes liberais é a gramática, a segunda retórica, a terceira dialética, a quarta aritmética, a quinta geometria, a sexta música, a sétima astronomia. A gramática tem seu nome de *gramma*, letra, como a etimologia da palavra mostra, pode-se definir: a gramática é a ciência que ensina ao explicar os poetas e historiadores e a maneira de escrever e falar corretamente. Ela é a origem e o fundamento das artes liberais, e é apropriado lê-la na escola católica, porque nela é baseada a arte da correta fala e escrita. Como alguém reconhecerá o poder da palavra falada ou o significado das letras e sílabas se não a aprendeu primeiro?

potestatem cognoscit, si non prius per eam id didicit? Aut quomodo pedum, accentuum et positurarum discretionem scit, si non per hanc disciplinam ejus scientiam ante percepit? Aut quomodo partium orationis jura, schematum decorem, troporum virtutem, etymologiarum rationem, et orthographiae rectitudinem novit, si non grammaticam artem ante sibi notam fecit? Inculpabiliter enim, imo laudabiliter hanc artem discit, quisquis in ea non inanem pugnam verborum facere diligit, sed rectae locutionis scientiam et scribendi peritiam habere appetit. Ipsa est enim omnium iudex librariorum, quia ubicunque errorem perspexerit, reprehendit, et ubi bene dicta sunt, suo iudicio comprobabit. Schemata autem omnia quotquot saecularis disciplina conscripsit, in sanctis libris saepius posita reperiuntur. Necnon tropis auctores nostros usos fuisse, et multiplicius atque copiosius quam possit existimari vel credi, quisquis libros divinos diligenter legit, inveniet. Istorum autem troporum non solum exempla sicut omnium, sed quorundam etiam nomina in divinis libris leguntur, sicut allegoria, aenigma, parabola. Quorum omnium cognitio propterea Scripturarum ambiguitatibus dissolvendis est necessaria, quia sensus ad proprietatem verborum si accipiatur, absurdus est. Quaerendum est utique, ne forte illo vel illo tropo dictum sit quod non intelligimus, et sic pleraque inventa sunt quae latebant. Metricam autem rationem quae per artem grammaticam discitur, non ignobile est scire, quia apud Hebraeos Psalterium (ut beatus Hieronymus testatur) nunc iambo currit, nunc alchaico personat, nunc sapphico tumet, nunc semipede ingreditur. Deuteronomium vero, et Isaiae canticum, necnon et Salomon et Job, hexametris et pentametris versibus (ut Josephus et Origenes scribunt) apud suos composita decurrunt. Quamobrem non est spernenda haec, quamvis gentilibus communis ratio, sed quantum satis est perdiscenda, quia utique multi evangelici viri, insignes libros hac arte condiderunt, et Deo placere per id satagerunt, ut fuit Juvencus, Sedulius, Arator, Alcimus, Clemens, Paulinus et Fortunatus, et caeteri multi. Poemata autem et libros gentilium si velimus propter florem eloquentiae legere, typus mulieris captivae tenendus est, quam Deuteronomium describit; et Dominum ita praecepisse commemorat, ut si Israelites eam habere vellet uxorem, calvitium ei faciat, ungues

Ou como alguém poderia entender a diferença de nível, pronúncia e grau de comparação se não fora ensinado sobre isso neste assunto? Ou como se saberiam as regras sobre as partes do discurso, a beleza das figuras, o poder das figuras, os princípios da explicação das palavras, a grafia correta, se não se familiarizou com a arte da gramática antes? Sem falhas, e não apenas isso, é louvável que quem aprende e adora esta arte, o faça não como um argumento vazio com palavras, mas aprenda a arte da fala e da fluência correta na escrita. Ela é a juíza de todos os escritores de livros porque condena todos os erros assim que os vê e confirma a boa ortografia com o seu consentimento. Todas as figuras do discurso, tantas das quais a arte secular conhece, podem ser encontradas nos livros sagrados. Além disso, nossos escritores usaram gravuras com mais frequência e abundância do que se possa pensar e acreditar e qualquer um que ler cuidadosamente os livros sagrados encontra-las-á. E não há apenas exemplos de todas essas figuras, mas algumas delas também estão nos próprios nomes dos livros bíblicos, como alegoria, enigma, parábola. Portanto, todo o seu conhecimento é necessário para esclarecer certas partes das Escrituras; porque se alguém quisesse usar as palavras no sentido apropriado, não haveria mais dúvidas. Portanto, é necessário examinar se isso ou aquilo que não entendemos é talvez uma expressão pictórica; dessa maneira, a maior parte do que antes era escuro ficou claro. O ensino dos metros dos versos — que também é tratado na gramática — também não deve ser negligenciado, porque, segundo o testemunho de São Jerônimo, o saltério hebraico às vezes se move em jâmbicos, às vezes soa no verso alcéico, às vezes soa na estrofe sáfica, às vezes dá passos de meio metro. O Deuteronômio, a canção de louvor de Isaías, bem como Salomão e Jó, são originalmente compostos por hexâmetros e pentâmetros fluidos, como atestam Josefo e Orígenes. Portanto, não é necessário desconsiderar esse ensinamento, embora geralmente seja encontrado entre escritores pagãos, deles aprenda-se o quanto for necessário. Muitos homens cristãos escreveram livros sobre essa arte a partir de livros desenhados e tentaram agradar a Deus: Juvenco, Sedúlio, Arator, Alcuíno, Clemente, Paulino, Fortunato e muitos outros. No entanto, se quisermos ler os poemas e os livros dos



praesecet, pilos auferat, et cum munda fuerit effecta, tunc transeat in uxoris amplexus. Haec si secundum litteram intelligimus, nonne ridicula sunt? Itaque et nos hoc facere solemus, hocque facere debemus, quando poetas gentiles legimus, quando in manus nostras libri veniunt sapientiae saecularis, si quid in eis utile reperimus, ad nostrum dogma convertimus; si quid vero superfluum de idolis, de amore, de cura saecularium rerum, haec radamus, his calvitium inducamus, haec in unguium more ferro acutissimo desecemus. Hoc tamen prae omnibus cavere debemus, ne haec licentia nostra offendiculum fiat infirmis: ne pereat qui infirmus est in scientia nostra frater, propter quem Christus mortuus est, si viderit in idolio nos recumbentes.

## II. De rhetorica

Rhetorica est (sicut magistri tradunt) saecularium litterarum bene dicendi scientia, in civilibus quaestionibus. Sed haec diffinitio licet ad mundanam sapientiam videatur pertinere, tamen non est extranea ab ecclesiastica disciplina. Quidquid enim orator et praedicator divinae legis diserte et decenter profert in docendo, vel quidquid apte et eleganter depromit in dictando, ad hujus artis congruit peritiam; nec utique peccare debet arbitrari, qui hanc artem in congrua aetate legit, quique ejus praecepta servat in dictando. ac proloquendo sermonem; imo bonum opus facit, qui eam ad hoc pleniter discit, ut ad praedicandum verbum Dei idoneus sit. Nam cum per artem rhetoricam et vera suadeantur et falsa, quis audeat dicere adversus mendacium in defensoribus suis inermem debere consistere veritatem, ut videlicet illi qui res falsas suadere conantur, noverint auditorem vel benivolum, vel intentum, vel facere docilem prooemio, isti autem non noverint? illi falsa breviter, aperte, verisimiliter, et isti vera sic narrent ut audire taedeat, intelligere non pateat, credere postremo non libeat? illi fallacibus argumentis veritatem

pagãos em geral pelo bem de seus discursos, devemos proceder como a mulher no cativeiro, de quem o quinto livro de Moisés fala. Lá, o Senhor ordena que, se um israelita quiser que ela seja sua mulher, ela deve raspar os cabelos da cabeça, cortar as unhas, tirar o vestido em que foi pega e depois deixá-la sob a autoridade do vencedor. Se entendermos isso pela letra, é ridículo. Por isso, também fazemos isso e precisamos fazê-lo quando lemos os poetas pagãos, quando livros de sabedoria mundana entram em nossas mãos. Se encontrarmos algo útil, aplicamos à nossa doutrina; mas o que é prejudicial, dos ídolos, dos casos de amor, das preocupações com as coisas temporais devem ser eliminadas e cortadas com a faca mais afiada. Mas, acima de tudo, temos que garantir que essa liberdade não irrite os fracos, para que o irmão, que ainda é fraco em nossa ciência e por quem Cristo morreu, não pereça quando nos vir lidar com os ídolos.

## II. Sobre a Retórica

A retórica, como dizem os professores, é a instrução para falar bem na sabedoria secular, na medida em que se relaciona com questões civis. Se, mesmo depois dessa explicação, parece se referir apenas à sabedoria mundana, ainda permanece não muito distante da sabedoria da Igreja. Porque tudo o que o orador e professor da lei divina ensina de maneira eloquente e delicada, ou o que ele apropriada e refinadamente coloca no papel se relaciona com a experiência nesta arte. Aqueles que adotaram esta arte em tempo hábil e que seguem suas regras ao escrever e ao fazer um discurso não precisam temer que estejam cometendo um erro; e quem dela se apropria tão perfeitamente para pregar a Palavra de Deus está fazendo um bom trabalho. Pois tanto a verdade quanto a falsidade podem ser aconselhadas. Quem ousaria dizer que a verdade deve estar indefesa contra as mentiras, de modo que aqueles que querem impor algo errado sejam ínclitos, atentos e dóceis ao ouvinte, e nós não? Que eles representam o errado de maneira sucinta, clara e plausível, enquanto nós apresentamos a verdade de tal maneira que os ouvintes se cansam

oppugnent, asserant falsitatem, isti nec vera defendere, nec falsa valeant refutare? illi animos audientium in errorem moventes impellentesque dicendo terreant, contristent, exhilarent, exhorrentur ardentem, isti pro veritate lenti, frigidi dormitent? Quis ita desipiat, ut hoc sapiat? Cum ergo sit in medio posita facultas eloquii, quae ad persuadenda seu prava seu recta valeat plurimum, cur non bonorum studio comparatur, ut militet veritati, si eam mali ad obtinendas perversas vanasque causas in usus iniquitatis et erroris usurpant? Sed quaecunque sunt de hac re observationes atque praecepta, quibus cum accedit in pluribus verbis ornamentisque verborum, exercitioris linguae solertissima consuetudo, fit illa quae facundia vel eloquentia nominatur, haec seposito ad hoc congruo temporis spatio, apta et conveniente aetate discenda sunt eis qui hoc celeriter possunt. Nam et ipsos Romanae principes eloquentiae non piguit dicere, quod hanc artem nisi qui cito possit perdiscere, nunquam omnino possit. Sed nos non ea tanti pendimus, ut eis discendis jam maturas, vel etiam graves hominum aetates velimus impendi. Satis est ut adolescentulorum ista sit cura; nec ipsorum omnium quos utilitati ecclesiasticae cupimus erudiri, sed eorum quos nondum magis urgens, et huic rei sine dubio praeponenda necessitas occupavit. Quoniam si acutum et fervens absit ingenium, facilius adhaeret eloquentia legentibus, et audientibus eloquentes, quam eloquentiae praecepta sectantibus. Nec desint ecclesiasticae litterae etiam praeter canonem in auctoritatis arce salubriter collocatae, quas legendo homo capiat, et si id non agat, sed tantummodo rebus quae ibi dicuntur intentus sit, etiam eloquio quo dicuntur, dum in his versatur, imbuitur; accedente vel maxime exercitatione sive scribendi, sive dictandi, postremo etiam dicendi, quae secundum pietatis ac fidei regulam sentit. Sed haec de rhetorica nunc dicta sufficiant, cum reservamus paulo post jura ejusdem in dicendi genere planius demonstranda.

e não entendem o que é dito? Que eles que aparentemente atacam a verdade e pregam o falso, mas que nós sejamos incapazes de defender a verdade e refutar o falso? Que eles enganam e levam a mente do ouvinte ao erro, aterrorizam, entristecem, a aquecer os ânimos com suas palavras, mas que nós somos preguiçosos, frios e sonolentos à verdade? Quem seria tão irracional em pensar que isso é razoável? Então o dom da fala é um meio, de fato, que pode ajudar muito a falar sobre o mal e o bem. Por que o homem bom não deve se esforçar por adquiri-lo, de modo a argumentar a favor da verdade, mais do que os maus em favor de seus atos errados e vãos? O que quer que seja considerado um hábito e uma regra aqui, tu só podes alcançar o que é chamado eloquência pelo uso apropriado das ricas técnicas e pela prática constante da língua. E isso deve ocorrer em um tempo definido especificamente para esse fim e em idade apropriada nas quais aprende-se e adquire-se a arte rapidamente. Mesmo os oradores mais excelentes entre os romanos não deixaram de dizer que essa arte só pode ser aprendida cedo ou nunca. No entanto, não a valorizamos tanto que desejamos incentivar pessoas mais maduras a fazê-lo. Basta que alguns jovens se esforcem para fazer o que é preciso em benefício da Igreja, mas apenas aqueles que ainda não são requisitados para coisas mais urgentes. Porque se tu não tens um espírito aguçado e vivo, é mais fácil obter eloquência ouvindo homens eloquentes ou lendo seus escritos do que estudando as regras da eloquência. Além dos livros canônicos, não deve haver falta desses escritos eclesiásticos, que estão associados à barreira protetora da autoridade superior. É bom que o jovem leia e compreenda e, se prestar atenção ao conteúdo, que seja pelo menos influenciado pelo modo de falar sobre o assunto, principalmente ao lidar com ele quando existe a prática de escrever, dispor e, finalmente, também recitar o que ele acredita de acordo com a piedade e a regra da fé. Mas isto já é o suficiente sobre a retórica, mais abaixo explicarei as regras para os diferentes tipos de eloquência em mais detalhes.

### III. De dialectica

Dialectica est disciplina rationalis quaerendi, diffiniendi et disserendi, etiam vera et a falsis discernendi potens. Haec ergo disciplina disciplinarum est; haec docet docere, haec docet discere, in hac se ipsa ratio demonstrat atque aperit quae sit, quid velit, quid videat. Scit scire sola, et scientes facere non solum vult, sed etiam potest. In hac ratiocinantes cognoscimus quid sumus et unde sumus; per hanc intelligimus quid sit faciens bonum, et quid factum bonum; quid creator, et quid creatura; per hanc investigamus veritatem, et deprehendimus falsitatem; per hanc argumentamur, et invenimus quid sit consequens, quid non consequens, et quid repugnans in rerum natura, quid verum, quid verisimile, et quid penitus falsum in disputationibus. In hac enim disciplina unamquamque rem quaerimus sagaciter, et diffinimus veraciter, et disserimus prudenter. Quapropter oportet clericos hanc artem nobilissimam scire, ejusque jura in assiduis meditationibus habere, ut subtiliter haereticorum versutiam hac possint dignoscere, eorumque dicta veneficatis syllogismorum conclusionibus confutare. Sunt enim multa quae appellantur sophismata, falsae conclusiones rationum, et plerumque ita veras imitantes, ut non solum tardos, sed ingeniosos etiam minus diligenter attentos decipiant. Proposuit enim quidam dicens ei cum quo loquebatur: Quod ego sum, tu non es. At ille consensus. Verum enim erat ex parte, vel eo ipso quod iste insidiosius, ille simplex erat. Tum iste addidit: Ego autem homo sum. Hoc quoque cum ab eo accepisset, conclusit dicens: Tu igitur non es homo. Quod genus captiosarum conclusionum, Scriptura quantum existimo detestatur, illo loco ubi dictum est. Qui sophisticè loquitur odibilis est (Eccli. XXXVII). Quanquam etiam sermo non captiosus, sed tamen abundantius quam gravitatem decet, verborum ornamenta consectans, sophisticus dicatur. Sunt etiam verae connexiones ratiocinationis falsas habentes sententias, quae consequuntur errorem illius cum quo agitur. Quae tamen ad hoc inferuntur a bono et docto homine, ut his erubescens ille cujus errorem sequitur, eundem relinquat errorem, qui si in eodem manere voluerit, necesse est ut etiam illa quae damnat tenere cogatur. Non enim vera

### III. Sobre a Dialética

A dialética é a ciência da razão, que ensina a investigar, definir e explicar os termos, para poder distinguir o verdadeiro do falso. É, portanto, a ciência das ciências; ensina como ensinar e como aprender; nela, a razão mostra e se abre ao que é, ao que quer e ao que vê. Ela sozinha define o que é conhecimento e, além de querer nos dar o conhecimento, também pode fazê-lo. Ao raciocinarmos através dela, podemos concluir o que somos e de onde viemos; através dela, reconhecemos quem é bom e o que é bom, quem é o criador e a criatura; através dela, exploramos o verdadeiro e reconhecemos o errado; através dela, aprendemos a tirar conclusões e descobrir o que é o certo a ser seguido e não o que está em conflito com a essência das coisas, o que é verdadeiro em questões e disputas, o que é provável e o que está completamente errado. Nesta ciência, investigamos tudo engenhosamente, explicamos corretamente e discutimos com Sabedoria. Portanto, o clero deve entender essa nobre arte e manter suas regras sob constante reflexão, para que possam ver claramente a astúcia dos professores mal orientados e refutar seus ditos envenenados com conclusões engenhosas. Porque existem muitas das chamadas falácias, falsos raciocínios, que geralmente são tão parecidos com os reais que enganam não apenas fracos, mas também os inteligentes se não estiverem atentos. Em uma conversa entre dois, um afirmou: “O que eu sou, você não é.” O outro admitiu. Era parcialmente verdade, em parte porque um era um pouco mal intencionado e o outro era inofensivo. Depois, acrescentou: “Mas eu sou um ser humano.” Isso também foi admitido pelo outro, do qual surgiu a conclusão: “Então você não é um ser humano”. Na minha opinião, essas conclusões cativantes abominam as Escrituras na maior parte do tempo em que diz: “Quem fala enganosamente é odioso”. Aliás, esse discurso, que não é cativante, mas tem mais decoração das palavras do que dignidade, é chamado de enganador. Também existem raciocínios corretos que levam a conclusões erradas tiradas do erro da pessoa com quem se está tratando. Mas eles também são atraídos por um homem justo e educado, de modo que o homem que persegue o erro, se envergonha de desistir do erro. Porque se

inferebat Apostolus cum diceret: Neque Christus resurrexit. Et illa alia: Inanis est fides nostra, inanis est et praedicatio nostra (I Cor. XV). Quae omnino falsa sunt, quia et Christus resurrexit, et non erat inanis praedicatio eorum qui hoc annuntiabant, nec fides eorum qui hoc crediderant. At quia falsum est quod sequitur, necesse est ut falsum sit quod praecedit. Praecedit enim non esse resurrectionem mortuorum, quod dicebant illi, quorum errorem destruere voluit Apostolus. Porro illam sententiam praecedentem, qua dicebant non esse resurrectionem mortuorum, necessario sequitur, Neque Christus resurrexit. Hoc autem quod sequitur, falsum est; Christus enim resurrexit: falsum est ergo quod praecedit. Praecedit autem non esse resurrectionem mortuorum: est igitur resurrectio mortuorum. Quod totum breviter ita dicitur: Si non est resurrectio mortuorum, neque Christus resurrexit: Christus autem resurrexit; est igitur resurrectio mortuorum. Cum ergo sint verae connexiones, non solum verarum, sed etiam falsarum sententiarum, facile est veritatem connexionum etiam in scholis illis discere, quae praeter Ecclesiam sunt, sententiarum autem veritates in sanctis libris ecclesiasticis investigandae sunt. Ipsa tamen veritas connexionum non instituta, sed animadversa est ab hominibus et notata, ut eam possint vel discere vel docere. Nam est in rerum ratione perpetua et divinitus instituta, quae a Deo auctore sunt facta. Sed quia de logica jam diximus, de mathematica consequenter dicemus.

#### IV. De mathematica

Mathematica est quam Latine possumus dicere doctrinalem scientiam, quae abstractam considerat quantitatem. Abstracta enim quantitas dicitur, quam intellectu a materia separamus, vel ab aliis accidentibus, ut est par, impar, vel ab aliis hujuscemodi quae in sola ratiocinatione tractamus. Haec dividitur in arithmetica, musicam, geometriam, astronomiam: de quibus singulis secundum ordinem disseremus.

ele quisesse permanecer nele, ele também teria que aceitar o que rejeita como errado. Portanto, não foi uma conclusão correta quando o apóstolo disse: “Assim, Cristo não ressuscitou”; e quando ele acrescenta: “Portanto, nossa fé é em vão, também nosso sermão é em vão”. Isso é totalmente errado, porque Cristo ressuscitou e o sermão daqueles que creram não foi em vão. Mas, como a conclusão está errada, a premissa também deve estar errada. Este pré-requisito diz: “Não há ressurreição dos mortos”, diziam aqueles cujo erro o apóstolo queria refutar. Pois, a partir do pré-requisito que estabeleceram que não há ressurreição dos mortos, segue-se necessariamente: “Portanto, Cristo não ressuscitou”. Agora, esta conclusão está errada, pois Cristo ressuscitou. Daí a premissa de que não há ressurreição dos mortos é ruim. Portanto, há uma ressurreição dos mortos. Em poucas palavras, toda essa evidência é a seguinte: “Se não houver ressurreição dos mortos, Cristo não terá ressuscitado. Mas Cristo ressuscitou, então há uma ressurreição dos mortos”. Como as conclusões corretas podem assim ser derivadas não apenas da verdade, mas também de pressupostos errados, é fácil aprender uma conclusão correta também nas escolas que estão fora da Igreja. Permaneça na Igreja, mas as frases verdadeiras podem ser encontradas nos santos livros eclesiásticos, mas a exatidão das conclusões não foi introduzida pelos homens, mas foi percebida e observada por eles e pode ser aprendida e ensinada. Está na natureza imperecível e determinada por Deus, como ele mesmo a criou. Isto é suficiente para a lógica, vamos à matemática.

#### IV. Sobre a Matemática

Matemática é o que em latim chamamos de ciência que ensina, que considera a quantidade abstrata. A quantidade abstrata é dita aquela que, pelo intelecto, separamos da matéria ou de outros acidentes, como as noções de par e ímpar ou outras coisas que somente tratamos pelo raciocínio. A matemática é dividida em aritmética, música, geometria e astronomia. Falarei delas de acordo com esta ordem.



*De arithmetica*

Arithmetica est disciplina quantitatis numerabilis secundum seipsam. Est enim disciplina numerorum. Graeci enim numerum ἄριθμον, arithmon, vocant, quem scriptores litterarum saecularium, inter disciplinas mathematicas ideo primam esse voluerunt, quoniam ipsa ut sit, nulla alia indicat disciplina. Musica autem et geometria et astronomia quae sequuntur, ut sint atque subsistant, istius egent auxilio. Scire autem debemus Josephum Hebraeorum doctissimum in primo libro Antiquitatum, titulo nono, dicere arithmetica et astronomiam Abraham primum Aegyptiis tradidisse; unde semina suscipientes, ut sunt homines acerrimi ingenii, excoluisse sibi reliquas latius disciplinas. Quas merito sancti patres nostri legendas studiosissimis persuadent, quoniam ex magna parte per eas a carnalibus rebus appetitus abstrahitur, et faciunt desiderare quae, praestante Domino, solo possimus corde respicere. Unde ratio numeri contemnenda non est, quae in multis sanctarum Scripturarum locis quam magni existimanda sit, lucet diligenter intuentibus. Nec frustra in laudibus Dei dictum est: Omnia in mensura et numero et pondere disposuisti (Sap. XI). Ita vero suis quisque numerus proprietatibus terminatur, ut nullus eorum par esse cuiquam alteri possit. Ergo et dispares inter se atque diversi sunt, et singuli quique diversi sunt, et singuli quique finiti sunt, et omnes infiniti sunt. Nec audebunt isti contemnere numeros, et eos ad scientiam Dei non pertinere, apud quos Plato Deum magna auctoritate commendat mundum numeris fabricantem. Et apud nos Propheta de Deo dicit: Qui profert numerose saeculum. Et Salvator in Evangelio: Capilli, inquit, vestri omnes numerati sunt (Matth. X). Quamvis enim se objectent aspectui, quasi corpusculorum quaedam simulacra, cum senarii numeri compositio, vel ordo, vel partitio cogitatur, tamen validior et praepotentior desuper ratio non eis annuit interius, quae vim numeri continet, per quem circuitum fideliter dicit id quod dicitur unum in numeris, in nullas partes dividi posse, nulla autem corpora nisi in partes innumerabiles

*Sobre a Aritmética*

Aritmética é a ciência dos números em si mesmos. Portanto, é a teoria dos números, porque ἄριθμον em grego significa número. Os escritores seculares a colocam à frente das ciências matemáticas porque ela existe como um assunto independente, sem precisar de mais nada. Por outro lado, a música, a geometria e a astronomia precisam da aritmética para poderem existir. Josefo, o hebreu erudito, conta no capítulo 9 do primeiro livro de suas Antiguidades que Abraão ensinou aritmética e astronomia aos egípcios, e foi a partir desse ensino que estes homens engenhosos desenvolveram outros assuntos. Nossos Santos Padres aconselham, com razão, o estudo desta arte com grande entusiasmo, porque, dessa maneira, os pensamentos são, em grande parte, atraídos pelos sentidos e direcionados para o que podemos compreender com o coração com a graça do Senhor. O significado do número também não deve ser ridicularizado. Em muitos lugares, as Escrituras Sagradas mostram o quanto algo parece ser alto quando olhado de perto. Não é à toa que louvamos a Deus por ter criado tudo com tamanho, número e peso. Mas cada número é determinado por suas peculiaridades, de modo que nenhum deles pode ser igual ao outro. Eles são, portanto, desiguais e diferentes um do outro; cada um é diferente, cada um é limitado e todos são ilimitados. Mas quem se atreve a subestimar os números como se não pertencessem ao conhecimento de Deus? Pois Platão, que é tão respeitado, diz que Deus criou o mundo a partir dos números. Aqui também o Profeta diz de Deus: “Ele cria o mundo em números”. O Salvador também diz no evangelho: “Todo o seu cabelo é contado”. Os números se apresentam aos nossos olhos, como se fossem imagens dos corpos, por exemplo, quando se considera a composição, ordem e divisão do número de seis; no entanto, a visão mais alta e mais prevalente não concorda com ela, porque engloba a natureza do número; em outras palavras, significa que a unidade do número não pode ser dividida em partes, enquanto todos os corpos podem ser divididos em partes. “Sim,

dividi, et facilius coelum et terram transire, quae secundum senarium numerum fabricata sunt, quam effici posse ut senarius numerus non suis partibus compleatur. Quamobrem non possumus dicere propterea senarium numerum esse perfectum quod sex diebus perfecit Deus omnia opera sua, sed propterea Deum sex diebus perfecisse opera sua, quia senarius numerus perfectus est. Itaque etiam si ista non essent, perfectus ille esset; nisi autem ille perfectus esset, ista secundum eum perfecta non essent. Numerorum etiam imperitia multa facit non intelligi, translate ac mystice posita in Scripturis. Ingenium quippe, ut ita dixerim, ingenium non potest non moveri quid sibi velit, quod et Moyses et Elias et ipse Dominus quadraginta diebus jejunaverunt. Cujus actionis figuratus quidam nodus sine hujus numeri cognitione et consideratione non solvitur. Habet enim denarium quater, tanquam cognitionem omnium rerum intextam temporibus. Quaternario namque numero, et diurna et annua curricula peraguntur: diurna matutinis, meridianis, vespertinis, nocturnisque horarum spatiis; annua vernis, aestivis, autumnalibus, hiemalibusque mensibus. A temporum autem delectatione dum in temporibus vivimus, propter aeternitatem in qua vivere volumus, abstinendum et jejunandum est, quamvis temporum cursibus ipsa insinuetur nobis doctrina contemnendorum temporum, et appetendorum aeternorum. Porro autem denarius numerus creatoris atque creaturae significat scientiam; nam trinitas creatoris est, septenarius autem numerus creaturam indicat, propter vitam et corpus. Nam in illa tria sunt: unde etiam toto corde, tota anima, tota mente diligendus est Deus; in corpore autem manifestissima quatuor apparent, quibus constat, elementa. Hoc ergo denario dum temporaliter nobis insinuatur, id est, quater ducatur, caste et continenter a temporum delectatione vivere, hoc est quadraginta diebus jejunare. Hoc est lex cujus persona est in Moyse; hoc est prophetia, cujus personam gerit Elias; hoc ipse Dominus monet, qui tanquam testimonium habens a lege et prophetis, medius inter illos in monte, tribus discipulis videntibus atque stupentibus, claruit. Deinde ita quaeritur quomodo quinquagenarius de quadragenario numero existat, qui non mediocriter in nostra religione sacratus est propter Pentecosten; et quomodo ter ductus propter tria tempora ante

o céu e a terra, criados após o número seis, passariam mais cedo do que poderia acontecer que o número seis não consistisse em suas partes. Portanto, não podemos dizer que o número seis é perfeito porque Deus fez tudo em seis dias, completou suas obras, mas é por isso que Deus completou suas obras em seis dias, porque o número seis é perfeito. Portanto, se essas (obras) não estavam lá, que (número) seria perfeito; mas se não fosse perfeito, elas não seriam perfeitas. A ignorância dos números também é responsável pelo fato de que não se entende muitas coisas que são figuradas e misteriosamente mencionadas nas Escrituras. A mente inquiridora, pelo menos, não merece esse nome, a menos que saiba por que Moisés, Elias e o próprio Senhor jejuaram por quarenta dias. O significado secreto desta ação não pode ser explicado sem que se conheça este número. São dez vezes quatro, por assim dizer, o conhecimento de todas as coisas entrelaçadas com os tempos. Depois, em quatro, as horas do dia e as estações do ano correm; as horas do dia são as horas da manhã, meio-dia, tarde e noite; e as estações do ano a primavera, o verão, o outono e o inverno. Porém, enquanto vivermos no tempo, temos que evitar a conveniência dos tempos e jejuar pelo bem da eternidade em que queremos viver. A passagem do tempo já nos ensina que devemos subestimar o temporal e buscar o eterno. O número dez denota o conhecimento do criador e das criaturas. Como o número três vai para o criador, o número sete designa a criatura após a vida e o corpo. Como existem três, também devemos amar a Deus com todo o coração, alma e mente. No corpo, no entanto, os quatro elementos dos quais consiste são evidentes. Se tomarmos o número dez temporalmente, isto é, se o multiplicarmos por quatro, devemos recomendar que vivamos castos e relutantes em desfrutar do prazer temporal, ou seja, em jejuar por quarenta dias. É isso que a lei incorporada em Moisés quer; é isso que os profetas ensinam, representado em Elias; o próprio Senhor exorta a isso, que, como atestado pela lei e pelos profetas, foi transfigurado no meio da montanha diante dos olhos dos três discípulos espantados. Há também a questão de como o número cinquenta vem de quarenta. Esse número também é santificado em grande parte em nossa religião pelo Pentecostes. Se tomares as mesmas três vezes, por causa das três

legem, sub lege, sub gratia; vel propter nomen Patris, et Filii, et Spiritus sancti, adjuncta eminentius ipsa Trinitate, ad purgatissimae Ecclesiae mysterium referatur, perveniatque ad centum vel tres pisces, quos retia post resurrectionem Domini in dexteram partem missa ceperunt. Ita multis aliis atque aliis numerorum formis quaedam propter similitudinem in sanctis libris secreta ponuntur, quae propter numerorum imperitiam legentibus clausa sunt. Quapropter necesse est eis qui volunt ad sacrae Scripturae notitiam pervenire, ut hanc artem intente discant; et cum didicerint, mysticos numeros in divinis libris facilius hinc intelligant.

## V. De geometria

Nunc ad geometriam veniamus, quae est descriptio contemplativa formarum, documentum etiam usuale philosophorum; quod, ut praeconiis celeberrimis referant, Jovem suum in operibus propriis geometriare testantur. Quod nescio utrum laudibus an vituperationibus applicetur, quando quod illi pingunt in pulvere coloreo, Jovem facere mentiuntur in coelo. Quod si vero creatori et omnipotenti Deo salubriter applicetur, potest ex sententia forsitan convenire veritate. Geometra enim, si fas est dicere, sancta divinitas, quoniam creaturae suae, quam usque hodie facit existere, diversas species formulasque concedit; quando cursus stellarum potentia veneranda distribuit, et statutis lineis fecit currere quae moventur, certaue sede quae sunt fixa constituit. Quidquid enim bene disponitur atque componitur, potest disciplinae hujus qualitatibus applicari. Geometria Latine dicitur terrae dimensio, sicque diffinitur: Geometria est disciplina magnitudinis immobilis et formarum. Quod per diversas formas ipsius disciplinae, ut nonnulli dicunt, primum Aegyptus dominis propriis fertur esse partitus, cujus disciplinae magistri, mensores ante dicebantur. Sed Varro, peritissimus Latinorum, hujus nominis causam sic exstitisse commemorat, dicens, prius quidem homines per dimensiones terrarum terminis positus, vagantibus populis pacis utilia praestitisse; deinde totius anni circulum menstrualis numero fuisse partitus; unde et ipsi menses quod annum

vezes antes da lei, sob a lei e sob a graça, ou por causa do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, adicionarás as três, por causa do segredo mais sublime e sagrado da nossa Igreja, existem 153, que é o número de peixes capturados nas redes jogados para a direita após a ressurreição do Senhor. Ainda existem muitos relacionamentos secretos entre as diferentes formas de números nos livros sagrados que estão ocultos aos leitores por causa da ignorância dos números. Portanto, aqueles que querem aprender sobre as Escrituras devem aprender diligentemente esta arte. Se a aprenderes, entenderás os números misteriosos nos livros sagrados com mais facilidade.

### V. Sobre a Geometria

Agora queremos passar para a geometria, que consiste na representação vívida das figuras. É uma ferramenta de ensino amplamente utilizada pelos filósofos, que dizem que Júpiter pratica constantemente geometria em seus trabalhos. Mas me parece questionável se há elogios ou críticas, a saber, se eles confessam que Júpiter desenhe no céu o que eles representam com areia colorida na terra. Se estivesse corretamente relacionada ao verdadeiro Criador e Deus Todo-Poderoso, a frase seria, na melhor das hipóteses, baseada na verdade. Pois a Divindade Sagrada é baseada na geometria, se assim se pode dizer, atribuindo diferentes tipos e formas às suas criaturas, que Ela ainda chama à existência; ou se Ela dirige às estrelas com seu poder digno de adoração, deixa os planetas rolarem certos círculos e grampeiam as estrelas fixas em certos pontos. Os ensinamentos dessa ciência podem ser aplicados a tudo que está bem organizado. De acordo com o texto, geometria significa medir a terra. Sua definição é: a ciência de tamanhos e formas imóveis. Segundo as várias figuras, o Egito foi distribuído pela primeira vez aos proprietários individuais, como alguns dizem. Os mestres nesta arte foram, portanto, chamados de agrimensores. Mas Varro, um dos mais instruídos entre os latinos, diz que esse nome vem do fato de que uma vez que as pessoas mediam os países e definiam as fronteiras, povos errantes a usaram para os acordos de paz; depois, eles teriam dividido todo o curso do ano

metiantur, edicti sunt. Verum postquam ista reperta sunt, provocati studiosi ad illa invisibilia cognoscenda, coeperunt quaerere quanto spatio a terra luna, a luna sol ipse distaret, et usque ad verticem coeli quanta se mensura distenderet; quod peritissimos geometras assecutos commemorat. Tunc et dimensionem universae terrae probabili refert ratione collectam; ideoque factum ut disciplina ipsa geometriae nomen acciperet, quod per saecula longa custodit. Haec igitur disciplina in tabernaculi templique aedificatione servata est, ubi linealis mensurae unius et circuli ac sphaerae atque hemisphaerion, quadrangulae quoque formae, et caeterarum figurarum dispositio habita est: quorum omnium notitia ad spiritalem intellectum non parum adjuvat tractatorem.

## VI. De musica

Musica est disciplina quae de numeris loquitur qui ad aliquid sunt, id est, his qui inveniuntur in sonis: ut duplum, triplum, quadruplum, et his similia quae dicuntur ad aliquid. Haec ergo disciplina tam nobilis est, tamque utilis, ut qui ea caruerit, ecclesiasticum officium congrue implere non possit. Quidquid enim in lectionibus decenter pronuntiatur, ac quidquid de psalmis suaviter in ecclesia modulatur, hujus disciplinae scientia ita temperatur, et non solum per hanc legimus et psallimus in ecclesia, imo omne servitium Dei rite implemus. Musica ergo disciplina per omnes actus vitae nostrae hac ratione diffunditur: primum si creatoris mandata faciamus et puris mentibus, statutis ab eo regulis, serviamus. Quidquid enim loquimur, vel intrinsecus venarum pulsibus commovemur, per musicos rhythmos harmoniae virtutibus probatur esse sociatum. Musica quippe scientia est bene modulandi. Quod si nos bona conversatione tractamus, tali disciplinae probamur semper esse sociati; quando vero iniquitates gerimus, musicam non habemus. Coelum quoque et terra, vel omnia quae in eis superna dispensatione peraguntur, non sunt nisi musica disciplina, cum Pythagoras hunc mundum per musicam conditum, et per eam gubernari posse testatur. Haec et in ipsa

em meses, e, portanto, os meses também têm seu nome como corte do ano. Mas quando essas coisas foram encontradas, elas foram levadas pela curiosidade a investigar o invisível e começaram a perguntar a que distância a lua estava da terra, a que distância o sol estava da lua; quanto é a distância até o ápice do céu. Os geômetras mais habilidosos, ele diz, teriam revelado isso. Então, como ele relata com credibilidade, toda a Terra foi ocupada, e é por isso que a própria ciência recebeu o nome de metrologia da terra, que agora se mantém há muitos séculos. Essa ciência também foi usada na construção do tabernáculo e do templo, onde há círculos e esferas da mesma escala, depois também hemisférios, quadrados e outras figuras. Saber tudo isso é de grande benefício para aqueles que estão preocupados com isso, para uma compreensão mais profunda.

## VI. Sobre a Música

A música é a ciência que lida com as relações dos números, principalmente os encontrados nos tons, como duplo, triplo, quádruplo e similares. Esta ciência é, portanto, tão nobre e tão útil que aqueles que não a possuem não podem preencher adequadamente um ofício espiritual. Isso pode ser devido à pronúncia correta das leituras, ao adorável canto dos salmos na igreja, essa ciência leva a isso, e não apenas para ler e cantar na igreja, mas para realizar todo o culto adequadamente. Assim, o assunto da música se estende a todas as ações de toda a nossa vida da seguinte maneira: Primeiro, quando observamos os mandamentos do nosso Criador e O servimos com a mente pura no momento certo. Porque tudo o que estamos falando ou o que nos move internamente devido à pulsação prova que tudo está conectado com forças harmônicas através do ritmo da música. A música é a ciência da batida e medida certa. Portanto, se lutarmos por uma causa justa, nos mostraremos como verdadeiros amigos desta arte; mas quando fazemos o mal, não temos harmonia. Até o céu e a terra, junto com tudo o que acontece neles através de influência mais alta, nada mais são do que música; Pitágoras afirma que este mundo foi criado pela música e pode ser governado por



quoque religione Christiana valde permista est; ac inde fit ut non pauca etiam claudat atque obtegat nonnullarum rerum musicarum ignorantia. Nam et de psalterii et citharae differentia, quidam non inconcinne aliquas rerum figuras aperuit; et decem cordarum psalterium non importune inter doctos quaeritur, utrum habeat aliquam musicae legem, quae ad tantum nervorum numerum cogat; an vero, si non habet, eo ipso magis sacrate accipiendus sit ipse numerus, vel propter decalogum legis, de quo item numero si quaeratur, non nisi ad creatorem creaturamque referendus est, vel propter expositum ipsum denarium. Et ille numerus aedificationis templi qui commemoratur in Evangelio, quadraginta scilicet et sex annorum, nescio quid musicum sonat; et relatus ad fabricam Dominici corporis, propter quam templi mentio facta est, cogit nonnullos haereticos confiteri Filium Dei non falso sed vero et humano corpore indutum. Itaque et numerum et musicam plerisque locis in sanctis Scripturis honorabiliter posita invenimus. Non enim audiendi sunt errores gentilium superstitionum, qui novem Musas, et Jovis et Memoriae filias esse finxerunt. Refellit eos Varro: quo nescio utrum apud eos quisquam talium rerum doctior vel curiosior esse possit. Dicit enim civitatem nescio quam (non enim nomen recolo) locasse apud tres artifices terna simulacra Musarum, quod in templo Apollinis donum poneret, ut quisquis artificum pulchriora formasset, ab illo potissimum electa emeret. Ita contigisse ut opera sua illi quoque artifices aequae pulchre explicarent, et placuisse civitati omnes novem atque omnes esse emptas, ut in Apollinis templo dedicarentur; quibus postea dicit Hesiodum poetam imposuisse vocabula. Non ergo Jupiter novem Musas genuit, sed tres fabri ternas creaverunt. Tres autem non propterea illa civitas locaverat, quia in somnis eas viderat, aut tot se cujusquam illorum oculis demonstraverant; sed quia facile erat animadvertere omnem sonum, quae materies cantilenarum est, triformem esse natura. Aut enim voce editur, sicuti eorum est qui faucibus sive organo canunt; aut flatu, sicut tubarum et tibiaram; aut pulsu, sicut in citharis et tympanis, et quibuslibet aliis, quae percutiendo canora sunt. Sed sive se ita habeat quod Varro retulit, sive non ita, nos tamen non debemus propter superstitionem profanorum musicam fugere, si quid inde utile

ela. Também está intimamente relacionado à religião cristã; portanto, a ignorância de algumas coisas musicais esconde e obscurece muitas coisas. Alguém levantou temas engenhosos sobre a diferença entre harpa e cítara; e, quanto à harpa de dez cordas, os estudiosos argumentam com razão se existe uma lei musical que exige um número tão grande de cordas ou, se esse não for o caso, se esse número não é particularmente sagrado por causa dos dez mandamentos da lei. Se a pergunta também for levantada por causa desse número, ela deve ser encaminhada apenas ao criador e à criatura, como foi demonstrado em relação ao número dez acima. Até o número de anos que levou para a construção do templo, 46, segundo o Evangelho, parece expressar algo harmonioso. Se alguém se refere ao templo do corpo do Senhor, o que significa quando o templo é mencionado, muitos dos professores de erros têm que admitir que o filho de Deus não adotou um corpo aparente, mas real e humano. Portanto, descobrimos que tanto os números quanto a música são honrados em muitos lugares das Escrituras Sagradas. Tão longe de nós estão os erros da superstição pagã, que as nove musas inventaram como as filhas de Júpiter e Mnemosine (memória). Varro já os refutou, e não creio que tenha havido um pesquisador acadêmico e engenhoso nesse assunto. Ele diz que uma cidade — não me lembro o nome — ordenou que três estátuas das musas de três artistas fossem colocadas como presentes votivos no templo de Apolo, para que fossem comparadas e a mais bela, escolhida e comprada. Mas aconteceu que esses artistas apresentaram suas obras igualmente bonitas, de modo que os cidadãos gostaram das nove. Então todas foram compradas para serem dedicadas a Apolo no templo. Então, ele diz, o poeta Hesíodo acrescentou os nomes a elas. Sendo assim, Júpiter não criou as nove musas, mas três artistas produziram três cada. Mas os três escolheram a cidadania não porque os viram em seus sonhos ou porque muitos estavam flutuando na frente de qualquer um deles, mas porque era fácil observar que toda nota que forma a base da melodia tem uma natureza tríplice: ou é provocada pela voz, como naqueles que cantam com a garganta sem acompanhamento instrumental; ou tocando, como trombetas e flautas; ou golpeando, como cítaras e tímpanos e todos os outros instrumentos, que são tocados com

ad intelligendas sanctas Scripturas rapere poterimus; nec ad illorum theatricas nugas converti, si aliquid de citharis et de organis, quod ad spiritalia capienda valeat, disputemus. Neque enim et litteras discere non debuimus, quia eorum Deum dicunt esse Mercurium; aut quia Justitiae Virtutisque templa dedicarunt, et quae corde gestanda sunt, in lapidibus adorare maluerunt, propterea nobis justitia virtusque fugienda est. Imo vero quisquis bonus verusque Christianus est, Deum suum esse intelligat, ubicunque invenerit veritatem.

## VII. De astronomia

Astronomia ergo superest, quae, ut quidam dixit, dignum est religiosis argumentum, magnumque curiosis tormentum. Hanc ergo si casta ac moderata mente perquirimus, sensus quoque nostros, ut et veteres dicunt, magna charitate perfundit. Quale est enim ad coelos animo subire, totamque illam machinam supernam indagabili ratione discutere, et inspectiva mentis sublimitate ex aliqua parte colligere, quod tantae magnitudinis arcana velaverunt? Nam mundus ipse, ut quidam dicunt, sphaerica fertur rotunditate collectus, ut diversas rerum formas ambitus sui circuitione concluderet. Unde librum Seneca consentanea philosophis disputatione formavit, cui titulus est De forma mundi. Astronomia itaque dicitur, unde nobis sermo, astrorum lex: quia nesciunt ullo modo aliter, quam a suo creatore disposita sunt, vel consistere, vel moveri: nisi forte quando, aliquo miraculo facto, divinitatis arbitrio commutantur; sicuti Jesu Nave soli in Gabaon ut staret legitur imperasse (Jos. X); et temporibus Ezechiae regis, retrorsum decem gradibus reversum fuisse (IV Reg. XX); et in passione Domini tribus horis sol tenebrosus effectus est (Luc. XXIII), et his similia. Ideo enim miracula dicuntur, quoniam contra consuetudinem rerum admiranda contingunt. Feruntur enim, sicut dicunt astronomi, quae coelo fixa sunt; moventur vero planetae, id est erraticae, quae cursus suos certa

golpes. Seja como Varro relata ou não, não precisamos fugir da música por causa de abusos supersticiosos se pudermos aprender algo que seja útil para entender as Escrituras. Nem devemos nos permitir ser tentados às piadas teatrais se estivermos lidando com cítaras e instrumentos de som para obter ganho intelectual. Nós também não aprendemos as ciências, embora elas tenham Mercúrio como deus da virtude e da justiça porque honram as consagrações do templo em homenagem a elas e preferem adorá-las em pedras, em vez de em corações? Todo o bom e verdadeiro cristão deve estar convencido de que, onde quer que encontre a verdade, seu Deus também estará presente.

## VII. Sobre a Astrologia

Finalmente, há a astronomia, que, como alguém disse uma vez, é uma ferramenta de ensino digna para os piedosos e um grande incômodo para os curiosos. Ou seja, quando a exploramos com uma mente mais alta e humilde, ela preenche nossa mente, como dizem os idosos, com grande clareza. O que significa subir ao céu em seus pensamentos, investigar sua formação como um todo com um espírito inquiridor e, pelo menos parcialmente, compreender a nítida perspicácia da mente que criou um espaço tão grande! Porque, como dizem alguns, o mundo deve ser agrupado em uma bola redonda e, assim, compreender as várias formas de coisas ao seu redor. Sêneca, de acordo com as investigações dos filósofos, escreveu um livro sobre esse assunto com o título “A Forma do Mundo”. A astronomia com a qual estamos lidando agora é chamada Lei das Estrelas, porque elas não fazem isso de outra maneira além daquela determinada pelo Criador, e nem existem ou se movem a menos que mudou milagrosamente após a decisão divina. Lemos que Joshua Nave ordenou que o sol em Gabaon ficasse parado, e que em sua época de o rei Ezequias recuou dez passos, para que o sol escurecesse por três horas, o tempo em que o Senhor sofreu, e que milagres são chamados de fenômenos porque se destacam de uma maneira impressionante contra o curso normal da natureza, como dizem os astrônomos. As estrelas

tamen diffinitione conficiunt. Astronomia est itaque, sicut jam dictum est, disciplina quae cursus coelestium siderum et figuras contemplatur, omnes et habitudines stellarum circa se et circa terram indagabili ratione percurrit. Inter astronomiam autem et astrologiam aliquid differt, licet ad unam disciplinam ambae pertineant. Nam astronomia coeli conversionem, ortus, obitus, motusque siderum continet, vel ex qua causa ita vocentur; astrologia vero partim naturalis, partim superstitiosa est. Naturalis, dum exsequitur solis lunaeque cursus vel stellarum, certas temporum quaestiones. Superstitiosa vero est illa, quam mathematici sequuntur, qui stellis augurantur, quique etiam duodecim coeli signa per singula animae vel corporis membra disponunt, siderumque cursu natiuitates hominum et mortes praedicare conantur. Hanc quidem partem astrologiae quae naturali inquisitione exsequitur, solis lunaeque cursus atque stellarum, et certas temporum distinctiones caute rimatur, oportet a clero Domini solerti medicamine disci, ut per certas regularum conjecturas, et ratas ac veras argumentorum aestimationes, non solum praeterita annorum curricula veraciter investiget, sed et de futuris noverit fideliter ratiocinari temporibus utque Paschalis festi exordia, et certa loca omnium solemnitatum atque celebrationum, sibi sciat intimare observanda, et populo Dei rite valeat indicare celebranda.

### VIII. De philosophorum libris

Ecce de septem liberalibus artibus philosophorum, ad quam utilitatem discendae sint catholicis, satis, ut reor, superius diximus. Illud adhuc adiicimus, quod philosophi ipsi qui vocantur, si qua forte vera et fidei nostrae accommodata in dispensationibus suis seu scriptis dixerunt, maxime Platonici, non solum formidanda non sunt, sed ab eis etiam tanquam iniustis possessoribus in usum nostrum vindicanda. (0404B) Sicut enim Aegyptii non tantum idola habebant et onera gravia, quae

parecem estar firmemente no céu, por outro lado, os planetas se movem, isto é, são estrelas errantes, que completam seu curso de acordo com certas leis, como já foi dito. A astronomia é a ciência que lida com o curso e as imagens das estrelas, bem como com todos os relacionamentos das estrelas entre si e com a terra com um espírito inquiridor. Há uma certa diferença entre astronomia e astrologia, embora ambas façam parte de uma só ciência. Porque a astronomia inclui a rotação do céu, a ascensão, o pôr e o movimento das estrelas e de onde elas receberam seu nome. Em contraste, a astrologia se baseia em parte na natureza, em parte na superstição. A astrologia natural deriva uma certa qualidade de tempo do curso do sol, lua e estrelas; a supersticiosa, no entanto, é aquela que os matemáticos seguem, aqueles que contam a sorte nas estrelas, que distribuem os doze sinais do céu entre os membros individuais da alma ou do corpo e tentam dar natividade às pessoas a partir do curso das estrelas. Esta parte da astrologia — que se baseia na exploração da natureza, explora cuidadosamente o curso do sol, da lua e das estrelas e de certas mudanças no tempo — o clero cristão deve adquirir com um exame cuidadoso, a fim de fazer suposições confiáveis baseadas nas regras confiáveis e tirar conclusões inequívocas não apenas para investigar períodos passados de acordo com a verdade, mas também para poder julgar o futuro com probabilidade. Também deve poder observar cuidadosamente o início da Páscoa e os horários específicos de todos os festivais e celebrações, a fim de torná-los conhecidos do povo cristão pela celebração.

### **VIII. Sobre os livros dos filósofos**

Creio que expliquei suficientemente o quão útil é para os católicos aprenderem as sete artes liberais das formas seculares. Queremos acrescentar que, se há algo nos escritos e tratados dos chamados filósofos que seja verdadeiro e de acordo com nossa crença, especialmente entre os platônicos, não só não precisamos ter medo, mas também devemos nos apropriar de tudo. Pois como os egípcios não apenas tinham ídolos e serviços religiosos que o povo de Israel detestava e fugia, mas também

populus Israel detestaretur et fugeret, sed etiam vasa atque ornamenta de auro et argento, et vestem, quae ille populus exiens de Aegypto sibi tanquam ad usum meliorem clanculo vendicavit, non auctoritate propria, sed praecepto et mandato, ipsis Aegyptiis nescienter commodantibus ea quibus ut bonis utebantur: sic doctrinae omnes gentilium non solum simulata et superstitiosa figmenta gravesque sarcinas supervacanei laboris habent, quae unusquisque nostrum duce Christo de societate gentilium exiens, debet abominari atque devitare, sed etiam liberales disciplinas, de quibus paulo ante egimus, usui veritatis aptiores et quaedam morum praecepta utilissima continent, deque ipso uno Deo colendo nonnulla vera inveniuntur apud eos; quod eorum tanquam aurum et argentum, quod non ipsi instituerunt, sed de quibusdam quasi metallis divinae providentiae, quae ubique infusa est, eruerunt; et quo perverse atque iniuriose ad obsequia daemonum abutuntur, cum ab eorum misera societate sese animo separat, debet ab eis auferre Christianus ad usum iustum praedicandi Evangelii. Vestem quoque illorum, id est hominum quidem instituta, sed tamen accommodata humanae societati, quibus in hac vita carere non possumus, accipere atque habere licuerit in usum convertenda Christianum. Nam quid aliud fecerunt boni multi fideles nostri? (0404D) Nonne aspicimus quanto auro et argento et veste suffarcinati exierunt de Aegypto Cyprianus et doctor suavissimus, et martyr beatissimus? quanto Lactantius? quanto Victorinus, Optatus, Hilarius? quanto innumerabiles grammatici [Al., Graeci]? Quod prior ipse fidelissimus Dei famulus Moyses fecerat, de quo scriptum est quod eruditus fuerit omni sapientia Aegyptiorum (Act. VII) . Quibus omnibus viris superstitiosa gentium consuetudo, et maxime illis temporibus cum Christi recutiens iugum Christianos persequeretur, disciplinas quas utiles habebat nunquam commodaret, si eas in usum colendi unius Dei, quo vanus idolorum cultus excinderetur, conversas suspicaretur. Sed dederunt aurum et argentum et vestem suam exeunti de Aegypto populo Dei, nescientes quemadmodum illa quae dabant in Christi obsequium redderentur. (0405A) Illud enim in Exodo factum sine dubio figuratum est, ut hoc praesignaret, quia sine praeiudicio alterius aut parvis aut melioris intelligentiae dixerim.

vasos de ouro e prata, e roupas que estes secretamente se apropriavam para um melhor uso quando saíram do Egito, não por sua própria presunção, mas porque foi ordenado por Deus que os próprios egípcios emprestaram, sem pensar, o que não usavam adequadamente. Sendo assim, todos os sistemas de ensino pagãos contêm não apenas poemas falsos e supersticiosos e um fardo opressivo de trabalho inútil, que cada um de nós, aqueles que Cristo chamou, deve evitar. Mas entre elas estão as artes liberais que acabamos de discutir, que são muito adequadas ao serviço da verdade e são muito úteis à vida, existe algo do Deus verdadeiro entre elas. E estas coisas pagãs, como se fossem ouro e prata, não os prepararam, mas antes cavaram os poços para Providência Divina, que permeia tudo; mesmo fazendo isso às mentiras, erros e injustiças e as usando mal a serviço do diabo. O cristão agora, que em espírito se afasta de sua triste condição de pecado, deve aprender estas artes e usá-las para o fim correto, para a proclamação do evangelho. Também suas roupas, isto é, suas instituições humanas, adaptadas à sociedade civil e indispensáveis para esta vida, podem ser apropriadas para uso cristão. E o que mais muitos de nossos bons crentes fizeram? Eles não se mudaram do Egito com tanto ouro, prata e roupas quanto possível? Tanto Cipriano, tão distinto e professor amoroso quanto um mártir feliz, quanto Lactâncio, Victorino, Optato, Hilário e inúmeros estudiosos seguiram o exemplo dado pelo servo mais fiel de Deus, Moisés, que disse: “Ele foi ensinado com toda a sabedoria dos egípcios”. O paganismo supersticioso nunca teria de todos esses homens — e menos ainda no momento em que era sacudido o jugo de Cristo e seus discípulos perseguidos — as ciências que lhe pareciam úteis, se houvesse suspeita de que elas poderiam ser usadas para adorar o verdadeiro e único Deus, por quem o serviço ocioso dos ídolos foi destruído. Então eles deram ouro, prata e roupas ao povo de Deus que saiu do Egito, sem perceber que seus dons seriam usados para servir a Cristo. Porque, sem dúvida, o que aconteceu quando deixei o Egito, figurativamente, deve ser entendido, com aquilo que não quero antecipar outra interpretação igualmente boa ou melhor. Mas um leitor das escrituras assim preparado pode levar isso a sério quando ele começa a pesquisá-las, a saber, que ele não esquece o ditado do



Sed hoc modo instructus divinarum Scripturarum studiosus, cum ad eas scrutandas accedere coeperit, illud apostolicum cogitare non cesset: Scientia inflat, charitas aedificat (I Cor. VIII) . Ita enim sentit quamvis de Aegypto dives exeat, tamen nisi pascha egerit, salvum se esse non posse. Pascha autem nostrum immolatus est Christus; nihilque magis immolatio Christi nos docet, quam illud quod ipse clamat, tanquam ad eos quos in Aegypto sub Pharaone videt laborare: Venite ad me, qui laboratis et onerati estis, et ego vos reficiam. (0405B) Tollite iugum meum super vos, et discite quia mitis sum et humilis corde; et invenietis requiem animabus vestris. Iugum enim meum suave est, et onus meum leve est (Matth. XI) .

apóstolo: “A ciência infla, o amor edifica”. Essa deve ser a atitude dele, não importa quão ricamente ele se mude do Egito, porque se ele não celebra a Páscoa, ele não pode ser salvo. “Nosso Cordeiro da Páscoa, Cristo, foi sacrificado”. E o sacrifício de Cristo não nos chama nada mais insistente do que aquilo que ele mesmo chama àqueles a quem ele lutou no Egito sob o faraó: “Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”. Leve meu jugo e aprenda comigo; porque sou manso e humilde de coração; encontrarás descanso para tua alma, porque meu jugo é doce e meu fardo é leve.



## Hugo Parisiensis de Modo Discendi et Meditandi

(PL 176 0877)

### 1. Humilitas discere volenti necessaria.

Principium discendi humilitas est, cuius cum multa sunt documenta, haec tria praecipue ad lectorem pertinent. Primum ut nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat. Secundum ut a nemine discere erubescat. Tertium ut cum scientiam adeptus fuerit, caeteros non spernat. Multos hoc decepit quod ante tempus sapientes videri volunt, et ideo ab aliis quod nesciunt discere erubescunt. Tu vero, fili, ab omnibus libenter disce quod nescis. Sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris. Qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt. Nullam denique scientiam vilem teneas, quia omnis scientia bona est. Nullam,



## Hugo de São Vítor sobre o modo de aprender e de estudar

### 1. A Humildade é necessária a quem quer aprender

O princípio do aprendizado é a humildade, e muita coisa tem sido escrita sobre ela. Há três coisas endereçadas ao estudante. Primeira: não tenhas como vil nenhuma ciência e nada que tenha sido escrito; segunda: não te envergonhes de aprender com qualquer pessoa; terceira: quando possúres ciência, não desprezes quem não a tem. Há muitos que erram por precocemente quererem parecer sábios e por isto têm vergonha de aprender o que não sabem com os outros. Tu, meu filho, aprende com boa vontade de todos tudo aquilo que não sabes. Serás assim o mais sábio de todos, se buscares aprender de todos. Não tenhas por vil

si vacat, Scripturam vel saltem legem contempnas. Si nihil lucraris, nec perdis aliquid. (0877B) Apostolus enim ait: « Omnia legentes, quae bona sunt tenentes (I Thess. V. XXI) . » Bonus lector humilis debet esse et mansuetus, a curis saecularibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, et sedulus ut ab omnibus libenter discat. Nunquam de scientia sua praesumat, non videri doctus, sed esse quaerat, dicta sapientium quaerat, et semper coram oculis mentis quasi speculum vultus sui tenere ardentem studeat.

## **2. Studendi tria necessaria**

Tria sunt studentibus necessaria, natura, exercitium, disciplina. In natura consideratur ut facile audita percipiat, et percepta firmiter retineat. In exercitio, ut labore et sedulitate naturalem sensum excolat. In disciplina, ut laudabiliter vivens mores cum scientia componat.

## **3. Ingenio et memoria polleat**

Qui doctrinae operam dant, ingenio simul et memoria pollere debent. Quae duo in omni studio ita sibi cohaerent, ut si alterum desit, neminem alterum ad perfectionem ducere possit, sicut nulla prodesse possunt lucra, ubi deest custodia; et incassum receptacula munit, qui quod recondat non habuit.

4. Ingenium est vis quaedam naturaliter animo insita per se valens. Memoria est rerum et verborum et sententiarum ac sensuum firmissima animi vel mentis perceptio. Ingenium invenit, memoria custodit. Ingenium a natura proficiscitur, usu juvatur, immoderato labore retunditur, et temperato acuitur exercitio. Memoria per exercitium retinendi et assidue meditandi maxime juvatur et viget. Duo sunt quae

a nenhuma ciência, porque toda ciência é boa. Não desprezes nada do que já foi escrito, ou, pelo menos, nenhuma lei que estiver à disposição. Se não ganhares nada com isso, pelo menos não perderás nada. Diz o Apóstolo: “*Omnia legentes, quae bona sunt tenentes*”. (I Tess. V. XXI) O bom leitor deve ser humilde e manso, de todo alheio às preocupações mundanas e às tentações do prazer, e dedicado a aprender de todos com boa vontade. Não tenhas tua ciência em alta conta; não queiras parecer erudito, mas sê erudito de fato. Conhece as sentenças dos sábios, e procura ter sempre os seus exemplos diante dos olhos da mente, como em um espelho.

## **2. Três coisas necessárias a quem estuda**

Três coisas são necessárias ao estudante: a natureza, o exercício e a disciplina. É preciso que, por sua natureza, ele perceba facilmente o que ouviu e retenha definitivamente o que percebeu. É preciso que, pelo exercício, cultive a tendência natural ao trabalho diligente. É preciso que, pela disciplina, viva de forma louvável, e ajunte os costumes à ciência.

## **3. Ter em alta conta o engenho e a memória**

Quem se dedica aos estudos deve primar pelo engenho e pela memória ao mesmo tempo, pois eles estão unidos entre si em todo estudo, de maneira que se um faltar, o outro não levará ninguém à perfeição, da mesma forma como ninguém aproveita suas riquezas se não houver quem as guarde; e de nada adianta construir cofres quando não se tem o que neles guardar.

4. O engenho é uma força naturalmente presente na alma que vale por si só. A memória é a percepção mais firme, por parte da alma ou da mente, das coisas, das palavras, das frases e dos significados. O que o engenho descobre, a memória guarda. O engenho vem da natureza, é auxiliado pela prática, é estafado pelo trabalho sem moderação e aprimorado pelo exercício com moderação. O exercício de memorizar e

ingenium exercent, lectio et meditatio. Lectio est cum ex his quae scripta sunt, regulis et praeceptis informamur. Item lectio est per subjectam sensus investigatio. Trimodum est genus lectionis, docentis, discentis, vel per se inspicientis. Dicimus enim, lego librum illi, et lego librum ab illo, et lego librum.

## 5. De meditatione

Meditatio est frequens cogitatio cum consilio, quae causam et originem, modum et utilitatem uniuscujusque rei prudenter investigat. Meditatio principium sumit a lectione, nullis tamen struitur regulis aut praeceptis lectionis. Delectatur enim quodam aperto discurrere spatio, ubi liberam contemplandae veritati aciem affigat; et nunc has, nunc illas rerum causas perstringere, nunc autem profunda quaeque penetrare, nihil anceps, nihil obscurum relinquere.

Principium ergo doctrinae est in lectione, consummatio in meditatione. Quam si quis familiarius amare didicerit, eique saepius vacare voluerit, jucundam valde reddit vitam, et maximam in tribulatione praestat consolationem. Ea enim maxime est quae animam a terrenorum actuum strepitu segregat, et in hac vita etiam aeternae quietis dulcedine, quodammodo praegustare facit. Cumque jam per ea quae facta sunt, eum qui fecit quaerere didicerit et intelligere, tunc animam pariter et scientia erudit et laetitia profundit: unde fit ut maximum in meditatione sit oblectamentum.

de meditar continuamente é o melhor auxílio e o que dá mais segurança à memória. Há duas coisas que exercitam o engenho: a leitura e a meditação. Mediante as regras e os preceitos da leitura, somos educados pelas coisas escritas. A leitura é também uma investigação do sentido por uma alma disciplinada. Há três gêneros de leitura: a leitura daquele que ensina, a daquele que aprende e a daquele que estuda por si mesmo. É por isso que dizemos “Leio o livro ao aluno”, “leio o livro a partir do professor”, ou simplesmente “leio o livro”.

### 5. Sobre a meditação

Meditar é pensar frequentemente nas ideias e investigar com prudência as causas e as origens, o modo e a utilidade de cada uma das coisas. O princípio da meditação é a leitura. Mas a meditação não é realizada pelas regras ou preceitos da leitura. Na meditação, apraz-nos discorrer por um tipo de espaço aberto, no qual focamos na verdade para contemplá-la, admirando ora uma, ora outra daquelas causas, e penetramos no que nelas há de mais profundo buscando não deixar espaço para a dúvida ou para a obscuridade.

Portanto, o princípio do conhecimento está na leitura e o seu fim é a meditação. Quem amar intimamente a meditação e se dedicar a ela com frequência, terá uma vida muito agradável e na tribulação receberá maiores consolações. A meditação, mais do que qualquer outra coisa, é o que mais afasta a alma do barulho dos atos terrenos; por sua doce tranquilidade já nos oferece de algum modo um gosto antecipado da vida eterna ainda na terrena; faz-nos buscar e entender o criador a partir das criaturas, ensina a alma pela ciência e aumenta a alegria, faz com que encontremos o maior de todos os deleites.



## **6. Meditationis tria genera**

Tria sunt genera meditationis. Unum constat in circumspectione morum, aliud in scrutatione mandatorum, tertium in investigatione divinorum operum. Mores sunt in vitiis et virtutibus. Mandatum divinum aliud praecipiens, aliud promittens, aliud terrenum. Opus Dei est et quod creat potentia, et quod moderatur sapientia, et quod cooperatur gratia. Quae omnia quanta sint admiratione digna tanto magis quisque novit, quanto attentius Dei mirabilia meditari consuevit.

## **7. Memoriae commendanda quae sumus edocti**

Memoria colligendo custodit ea quae ingenium investigat et invenit. Oportet enim ut quae discendo divisimus, commendanda memoriae colligamus. Colligere est ea de quibus prolixius vel scriptum vel disputatum est ad brevem quamdam et compendiosam summam redigere; quae a maioribus epilogus, id est brevis recapitulatio supradictorum appellata est. Memoria enim hominis brevitate gaudet, et si in multa dividitur fit minor in singulis. Debemus ergo in omni studio vel doctrina breve aliquid et certum colligere, quod in arcula memoriae recondatur, unde postmodum cum res exigit aliqua deriventur. Haec etiam saepe replicare et de ventre memoriae ad palatum revocare necesse est, ne longa intermissione obsoleat.

## **8. Animae rationali tres visiones. Meditationis et contemplationis discrimen**

Tres sunt animae rationalis visiones. Cogitatio, meditatio et contemplatio. Cogitatio est cum mens notione rerum transitorie tangitur, cum ipsa res sua imagine animo subito praesentatur, vel per sensum ingrediens, vel a memoria exurgens. Meditatio est assidua ac

## **6. Os três gêneros de meditação**

Há três gêneros de meditação. O primeiro é o exame dos costumes, o segundo é a indagação dos mandamentos, o terceiro é a investigação da criação. Quanto aos costumes, a meditação discerne os vícios e as virtudes. Quanto aos mandamentos de Deus, veem-se os que são preceitos, os que prometem e os que admoestam. Quanto às obras de Deus, veem-se as obras criadas pelo poder divino, as obras da sabedoria divina e as obras operadas pela graça. Mais se conhecerão estas obras quanto mais dignas de admiração elas forem e quanto maior for o hábito atento de meditar as maravilhas de Deus.

## **7. Guardar na memória aquilo que se aprende**

A memória recolhe e guarda tudo o que o engenho busca e encontra. É importante que as coisas que divisamos quando aprendemos sejam entregues à memória. Entregar à memória é resumir em uma breve suma tudo aquilo que foi lido e meditado de forma mais ampla; aquilo que os antigos chamavam de epílogo, ou seja, uma recapitulação sucinta do que foi dito. Apraz-se a memória humana com a brevidade, e quando é dividida em muitas partes, ela se torna menor em cada uma delas. É por isso que devemos, em todos os estudos, entregar à memória de forma breve tudo aquilo que for certo; devemos guardar na arca da memória para que, se necessário, possamos dali retirar. Também é necessário revirar as coisas que estão na memória com frequência e chamá-las à consciência para que não fiquem obsoletas pela longa espera.

## **8. Três visões da alma racional. Diferença entre a meditação e a contemplação**

Na alma racional há três visões: o pensamento, a meditação e a contemplação. O pensamento é quando a noção de algo toca a mente de forma transitória; é quando a coisa em si se apresenta à alma através de sua imagem, tanto ao entrar pelos sentidos, quanto ao brotar da

sagax retractatio cogitationis, aliquid obscurum explicare nitens, vel scrutans penetrare occultum. Contemplatio est perspicax et liber animi intuitus in res perspicandas usquequaque diffusas. Inter meditationem et contemplationem hoc interesse videtur, quod meditatio semper est de rebus a nostra intelligentia occultis; contemplatio vero de rebus vel secundum suam naturam vel secundum capacitatem nostram manifestis; et quod meditatio semper circa unum aliquid rimandum occupatur; contemplatio autem ad multa vel etiam ad universa comprehendenda diffunditur. Meditatio itaque est vis quaedam mentis curiosa ac sagax obscura investigare et perplexa evolvere. Contemplatio est vivacitas illa intelligentiae, quae cuncta in palam habens manifesta visione comprehendit, et ita quodammodo id quod meditatio quaerit, contemplatio possidet.

### 9. Contemplationis duo genera

Contemplationis autem duo genera sunt, unum quod et primum est et incipientium in creaturarum consideratione, aliud quod ultimum et perfectorum est in contemplatione Creatoris. In Proverbiis Salomon quasi meditando incessit, in Ecclesiaste ad primum gradum contemplationis ascendit, in Canticis canticorum ad supremum se transtulit. Ut igitur tria his propriis vocabulis distinguamus, prima est meditatio, secunda est speculatio, tertia est contemplatio. In meditatione mentem pia devotione succensam perturbatio carnalium passionum importune exurgens obnubilat; in speculatione novitas insolitae visionis in admiratione sublevat; in contemplatione mirae dulcedinis gustus totam in gaudium et jucunditatem commutat. Igitur in meditatione est sollicitudo, in speculatione admiratio, in contemplatione dulcedo.

memória. A meditação é reconduzir frequentemente o pensamento ao nos esforçarmos para explicar algo obscuro ou buscarmos penetrar no que há de oculto. A contemplação é a visão minuciosa que a alma pode ter quando está livre da dispersão. A diferença relevante entre a meditação e a contemplação é que a meditação sempre trata das coisas ocultadas ao nosso entendimento. E a contemplação é sempre sobre as coisas que se manifestam segundo a sua natureza ou segundo a nossa capacidade. Também a meditação busca alguma coisa única, enquanto que a contemplação se amplia na compreensão de muitas coisas ou de todas as coisas. Sendo assim, a meditação é quando a mente vaga com curiosidade, uma busca sagaz do que é obscuro, um desatar do que é embaraçado. A contemplação é uma vivacidade da inteligência que abarca todas as coisas numa visão plenamente manifestada, de tal forma que o que a meditação busca, a contemplação possui.

### **9. Os dois gêneros de contemplação**

Mas há dois gêneros de contemplação. O primeiro pertence aos principiantes que consideram as criaturas. O segundo e o último pertence aos perfeitos, que contemplan o Criador. No livro dos Provérbios, Salomão começa meditando; no Eclesiastes ergue-se ao primeiro grau da contemplação; e, por fim, no Cântico dos Cânticos, transporta-se ao grau supremo. Para que possamos distinguir estas três coisas com seus nomes adequados, diremos que a primeira é meditação; a segunda, especulação; a terceira, contemplação. Na meditação a perturbação das paixões carnis surge para obscurecer a mente inflamada de piedosa devoção; na especulação a novidade da insólita visão a levanta à admiração; na contemplação o gosto de uma extraordinária doçura a transforma toda em alegria e contentamento. Portanto, na meditação temos solicitude; na especulação, admiração; na contemplação, doçura.

## 10. Tria in expositione

Expositio tria continet, litteram, sensum, sententiam. Littera est congrua ordinatio dictionum, quam etiam constructionem vocamus. (0879D) Sensus est facilis quaedam et apta figuratio, quam littera prima fronte praefert. Sententia est profundior intelligentia, quae nisi expositione vel interpretatione non invenitur. In his ordo ut primum littera, deinde sensus, postea sententia requiratur: quo facto, perfecta est expositio.

## 11. Vanitatum tria genera

Tria sunt genera vanitatum, prima est vanitas mutabilitatis quae omnibus rebus caducis inest per conditionem. (0880A) Secunda est vanitas curiositatis vel cupiditatis, quae mentibus hominum inest per rerum transientium et vanarum inordinatam dilectionem. Tertia est vanitas mortalitatis, quae corporibus humanis inest per poenalitatem.

## 12. Eloquentiae munia

Dixit quidam eloquens et verum dixit, ita dicere debere eloquentem, ut doceat, ut delectet, ut flectat (S. AUGUST. lib. IV De doct. Christ., cap. 14) . Demum addidit: Docere necessitatis est, delectare suavitatis, flectere victoriae. Horum trium quod primo loco positum est, hoc est docendi necessitas in rebus est constituta quas dicimus, reliqua duo in modo quo dicimus. (0880B) Qui ergo dicendo nititur persuadere quod bonum est, nihil horum spernens, ut scilicet doceat, ut delectet, ut flectat; oret atque agat ut intelligenter, ut libenter, ut obedienter audiatur. Quod cum apte et convenienter fit non immerito eloquens dici potest, etsi non eum sequatur auditoris assensus. Ad haec tria, id est ut doceat, ut delectet, ut flectat, etiam tria illa videtur pertinere voluisse idem ipse Romani auctor eloquii, cum itidem dicit: Is igitur erit eloquens, qui

## **10. As três partes da exposição**

A exposição contém três partes: a letra, o sentido e a sentença. A letra é a correta ordenação das palavras e que chamamos também de construção. O sentido é um delineamento simples e adequado que a letra tem diante de si como uma primeira impressão. A sentença é uma inteligência mais profunda que não pode ser encontrada a não ser pela exposição ou interpretação. Para que uma exposição se torne perfeita, precisa-se primeiramente da letra, depois do sentido e por último da sentença.

## **11. Os três gêneros de vaidades**

Há três gêneros de vaidades. O primeiro é a vaidade da mutabilidade, que está em todas as coisas perecíveis por sua própria condição. O segundo é a vaidade da curiosidade ou da cobiça, que está na mente dos homens por um amor desordenado às coisas transitórias e vãs. O terceiro é a vaidade da mortalidade, que está nos corpos humanos por suas penas.

## **12. As obrigações da eloquência**

Agostinho, famoso por sua eloquência, disse com propriedade que o homem eloquente deve aprender a falar de tal modo que ensine, que deleite e que persuada. A isto acrescentou que é necessário o ensinar, que é suave o deleitar, e que é vitorioso o persuadir. Dentre estas três coisas, a primeira — ou seja, o ensino necessário — é constituída por aquilo que dizemos e as demais pelo modo como dizemos. Sendo assim, quem se esforça em persuadir o que é bom quando fala, não pode desprezar nenhum destes aspectos: ensinar, deleitar e submeter, rezando e agindo para que seja ouvido pelas inteligências dos homens obedientes e de boa vontade. Quando estiver ciente disto, mesmo que o ouvinte não o siga, se o fizer de forma apropriada e conveniente, será dito eloquente por seu mérito. O próprio Agostinho quis que pertencessem outras três

poterit parva submisse, modica temperate, magna granditer dicere. Discat quidem omnia quae docenda sunt qui et nosse vult, et docere, facultatemque dicendi ut decet virum ecclesiasticum comparet. (0880C) Qui vero dicit cum docere vult, quandiu non intelligitur; nondum se existimet dixisse quod vult, ei quem vult docere; quia, etsi dixit quod ipse intelligit, nondum ipsi dixisse putandus est a quo intellectus non est. Si vero intellectus est, quocunque modo dixerit, dixit. Divinarum igitur debet Scripturarum doctor et defensor rectae fidei, et debellator erroris, et bona docere, atque in hoc opere sermonis conciliare aversos, remissos erigere, nescientibus quid agitur, quid expectare debeant intimare. Ubi autem benivolos, intentos, dociles aut invenerit, aut ipse fecerit, caetera peragenda sunt, sicut causa postulat. Si docendi sunt qui audiunt, narratione faciendum est; si tamen indigeat ut res de qua agitur innotescat. Ut autem quae dubia sunt certa fiant; documentis adhibitis ratiocinandum est. (0880D)

**Et Marcus Tullius ait:** Thesaurus est omnium rerum memoria, quae nisi custos cogitatis inventisque rebus et verbis adhibeatur; intelligimus omnia, etiamsi praeclare fuerint, in oratore peritura. Non habemus alia eius praecepta nisi discendi exercitationem et scribendi usum et cogitandi studium et de ebrietate cavenda, quae omnibus bonis studiis nocet et menti adimit integritatem.

coisas à educação, ao prazer e à submissão quando disse algo parecido: “É eloquente quem pode dizer coisas simples humildemente, coisas moderadas moderadamente e coisas grandes elevadamente”. Sendo assim, quem quiser saber e ensinar deve aprender tudo o que deve ser ensinado e adquirir a capacidade de dizer tudo como convém a um homem de Igreja. Por outro lado, quem quiser ensinar e por vezes não se faz entender, não deve julgar ter dito aquilo que queria, porque mesmo que quem disse o tenha entendido, não será assim considerado por quem quis ensinar. Mas se for entendido, independente da forma com que tenha dito, o disse. Deve, portanto, o doutor das divinas Escrituras ser um defensor da verdadeira fé, lutar contra os erros, e ensinar o bem. Neste trabalho, deve pregar, e conciliar as coisas adversas, para levantar os indolentes e ensinar os ignorantes sobre como devem agir e o que esperar. Onde encontrar ou ele próprio formar homens de boa vontade, diligentes e dóceis, deve completar todo o resto de acordo com o que a causa exija. Para ensinar os ouvintes, deve utilizar-se da narração. Mas, se a matéria de que trata precisar ser claramente conhecida, para que as coisas duvidosas passem a ser certas, é importante raciocinar a partir dos documentos utilizados.

**E Cícero diz:** A memória é onde guardamos tudo o que há de mais valioso; é um guardião que é usado para as coisas e palavras que pensamos e descobrimos. Assim entendemos tudo, mesmo que a decadência no orador seja evidente. Não temos outros preceitos a não ser e exercitar-se em aprender, vontade de pensar, e evitar o que nos inebria e que é tão nocivo aos bons estudos e a integridade da mente.





Sanctus Bonaventura OFM  
Doctor Seraphicus  
De Reductione Artium ad Theologiam

I.

*Omne datum optimum et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, Iacobus in Epistulae suae primo capitulo. In hoc verbo tangitur origo omnis illuminationis, et simul cum hoc insinuatur multiplicis luminis ab illa fontali luce liberalis emanatio. Licet autem omnis illuminatio cognitionis interna sit, possumus tamen rationabiliter distinguere, ut dicamus, quod est lumen exterius, scilicet lumen artis mechanicae; lumen inferius, scilicet lumen cognitionis sensitivae; lumen interius, scilicet lumen cognitionis philosophicae; lumen superius, scilicet lumen gratiae et sacrae Scripturae. Primum lumen illuminat respectu*



**São Boaventura OFM  
Doutor Seráfico  
Sobre a Redução das Artes à Teologia**

**I.**

*Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes, escreve São Tiago no primeiro capítulo de sua epístola. Este texto fala da fonte de toda iluminação; mas, ao mesmo tempo, sugere que existem muitas luzes que fluem generosamente dessa fonte de luz. Embora toda iluminação do conhecimento seja interna, ainda podemos distinguir razoavelmente o que pode ser chamado de luz exterior ou luz da arte mecânica; uma luz inferior, ou a luz da percepção sensorial; uma luz interior, ou a luz do conhecimento filosófico; e uma luz superior, ou a luz da graça e da Sagrada Escritura. A primeira luz ilumina com respeito às formas*

figurae artificialis, secundum respectu formae naturalis, tertium respectu veritatis intellectualis, quartum et ultimum respectu veritatis salutaris.

## II.

Primum igitur lumen, quod illuminat ad figuras artificiales, quae quasi exterius sunt et propter supplendam corporis indigentiam repertae, dicitur lumen artis mechanicae; quae, quia quodam modo servilis est et degenerat a cognitione philosophiae, recte potest dici exterius. Et illud septuplicatur secundum septem artes mechanicas, quas assignat Hugo in Didascalico, quae sunt scilicet lanificium, armatura, agricultura, venatio, navigatio, medicina, theatra.

Quarum sufficientia sic accipitur. Quoniam omnis ars mechanica aut est ad solatium, aut ad commodum; sive aut est ad excludendam tristitiam, aut indigentiam; sive aut prodest, aut delectat, secundum illud Horatii:

*Aut prodesse volunt, aut delectare poetae.*

Et iterum:

*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci.*

Si est ad solatium et delectationem, sic est theatra, quae est ars ludorum, omnem modum ludendi continens, sive sit in cantibus, sive in organis, sive in figmentis, sive in gesticulationibus corporis. - Si vero ordinatur ad commodum sive profectum secundum exteriorem hominem, hoc potest esse aut quantum ad operimentum, aut quantum ad alimentum, aut quantum ad utriusque adminiculum. - Si quantum ad operimentum, aut illud est de materia molli et leni, sic est lanificium, aut de materia dura et forti, et sic est armatura sive ars fabrilis, quae continet omnem armaturam fabricatam sive ex ferro, sive ex quocumque metallo, sive lapide, sive ligno.

Si vero iuvat quantum ad cibum, hoc potest esse dupliciter: quia

dos artefatos; a segunda, com relação às formas naturais; a terceira, com respeito à verdade intelectual; a quarta e última, com respeito a salvar a verdade.

## II.

Assim, a primeira luz é aquela lançada em forma de artefatos — coisas que são, por assim dizer, externas ao homem e destinadas a suprir as necessidades do corpo — é chamada de luz das Artes Mecânicas. Sendo assim, em certo sentido, ela é servil e de natureza inferior ao conhecimento filosófico e pode ser chamada corretamente de luz exterior. É dividida em sete, correspondendo às sete artes mecânicas listadas por Hugo em seu *Didascalicon*, a saber, tecelagem, fabricação de armaduras, agricultura, caça, navegação, medicina e teatro. Que as artes acima mencionadas são somente estas é mostrado da seguinte maneira. Toda arte mecânica é destinada ao nosso consolo ou ao nosso conforto; seu objetivo, portanto, é banir a tristeza ou a necessidade; é útil ou agradável, de acordo com as palavras de Horácio:

*Os poetas querem ser úteis e agradar.*

E também:

*Aquele que combina o útil com o agradável ganha o aplauso universal.*

Se o objetivo for proporcionar consolo e deleite, é arte dramática ou arte de escrever peças. Isso abrange todas as formas de entretenimento, incluindo música, música instrumental, poesia ou pantomima. Se, no entanto, se destina ao conforto ou aperfeiçoamento da pessoa externa, ela pode realizar seu propósito fornecendo abrigo ou comida, ou ajudando na aquisição de qualquer um destes. Se for uma questão de abrigo, ela se preocupará com algo de um material macio e leve, esta é a tecelagem; ou com algo de um material forte e duro; nesse caso, é uma armaria ou metalurgia, uma arte que inclui a produção de todos os instrumentos feitos de ferro ou de qualquer outro metal, pedra ou madeira.

Se uma arte mecânica é útil no que diz respeito aos alimentos, isso

cibamur vegetabilibus, aut sensibilibus. Si quantum ad vegetabilia, sic est agricultura; si quantum ad sensibilia, sic est venatio. - Vel aliter: si iuvat quantum ad cibum, hoc potest esse dupliciter: aut iuvat quantum ad ciborum genituram et multiplicationem et tunc est agricultura; aut quantum ad cibi multiplicem praeparationem, et sic est venatio, quae continet omne genus praeparandi cibos et potus et sapes, quod pertinet ad pistorum, coquos et caupones. Denominatur autem ab unius parte solum propter quandam excellentiam et curialitatem.

Si autem est in utriusque adminiculum, hoc est dupliciter: aut defectum supplendo, et sic est navigatio, sub qua continetur omnis mercatio sive pertinentium ad operimentum, sive ad alimentum; aut removendo impedimentum et nocumentum, et sic est medicina, sive consistat in confectione electuariorum, sive potionum, sive unguentorum, sive curatione vulnerum, sive decisione membrorum, sicut est chirurgia. - Theatrica autem est unica. Et sic patet sufficientia.

### III.

Secundum lumen, quod illuminat nos ad formas naturales apprehendas, est lumen cognitionis sensitivae, quod recte dicitur inferius, quia cognitio sensitiva ab inferiori incipit et fit beneficio lucis corporalis. Et hoc quintuplicatur secundum quinque sensus. - Quorum sufficientiam sumit Augustinus secundum naturam luminis elementorum in tertio Super Genesi hoc modo: quia lumen sive lux faciens ad distinctionem rerum corporearum aut est in suae proprietatis eminentia et quadam puritate, et sic est sensus visus; aut commiscetur aeri, et sic est auditus, aut vaporibus, et sic est odoratus; aut humori, et sic est gustus; aut terrae grossitiei, et sic est tactus. Spiritus enim sensibilis naturam luminis habet, unde in nervis viget, quorum natura est clara et pervia; et in istis quinque sensibus multiplicatur secundum maiorem et minorem

pode ser de duas maneiras, pois tomamos nosso alimento de vegetais e de animais. Se se trata de vegetais, é a agricultura; se se trata de animais, é a caça. Ou ainda, uma arte mecânica pode ser útil de duas maneiras em relação à comida. Ou pode ajudar na produção e multiplicação de culturas agrícolas; ou pode ajudar nas várias maneiras de preparar os alimentos. Visto dessa maneira, é a caça, uma arte que inclui todas as formas possíveis de preparar alimentos, bebidas e iguarias. Essa é a tarefa de padeiros, cozinheiros e proprietários de terra (um nobre). Este é nomeado a partir de apenas uma dessas atividades devido à sua nobreza e caráter nobre.

Se é uma ajuda na aquisição de abrigo ou comida, isso pode ser de duas maneiras. Ou serve para suprir uma necessidade; nesse caso, é a navegação, uma arte que inclui todas as formas de comércio de artigos destinados ao abrigo ou à alimentação; ou serve para remover impedimentos e males do corpo, como é o caso dos remédios, se preocupa com a preparação de drogas, poções ou pomadas, com a cicatrização de feridas ou com a amputação de membros. Neste último caso, é chamado de cirurgia. A arte dramática, por outro lado, é o único de seu tipo. Assim, é evidente que as artes mecânicas são estas sete.

### III.

A segunda luz, que fornece luz para a apreensão de formas naturais, é a luz do conhecimento dos sentidos. Isso é chamado corretamente de luz inferior porque a percepção sensorial começa com um objeto inferior e ocorre com o auxílio da luz corporal. Possui cinco divisões correspondentes aos cinco sentidos. No terceiro livro de sua obra sobre o Gênesis, Santo Agostinho baseia a adequação dos sentidos na natureza da luz presente nos elementos da seguinte maneira. Se a luz ou brilho responsável pela distinção das coisas corporais existe em sua própria perfeição e em uma certa pureza, isso se refere ao sentido da visão; se misturado com o ar, pertence à audição; se com vapor, pertence ao cheiro; se com fluido, pertence ao gosto; se com a solidez da terra, diz respeito ao toque. Agora, desde que o espírito sensível participa da natureza da

depurationem. Itaque cum quinque sint corpora mundi simplicia, scilicet quatuor elementa et quinta essentia; ut homo omnes formas corporeas posset percipere, quinque sensus habet illis correspondentes; quia nulla fit apprehensio nisi per aliquam similitudinem et convenientiam organi et obiecti, pro eo quod sensus est natura determinata. - Est et alius modus sumendi sufficientiam sensuum, sed hunc appobat Augustinus, et rationabilis videtur, quia ad hanc sufficientiam simul concurrunt correspondentia ex parte organi, medii et obiecti.

#### IV.

Tertium lumen, quod illuminat ad veritates intelligibiles perscrutandas, est lumen cognitionis philosophicae, quod ideo interius dicitur, quia interiores causas et latentes inquirat, et hoc per principia disciplinarum et veritatis naturalis, quae homini naturaliter sunt inserta. Et hoc triplicatur in *rationalem, naturalem et moralem*. Et sufficientia potest accipi sic. Est enim veritas sermonum, veritas rerum et veritas morum. Rationalis veritatem sermonum considerat, naturalis veritatem rerum, moralis veritatem morum. - Vel aliter: sicut in summo Deo est considerare rationem causae efficientis, formalis sive exemplaris, et finalis, quia “est causa subsistendi, ratio intelligendi et ordo vivendi”; sic in ipsa illuminatione philosophiae, quoniam illuminat aut ad cognoscendas causas essendi, et sic est physica; aut rationes intelligendi, et sic est logica; aut ordinem vivendi, et sic est moralis sive practica. - Tertio modo sic: quia lumen cognitionis philosophicae illuminat ipsam intellectivam; hoc autem potest esse tripliciter: aut in quantum regit motivam, et sic est moralis; aut in quantum regit se ipsam, et sic est naturalis; aut in quantum regit interpretativam, et sic est sermocinalis; ut sic illuminetur homo ad veritatem vitae, ad veritatem scientiae et ad veritatem doctrinae.

luz, ele prospera nos nervos, cuja natureza deve ser clara e penetrável; e essa luz é recebida nesses cinco sentidos, de acordo com o grau maior ou menor de sua pureza. E assim, uma vez que existem cinco substâncias corporais simples no mundo, a saber, os quatro elementos e a quinta essência, a pessoa humana tem cinco sentidos que correspondem a esses, para que a pessoa possa perceber todas as formas corporais; uma vez que, devido à natureza bem definida de cada sentido, nenhuma apreensão seria possível sem uma certa semelhança e correspondência entre o órgão dos sentidos e o objeto. Existe outra maneira de determinar a adequação dos sentidos, mas Agostinho aprova esse método; e parece razoável, por causa da correspondência simultânea dos elementos por parte do órgão, do meio e do objeto.

#### IV.

A terceira luz, que ilumina a pessoa humana na investigação de verdades inteligíveis, é a luz do conhecimento filosófico. É chamada interior porque investiga as causas internas e ocultas através de princípios de aprendizado e da verdade natural, que são conaturais à mente humana. Há uma divisão tríplice dessa luz em *racional, natural e moral*. Que esta divisão é exatamente em três, pode ser entendido da seguinte maneira. Existe a verdade da fala, a verdade das coisas e a verdade da moral. A filosofia racional considera a verdade da fala; filosofia natural, a verdade das coisas; e filosofia moral, a verdade da conduta. Podemos olhar para isso de uma maneira diferente. Assim como encontramos no Deus Altíssimo a causalidade eficiente, formal ou exemplar e final, uma vez que *Deus é a causa do ser, o princípio da inteligibilidade e a ordem da vida humana*, também podemos encontrá-los na iluminação da filosofia, que ilumina a mente para discernir as causas do ser; nesse caso, é a física; ou o conhecimento dos princípios do entendimento, neste caso é a lógica; ou aprender a ordem de vida, neste caso é a filosofia moral ou prática. Esse problema pode ser visto ainda de uma terceira maneira. A luz do conhecimento filosófico ilumina o próprio intelecto e essa iluminação pode ser tríplice: se dirige o poder motivador, é a filosofia moral; se se



Et quoniam tripliciter potest aliquis per sermonem exprimere quod habet apud se, ut scilicet notum faciat mentis suae conceptum, vel ut amplius moveat ad credendum, vel ut moveat ad amorem, vel odium: ideo sermocinalis sive rationalis philosophia triplicatur, scilicet in grammaticam, logicam et rhetoricam; quarum prima est ad exprimendum, secunda ad docendum, tertia ad movendum. Prima respicit rationem ut apprehensivam; secunda, ut iudicativam; tertia, ut motivam. Et quia ratio apprehendit per sermonem congruum, iudicat per verum, movet per sermonem ornatum: hic est, quod haec triplex scientia has tres passiones circa sermonem considerat.

Rursus, quoniam intellectus noster dirigi habet in iudicando secundum rationes formales, et has tripliciter possunt considerari: vel in comparatione ad materiam, et sic dicuntur rationes formales; vel in comparatione ad animam, et sic intellectuales; vel in comparatione ad divinam sapientiam, et sic ideales: ideo naturalis philosophia triplicatur in physicam proprie dictam, in mathematicam et in metaphysicam; ita quod physica consideratio est circa rerum generationem et corruptionem secundum virtutes naturales et rationes seminales; mathematica est circa considerationem formarum abstrahibilium secundum rationes intelligibiles; metaphysica, circa cognitionem omnium entium, quae reducit ad unum primum principium, a quo exierunt secundum rationes ideales sive ad Deum in quantum principium, finis et exemplar; licet inter metaphysicos de huiusmodi rationibus idealibus nonnulla fuerit controversia. Postremo, quia regimen virtutis motivae tripliciter habet attendi, scilicet respectu vitae propriae, respectu familiae et respectu multitudinis subiectae; ideo moralis philosophia triplicatur, scilicet in monasticam, oeconomicam et politicam; quae distinguuntur secundum triplicem modum praedictum, sicut apparet ex ipsis nominibus.

dirige a si mesma, é filosofia natural; se dirige o poder interpretativo, é filosofia discursiva. Como resultado, a humanidade é iluminada no que diz respeito à verdade da vida, a verdade do conhecimento e a verdade da doutrina.

Uma vez que existem razões pelas quais alguém pode expressar-se através da fala o que se tem em mente — a saber, revelar o próprio pensamento; levar o outro a uma fé maior, ou despertar amor ou ódio no outro — o que se segue a essa filosofia discursiva ou racional possui três subdivisões: *gramática, lógica e retórica*. Destas artes, a primeira diz respeito à expressão; a segunda ao ensino; a terceira à persuasão. A primeira considera a razão como discente; a segunda, como julgadora; a terceira, como persuasiva. Como a razão apreende através de um discurso apropriado, julga através de um discurso verdadeiro e persuade através de discurso eloquente, é apropriado que essas três ciências considerem essas três qualidades no discurso.

Novamente, como nosso intelecto deve ser guiado por princípios formais ao fazer um julgamento, esses princípios, por sua vez, podem ser vistos sob três perspectivas: em relação à matéria, são chamados formais; em relação à mente, são chamados intelectuais; e em relação à sabedoria divina, são chamados ideais. Portanto, a filosofia natural é subdividida em física no sentido apropriado, matemática e metafísica. Assim, a física trata a geração e a corrupção das coisas de acordo com os poderes naturais e princípios seminais; a matemática considera formas abstratas em termos de suas causas inteligíveis; a metafísica se preocupa com o conhecimento de todos os seres de acordo com suas causas ideais, remontando-os ao primeiro princípio do qual procederam, isto é, a Deus, na medida em que Deus é o começo, o fim e o modelo. No entanto, há certa controvérsia entre os metafísicos sobre essas causas ideais. Como a direção do poder motriz deve ser considerada de forma tríplice, a saber, no que diz respeito à vida do indivíduo, à família e ao estado, existe uma divisão tríplice da filosofia moral correspondente a isso: pessoal, doméstica e política, cujo significado é claro nos próprios nomes usados para designá-las.

V.

Quartum autem lumen, quod illuminat ad veritatem salutarem, est lumen sacrae Scripturae, quod ideo dicitur superius, quia ad superiora ducit manifestando quae sunt supra rationem, et etiam, quia non per inventionem, sed per inspirationem a Patre luminum descendit. Quod licet unum sit secundum intellectum litteralem, est tamen triplex secundum sensum mysticum et spiritualem. In omnibus enim sacrae Scripturae libris praeter litteralem sensum quem exterius verba sonant concipitur triplex sensus spiritualis, scilicet allegoricus, quo docemur, quid sit credendum de Divinitate et humanitate; moralis, quo docemur, quomodo vivendum sit; et anagogicus, quo docemur, qualiter est Deo adhaerendum. Unde tota sacra Scriptura haec tria docet, scilicet Christi aeternam generationem et incarnationem, vivendi ordinem et Dei et animae unionem. Primum respicit fidem, secundum mores, tertium finem utriusque. Circa primum insudare debet studium doctorum, circa secundum studium praedicatorum, circa tertium studium contemplativorum. Primum maxime docet Augustinus, secundum maxime docet Gregorius, tertium vero docet Dionysius - Anselmus sequitur Augustinum, Bernardus sequitur Gregorium, Richardus sequitur Dionysium, quia Anselmus in ratiocinatione, Bernardus in praedicatione, Richardus in contemplatione - Hugo vero omnia haec.

VI.

Ex praedictis colligitur, quod licet ex primaria divisione quadruplex sit lumen desursum descendens; sunt tamen sex eius differentiae: scilicet lumen sacrae Scripturae, lumen cognitionis sensitivae, lumen artis mechanicae, lumen philosophiae rationalis, lumen philosophiae naturalis et lumen philosophiae moralis. Et ideo sex illuminationes sunt in vita ista et habent vesperam, quia omnis scientia destruetur; et ideo succedit eis septima dies requietionis, quae vesperam non habet, scilicet illuminatio gloriae.

V.

Agora, a quarta luz, que fornece iluminação com relação à verdade salvadora, é a luz da Sagrada Escritura. Esta luz é chamada superior porque leva às coisas superiores, revelando verdades que transcendem a razão, e também porque não é adquirida pela pesquisa humana, mas desce do “Deus das Luzes” por inspiração. Embora no sentido literal seja uma, em sentido espiritual e místico é tripla para todos os livros das Escrituras sagradas, além do significado literal que as palavras expressam externamente, há um significado espiritual triplo: o alegórico, pelo qual somos ensinados em que acreditar em relação à divindade e à humanidade; o moral pelo qual somos ensinados a viver; e o anagógico, pelo qual somos ensinados a nos apegar a Deus. Portanto, toda a Sagrada Escritura ensina estas três verdades: a geração e encarnação de Cristo, o padrão da vida humana e a união da alma com Deus. O primeiro diz respeito à fé; o segundo à moral; e o terceiro ao objetivo final de ambos. O esforço dos médicos deve ser direcionado ao estudo dos primeiros; o dos pregadores, ao estudo do segundo; o dos contemplativos, ao estudo do terceiro. O primeiro é ensinado principalmente por Agostinho; o segundo, de Gregório; o terceiro, de Dionísio. Anselmo segue Agostinho; Bernardo segue Gregório; Ricardo segue Dionísio. Para Anselmo, é excelente no raciocínio; Bernardo, na pregação; Ricardo, na contemplação. Mas Hugo se destaca nos três.

VI.

Do que foi dito até agora, pode-se concluir que, de acordo com nossa divisão primária, a luz que desce do céu é quatro vezes maior. No entanto, existem seis diferenciações desta luz: a luz das Escrituras sagradas, a luz da percepção dos sentidos, a luz das artes mecânicas, a luz da filosofia racional, a luz da filosofia natural e a luz da filosofia moral. Portanto, na vida atual, existem seis iluminações; e eles têm a tarde, pois todo o conhecimento será destruído. E, portanto, serão seguidos por um sétimo dia de descanso, um dia que não conhece a tarde, a saber, a iluminação da glória.

## VII.

Unde valde apte possunt reduci sex istae illuminationes ad senarium formationum sive illuminationum, in quibus factus est mundus, ut cognitio sacrae Scripturae primae formationi, scilicet formationi lucis, respondeat; et sic deinceps per ordinem. - Et sicut omnes illae ab una luce habebant originem, sic omnes istae cognitiones ad cognitionem sacrae Scripturae ordinantur, in ea clauduntur et in illa perficiuntur, et mediante illa ad aeternam illuminationem ordinantur. Unde omnis nostra cognitio in cognitione sacrae Scripturae debet habere statum, et maxime quantum ad intellectum anagogiae, per quem illuminatio refertur in Deum, unde habuit ortum. Et ideo ibi completus est circulus, completus est senarius, et propterea status.

## VIII.

Videamus igitur, qualiter aliae illuminationes cognitionem reduci habent ad lumen sacrae Scripturae. Et primo videamus in illuminatione cognitionis sensitivae, quae tota versatur circa cognitionem sensibilibus, ubi tria est considerare: cognoscendi medium, cognoscendi exercitium, cognoscendi oblectamentum. - Si consideremus medium cognoscendi, intuebimur ibi Verbum aeternaliter generatum et ex tempore incarnatum. Nullum enim sensibile movet potentiam cognitivam, nisi mediante similitudine, quae egreditur ab objecto, sicut proles a parente; et hoc generaliter, realiter, vel exemplariter est necesse in omni sensu. Illa autem similitudo non facit completionem in actu sentiendi, nisi uniatur, cum organo et virtute; et cum unitur, nova fit perceptio, et per illam perceptionem fit reductio ad objectum mediante similitudine illa. Et licet non semper objectum sentiatur, semper tamen, quantum est de se, gignit similitudinem, cum est in sua completionem.

Per hunc etiam modum intellige, quod a summa mente, quae

## VII.

Portanto, essas seis iluminações podem muito bem ser rastreadas até os seis dias da criação ou iluminação em que o mundo foi feito, de modo que o conhecimento das Escrituras Sagradas correspondesse à criação do primeiro dia, isto é, à formação da luz, e assim por diante com o resto, um após o outro em ordem apropriada. E como todas essas luzes tiveram sua origem em uma única luz, também todos esses ramos do conhecimento são ordenados ao conhecimento da Sagrada Escritura; eles estão contidos nela; eles são aperfeiçoados por ela; e eles são ordenados para a iluminação eterna por meio dela. Portanto, todo o nosso conhecimento deve repousar no conhecimento das Escrituras sagradas, e particularmente no entendimento analógico das Escrituras, através do qual qualquer iluminação remonta a Deus, de quem ela se originou. E aí o ciclo está completo; o padrão de seis está completo e, conseqüentemente, há descanso.

## VIII.

Vejam, portanto, como as outras iluminações do conhecimento devem ser rastreadas até a luz da Sagrada Escritura. Primeiro, vamos considerar a iluminação do conhecimento dos sentidos, que se preocupa exclusivamente com o conhecimento dos objetos sensíveis. Aqui há três elementos a serem considerados: o meio do conhecimento, o exercício do conhecimento e o deleite do conhecimento. Se considerarmos o meio do conhecimento, veremos ali a Palavra gerada desde toda a eternidade e encarnada no tempo. De fato, nenhum objeto sensorial pode estimular a faculdade cognitiva, exceto por meio de uma semelhança que procede do objeto à medida que a criança procede de seus pais. E essa procissão por geração, seja na realidade ou em termos de exemplaridade, é necessária para cada um dos sentidos. Essa semelhança, no entanto, não completa o ato da percepção sensorial, a menos que seja posta em contato com o órgão sensorial e a faculdade sensorial, e uma vez que esse contato seja estabelecido, resulta uma nova percepção. Através dessa percepção, a

cognoscibilis est interioribus sensibus mentis nostrae, aeternaliter emanavit similitudo, imago et proles; et ille postmodum, cum “venit plenitudo temporis”, unitus est menti et carni et hominis formam accepit, quod nunquam fuerat prius; et per illum omnes mentes nostrae reducuntur ad Deum, quae illam similitudinem Patris per fidem in corde suscipiunt.

## IX.

Si vero consideremus sensuum exercitium, intuebimur ibi ordinem vivendi. Unusquisque enim sensu se exercet circa proprium obiectum. Refugit sibi nocivum et non usurpat alienum. - Per hunc modum tunc sensus cordis ordinate vivit, dum se ipsum exercet ad id, ad quod est, contra negligentiam; dum refugit sibi nocivum, contra concupiscentiam; et dum non usurpat sibi alienum, contra superbiam. Omnis enim inordinatio aut venit ex negligentia, aut ex concupiscentia, aut ex superbia. Ille enim ordinate vivit prudenter, temperanter et obtemperanter, ut refugiat negligentiam in operabilibus, concupiscentiam in appetibilibus, superbiam in excellentibus.

## X.

Si autem consideremus oblectamentum, intuebimur Dei et animae unionem. Omnis enim sensus suum sensibile conveniens quaerit cum desiderio, invenit cum gaudio, repetit sine fastidio, quia “non satiatur

mente é levada de volta ao objeto por meio dessa semelhança. E mesmo que o objeto nem sempre esteja presente para os sentidos, ainda assim é a natureza do objeto que sempre gera uma semelhança, uma vez que se refere à plenitude de sua natureza.

De maneira semelhante, entenda-se que da mente suprema, que pode ser conhecida pelos sentidos internos de nossa mente, desde toda a eternidade emanou uma similitude, uma imagem e uma prole; e depois, quando “chegou a plenitude do tempo”, Ele foi unido como nunca antes a uma mente e à carne e assumiu uma forma humana. Por meio dEle, todas as nossas mentes são levadas de volta a Deus quando, pela fé, recebemos a semelhança do Pai em nossos corações.

## IX.

Se considerarmos agora o exercício do conhecimento dos sentidos, veremos nele o padrão da vida humana, pois cada sentido age em relação a um objeto apropriado, abstém-se do que pode prejudicá-lo e não reivindica o que é estranho a ele. Do mesmo modo, o sentido interior vive de maneira ordenada quando age em relação àquilo que é apropriado à sua natureza, evitando assim a negligência; quando se abstém do que é prejudicial, evitando assim a concupiscência; e quando se abstém de reivindicar o que não lhe pertence, evitando assim o orgulho. Pois toda desordem brota da negligência, da concupiscência ou do orgulho. Certamente, uma pessoa que vive uma vida prudente, temperada e obediente leva uma vida bem ordenada; pois, dessa maneira, tal pessoa evita negligência com relação às coisas que devem ser feitas; a concupiscência com relação aos objetos de desejo; e a orgulho em relação às questões de excelência.

## X.

Além disso, se considerarmos o prazer do conhecimento dos sentidos, veremos aqui a vontade da alma de estar com Deus. De fato, todos os sentidos procuram seu próprio objeto sensorial convenientemente,



oculus visu, nec auris auditu impletur”.

Per hunc etiam modum sensus cordis nostri sive pulcrum, sive consonum, sive odoriferum, sive dulce, sive mulcebre debet desideranter quaerere, gaudenter invenire incessanter repetere.

Ecce, quomodo in cognitione sensitiva continetur occulte divina sapientia, et quam mira est contemplatio quinque sensuum spiritualium secundum conformitatem ad sensus corporales.

## XI.

Per hunc modum est reperire in illuminatione artis mechanicae, cuius tota intentio versatur circa artificialium productionem. In qua ista tria possumus intueri, scilicet Verbi generationem et incarnationem, vivendi ordinem et Dei et animae foederationem. Et hoc, si consideremus egressum, effectum et fructum; vel sic: artem operandi, qualitatem effecti artificii et utilitatem fructus elicit.

## XII.

Si consideremus egressum, videbimus. Quod effectus artificialis exit ab artifice, mediante similitudine existente in mente; per quam artifex excogitat antequam producat, inde producit, sicut disposuit. Producit autem artifex exterius opus assumilatum exemplari interiori eatenus, qua potest melius; et si talem effectum posset producere, qui ipsum amaret et cognosceret, utique faceret; et si effectus ille cognosceret suum opificem, hoc esset mediante similitudine, secundum quam ab artifice processit; et si haberet obtenebratos oculos cognitionis, ut non posset supra se elevari, necesse esset ad hoc, ut ad cognitionem sui opificis duceretur, quod similitudo, per quam productus esset effectus, condescenderet usque ad illam naturam, quae ab eo posset capi et cognosci.

Per hunc modum intellige, quod a summo Opifice nulla creatura processit nisi per Verbum aeternum, “in quo omnia disposuit”, et per

encontra-o com deleite e nunca se cansa de procurá-lo repetidamente, porque “o olho não está cheio de visão, nem o ouvido cheio de audição”.

Do mesmo modo, nossos sentidos espirituais devem buscar convenientemente encontrar com alegria e repetidamente experimentar o belo, o harmonioso, o perfumado, o doce ou o que é agradável ao toque.

Veja como a sabedoria divina está oculta no conhecimento dos sentidos e quão maravilhosa é a contemplação dos cinco sentidos espirituais à luz de sua conformidade com os sentidos corporais.

## XI.

Do mesmo modo, a sabedoria divina pode ser encontrada na iluminação das artes mecânicas, cujo único objetivo é a produção de artefatos. Nesta iluminação, podemos ver as mesmas três verdades; ou seja, a geração e encarnação da Palavra, o padrão da vida humana e a união da alma com Deus. E isso é verdade se considerarmos a produção, o efeito e o fruto de uma obra; ou se considerarmos a habilidade do artista, a qualidade do efeito produzido e a utilidade do produto resultante.

## XII.

Se considerarmos a produção, veremos que a obra de arte procede do artesão de acordo com uma semelhança existente na mente. O artesão estuda esse padrão ou modelo cuidadosamente antes de produzir o artefato e depois produz o objeto conforme planejado. Além disso, o artesão produz um trabalho externo com a maior semelhança possível com o exemplo interior. E se fosse possível produzir um efeito que pudesse conhecer e amar o artesão, o artesão certamente faria isso. E se esse efeito pudesse conhecer seu criador, isso seria por meio da semelhança segundo a qual ele veio das mãos do artesão. E se os olhos de seu entendimento fossem tão obscurecidos que não pudessem ser elevados acima de si mesmos para chegar a um conhecimento de seu criador, seria necessário que a semelhança segundo a qual o efeito fosse produzido se abaixasse a esse tipo de natureza que o efeito poderia

quod produxit non solum creaturas habentes rationem vestigii, sed etiam imaginis, ut eidem assimilari possint per cognitionem et amorem. Et quoniam per peccatum rationalis creatura oculum contemplationis obnubilatum habuit; decentissimum fuit, ut aeternum et invisibile fieret visibile et assumeret carnem, ut nos ad Patrem reduceret. Et hoc est quod dicitur Ioannis decimo quarto: “Nemo venit ad Patrem nisi per me”; et Matthaei undecimo: “Patrem nemo novit nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare”. Et ideo dicitur “Verbum caro factum”. - Considerantes igitur illuminationem artis mechanicae quantum ad operis egressum, intuebimur ibi Verbum generatum et incarnatum, id est Divinitatem et humanitatem et totius fidei integritatem.

### XIII.

Si vero consideremus effectum, intuebimur vivendi ordinem. Omnis enim artifex intendit producere opus pulcrum et utile et stabile; et tunc est carum et acceptabile opus, cum habet istas tres conditiones. - Iuxta haec tria necesse est reperiri tria in ordine vivendi scilicet “scire, velle et impermutabiliter sive perseveranter operari”. Scientia reddit opus pulcrum, voluntas reddit utile, perseverantia reddit stabile. Primum est in rationali, secundum in concupiscibili, tertium in irascibili.

captar e conhecer. Da mesma forma, entenda-se que nenhuma criatura procedeu do Altíssimo Criador, exceto através da Palavra eterna, “na qual Deus dispôs todas as coisas”, e que por esta Palavra, Deus produziu criaturas que carregam em sua natureza não apenas um vestígio, mas também uma imagem para que, através do conhecimento e do amor, as criaturas se assemelhem com Deus. E uma vez que, pelo pecado, a criatura racional havia obscurecido os olhos da contemplação, era mais apropriado que o eterno e o invisível se tornassem visíveis e assumissem carne para nos levar de volta a Deus. De fato, é isso que está relacionado no décimo quarto capítulo de São João: “Ninguém vem ao Pai senão por mim” e no décimo primeiro capítulo de São Mateus: “Ninguém conhece o Filho, exceto o Pai; nem ninguém conhece o Pai, exceto o Filho, e aqueles a quem o Filho escolher para revelá-lo. “Por essa razão, então, diz-se, a Palavra se fez carne.” Portanto, considerando a iluminação das artes mecânicas no que diz respeito à produção de obras, veremos lá a Palavra gerada e encarnada, ou seja, a divindade e a humanidade e a integridade de toda fé.

### XIII.

Se considerarmos o efeito, veremos lá o padrão da vida humana. Todo artesão tem como objetivo produzir uma obra que seja bonita, útil e duradoura; e somente quando possui essas três qualidades é que o trabalho é altamente valorizado e aceitável. É necessário encontrar três elementos paralelos no padrão de vida: “conhecer, desejar e trabalhar constantemente com perseverança”. O conhecimento torna um trabalho bonito; a vontade a torna útil; e perseverança torna duradouro. O primeiro reside no racional, o segundo no concupiscível e o terceiro no apetite irascível.

#### XIV.

Si consideremus fructum, inveniemus Dei et animae unionem. Omnis enim artifex, qui aliquod opus facit, aut facit ut per illud laudetur, aut ut per illud sibi aliquid operetur vel lucretur, aut ut in illo delectetur, secundum tria, quae sunt in appetibilibus, scilicet bonum honestum, conferens et delectabile.- Propter haec tria fecit Deus animam rationalem, ut ipsa eum laudaret, ut ipsa illi serviret, ut ipsa in eo delectaretur et quiesceret; et hoc est per caritatem, “in qua qui manet in Deo manet, et Deus in eo”, ita quod est ibi quaedam mirabilis unio et ex unione mirabilis delectatio; quoniam, secundum quod dicitur in Proverbiis, “deliciae meae esse cum fillis hominum”. - Ecce, quomodo illuminatio artis mechanicae via est ad illuminationem sacrae Scripturae, et nihil est in ea, quod non praedicet veram sapientiam. Et ideo sacra Scriptura frequenter talibus similitudinibus utitur satis recte.

#### XV.

Iuxta hunc etiam modum est reperire in illuminatione rationalis philosophiae, cuius principalis intentio versatur circa sermonem. In quo est tria considerare secundum triplicem ipsius sermonis considerationem, scilicet respectu proferentis, ratione prolotionis et respectu audientis sive ratione finis.

#### XVI.

Si sermonem consideremus in respectu ad loquentem, sic videmus, quod omnis sermo significat mentis conceptum, et ille conceptus interior est verbum mentis et eius proles, quae nota est etiam ipsi concipienti. Sed ad hoc quod fiat nota audienti, induit formam vocis, et verbum intelligibile mediante illo indumento fit sensibile et auditur exterius et suscipitur in aure cordis audientis, et tamen non recedit a mente

#### XIV.

Se considerarmos o fruto, encontraremos ali a união da alma com Deus, pois todo artesão que modela uma obra o faz para dela receba elogios, benefícios ou deleites — um objetivo triplo que corresponde aos três objetos formais dos apetites: a saber, um bem nobre, um bem útil e um bem agradável. Foi por essas três razões que Deus tornou a alma racional, ou seja, que por sua própria vontade, poderia louvar a Deus, servir a Deus, encontrar deleite em Deus e descansar; e isso ocorre através da caridade. “Aqueles que permanecem na caridade, permanecem em Deus, e Deus neles”, de tal maneira que se encontra uma espécie de união maravilhosa e dessa união surge um prazer maravilhoso, pois no livro de Provérbios está escrito: “Meu prazer era estar com os filhos dos homens.” Veja como a iluminação das artes mecânicas é um caminho para a iluminação das Escrituras sagradas. Não há nada que não manifeste a verdadeira sabedoria e, por esse motivo, as Escrituras sagradas fazem com muita razão o uso frequente de tais semelhanças.

#### XV.

De maneira semelhante, a sabedoria divina pode ser encontrada na iluminação da filosofia racional, cuja principal preocupação é a fala. Aqui devem ser considerados três elementos que correspondem a três aspectos da própria fala: a pessoa que fala, a apresentação da fala e o ouvinte ou a meta.

#### XVI.

Considerando a fala em relação ao falante, vemos que toda fala significa um conceito mental. Esse conceito interno é a palavra da mente e sua prole que é conhecida pela pessoa que a concebe. Mas, para que esse conceito seja conhecido pelo ouvinte, ele assume a forma da voz; e por meio dessa roupa, a palavra inteligível se torna sensível e é ouvida externamente. É recebido no ouvido do ouvinte e, no entanto,

proferentis. - Iuxta hunc modum videmus in Verbo aeterno, quod Pater aeternaliter ipsum concepit generando, secundum, illud Proverbiorum, octavo: "Nondum erant abyssi, et ego iam concepta eram". Sed ad hoc, quod homini sensuali fieret cognoscibile, induit formam carnis, et "Verbum caro factum est et habitavit in nobis", et tamen remansit "in sinu Patris".

## XVII.

Si vero consideremus sermonem rationem sui, sic intuebimur in eo ordinem vivendi. Ad complementum enim sermonis necessario ista tria concurrunt, scilicet congruitas, veritas et ornatus. - Et iuxta haec tria omnis actio nostra debet habere modum, speciem et ordinem; ut sit modificata per modestiam in exteriori opere, speciosa per munditiam in affectione, ordinata et ornata per rectitudinem in intentione. Tunc enim recte et ordinate vivitur, cum est intentio recta, affectio munda et operatio modesta.

## XVIII.

Si vero consideremus sermonem ratione finis, sic est ad exprimendum, ad erudiendum et ad movendum; sed nunquam exprimit aliquid, nisi mediante specie, nunquam docet, nisi mediante lumine arguente, nunquam movet, nisi mediante virtute; et constat, quod hoc non fit nisi per speciem et lumen et virtutem intrinsecam, intrinsecus animae unita: et ideo concludit Augustinus, quod ille solus est verus doctor, qui potest speciem imprimere et lumen infundere et virtutem dare cordi audientis. Et hinc est, quod "cathedram habet in caelo qui intus corda docet". Sicut ergo nihil cognoscitur per sermonem perfecte, nisi mediante virtute, lumine et specie unitis animae; sic ad hoc quod anima erudiatur ad Dei cognitionem per ipsius internam locutionem, necesse est "quod uniatur ei qui est splendor gloriae et figura substantiae eius, portans omnia

não se afasta da mente da pessoa que a pronuncia. É algo assim que vemos no Verbo Eterno. Deus concebeu a Palavra por um eterno ato de geração, como está escrito no oitavo capítulo do Livro de Provérbios: “As profundezas ainda não eram, e eu já fui concebido.” Mas para que o Verbo seja conhecido por seres humanos dotados de sentidos, o Verbo assumiu a forma de carne, e “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”, enquanto permanecendo “no seio de Deus”.

## XVII.

Considerando a fala à luz de sua entrega, veremos lá o padrão da vida humana, pois três qualidades essenciais trabalham juntas para a perfeição da fala: adequação, verdade e estilo. Correspondendo a essas três qualidades, todos os nossos atos devem ser caracterizados por medida, beleza e ordem, para que possam ser medidos em razão da modéstia nas obras externas, tornados belos pela pureza da afeição e ordenados e adornados pela retidão da intenção. Pois assim realmente se vive uma vida correta e bem ordenada; quando a intenção é correta, a afeição pura e a atividade dentro do seu limite apropriado.

## XVIII.

Se considerarmos a fala em relação a seu propósito, descobrimos que ela visa expressar, instruir e persuadir. Mas nunca se expressa, exceto por meio de uma semelhança; nunca ensina, exceto por meio de uma luz convincente; nunca convence, exceto pelo poder; e é evidente que esses efeitos são realizados apenas por meio de uma semelhança inerente, por uma luz e um poder intrinsecamente unidos à alma. Portanto, Agostinho conclui que o único verdadeiro professor é aquele que pode impressionar por uma semelhança, infundir luz e conceder poder ao coração do ouvinte. Por isso é que “quem ensina ao coração tem uma cadeira no céu”. Ora, como nada pode ser conhecido perfeitamente por meio da fala, exceto por meio de um poder, de uma luz e de uma semelhança unidos à alma, também a alma deve ser instruída no conhecimento de Deus através de



verbo virtutis suae”. - Ex quo patet, quam mira est haec contemplatio, per quam Augustinus in multis libris manuducit ad divinam sapientiam.

### XIX.

Secundum etiam hunc modum est reperire in illuminatione naturalis philosophiae, cuius principalis intentio versatur circa rationes formales in materia, in anima et in divina sapientia. Quas tripliciter contingit considerare, scilicet secundum habitudinem proportionis, secundum effectum causalitatis et secundum medium unionis; et secundum haec tria est reperire tria praemissa.

### XX.

Si consideremus eas secundum habitudinem proportionis, videbimus in eis Verbum aeternum et Verbum incarnatum. Rationes intellectuales et abstractae quasi mediae sunt inter seminales et ideales. Sed rationes seminales non possunt esse in materia, quin sit in ea generatio et productio formae; similiter nec in anima rationes intellectuales, quin sit generatio verbi in mente: ergo nec ideales in Deo, quin sit productio Verbi a Patre secundum rectam proportionem; hoc enim est dignitatis, et si convenit creaturae, multo fortius inferri potest de Creatore. Propter quod dixit Augustinus, quod Filius Dei est “ars Patris”.- Rursus, appetitus, qui est in materia, ordinatur ad rationes intellectuales, ut nullo modo perfecta sit generatio, nisi anima rationalis uniatur materiae corporali. - Per similem igitur rationem potest argui, quod summa perfectio et nobilissima in universo esse non possit, nisi natura in qua sunt rationes seminales, et natura, in qua sunt rationes intellectuales, et natura, in qua sunt rationes ideales, simul concurrant in unitatem personae, quod factum est in Filii Dei incarnatione. - Praedicat igitur tota naturalis philosophia per habitudinem proportionis Dei Verbum

uma conversa interior com o divino. É necessária uma união com quem é “o brilho da glória divina e a imagem da substância divina, sustentando todas as coisas pela palavra do poder divino”. A partir disso, fica claro o quão maravilhosa é essa contemplação pela qual Agostinho, em seus muitos escritos, nos leva pela mão à sabedoria divina.

### XIX.

Pela mesma linha de raciocínio, a sabedoria de Deus encontra-se na iluminação da filosofia natural, que se preocupa principalmente com os princípios formais da matéria, na alma e na sabedoria divina. Estes devem ser considerados sob três perspectivas: no que se refere à relação de proporção, ao efeito de causalidade e ao meio de união. E nestes três podem ser encontradas as três preocupações mencionadas acima.

### XX.

Se considerarmos os princípios formais em termos de sua relação proporcional, veremos ali a Palavra Eterna e a Palavra Encarnada. Os princípios intelectuais e abstratos estão, por assim dizer, a meio caminho entre o princípio seminal e o princípio ideal. Mas os princípios seminais não podem existir na matéria sem geração e produção de forma; nem os princípios intelectuais podem existir na alma sem a geração de uma palavra na mente. Portanto, princípios ideais não podem existir em Deus sem a geração da Palavra do Pai na devida proporção. Verdadeiramente, isso é uma marca de dignidade; e se é verdade para a criatura, quanto mais deve ser verdade para o Criador. Esta é a razão pela qual Agostinho disse que o Filho de Deus é a “arte do Pai”. Novamente, a tendência natural da matéria está tão ordenada aos princípios intelectuais que a geração não seria perfeita sem a união da alma racional com o corpo material. Por um raciocínio semelhante, chegamos à conclusão de que a perfeição mais alta e mais nobre não pode existir neste mundo, a menos que a natureza em que os princípios seminais estejam presentes e a natureza em que os princípios intelectuais estejam presentes e a natureza

natum et incarnatum, ut idem sit “alpha et omega”, natum scilicet in principio et ante tempora, incarnatum vero in fine saeculorum.

## XXI.

Si vero consideremus rationes istas secundum effectum causalitatis, perpendemus ordinem vivendi: quoniam generatio non potest fieri in materia generabili et corruptibili secundum rationes seminales, nisi beneficio luminis corporum supercaelestium, quae elongantur a generatione et corruptione, scilicet a sole, luna et stellis. - Per hunc etiam modum anima non potest opera viva facere, nisi suscipiat a sole, id est a Christo, gratuiti luminis beneficium, et nisi consequatur ipsius lunae, id est Virginis Mariae, Matris Christi patrocinium, et nisi imitetur aliorum Sanctorum exempla; ex quorum concursu congregetur in ipsa opus vivum atque perfectum. Unde ordo vivendi pendet in tribus.

## XXII.

Si autem consideremus istas rationes secundum unionis medium, intelligemus, per quem modum fiat unio animae ad Deum. Nam natura corporalis animae non potest uniri, nisi mediante humore, mediante spiritu et mediante calore, quae tria disponunt carnem, ut vitam suscipiat ab anima.- Secundum hoc etiam intelligitur, quod Deus non praestat vitam animae nec ei unitur, nisi sit humida per gemitum compunctionis et pietatis, nisi sit spiritualis per contemptum omnis terrenitatis, nisi sit calida per desiderium patriae caelestis et ipsius dilecti. - Ecce, qualiter in philosophia naturali latet sapientia Dei.

em que os princípios ideais presentes estão reunidos simultaneamente na unidade de uma pessoa, como foi feito na encarnação do Filho de Deus. Portanto, toda filosofia natural, em razão da relação de proporção, pressupõe a Palavra de Deus como gerada e encarnada, o Alfa e o Ômega, isto é, gerado no começo antes de todos os tempos e encarnado na plenitude dos tempos.

### XXI.

Se considerarmos essas causas de acordo com o efeito da causalidade, consideraremos o padrão da vida humana, desde a geração por meio de princípios seminais não pode ocorrer em matéria geradora e corruptível, exceto pela ação benéfica da luz daqueles corpos celestes mais afastados da geração e da corrupção; ou seja, o sol, a lua e as estrelas. Assim também a alma não pode realizar obras vivas, a menos que receba do sol, isto é, de Cristo, o dom de uma luz gratuita; a menos que busque a proteção da lua, isto é, da Virgem Maria, Mãe de Cristo; e a menos que imite o exemplo dos outros santos. Quando todos estes concordam, uma vida e um trabalho perfeito é realizado na alma. Portanto, a ordem correta de vida depende dessas três influências.

### XXII.

Além disso, se considerarmos essas causas com relação ao meio de união, entenderemos como a união da alma com Deus ocorre, pois a natureza corporal só pode ser unida à alma por meio da umidade, da respiração e do calor: três condições que dispõem a carne para receber a vida da alma. Assim também podemos entender que Deus dá a vida à alma e está unido a ela apenas com a condição de ser umedecido com lágrimas de compunção e amor filial, de ser espiritualizado pelo desprezo de todas as coisas terrenas e de ser aquecido pelo desejo de seu lar celestial e de seu Amado. Veja como a sabedoria de Deus se esconde na filosofia natural!

XXIII.

Penes modos praedictos est reperire in illuminatione philosophiae moralis lumen sacrae Scripturae: quoniam intentio moralis philosophiae principaliter versatur circa rectitudinem; versatur enim circa iustitiam generalem, quae, ut dicit Anselmus, “est rectitudo voluntatis”. Rectum autem habet tripliciter notificari, et secundum hoc tria praemissa lucent in consideratione rectitudinis. Uno modo dicitur “rectum, cuius medium non exit ab extremis”. Si ergo in Deo est summa rectitudo et secundum se, et in quantum est principium, et in quantum est finis omnium; necesse est in Deo ponere mediam personam secundum se, ut una sit tantum producens, alia tantum producta, media vero producens et producta. Necesse est etiam ponere medium in egressu et regressu rerum; sed medium in egressu necesse est, quod plus teneat se a parte producentis, medium vero in regressu, plus a parte redeuntis: sicut ergo res exierunt a Deo per Verbum Dei, sic ad completum reditum necesse est, Mediatorem “Dei et hominum” non tantum Deum esse, sed etiam hominem, ut homines reducat ad Deum.

XXIV.

Alio modo dicitur rectum quod dirigenti se conformatur. Et secundum hoc in consideratione rectitudinis conspicitur ordo vivendi. Ille enim recte vivit, qui dirigitur secundum regulas iuris divini. Et hoc est, quando voluntas hominis assentit praeceptis necessariis, monitis salutiferis, consiliis perfectis, ut probet homo, “quae sit voluntas Dei bona beneplacens et perfecta”. Et tunc est rectus ordo vivendi, in quo nulla obliquitas potest reperiri.

XXIII.

Do mesmo modo, a luz da Sagrada Escritura se encontra na iluminação da filosofia moral. Como a filosofia moral se preocupa principalmente com a retidão, trata da justiça geral que Santo Anselmo chama de “retidão da vontade”. O termo retidão tem três significados e, conseqüentemente, as três idéias centrais já mencionadas vêm à luz na consideração da retidão. Em um sentido da palavra, diz-se que algo é “correto (= direito), se o meio não estiver desalinhado com seus pontos extremos”. Então Deus é perfeita retidão em virtude da própria natureza divina, e como Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, é necessário colocar dentro de Deus uma pessoa intermediária da natureza divina, para que possa haver uma pessoa que só produz, outro que é produzido apenas, mas um intermediário que produz e é produzido. Também é necessário postular um intermediário no futuro e no retorno das coisas: no futuro, um meio que será mais adequado ao princípio produtivo; no retorno, um meio que será doador daquele que está retornando. Portanto, como as criaturas saíram de Deus pela Palavra de Deus, para um retorno perfeito, era necessário que o Mediador entre Deus e a humanidade fosse não apenas Deus, mas também humano, para que esse mediador pudesse levar a humanidade de volta a Deus.

XXIV.

Em outro sentido, é chamado de direito o que é conforme àquele pelo qual é governado. Assim, quando a retidão é vista nesta perspectiva, a regra da vida é discernida. Pois essa pessoa realmente vive corretamente se é guiada pelos regulamentos da lei divina. Isto é o caso em que a vontade de uma pessoa aceita os preceitos necessários, avisos salutares e conselhos de perfeição, demonstrando assim qual é a boa, aceitável e perfeita vontade de Deus. E então a ordem da vida está certa quando nada pode estar fora de linha.

XXV.

Tertio modo dicitur rectum cuius summitas est sursum erecta, sicut homo habet staturam rectam. Et secundum hoc in consideratione rectitudinis manifestatur Dei et animae unio. Cum enim Deus sit sursum, necesse est, quod apex ipsius mentis sursum erigatur. Hoc autem est, cum rationalis assentit primae veritati propter se et super omnia, cum irascibilis innititur summae largitati, et cum concupiscibilis adhaeret bonitati; tunc qui hoc modo “Deo adhaeret unus spiritus est”.

XXVI.

Et sic patet, quomodo “multiformis sapientia Dei”, quae lucide traditur in sacra Scriptura, occultatur in omni cognitione et in omni natura. Patet etiam, quomodo omnes cognitiones famulantur theologiae; et ideo ipsa assumit exempla et utitur vocabulis pertinentibus ad omne genus cognitionis. Patet etiam, quam ampla sit via illuminativa, et quomodo in omni re, quae sentitur sive quae cognoscitur, interius lateat ipse Deus. - Et hic est fructus omnium scientiarum, ut in omnibus aedificetur fides, “honorificetur Deus”, componantur mores, hauriantur consolationes, quae sunt in unione sponsi et sponsae, quae quidem fit per caritatem, ad quam terminatur tota intentio sacrae Scripturae, et per consequens omnis illuminatio desursum descendens, et sine qua omnis cognitio vana est, quia nunquam pervenitur ad Filium nisi per Spiritum sanctum, qui docet nos omnem veritatem, “qui est benedictus in saecula saeculorum. Amen”.

XXV.

No terceiro sentido, algo é chamado reto quando seu cume é elevado, como no caso de uma pessoa com postura vertical. E nesse sentido, na consideração da retidão, manifesta-se a união da alma com Deus, pois, como Deus está acima, segue-se necessariamente que o ápice da mente em si deve ser elevado. E, de fato, é isso o que realmente acontece quando nossa natureza racional concorda com a primeira verdade por si só e acima de todas as coisas, quando nossa natureza irascível luta pela mais alta generosidade e quando nossa natureza concupiscível se apega ao bem. Quem se mantém próximo a Deus dessa maneira é um espírito unido com Deus.

XXVI.

E, portanto, é evidente como a multiforme sabedoria de Deus, que é claramente revelada nas Sagradas Escrituras, se esconde em todo conhecimento e em toda a natureza. É claro também que todas as divisões do conhecimento são servas da teologia, e que por essa razão que a teologia faz uso de ilustrações e termos pertencentes a todos os ramos do conhecimento. É igualmente claro quão amplo o caminho iluminativo pode ser e como a própria realidade divina está oculta em tudo o que é percebido ou conhecido. E este é o fruto de todas as ciências, para que, em todos, a fé possa ser fortalecida, Deus possa ser honrado, o caráter possa ser formado e o consolo pode ser derivado da união da noiva com o amado, uma união que ocorre através da caridade: uma caridade na qual está todo o propósito da Sagrada Escritura e, portanto, de toda iluminação que desce do alto e vem descansar - uma caridade sem a qual todo conhecimento é inútil, porque ninguém vem ao Filho exceto através do Espírito Santo, que nos ensina toda a verdade, que é bendita para sempre. Amém.





“São estes os degraus pelos quais vós quereis ardentemente subir e pelos quais cheios de curiosidade quereis viver: Gramática, Retórica, Dialética, Aritmética, Geometria, Música e Astrologia. A estas artes, os filósofos dedicaram seus ócios e seus negócios.

Elas deram mais prestígio aos homens públicos e mais celebridade aos reis tornando-os, assim, mais louváveis. Também por estas artes os santos, os católicos, os doutores e defensores da nossa fé sempre venceram os heresiarcas nas disputas públicas.”

Santo Alcuíno de Iorque

